

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS - PPGCA**

**MAICOL DE OLIVEIRA BROGNOLI**

**A RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE NAS NARRATIVAS DE MORADORES DE  
PRAIA GRANDE, SANTA CATARINA: EXPERIÊNCIAS DE UMA CIDADE EM  
TRANSFORMAÇÃO**

**CRICIÚMA  
2022**

MAICOL DE OLIVEIRA BROGNOLI

**A RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE NAS NARRATIVAS DE MORADORES DE  
PRAIA GRANDE, SANTA CATARINA: EXPERIÊNCIAS DE UMA CIDADE EM  
TRANSFORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense para obtenção do Título de Mestre em Ciências Ambientais.

Área de Concentração: Ecologia e Restauração de Ambientes Alterados

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Viviane Kraieski de Assunção

CRICIÚMA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

B866r Brognoli, Maicol de Oliveira.

A relação pessoa-ambiente nas narrativas de moradores de Praia Grande, Santa Catarina: experiências de uma cidade em transformação / Maicol de Oliveira Brognoli. - 2022.

222 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2022.

Orientação: Viviane Kraieski de Assunção.

1. Psicologia ambiental. 2. Percepção geográfica - Praia Grande (SC). 3. Turismo regional - Praia Grande (SC). 4. Relação homem-natureza. I. Título.

CDD 23. ed. 155.9



## PARECER

Os membros da Comissão Examinadora homologada pelo Colegiado de Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais reuniram-se forma remota conforme RESOLUÇÃO N. 02/2020/PPGCA que estabelece procedimento para a Defesa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais por meio de videoconferência, para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado apresentada pelo candidato **MAICOL DE OLIVEIRA BROGNOLI**, sob o título: **“A RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE NAS NARRATIVAS DE MORADORES DE PRAIA GRANDE, SANTA CATARINA: EXPERIÊNCIAS DE UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO”**, para obtenção do grau de **MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Após haver analisado o referido trabalho e arguido o candidato, os membros são de parecer pela **“APROVAÇÃO”** da Dissertação.

Criciúma/SC, 24 de agosto de 2022.

**Profa. Dra. Maira Longhinotti Felipe**  
Primeiro Examinador

**Prof. Dr. Carlyle Torres Bezerra de Menezes**  
Segundo Examinador

**Profa. Dra. Viviane Kraieski de Assunção**  
Presidente da Comissão e Orientadora

Dedico este estudo a todos aqueles que respeitam, amam e encontram em meio a natureza a conexão para um bem existir. Pois a proteção ambiental com consciência é uma questão de sobrevivência.

## **AGRADECIMENTOS**

Expresso inicialmente, minha imensa gratidão a Deus, causa primeira de todas as coisas. Encaro-lhe como uma energia magnânima e divinal a nos incumbir a capacidade de amar, essência esta indispensável ao ato de existir que para mim destaca-se como uma veneranda oportunidade de aprender, ou pelo amor, ou pela dor, mas sempre visando à transformação.

Agradeço a minha esposa e filha, seres profundamente pacíficos e solidários que me compreenderam nestes momentos em que tive que dividi-las com tantas outras tarefas apoiando-me com carinho, respeito e amor radioso. Aos meus pais pelo belo exemplo de vida sempre passível de observação em suas atitudes diárias, fonte e base de meus valores e educação em um sentido amplo.

Enfim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, à minha orientadora pela paciência, pelo ensino e a democrática oportunidade de desenvolver, junto a sua vasta experiência e conhecimento, esta Dissertação de Mestrado. Consequentemente, não posso deixar de retratar meus agradecimentos a todos os meus professores do PPGCA - UNESC, dentre os quais, muito além do contato formativo e científico, facultaram-me um vínculo humanizador propiciando a certeza de que fazemos parte não somente de uma universidade, mas de um contexto empoderador familiar/comunitário.

“O que efetivamente conta não são as coisas que nos acontecem. Mas, sobretudo, a nossa reação frente a elas”.

Leonardo Boff

## RESUMO

Esta dissertação é fruto de uma caminhada trilhada, na qual a Psicologia Ambiental conduziu o pesquisador e o aproximou da apreciação de vertentes da Psicologia enquanto ciência que estudam e valorizam uma visão integral do ser. Outrossim, crescer próximo à Praia Grande, Santa Catarina, com seus vales, rios e, principalmente, os *canyons*, fez-lhe refletir sobre o encantamento que sua beleza singular situada entre o litoral e a serra catarinense proporciona. A cidade faz parte do território do Parque Aparados da Serra, sendo situada aos pés dos grandes *canyons* e reconhecida como a “Capital Catarinense dos *Canyons*”, obtendo o título de Geoparque em 2022. A cidade oferece uma visão para contemplação, favorecendo aos turistas lazer e desafios em meio a natureza. Nesta direção, configurou-se o despertar do estudo das percepções na relação pessoa-ambiente dos atores sociais envolvidos com este cenário. O objetivo geral foi conhecer as percepções socioambientais que os moradores de Praia Grande têm de sua cidade. O problema de pesquisa frisa que o município e a cidade em questão podem estar sendo influenciados em duas direções: há um processo de turismo sustentável e, em outra direção, há um movimento que considera a natureza como um produto a ser vendido em nome de um desenvolvimento meramente econômico, sustentando um mercado turístico predador visando o foco da alta lucratividade. Valeu-se, por meio das entrevistas narrativas, do esforço em compreender as experiências e relações que os moradores de Praia Grande estabelecem com a cidade, além de suas percepções sobre a implementação de estratégias que visam fomentar o turismo na região. Os resultados apontam que a maioria dos moradores associa a atividade turística ao crescimento econômico e ao progresso. Há uma forte identidade de lugar, contribuindo para o processo de apropriação do espaço, elaboração de lugares significativos e simbólicos nas narrativas dos moradores da região estudada. A ausência de gestão de planejamento e participação da comunidade nas decisões turísticas foram relatadas pelos sujeitos da pesquisa, revelando um sentimento de exclusão, preocupação e frustração com os rumos do lugar.

**Palavras-chave:** Psicologia Ambiental. Percepção. Relação Pessoa-Ambiente. Desenvolvimento.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Lembrança de minha infância.....	13
Figura 2 – Gravura em bloco de basalto no Rio Malacara.....	80
Figura 3 – Pedra Branca.....	81
Figura 4 – Roque Fogaça, descendente da família Fogaça.....	83
Figura 5 – Tropeiro.....	86
Figura 6 – Monumento “O Tropeiro” .....	89
Figura 7 – Vista aérea da cidade de Praia Grande/SC.....	92

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fonte dos Dados.....	18
---------------------------------	----

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ABRAPSO	Associação Brasileira de Psicologia Social
AMESC	Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense
CAGE	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
DPhil	Doctorate of Philosophy
EDRA	Environmental Design Research Association
EMBRATUR	Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo
GIPMAUR	Grupo Interdisciplinar e Interinstitucional de Estudos e Pesquisas sobre o Meio Ambiente e Espaço Urbano
IAAP	International Association of Applied Psychology
IAPS	International Association for People Environment Studies
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MSc	Master of Sciences
OMT	Organização Mundial do Turismo
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGCA	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais
PPI	Programa de Parcerias de Investimentos
REPALA	Rede de Psicologia Ambiental Latino-Americana
SANTUR	Agência de Desenvolvimento do Turismo de Santa Catarina
TBC	Turismo de Base Comunitária
UNEP	United Nations Environment Programme
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
1.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS .....	17
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>23</b>
2.1 HISTÓRICO DA PSICOLOGIA AMBIENTAL .....	23
2.2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA A PSICOLOGIA AMBIENTAL .....	31
<b>2.2.1 Percepções</b> .....	<b>32</b>
<b>2.2.2 Apropriação do espaço</b> .....	<b>33</b>
<b>2.2.3 A subjetividade</b> .....	<b>38</b>
<b>2.2.4 A identidade de lugar</b> .....	<b>40</b>
<b>2.2.5 Enraizamento, emoções e afetividade ambiental</b> .....	<b>45</b>
2.3 JUNG E O IMAGINÁRIO COLETIVO .....	48
2.4 ESPAÇO, TERRITÓRIO E LUGAR.....	53
<b>2.4.1 Espaço</b> .....	<b>53</b>
<b>2.4.1 Território</b> .....	<b>54</b>
<b>2.4.2 Lugar</b> .....	<b>55</b>
2.5 CONCEITOS DE DESENVOLVIMENTO E TURISMO.....	57
<b>2.5.1 Turistificação</b> .....	<b>74</b>
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>78</b>
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DE UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO .....	78
3.2 TURISMO E DESENVOLVIMENTO: PROGRESSO PARA QUEM? .....	94
3.3 NARRATIVAS PRAIAGRANDENSES: CONEXÃO COM A PSICOLOGIA AMBIENTAL .....	117
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	<b>125</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>133</b>
<b>APÊNDICE (S)</b> .....	<b>151</b>
<b>ANEXO (S)</b> .....	<b>215</b>



## 1 INTRODUÇÃO

*[...] a igreja e o salão porque eu me criei nas festas participando na comunidade [...]. E as festas são um marco importante para mim porque eu ajudo desde criança. Também foi o meu avô que trouxe a santa Nossa senhora Mãe dos Homens para a comunidade. (E3)*

A presente dissertação é fruto de uma caminhada inicialmente trilhada em meio ao sonho de me formar Psicólogo, onde me aproximei e apreciei muito vertentes dentro desta ciência que estudam e valorizam uma visão integral do ser. A graduação em Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense — UNESC oferece esta oportunidade por meio de uma formação generalista, contemplando as escolas contemporâneas. Na cadeira de Psicologia Ambiental, saboreei um abrangente panorama entre o ser humano e suas relações com o meio em que está inserido: a reciprocidade entre o ser humano e natureza. Intrinsecamente ao processo de formação à profissão de Psicólogo, busquei também a apropriação de outros conhecimentos como a Pós-Graduação em Iridologia, a formação em Naturopatia, Florais de Bach e Reiki. Tive, ainda, a oportunidade de participar do Grupo Interdisciplinar e Interinstitucional de Estudos e Pesquisas sobre o Meio Ambiente e Espaço Urbano — GIPMAUR, que faz parte do Laboratório de Meio Ambiente, Desenvolvimento Urbano e Psicologia Ambiental. Este espaço de pesquisa e discussão aguçou minha vontade de adentrar no mundo das Ciências Ambientais. Outrossim, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) – UNESC, e é por meio dessa jornada de elaboração de conhecimentos interdisciplinares, que de fato, este hodierno estudo se concretiza.

Percebi que crescer próximo à Praia Grande/SC com a exuberância de seus vales, rios e, principalmente, os *canyons*, levou-me a refletir sobre o encantamento que sua beleza singular situada entre o litoral e a serra catarinense proporcionam. A cidade compõe parte do território do Parque Aparados da Serra e do Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul, situando-se aos pés dos grandes *canyons* e reconhecida como a “Capital Catarinense dos *Canyons*”. Nesse panorama, vem ofertando propagandas e propostas turísticas que se baseiam em uma visão privilegiada para contemplação, favorecendo aos turistas lazer e desafios em meio a natureza.

Figura 1 – Lembrança de minha infância



Fonte: Autor (2022).

A imagem acima elucidada, é pessoal e simbólica ao pesquisador. Tornei-me adulto e mediante a esse processo de desenvolvimento, lembro-me que enquanto criança, aos finais de tarde depois do cumprimento de tarefas domésticas e brincadeiras da infância, sentava-me no alto do terreno de meus pais e ficava apreciando esta paisagem. Indagava-me: Como tudo isso foi feito? Pela cultura familiar, pensava: Como Deus é poderoso! Quanta perfeição! O mais surpreendente é que havia dias os quais a paisagem estava longe, noutros parecia tão próxima, que se eu caminhasse por pouco tempo chegaria ao pé da montanha. Tive a oportunidade de subir a serra próximo a minha adolescência e vivenciar de perto a complexidade de sua beleza e seu ecossistema. Sempre me questionei: Será que as outras pessoas também percebem a importância e a singularidade da natureza que estamos envolvidos? Deste modo, ao ouvir falar demasiadamente sobre turismo em Praia Grande, debrucei-me em pensar mais sobre isso.

Nesta direção, configurou-se o despertamento do estudo das percepções na relação pessoa-ambiente dos atores sociais envolvidos com este cenário. Sob este

prisma, amparado nos subsídios das Ciências Ambientais, busquei auxílio para este estudo nos aportes teóricos da Psicologia Ambiental.

Segundo Melo (1991), a Psicologia Ambiental surgiu como Psicologia da Arquitetura após a Segunda Guerra Mundial, mobilizada pela reconstrução das cidades afetadas. Incluindo muito mais do que fatores estéticos, as reconstruções focaram as necessidades psicológicas considerando os comportamentos dos habitantes. Para Teixeira *et al.* (2020, p. 02), a Psicologia Ambiental “com o tempo passou a ter um caráter multidisciplinar recebendo contribuições da psicologia, geografia humana, sociologia urbana, antropologia, planejamento e arquitetura”. As vertentes diversificadas em Psicologia Ambiental são oriundas das contribuições de outros campos. Por exemplo, menciona-se a de caráter comunitário que se destina aos estudos do espaço físico construído (antrópico) e/ou natural, produzindo um diálogo que abrange a inter-relação pessoa-ambiente.

Ittelson (1973) corrobora com as ideias acima, pois como seres humanos temos qualidades ambientais tanto quanto características psicológicas, indicando que a humanidade é um elemento do ambiente, produzindo trocas mútuas indispensáveis para a qualificação do comportamento humano em determinado meio físico. Nas palavras do autor, o ambiente físico necessita estar envolto em um sistema social e o social direcionado a ele.

Vale frisar, que o Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da UNESC tem características de interdisciplinaridade, dada tanto pela formação do quadro docente, quanto pelo conteúdo das disciplinas previstas. Portanto, essa referida pesquisa oferece uma forma de entrar e contribuir com esse campo interdisciplinar, pois os diferentes pontos de vista nos permitem desafiar as ideias recebidas e criar entendimentos sobre as pessoas e suas percepções, além de considerar as relações pessoa-ambiente destacando as “nuances” socioambientais envoltas no cenário turístico da cidade de Praia Grande.

Oliveira (2014) defende que dificilmente a cidade turística é construída para satisfazer à expectativa do morador local, mas às externas ao lugar. Construindo obras grandiosas, pretende-se tornar a cidade mais competitiva, sem se importar com as questões de infraestrutura básicas inacabadas, necessárias ao lugar e aos moradores. Este fato decorre do processo de produção do espaço na contemporaneidade baseado na lógica do sistema capitalista vigente, que transforma o espaço em mercadoria. O turismo constitui um exemplo deste processo. O auge do

turismo contemplativo, “baseado em observações e registro de galerias, museus e artefatos altamente culturais” (URRY, 2001, p. 19), cedeu espaço para a eclosão do turismo da valorização da paisagem, natural ou artificial, que para fixar o olhar do turista necessita ser chamativa e espetaculosa.

Harvey (2005, p. 171) afirma que o “empreendedorismo enfoca muito mais a economia política do lugar do que a do território”, pois se busca paulatinamente promover e vender a cidade, visando investimentos de grande impacto que ampliem a imagem positiva sobre a cidade para os investidores. Em contrapartida, não há intenção de minimizar as problemáticas referentes à educação e à precariedade ou a outros problemas sociais, como a falta de moradias. Nesse contexto, o autor assegura que “o empreendedorismo urbano contribui para aumentar as diferenças de riqueza e renda, assim como para ampliar o empobrecimento urbano” (HARVEY, 2005, p. 180).

Contudo, situando-me diante do até aqui exposto, correlacionei-me com a visão de Saramago (1995), busquei mais do que olhar, importando reparar no outro em sua singularidade, no modo pelo qual o ser humaniza-se novamente. Fora desta percepção, o sujeito permanece em estado de máquina insensível que passivamente observa o desabar de tudo à sua volta. Por isso, despertar os sentidos é sentir e descobrir mais a natureza a cada momento, e conseqüentemente, as suas próprias “naturezas”, pois como já diziam os gregos “conhece a ti mesmo e conhecerás o mundo”<sup>1</sup>. Deste modo, as percepções direcionadas às relações pessoa-ambiente, consideram a forma como o sujeito se apropria de um lugar diferenciadamente, dependendo de modelos culturais, sociais, estilo de vida, entre outros. Levando-se em consideração essas particularidades, considera-se que “os processos de apropriação são complexos e se dividem em dois aspectos fundamentais: comportamentais de ação-transformação e de identidade de lugar simbólica” (GONÇALVES, 2007, p. 29).

Diante do exposto, justifica-se este estudo justamente pelo conjunto de elementos que possam ser coletados e descritos pelos moradores locais, considerando-se direções opostas as quais o turismo pode ofertar. Por um lado, há um cenário de exuberante beleza, o município e a cidade em questão podem estar sendo influenciados em duas direções: há um processo de turismo crescente que

---

1 Não há certeza em relação a quem foi autor desta máxima, mas há vários autores que atribuem a autoria da frase ao sábio grego Tales de Mileto. Apesar disso, existem teorias que afirmam que a frase foi dita por Sócrates, Heráclito ou Pitágoras.

Fonte: <https://www.significados.com.br/conhece-te-a-ti-mesmo/>. Acesso em: 06 abr. 2021.

prioriza a preservação, a educação ambiental, a sustentabilidade e o valor dos serviços ecossistêmicos. Entretanto, na outra direção há um movimento que considera a natureza como um produto a ser vendido em nome de um desenvolvimento meramente econômico; que estabelece uma relação com a natureza e o ambiente em sua volta, pautados como mercadoria, sustentando um mercado turístico predador visando o foco da alta lucratividade, todavia, produzindo uma narrativa de desenvolvimento sustentável.

Conhecer a percepção dos moradores locais é de suma importância, pois como citam Clandinin e Connelly (2011, p. 27), “as pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém pesquisadores em suas comunidades.”

Desse modo, no intuito de conhecer o que pensam os moradores locais acerca do turismo em sua cidade, busco a reflexão sobre para quem escreveremos este estudo, quem serão os sujeitos respondentes, quais teorias subsidiarão (ou não) suas respostas, se há relevância ou sentido na pesquisa.

As questões problemas norteadoras deste estudo pautaram-se em:

1- Quais as percepções e suas influências na relação pessoa ambiente que os moradores da cidade de Praia Grande/SC relatam na introdução do turismo como meio de desenvolvimento econômico?

2- A população percebe que é incluída nas decisões com relação ao turismo?

3- Quais as visões dos moradores frente a proposta do turismo sustentável preservando a cultura local e as questões socioambientais?

**O problema de pesquisa** reflete que a natureza pelo viés do atrativo turístico, vem sendo transformada, condicionada e consumida em situação de mercadoria. A degradação da paisagem natural reproduz um dos mais contraditórios e preocupantes fardos da economia capitalista: a sua insustentabilidade. Santos (1988) explicita que se chegou a uma condição na modalidade de divisão da paisagem natural (natural x artificial) que se um lugar não é fisicamente tocado pela força do ser humano, o mesmo, todavia, é objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas. Essa questão está implícita em sua obra, *A Urbanização Brasileira* (SANTOS, 1988), afirmando que as grandes corporações internacionais orquestram a falácia da chamada modernização das cidades.

Praia Grande, município catarinense lócus desta pesquisa, passa por um processo onde o desenvolvimento do turismo promete progresso e riqueza. Esta é a preocupação central desta pesquisa fazendo uma ausculta embasada nas nuances envolvidas com o turismo comercial e com o turismo sustentável. Tonetto (2021), buscando Tuan (1980), reforça os argumentos do problema de pesquisa, qual seja, o ponto de vista do visitante, por ser simples, é facilmente enunciado. A confrontação com a novidade, também pode levá-lo a manifestar-se.

Por outro lado, “a atitude complexa do nativo somente pode ser expressa com dificuldade e indiretamente através do comportamento da tradição local, conhecimento e mito (TUAN, 1980, p. 72-73). Assim, propôs-se a analisar como os moradores locais são impactados em suas vidas com o processo turístico.

**O objetivo geral** da pesquisa busca: Conhecer as percepções socioambientais que os moradores de Praia Grande/SC têm do turismo de sua cidade. Foram estabelecidos os seguintes **objetivos específicos**: Identificar a percepção dos moradores quanto aos projetos turísticos que estão sendo implantados na cidade; Verificar se os moradores conhecem as experiências dos grupos tradicionais com o local; Identificar o quanto os moradores estão integrados (identidade de lugar) com a história de Praia Grande; Analisar o processo de apropriação do espaço pelos moradores locais; Avaliar as perspectivas de turismo sustentável com valorização da cultura local; Identificar as percepções simbólicas em relação à natureza no imaginário dos entrevistados.

## 1.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Quanto à abordagem, **a pesquisa se classifica como qualitativa**. Segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17):

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalística, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas e eles conferem.

Deste modo, visando conhecer as percepções socioambientais que os moradores de Praia Grande/SC têm do turismo de sua cidade, buscou-se relevar o fato de que a pesquisa qualitativa pretende compreender o comportamento humano a partir do modo como os indivíduos entendem suas realidades, construindo e interpretando os seus pensamentos, sentimentos, emoções e ações, pautados em seus aspectos de singularidade e atribuições de significados próprios (MINAYO, 2012).

Ainda, este estudo é caracterizado como sendo um **estudo exploratório e descritivo**. De acordo com Gil (2010), os estudos exploratórios descritivos buscam compreender o campo de amostra em sua ampla complexidade, permitindo ao pesquisador aplicar ferramentas, como as entrevistas, para encontrar cenários que nem sempre estão explícitos (GOLDENBERG, 1997). “As pesquisas descritivas têm como objetivo básico descrever as características de populações e de fenômenos. Muitos dos estudos de campo, bem como de levantamentos, podem ser classificados nessa categoria” (GIL, 2010, p. 131).

Já que este estudo teve como intuito promover a investigação objetivando a profundidade das narrativas, foi utilizado o **estudo de caso**, a unidade de caso em sua acepção clássica (GIL, 2009). Assim, a **unidade-caso** aqui, constituiu-se de um grupo de moradores num contexto definido, que neste caso, foram os moradores da cidade e município de Praia Grande/SC.

**O coletivo desta pesquisa**, compôs-se de 10 sujeitos, 3 do sexo feminino e 7 do sexo masculino, com idades que variam entre 43 e 82 anos. O estudo foi realizado em Praia Grande/SC com residentes da cidade e município investigados e que se dispuseram a participar da pesquisa, prestando-se a entrevista narrativa pautada pela técnica bola de neve. Abaixo segue o quadro 1 com a fonte dos dados:

Quadro 1 – Fonte dos Dados

Identificação	Sexo	FONTE DOS DADOS	
		Entrevista	Registro de Observação
E1	M	Possui 68 anos, é comerciante aposentado, viúvo, mora no município de Praia Grande/SC há 40 anos, no centro da cidade.	Chegou-se até o entrevistado por meio de informações da Secretaria Municipal de Esporte e Turismo. O mesmo, recebeu o entrevistador em seu comércio, um bar no centro da cidade. Indicou o E2 para mais coletas de dados para a pesquisa.

<b>E2</b>	<b>M</b>	Possui 65 anos, é comerciante, casado, mora no município de Praia Grande/SC há 47 anos, no Bairro Harmonia.	Recebeu o entrevistador em seu comércio, um mercado no Bairro Harmonia, próximo ao centro cidade. Indicou a E3 para mais coletas de dados para a pesquisa.
<b>E3</b>	<b>F</b>	Possui 45 anos, é agricultora, casada, mora no município de Praia Grande/SC há 45 anos, na comunidade de Mãe dos Homens.	Recebeu o entrevistador em sua residência, na comunidade de Mãe dos Homens. Indicou o E4 para mais coletas de dados para a pesquisa.
<b>E4</b>	<b>M</b>	Possui 76 anos, é aposentado, casado, mora no município de Praia Grande/SC há 62 anos, na comunidade de Mãe dos Homens.	Recebeu o entrevistador na residência de sua filha, onde estava a passeio, na comunidade de Mãe dos Homens. Indicou o E5 para mais coletas de dados para a pesquisa.
<b>E5</b>	<b>M</b>	Possui 72 anos, é agricultor, casado, já foi vereador do município e mora no município de Praia Grande/SC há 72 anos, na comunidade de Mãe dos Homens.	Recebeu o entrevistador em sua residência, na comunidade de Mãe dos Homens. Indicou o E6 para mais coletas de dados para a pesquisa.
<b>E6</b>	<b>M</b>	Possui 82 anos, é agricultor aposentado, casado (há 46 anos, fez questão de destacar), mora no município de Praia Grande/SC há 77 anos, na comunidade São Roque.	Recebeu o entrevistador em sua residência, na comunidade São Roque. Indicou a E7 para mais coletas de dados para a pesquisa.
<b>E7</b>	<b>F</b>	Possui 73 anos, é professora aposentada, casada, mora no município de Praia Grande/SC há 64 anos, na comunidade de Mãe dos Homens.	Recebeu o entrevistador em sua residência, na comunidade de Mãe dos Homens. Indicou o E8 para mais coletas de dados para a pesquisa.
<b>E8</b>	<b>M</b>	Possui 60 anos, é construtor (pedreiro), divorciado, mora no município de Praia Grande/SC há 20 anos, na comunidade São Roque.	Recebeu o entrevistador em sua residência, na comunidade São Roque. Indicou o E9 para mais coletas de dados para a pesquisa.
<b>E9</b>	<b>M</b>	Possui 47 anos, é Professor formado em Letras, Português e Inglês pela UNISUL, casado, mora no município de Praia Grande/SC há 47 anos, na comunidade de Vila Rosa.	A entrevista foi formalizada de modo <i>online</i> , via <i>Google Meet</i> . O entrevistado indicou a E10 para mais coletas de dados para a pesquisa.
<b>E10</b>	<b>F</b>	Possui 43 anos, é Guia de Turismo (CADASTUR há 18 anos), Técnica em Turismo e Graduada em História, divorciada, mora no município de Praia Grande/SC há 34 anos, no centro da cidade.	A entrevista foi formalizada de modo <i>online</i> , via <i>Google Meet</i> .

Fonte: Autor (2022).

Como pode-se perceber, os sujeitos desta pesquisa foram identificados entre **E1** a **E10**, e assim foram caracterizados diante de suas falas no decorrer do estudo. Especifica-se ainda, seu sexo, sua idade, sua profissão, seu estado civil,

tempo de residência na cidade ou município e endereço. No registro de observação, nota-se que houveram indicações, totalizando oito entrevistas narrativas presenciais (seguindo todos os protocolos de segurança recomendados contra a COVID-19) e duas de forma *online*, via *Google Meet*.

Os critérios de inclusão dos participantes pautaram-se em ser morador do município de Praia Grande/ SC; Assinar o Termo De Consentimento Livre e Esclarecido do Comitê de Ética/Plataforma Brasil. Os critérios de exclusão dos participantes foram todos que não se encaixaram nos critérios de inclusão.

**Como instrumentos utilizados para coleta de dados** para identificar e contatar os sujeitos para esta pesquisa, utilizou-se a técnica metodológica *snowball*, também concebida por *snowball sampling* (Bola de Neve). Consiste em uma forma de amostra não probabilística, comum em pesquisas sociais, em que os participantes que iniciam as pesquisas indicam novas pessoas para participarem e assim sucessivamente. O pesquisador é direcionado a obter todas as informações necessárias sobre o assunto, até que as novas indicações passem a fornecer os dados já coletados com os participantes anteriores, não angariando novos conteúdos relevantes à pesquisa. Esta é uma técnica de amostragem que emprega cadeias de referência, uma espécie de rede (VELASCO; DÍAZ DE RADA, 1997). Este fato pode ser analisado por meio do Quadro 1 – Fonte dos Dados, mais especificamente no item Registro de Observação, pois chegou-se até o Entrevistado **(E1)** através da Secretaria Municipal de Esporte e Turismo e assim sucessivamente os outros foram indicados. Portanto, uns foram indicando os outros como possibilidade de nova fonte de dados. Nota-se que, em sua maioria, os participantes apresentam idades mais avançadas, fato este que corrobora com a situação de que houve preocupação do coletivo da pesquisa em direcionar novos participantes que possuíssem bagagem histórica e cultural para suprir as necessidades da pesquisa. Sendo assim, todos receberam ligações prévias para combinar o horário disponível para as entrevistas, valendo frisar que não aconteceram recusas por parte dos contatados.

**Como instrumento para coleta de dados** foi utilizada a entrevista narrativa que buscou, a partir do reconhecimento e aprofundamento dos discursos individuais, evidenciar questões que podem ser pouco conhecidas pela sociedade, permitindo um ponto de conexão entre seus agentes.

As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como das entrecruzadas no contexto situacional. Esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. Tendo como base a ideia de reconstruir acontecimentos sociais a partir do ponto de vista dos informantes, a influência do entrevistador nas narrativas deve ser mínima. Nesse caso, emprega-se a comunicação cotidiana de contar e escutar histórias. [...] ainda alertam para a importância de o entrevistador utilizar apenas a linguagem que o informante emprega sem impor qualquer outra forma, já que o método pressupõe que a perspectiva do informante se revela melhor ao usar sua linguagem espontânea. Essas asserções se assentam na compreensão de que a linguagem empregada constitui uma cosmovisão particular e, portanto, é reveladora do que se quer investigar: o “aqui” e o “agora” da situação em curso (MUYLEAERT *et al.*, 2014, p.194).

Assim, a entrevista seguiu um roteiro, apenas para direcionar o participante, servindo como um guia para que os entrevistados pudessem contar suas histórias e narrativas de forma ampla e profunda. Nesta direção, iniciaram com a seguinte encíclica: ***“Me chamo Maicol de Oliveira Brognoli, sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Gostaria, por gentileza, que você me contasse sobre sua vida aqui em Praia Grande, sua história, como você vê a cidade e município, como vê o turismo e o lugar mais significativo para você”***. E, a partir daí, as narrativas foram sendo discorridas e gravadas com algumas perguntas pontuais, quando necessário, para não haver fugas do sentido da temática.

Segundo Muylaert *et al.* (2014, p. 197):

As narrativas podem potencialmente capturar circunstâncias nas quais o pesquisador almeja investigar mediações entre experiência e linguagem, estrutura e eventos, ou ainda situações da coletividade envolvendo memória e ações políticas. As narrativas são uma forma dos seres humanos experienciarem o mundo, indo além da simples descrição de suas vidas, pois ao repensarem suas histórias – as que contam e ouvem – refletem quem são reconstruindo continuamente significações acerca de si.

Vale destacar quanto aos procedimentos éticos, que todos foram obedecidos segundo a Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, remetida pelo Ministério da Saúde, regulamentadora dos preceitos éticos a serem seguidos pelas pesquisas com seres humanos. É importante mencionar que seguiu-se essa resolução com o Comitê de Ética da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, baseando-se no fato de que todos os projetos de pesquisa devem ser submetidos à Plataforma Brasil, seguindo esses preceitos. Assegurou-se a todos os

envolvidos com essa pesquisa a apresentação da proposta da pesquisa e a assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Também, o direito ao sigilo, privacidade e a recusa de participação a qualquer momento, submetendo-se às normas observadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNESC, designadas pela aprovação do projeto de pesquisa.

Após a coleta dos dados, as respostas foram transcritas em sua íntegra para análise de conteúdo.

**A análise de dados das entrevistas** foi estruturada conforme aludida por Romeu Gomes (2009, p. 91), explicitando que “chegamos a uma interpretação quando conseguimos realizar uma síntese entre: as questões da pesquisa; os resultados obtidos a partir da análise do material coletado, as inferências realizadas e a perspectiva teórica adotada”. Sob este prisma, os dados coletados nesse estudo foram submetidos a análise de conteúdo temática, que para Gomes (2009) está subdividida em três etapas. Primeiramente, realizou-se a leitura do material da pesquisa visando angariar sua compreensão. Posteriormente, partiu-se para a exploração do material, caracterizando a análise em si a partir da distribuição dos trechos do texto, da leitura, identificação das inferências e dos núcleos de sentidos. Por último, foi constituída a redação promulgando o diálogo com o tema, objetivos e questões da pesquisa como forma de síntese (GOMES, 2009).

A pesquisa que traz narrativas da comunidade de Praia Grande por constituir-se de expressões espontâneas, traduz a experiência humana, histórias vividas e contadas. Assim, devem ser entendidas como uma forma de compreender a experiência humana, pois é “um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.18).

**Diante das respostas transcritas**, coube ao pesquisador interpretar os textos e, a partir deles, criar um novo texto. Destaca-se as narrativas dos moradores de Praia Grande como um desafio, entendendo que também o pesquisador pode passar por mudanças e transformações.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 HISTÓRICO DA PSICOLOGIA AMBIENTAL

*“Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta.”  
(Carl Gustav Jung)*

Este capítulo aborda os estudos realizados em Psicologia Ambiental dentro do contexto de sua natureza interdisciplinar que busca compreender a ciência, necessariamente, enquanto integração homem/mundo. As questões elencadas para o desenvolvimento desta pesquisa que trata da Psicologia Ambiental versam de forma a compreender a relação pessoa-ambiente diante de uma cidade em franca transformação decorrente de atividades turísticas. Sobre este contexto, Cavalcante e Elali (2011) aludem ao fato de que é importante observar os aspectos voltados à vida sustentável; entretanto, também é imprescindível preocupar-se com a transformação da relação pessoa-ambiente nos mais diversos segmentos para um enfrentamento efetivo. Nesta mesma frequência, Oskamp (2000, p. 113) acena que “uma conduta sustentável requer mudanças básicas na relação de cada indivíduo para com o ambiente indistintamente”.

A abordagem acerca da Psicologia Ambiental nasce de um objetivo arquitetônico de reconstrução pós-segunda guerra mundial na década de 50/60, na Europa, e alinha-se a diferentes vieses que vem contribuindo, sistematicamente, com as questões propriamente ambientais com perspectiva na sustentabilidade e inter-relações humanas com este ambiente envolvendo a Psicologia. Sobre esta relação, Calvacanti e Elali (2011, p. 15) destacam que uma das características distintivas da Psicologia Ambiental foi a de trazer o "espaço físico para o interior do campo psicológico". Neste cenário, a Psicologia Ambiental, portanto, estabelece relações com outras áreas de conhecimento confirmando sua natureza interdisciplinar.

Os autores Canter e Craik (*apud* NEUMANN; KUHNE, 2019, p. 59-60) trazem uma visão histórica do surgimento da Psicologia Ambiental, que se apresenta como:

[...] relativamente nova nos estudos da Psicologia. Teve seu início na década de 1950 que se deu após a II Guerra Mundial por meio do processo de reconstrução das cidades. O quadro da política de reconstrução do pós-guerra implantou programas habitacionais de larga escala, onde pesquisadores do comportamento juntamente com arquitetos e planejadores urbanos tomaram consciência de que fatores como as necessidades comportamentais e psicológicas dos futuros moradores também deveriam ser

considerados e não somente os princípios de construção estética do ambiente construído.

Melo (1991), ao elucidar sobre a Psicologia Ambiental, afirma que esta nasceu com o título de "Psicologia da Arquitetura" (*Architectural Psychology*), ao final dos anos 50 e início dos anos 60, na Europa. Mesmo antecipadamente ao seu processo de reconhecimento como um campo distinto da Psicologia, que se efetivou nas décadas mencionadas, já havia▀ determinados trabalhos provindos de diferentes áreas, que por suas particularidades serviram de aportes a esse novo ramo da Psicologia.

O nascimento da "Psicologia da Arquitetura" se deu a partir da necessidade dos arquitetos de entenderem os requerimentos e as necessidades dos futuros ocupantes de grandes obras públicas vinculadas à reconstrução das cidades, uma vez que eles estavam acostumados a trabalhar diretamente com clientes privados. E como eles tinham que proporcionar o maior número de habitações possível para acomodar os desabrigados da guerra, partiram para construção de blocos de apartamentos. E dessa forma, se viram numa situação em que teriam que lidar com diversos clientes e atender a diferentes necessidades ao mesmo tempo. Além, é claro, de que a utilização de uma tecnologia relativamente nova no manejo dos edifícios pós-guerra iria requerer uma compreensão dos efeitos dos aspectos físicos do ambiente, tais como, a iluminação, conforto térmico, as funções das janelas, a falta de controle pessoal do ambiente sobre as atividades e o comportamento humano (CANTER; CRAIK, 1981; CANTER; DONALD, 1986; LANGDON, 1966 *apud* MELO, 1991, p. 86).

Segundo Tassara e Rabinovich (2003), os estudos em Psicologia Ambiental são relativamente recentes, tendo um grande desenvolvimento entre os anos de 1967 e 1973, e sempre estiveram ligados às demandas sociais. Como visto, na Europa, a Psicologia Ambiental esteve ligada às questões arquitetônicas e ao planejamento urbano após a II Guerra Mundial, preocupada com a reconstrução e o planejamento arquitetônico e urbano das cidades devastadas pela guerra. Já nos Estados Unidos da América, inicialmente surge com Kurt Lewin, que traz da Europa o conceito de *Behavior Setting*, de Roger Barker, que devido às características sociopolíticas americanas, centralizou suas pesquisas no indivíduo, preocupada com o padrão comportamental das pessoas frente aos ambientes (TASSARA; RABINOVICH, 2003). Porém, foi na Escola de Chicago que a Psicologia Ambiental ganhou força, quando foi chamada pela arquitetura para resolver as questões de moradias dos órfãos e mutilados da II Guerra Mundial.

Melo (1991, p. 86) traz que:

O termo específico "Psicologia Ambiental" surgiu na ocasião de um seminário a respeito do relacionamento entre o "design" de sala de hospitais psiquiátricos e evidência do progresso terapêutico (Para uma revisão do assunto ver Proshansky e Altman, 1979 citado em FISHER *et al.*, 1984). Nos meados dos anos 70 a Psicologia Ambiental começou a ser oferecida como disciplina em alguns cursos e certos departamentos passaram a oferecer cursos com esse título. Primeiro surgiu na Universidade de Nova York, depois na Universidade de Surrey na Inglaterra, onde o MSc e o DPhil (curso de mestrado e doutorado) foram implantados precisamente em 1973. Logo começaram a surgir os livros textos, as revistas tais como: *Environmental and Behavior (USA)*; *Journal of Environmental Psychology (UK)*, *Human Ecology (USA)*, *Architectural Psychology (UK)* e foram se formando organizações, tais como: *Environmental Design Research Association (EDRA) — (USA)* e *International Association for People Environment Studies (IAPS) — (UK)* e a *International Association of Applied Psychology (IAAP) — (USA)*.

Vale frisar que os estudiosos Ittelson e Proshansky são os precursores do termo Psicologia Ambiental. Em Nova Iorque, estudaram hospitais psiquiátricos, direcionando suas pesquisas para a influência dos *designs* das enfermarias sobre o comportamento dos pacientes. Este foi o início para impulsionar diversos novos estudos analisando o ambiente físico como parte integrante do *setting* terapêutico (ITTELSON *et al.*, 2005).

No Brasil, os estudos em Psicologia Ambiental são iniciados por Maria do Carmo Guedes, na década de 1960, participando do planejamento de cidades, que buscava utilizar seus estudos para preparar o Brasil do futuro (TASSARA; RABINOVICH, 2003). Gonçalves (2007) considera que no Brasil, a Psicologia Ambiental trilha seus caminhos com influência tanto anglo-americana quanto europeia: a primeira relacionada à Psicologia Comportamental e Experimental, e a segunda com a Psicologia Social. Jerônimo (2007) relata que dois fatos de grande relevância aconteceram para que a Psicologia Ambiental ganhasse mais atenção no Brasil: o 1º Encontro Brasileiro de Psicologia Ambiental realizado em parceria com 10ª Reunião Anual da ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social) em 1999 e a implantação da REPALA (Rede de Psicologia Ambiental Latino Americana) em 5 de junho de 2001, Dia Mundial do Ambiente.

A Psicologia Ambiental também ganha espaço no sul de Santa Catarina, com a defesa da tese de doutorado de Gonçalves no ano de 2002, trazendo à tona discussões sobre a apropriação do espaço degradado, por meio das atividades ligadas diretamente ao carvão, ocupadas por pessoas excluídas socialmente. O

Mestrado em Ciências Ambientais da UNESCO, em Criciúma, oferta a disciplina de Psicologia Ambiental (JERÔNIMO, 2007).

Pautada no intercâmbio entre fenômenos sociais x espaciais, a Psicologia Ambiental não encara o ambiente apenas como produtor de estímulos ambientais. Na verdade, compreende os modos pelos quais os aspectos sociais e físicos do ambiente influenciam na conduta dos seres humanos e como as ações dos sujeitos afetam seus entornos. (CORAL-VERDUGO, 2005 *apud* NEUMANN; KUHNE, 2019).

A Psicologia Ambiental se constituiu a partir da crescente inquietação das ciências naturais no que se refere aos problemas ambientais e a responsabilidade do ser humano nesse contexto, surgindo de duas vastas raízes teóricas. Uma considerada interna, ou seja, oriunda do interesse de entender o inter-relacionamento entre os aspectos do ambiente e os processos psicológicos, e a outra considerada distante da Psicologia: a Arquitetura, a Geografia e as Ciências Bio/Ecológicas (NEUMANN; KUHNE, 2019). Esta vertente externa, segundo Bonnes e Secchiaroli (1995), pauta-se em três grandes tendências oriundas das referidas disciplinas até então distantes da Psicologia. O primeiro grupo influenciador, Arquitetura e Planejamento Urbano, interessava-se pela ação dos espaços edificados sobre o comportamento humano gerando importantes contribuições. A segunda influência advém da Geografia, quando autores passaram a considerar central o papel dos fatores socioculturais na conformação do comportamento espacial humano e consideravam que estes, ao longo do tempo, auxiliavam em definir a morfologia do território. Incluindo a mediação dos processos cognitivo espacial e percepção ambiental na dinâmica de correlação entre sujeito e ambiente, os geógrafos realizaram uma aproximação de áreas tradicionalmente estudadas por psicólogos, como a abordagem piagetiana da cognição espacial, por exemplo (BONNES; SECCHIAROLI, 1995).

A terceira influência que contribuiu para o surgimento da Psicologia Ambiental foi decorrência de uma crescente preocupação das Ciências Naturais pelos “problemas ambientais” e pelo papel desempenhado pelo ser humano nesse contexto. Assim, passou de um enfoque exclusivamente das Ciências Biológicas para uma concepção mais abrangente, em que os seres humanos não eram apenas o “fator antrópico” (BONNES; SECCHIAROLI, 1995, p. 14).

Diante do exposto, somava-se às dimensões espacial e temporal a percepção ambiental definindo-a de forma abrangente, caracterizada como um

fenômeno psicossocial em que processos cognitivos e afetivos estão implicados na representação do ambiente, individual e coletivamente.

Para Pol (2003), a Psicologia Ambiental possui desafios a ultrapassar perante a atual sociedade, um de intervenção, ou seja, provocar mudanças no ambiente; e outro de gestão, ambos baseados nos princípios da sustentabilidade unidos ao valor social. Segundo Doss *et al.* (2018), as questões ambientais se tornaram amplas e de grande repercussão nas últimas décadas, demonstrando a necessidade de estudos inter e multidisciplinares que abordem a relação entre as pessoas e o meio ambiente, promovendo possibilidades para a sustentabilidade.

Ao desenvolver estratégias em dois sentidos, a Psicologia Ambiental para Günther *et al.* (2004), busca estudar problemáticas de degradação ambiental e elaborar projetos para ambientes construídos. Logo, criou-se este ramo da Psicologia para encontrar respostas e soluções em diversos tipos de problemas na esfera do trilhar humano. Na atualidade, segundo os autores, como principais tipos de problemas, apresentam-se:

[...] desde a percepção e a cognição do ambiente; efeito do ambiente no comportamento, ambientes diferenciados; ambientes específicos (como cidades); construção de determinados ambientes para obter determinados efeitos sobre o comportamento; mudanças de atitude, percepção e comportamento frente ao ambiente; mudanças e planejamentos do ambiente e preservação do meio ambiente (GÜNTHER *et al.*, 2004, p.25).

É pertinente a contribuição da Psicologia diante das questões ambientais, e esta tem o desafio de auxiliar no despertar de uma consciência ecológica, considerando as variáveis sociais e ambientais. Busca estabelecer uma nova conexão do ser humano, com a natureza adotando práticas que promovam o bem-estar, a saúde e qualidade de vida. Também conduz o diálogo sobre a necessidade de inclusão destes assuntos nos desenhos curriculares dos cursos que abrangem as ciências relacionadas às questões ambientais, no intuito de motivar a atuação interdisciplinar.

A Psicologia Ambiental sempre esteve ligada às demandas sociais, na Arquitetura, na Psicologia e nos movimentos ambientalistas. Atualmente também está presente na Educação Ambiental e busca uma identidade própria (TASSARA; RABINOVICH, 2003).

O aspecto interdisciplinar da Psicologia Ambiental procura estabelecer vínculos com diversas áreas interessadas na temática pessoa x ambiente. Para Palmade (1979) a interdisciplinaridade requer a conexão de conhecimentos de disciplinas distintas, almejando construir novos conceitos que sejam aceitáveis aos diferentes saberes que estão em relação. Os conhecimentos precedentes, passam a integrar um novo conhecimento e em uma visão unificada acerca do objeto de estudo. Manter contato com outras áreas do conhecimento deve ser um papel adotado pelo psicólogo ambiental.

Proshansky (1987, p. 4) reflete que:

Para muitos psicólogos ambientais, eu inclusive, o campo é, por definição, praticamente interdisciplinar, por ser concebido a partir de uma disciplina orientada para o problema e interessada em questões importantes da relação pessoa/ambiente no entorno urbano. De modo consciente ou não, ela se fundamenta em outros campos da psicologia, assim como em outras ciências do comportamento e das profissões do design.

As percepções diferenciadas que são oriundas de outras disciplinas podem auxiliar na atuação diante da complexidade das questões ambientais. Por isso, mediante a problemática pode se trabalhar em cooperação com arquitetos, engenheiros, biólogos, paisagistas, planejadores urbanos, juristas, médicos, climatológicos, etc. (GÜNTHER; ROZESTRATEN, 2005). “A Psicologia Ambiental não utiliza somente uma única abordagem, adota diferentes técnicas para coleta de dados aumentando as possibilidades dos elementos envolvidos no processo analítico” (NEUMANN; KUHNE, 2019, p. 64). É um campo rico de pesquisas e que dialoga com todas as áreas do conhecimento, preocupadas com a relação do ser humano frente ao ambiente e vice-versa.

De maneira equivocada, a Psicologia Ambiental é tida como uma mera aplicação da Psicologia, respondendo a alguns problemas da sociedade. Não se nega que a preservação ambiental é um problema da sociedade moderna. Nada obstante, para alterar um comportamento, os psicólogos sociais apresentam algumas soluções, as quais, muitas vezes, não ponderam a dimensão temporal. Nesse sentido, há a necessidade de apresentar novos paradigmas para apaziguar esses problemas. Assim sendo, compreende-se que a Psicologia Ambiental não é uma aplicação simples e pura da Psicologia (MOSER, 1998).

O comportamento não é apenas resultado de ações deliberadas e racionais, mas assim como em decisões de consumo, as decisões tomadas no dia a dia também são baseadas nos hábitos e nas tradições culturais, nos impulsos emocionais, na influência de amigos e familiares e em normas sociais. Os valores e atitudes não se originam em um vácuo sociocultural, mas estão integrados e são nutridos em um contexto social que envolve classe social, gênero, etnia e um determinado cenário ambiental (UZZEL; RAHTZEL, 2009 *apud* NEUMANN; KUHNEN, 2019, p. 62-63).

A Psicologia Ambiental, nos estudos de Moser (1998, p. 121),

[...] estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações – e não somente as relações – entre a pessoa e o meio ambiente físico e social. As dimensões sociais e culturais estão sempre presentes na definição dos ambientes, mediando a percepção, a avaliação e as atitudes do indivíduo frente ao ambiente. Cada pessoa percebe, avalia e tem atitudes individuais em relação ao seu ambiente físico e social.

Neste mesmo sentido, Gonçalves (2004, p. 17) complementa citando que “o objeto de estudo da Psicologia Ambiental se concentra no significado simbólico do espaço e na compreensão dos processos psicossociais derivados das relações e interações entre as pessoas, grupos, comunidades e seus entornos”. Também Castillo (2005) apresenta a Psicologia Ambiental como a ciência que busca explicar as relações entre os comportamentos das pessoas e dos grupos e o espaço que os envolve num determinado tempo. Considerando que os elementos resultantes destes estudos podem ser identificados através de observações e dos saberes interdisciplinares.

A Psicologia Ambiental e toda área do conhecimento que procure estudar e compreender o ser humano em suas interações com o ambiente terá que se apropriar de uma atitude interdisciplinar, dialogar e trabalhar em parceria com outras fontes do conhecimento, como afirma Strey (1998, p. 233), “atenta à interdisciplinaridade, em função da complexidade de objetos, a Psicologia deve buscar novas fontes e novos referenciais”.

Proshansky, Ittelson e Rivlin (1970) classificam a Psicologia Ambiental como uma ciência que se distingue das demais, pois se destina ao estudo das inter-relações ativas que ocorrem entre sujeito e ambiente. Nesta direção, não se busca limitar a análise de estímulos e respostas. Quatro aspectos dimensionam à existência dessa disciplina: 1. Estuda o ambiente organizado e determinado pelo sujeito; 2. Seus problemas científicos estão relacionados com problemas sociais emergentes; 3. “É de

natureza interdisciplinar; 4. Estuda o indivíduo como parte integrada de toda a situação problema” (GÜNTHER; ROZESTRATEN, 2005, p. 3).

De acordo com Günther (2005, p. 179), a Psicologia Ambiental pode ser definida “como o estudo das relações (recíprocas) entre os fenômenos psicológicos (comportamentos e estados subjetivos) e variáveis ambientais físicas”. Esta relação caracteriza uma implicação de lidar com, ao menos, três campos de estudo: de um lado a psicologia, de outro a arquitetura e urbanismo tratando dos ambientes construídos e biologia, zoologia e geologia tratando dos ambientes naturais.

A psicologia ambiental troca diálogos interdisciplinares com a arquitetura, a geografia, a ecologia, as ciências sociais e com as diversas áreas da psicologia, como a social e a comunitária. Dessa forma, pode-se definir a atuação da psicologia ambiental como interdisciplinar e transdisciplinar ao fato de ser recente a criação desta como vinculada à psicologia, o que dificulta a especificação do que lhe seria um campo próprio e exclusivo de estudos (FREIRE, 2006, p.32).

Proshansky e Wilkel (*apud* NEUMANN; KUHNE, 2019, p. 64) explicam algumas diferenças entre a Psicologia e a Psicologia Ambiental:

O psicólogo tradicional estuda o indivíduo, em sua maioria, isolando-o do seu ambiente diário com o propósito de obter descrições de sub-comportamentos discretos e quantificáveis assim, geralmente são realizados em laboratórios ou em outros contextos experimentais e controlados. A Psicologia Ambiental por estudar problemas do mundo real utiliza menos a situação do laboratório, porém não a exclui, opta por estudar os indivíduos em seus contextos diários e intactos.

Segundo Capra (2002, p. 360), “um aspecto importante da nova psicologia é o crescente reconhecimento de que a situação psicológica de um indivíduo não pode ser separada de seu meio ambiente emocional, social e cultural”. Ao correlacionar-se este pensamento de Capra com a Psicologia Ambiental vê-se a importância de compreender os sujeitos em suas inter-relações com o seu ambiente sócio físico, que modela o sujeito e é modelado pelo mesmo.

Diante da complexidade que pode ser entendida a Psicologia Ambiental, pesquisadores perguntam-se: Para que e a quem serve a Psicologia Ambiental? De certa forma, na atualidade a Psicologia Ambiental abre-se em uma nova perspectiva, sem perder a sua origem que é a Psicologia, mas com um novo olhar que é o epistemológico e o hermenêutico. Epistemológico no sentido que a Psicologia Ambiental sempre se baseia em estudos e conhecimentos anteriores e está em

constante evolução. “Isto significa estabelecer uma dialética entre variáveis experimentais e substituir saberes ditos estáticos e fechados, por conhecimentos abertos e dinâmicos” (GOMES, OLIVEIRA, 2007, p. 97). Hermenêutico, na busca de novos entendimentos e interpretações confirmando a Psicologia Ambiental como ciência.

Nesta área de estudo, importa analisar o ambiente real onde a vida humana está inserida, sendo multidimensional. Assim, é impossível dissociar as condições psicológicas, sociais, políticas, econômicas e culturais, pois o todo está integrado. (CAMPOS-DE-CARVALHO *et al.*, 2011). Psicologia ambiental, segundo Moser (2005, p. 281), [...] é o estudo das inter-relações entre o indivíduo e seu ambiente físico e social, nas suas dimensões espaciais e temporais. Portanto, a psicologia ambiental trata tanto do indivíduo quanto do ambiente e da relação destes. Pinheiro *et al.* (2004, p. 7) acrescentam que, além das relações nestes contextos, procura-se entender as percepções, as atitudes e as representações das pessoas frente aos ambientes, e salientam:

A Psicologia Ambiental se interessa pelos efeitos das condições do ambiente sobre os comportamentos individuais tanto quanto como o indivíduo percebe e atua em seu entorno. Os efeitos destes fatores, físicos e sociais, estão associados à percepção que se tem deles, e, neste sentido, estudam-se as interações. Tem sido considerada como a Psicologia do Espaço, analisando percepções, atitudes e comportamentos de indivíduos e comunidades em estreitas relações como o contexto físico e social (PINHEIRO *et al.*, 2004, p. 7-8).

## 2.2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA A PSICOLOGIA AMBIENTAL

Ao proceder a leitura deste conjunto de componentes, os autores referenciados evocam uma gama de percepções no indivíduo pautada no contexto físico e social em relação ao seu entorno caracterizado pela apropriação do espaço. Considerando-se a complexidade de conexões possíveis que comporta a Psicologia Ambiental, há que se subsidiar a discussão teórica deste estudo com conceitos imprescindíveis para sua compreensão, tais como, então, **percepções**, **apropriação do espaço** (POL, 2003); GONÇALVES, 2004); **subjetividade** (GONÇALVES, 2004); **identidade de lugar** (PROSHANSKY, 1978); **enraizamento e emoções e**

**afetividade ambiental** (BOMFIM, DELABRIA, FERREIRA, 2018; MASSOLA, SVARTMAN, 2018), e demais autores referenciados.

### 2.2.1 Percepções

A percepção é a forma pelas quais as pessoas recebem informações dos ambientes, como o conhecem, como o entendem e que ocorre por meio da experiência sensorial imediata, combinada com memórias e experiências do passado (BORGES-ANDRADE, 2011).

Davidoff (2001) conceitua a percepção como o processo de organização e interpretação dos dados sensoriais (sensações) para desenvolver a consciência do meio ambiente e de nós mesmos.

Elucida-se que a percepção envolve interpretação, já a sensação, não. A percepção é "o ponto em que cognição e realidade encontram-se" e, talvez, "a atividade cognitiva mais básica da qual surgem todas as outras" (NEISSER, 1976, p. 9 *apud* DAVIDOFF, 2001). Diante do exposto, é preciso levar informações a mente antes de fazer-se algo com elas; assim, a percepção é um processo complexo que depende do meio ambiente e como a pessoa o percebe.

Nas palavras de Matos (2006, p. 50):

A percepção que as pessoas têm, por exemplo, dos encontros interpessoais é carregada de subjetividade. Todos possuem uma estrutura de personalidade única e enxergam o mundo por meio das suas "próprias lentes". Geralmente, a tendência é a pessoa enfatizar aspectos da realidade que são congruentes com as suas crenças, com a sua maneira de ver o mundo. Daí, provavelmente, vem o ditado popular: a gente vê aquilo que quer ver.

Oliveira (1983, p. 19) defende a seguinte afirmação:

Psicologicamente cada pessoa tem uma percepção do meio ambiente e da sua qualidade, percepção esta que é individual, incomunicável e irredutível; entretanto, biologicamente a percepção está limitada a condições anatômicas e fisiológicas da espécie humana e se processa dentro de valores culturais, geográficos e históricos.

Nas palavras de Machado (1998), a percepção é muito pessoal pois a pessoa percebe com seletividade sobre aquilo que mais lhe interessa, que costuma vir a partir de seu contexto sociocultural. Trata-se, então, de uma interação com o

lugar ou com a paisagem carregada de grande afetividade, podendo a partir daí, julgar se uma paisagem é bela ou feia não apenas pela sua aparência, mas sim, pelas aspirações e necessidades de cada um.

Ainda, as percepções, a imaginação e a memória que fazem parte do espaço psíquico, lugar onde ocorrem os sentimentos e emoções, são constituintes da subjetividade, do mundo interno, de acordo com Gonçalves (2014).

Tuan (1983), ao estudar a relação entre pessoas e os lugares, perpassando pela percepção e representação espacial, descreve e nomeia essa vivência perceptiva como “sentimento de topofilia”. É o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, fundamentado em elementos que despertam percepções cognitivas, sejam elas negativas ou positivas em relação ao lugar.

A percepção ambiental retrata as relações entre o ser humano e o meio ambiente.

Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (TUAN, 1983, p 4).

Diante do exposto, a percepção consiste na aquisição, interpretação, seleção e organização das informações obtidas pelos sentidos (HELBEL; VESTENA, 2017). De fato, pessoas e espaço estão conectados e coproduzem um ao outro, vivendo conectados a lugares, a pessoas, as suas histórias e geografias materiais e culturais, apropriando-se do seu espaço.

### **2.2.2 Apropriação do espaço**

Sobre a apropriação do espaço, Gonçalves (2004) indica que a Psicologia Ambiental busca compreender as relações entre os significados simbólicos e os processos psicossociais que o sujeito ou o grupo tem com o seu entorno. Para a autora, a apropriação do espaço caracteriza este processo, pois trabalha com a dialética entre o sujeito e o seu entorno físico. A autora ainda salienta: “O processo de apropriação tem uma dinâmica em dois sentidos: um dirigido para a conquista do espaço, outro para si. Isso implica o sujeito adaptar um espaço às suas próprias necessidades, dar-lhe característica própria” (GONÇALVES, 2007, p. 27). Valera

(1996, P. 34) define a Psicologia Ambiental como sendo “[...] a disciplina que se ocupa de analisar as relações que, em nível psicológico, se estabelecem entre as pessoas e seus entornos”.

A Psicologia Ambiental está correlacionada com a identidade de lugar dos seres humanos e de suas comunidades, pois o sujeito é construído em um mundo concreto e simbólico pautado pelas relações históricas, sociais e culturais. Amparado pelo seu contexto, o sujeito se constitui embasado nas dimensões afetivas, cognitivas e comportamentais tecendo uma rede que engloba o espaço físico-social e os lugares mais íntimos e significativos (JERÔNIMO; GONÇALVES, 2013).

“Um sujeito, ao apropriar-se de um lugar, com o tempo, deixa sua marca e, ao transformá-lo, inicia um processo de reapropriação com o ambiente, colocando nele objetos com o qual se identifica” (GONÇALVES, 2007, p.28-29).

A forma de apropriação de um lugar para cada sujeito é singular e, dependerá significativamente dos modelos sociais, culturais, estilo de vida, etc. De forma fundamental se divide em dois aspectos: os envolvidos com o comportamento de ação-transformação e de identidade de lugar simbólica – identidade do sujeito para com o espaço, incluindo os processos cognitivos, afetivos, interativos, simbólicos e estéticos (GONÇALVES, 2007).

O sentimento de afiliação ao lugar, conhecido por Topofilia, direciona a apropriação das questões de territorialidade. Abarca o conceito de posse do território para além dos termos jurídicos, referindo-se à identificação e apego do sujeito ao ambiente e à liberdade para deixar sua “marca pessoal” nele (TUAN, 1980). O espaço ultrapassa os aspectos funcionais. “É o resumo da vida e das experiências públicas e íntimas. A apropriação contínua e dinâmica do espaço dá ao sujeito uma projeção no tempo e garante a estabilidade de sua própria identidade” (POL, 1992, p. 45)

Pol (1996) explana que dois componentes interagem entre si de forma contínua na apropriação: a identificação com o local (simbólico) e a possibilidade de personalizar os ambientes (ação-transformação). Segundo Pol (1996), a apropriação se associa à vontade de ser diferente do outro, de demarcar o território a fim de criar referências estáveis para a orientação e preservação da identidade diante de si e dos outros. Os apartamentos de um edifício residencial são exemplos deste processo, pois mesmo feitos e entregues de modo padrão, quando habitados passam a se tornar diferenciados pela ação de seus moradores. Para o autor, mesmo se mudarmos de habitação sentiremos o impulso de reorganizar o novo espaço ocupado, em um

espaço familiar seguindo registros já arquivados em nossas mentes. É a necessidade humana de tornar o estranho em familiar; o diferente em igual e o outro no mesmo.

Como referenciado acima, para Gonçalves (2007), os processos cognitivos, simbólicos, afetivos, interativos e estéticos fazem parte do processo de apropriação em psicologia ambiental. Nos processos cognitivos importa como o sujeito se movimenta, se localiza, onde vive. Os processos simbólicos envolvem os modos diversificados de identificação e de produção de significado do ser humano com seu entorno, seu potencial de valorização e preservação do lugar. Os processos afetivos abrangem a atratividade ao lugar e se este visa lhe promover qualidade de vida, harmonia interior e bem-estar pessoal. Nos processos interativos o ser humano se transforma num sujeito social desenvolvendo a comunicação, estabelecem contato social e criam redes de relações, que resultam em comportamentos sociais (POL, 1996). Nos processos estéticos na percepção ambiental acontece um rompimento entre a distinção sujeito-objeto porque o sujeito passa a ser parte da cena percebida, sendo que “interesses estéticos, por exemplo, podem levar a uma percepção ambiental (e ações decorrentes) diferente daquela originada a partir de interesses utilitários no mesmo local” (PINHEIRO s/d, *apud* ITELSIN, 1973, p. 389-390).

Os elementos descritos sofrem valoração singular de acordo com o ciclo da vida humana. Subordinado a uma dinâmica em que o ser realiza uma conquista do espaço e outra voltada para si, o processo de apropriação conduz ao conhecimento do ambiente habitado, ao sentimento de pertença ao lugar. Vale salientar que na apropriação o espaço ganha características próprias do sujeito, adaptando-o às suas próprias aspirações (GONÇALVES, 2007).

Pol (1996) enfatiza considerações acerca do processo complexo da apropriação: nela o sujeito constrói um encontro consigo mesmo com o resultado das suas ações. Adentrando no domínio dos significados, provindo de um saber histórico facilitado pelo contato social, está ligado em um contexto sociocultural concreto. Cada cultura fornece subsídios próprios de apropriação, em um processo dinâmico de interação entre as pessoas e o ambiente. Proshansky (1976); também qualifica a relevância da integração do mundo interno e o ambiente, pois quando o sujeito se apropria dos lugares e espaços se apropria de si mesmo.

Gonçalves (2007) defende que simplesmente morar num lugar pode consistir em ocupação funcional, entretanto, habitar incide na apropriação de todos os espaços envolvendo os aspectos físicos, emocionais, simbólicos e culturais.

A apropriação como processo de identificação é, em certo sentido, um agente transformador, pois, ao apropriar-se do espaço, o sujeito deixa sua marca ao transformá-lo, iniciando assim um processo de reapropriação constante, que vai desde a casa aos objetos em seu interior. Ao instalar-se numa casa vazia, o sujeito colocará nela objetos, utensílios, móveis. Na forma de organizar e decorar a casa, estão refletidos hábitos, valores e modos de vida de cada sujeito. O lugar se mostra carregado de emoções no enfeite da casa, no cuidado do jardim, na realidade por ele construída (GONÇALVES, 2007, p. 30).

De acordo com Elali (2009), o sujeito ou grupo se apropria de um ambiente pelos laços afetivos entre pessoa-ambiente e pelas relações de poder estabelecidas no lugar. Fatores agradáveis envolvidos com a apropriação refletem em atitudes de respeito para com o ambiente; todavia, quando as relações não são prazerosas abrangendo sensações negativas como alienação e segregação, os esforços ou a possibilidade de apropriar-se de um local podem assumir características agressivas, ou assinalar-se como descuido com o local. Assim, a qualidade da ambiência pode designar a facilitação ou inibição dos comportamentos de apropriação (ELALI, 2009).

Cada pessoa está rodeada por camadas concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, bairro e para a nação. O lar é onde a vida começa e termina; é o principal referencial de existência da espécie humana na medida em que este é a forma concreta do abrigo, da proteção contra as intempéries e outros perigos potenciais. O lar é o pivô de uma rotina diária. Vamos a todos os tipos de lugares (escola, trabalho, igreja, etc.), mas sempre retornamos ao lar, ou lugares semelhantes (abrigos, acampamentos, hotéis, etc.) (LEITE, 1998, p.12).

O modelo que define os principais caracteres conceituais da apropriação do espaço foi apresentado por Pol (1996), quais sejam: identificação, pertencimento e personificação. A identificação é um componente simbólico, de caráter subjetivo, pois envolve processos afetivos, cognitivos e interativos com o lugar. O sentimento de pertencimento, que também envolve os mesmos processos antes citados, ocorre quando o sujeito estreita suas relações com um lugar, sentindo fazer parte do mesmo. A personificação é um componente comportamental, pois envolve uma ação de transformação do espaço, promovendo atitudes de conservação e proteção do mesmo. De acordo com Sansot (1996), a personificação é a transformação intencional do espaço, uma vez que o sujeito deixa nele suas marcas. Ainda existem outros componentes conceituais da apropriação do espaço, como a cultivação, que resulta da identificação com o lugar e do sentimento de pertença. Gonçalves (2007), afirma

que a culturação ocorre quando o sujeito cuida, preserva o espao, tornando-o aconchegante às suas necessidades.

Gomes (2008 *apud* Arcaro e Gonçaves, 2012, p. 53):

[...] enfatiza que a apropriação pode, portanto, ser entendida como uma necessidade humana de enraizamento, que ocorre quando o eu se inscreve num lugar geográfico e, a partir daí, há o que se chama de criação de um ponto de referência, quando o espao indefinido passa a ser importante para o sujeito que o vivencia.

Gonçaves (2014) afirma que apropriar-se é conectar-se sentindo pertencer a um lugar. Assim, a interação existente entre o sujeito e seu ambiente, segundo Gonçaves (2007, p. 4), “é o local em que a pessoa vive e constrói a sua subjetividade, resultando em uma dimensão simbólica, que gera estudos acerca da valorização da paisagem relacionados à qualidade de vida”.

Resumindo, Gonçaves (2010) elenca os elementos que evidenciam e caracterizam a apropriação do espao: 1- A Identificação estudada por Pol (1996) e Proshansky (1978). 2- O sentimento de pertença, que segundo Gonçaves (2007) pode ser entendido quando o sujeito passa a direcionar ao lugar forte atenção garantindo a sustentabilidade ambiental e satisfazendo suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais, afirmando sua própria identidade. 3- A personificação (SANSOT, 1996). 4- A culturação de acordo com Gonçaves (2007). 5- O sentimento de defesa, que ocorre com o ato de proteger o espao, assim como os animais defendem o seu território, o ser humano assim o faz, contudo, de uma forma bem mais sofisticada, devido à aprendizagem cultural e social, permitindo a utilização do seu território para usos e objetivos simbólicos (POL, 1996).

A Psicologia Ambiental vai ao encontro da área social, se preocupando com assuntos que visam buscar alternativas para uma melhor qualidade de vida. Para Proshansky (1976), o processo de apropriação do espao possibilita a integração entre o ambiente e o mundo interno do sujeito. É influenciado pela adaptação do sujeito com o meio ambiente, e é primordialmente movido pela subjetividade humana. A apropriação pode ocorrer tanto individualmente quanto de forma coletiva. Isto se dá porque nos apropriamos daquilo com o que nos identificamos, e esta identificação pode ocorrer por vários sujeitos ou um grupo social (POL, 1996). Ela é um processo transformador, no qual nossa vontade e desejos são realizados e influenciam na ecologia do ambiente. Para isso, utilizamos os nossos sentidos, a nossa inteligência

e a ação física sobre o mesmo; assim, o espaço pode ser reapropriado repetidamente, conforme nossos desejos de mudanças e de familiaridade com o espaço. O espaço, portanto, não é um vazio para ser ocupado em horários pré-estabelecidos. No espaço sempre há um processo de interação entre as pessoas, onde elas transformam este em lugares, e nesses lugares é que ocorrem trocas com o outro, construindo assim a própria identidade. Daí resulta a afirmação de Pol (1996, p. 50): “[...] *no hay intimidad si no hay interacción*”.

### **2.2.3 A subjetividade**

No contexto da apropriação do espaço evidencia-se que a subjetividade é o conceito que une os demais em se tratando de processo de apropriação porque é necessariamente, a expressão única, particular, específica de cada sujeito que constrói os espaços e cria identidade. O lugar que foi transformado indica a subjetividade forjada e diz respeito, então, “a um complexo processo de ideias conscientes e inconscientes, sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e tendências” (GONÇALVES, 2004, p. 19).

A subjetividade humana compreende um processo de construção social. “É o processo de invenção de si, a força da invenção da vida, de experimentação e apreensão particular e única do mundo através do modo como cada sujeito se produz como um indivíduo singular, em transformação constante na experimentação cotidiana” (FURTADO, 2002 *apud* NOGUEIRA, 2009, p. 71).

Tassara e Rabinovich (2001, p. 217), abordam que: “a subjetividade expressar-se-ia pelas figuras que representam as imagens, alimentando os pensamentos que se opõem através de falas. O que se conhece do sujeito é aquilo que ele vai ser capaz de expressar a respeito de imagens que compõem o seu acervo experimental, mediado pela livre imagem, que não a define”.

A subjetividade do ser humano se dá não simplesmente quando ele se adapta ou introjeta o ambiente, mas quando ele expressa sua individualidade e aquilo que lhe é oferecido ou dado como possibilidade, dentro do seu contexto histórico e social. A subjetividade é um processo complexo e possui vários mecanismos em sua formação, portanto, um só aspecto seria insuficiente para expressar a sua totalidade.

Conforme Damergian (2001), a construção da subjetividade se dá através do caminho da identidade do eu, onde as interações sócio físicas são determinantes.

A subjetividade torna-se o nosso mundo interno, o nosso espaço psíquico, onde acontecem as emoções, os sentimentos e as percepções, a imaginação e a memória na dialética que o sujeito estabelece com o mundo que o cerca (GONÇALVES, 2009).

Nessa relação que o ser humano estabelece com o mundo, identificou-se como já mencionado, cinco mecanismos psicológicos que determinam a subjetividade: o cognitivo, o afetivo, o simbólico, o interativo e o estético (POL, 1996; DAMERGIAN, 2001; GONÇALVES, 2007). O cognitivo é orientado pela construção das diferentes linguagens que o sujeito estabelece quando em contato com o meio sociocultural em que vive, através dos sentidos (TUAN, 1983).

Já para Damergian (2001), o cognitivo e o intelecto estão ligados à razão e aos mecanismos racionais. O interativo é a ação na qual o ser humano estabelece a transformação ativa do ambiente, no tempo e no espaço, atribuindo-lhe significados em um processo de interação contínua (POL, 1996).

O afetivo é construído pelas relações emocionais que se estabelecem com as pessoas que nos cercam. Segundo Damergian (2001), esses laços afetivos ocorrem ainda na vida intrauterina entre a mãe e seu bebê, e ao longo da vida através de pessoas com as quais convivemos. O afetivo é a pulsão motivadora que vai integrar a subjetividade. O simbólico, segundo Pol (1996), se dá na criação e no surgimento de um universo de significados que construímos e que constitui a cultura e o entorno do sujeito, em sua realidade sociocultural. É a capacidade humana de dar sentido às coisas. Estético é a dimensão mais aprimorada do ser humano. Está ligado à transcendência, aos bens imateriais, à apreciação daquilo que alimenta o espírito (BACHELARD, 1998 a, b).

A arte e o belo estão ligados à dimensão estética, mas a estética não pode se reduzir ao definir o que é belo. Gonçalves (2007) traduz o elemento estético como a poética capturada involuntariamente no momento de êxtase, recheado de vida e de emoção, remetendo à humanidade. A autora afirma que:

A poética seria uma dimensão humana comum a todos os homens em que a pessoa transcende a própria história e o próprio tempo. [...] O tempo é conduzido pelo objeto estético, capturado na obra estética, quer dizer, a captura poética é involuntária. O sujeito entra em estado poético, na maioria das vezes, sem ter consciência do mesmo (GONÇALVES, 2007, p. 39).

Em se tratando da subjetividade, Gonçalves (2004) menciona que, em cada espaço o sujeito se desenvolve através das diferentes atividades que realiza, bem

como os papéis que representa na sociedade, como de membro da família (pai, filho, esposo...), como profissional (local de trabalho), entre outros. Deste modo, vai dando significado às coisas produzindo sua subjetividade, que “de corpo inteiro e alma atenta, se apropria do espaço sentido, observado e visto” (GONÇALVES, 2007, p.126).

Portanto, a maneira pela qual se configura os espaços influencia nos processos psicológicos, podendo unificar ou não a subjetividade (GONÇALVES, 2007); ou seja, é no contexto em que sujeito está inserido que se encontra o outro, o que é essencial no processo de construção do Eu. Conforme Damergian (2001), o ambiente social é internalizado pelo ser humano, ou ainda, como descreve Safra (2004), só existe realização pessoal quando o sujeito está em harmonia com o meio social, com outras pessoas.

Para que o sujeito se perceba dentro do meio social é necessário a interação com o outro. Günther (2003), destaca que a identidade se constitui não somente nas relações sociais, mas também nas inter-relações que se estabelecem com os lugares que se tornam significativos em nossa vida. Desta forma, o ambiente físico se constitui parte integrante do desenvolvimento do ser humano, e os lugares são fundamentais na formação da nossa identidade, ou ainda, da nossa subjetividade.

#### **2.2.4 A identidade de lugar**

A identidade de lugar aqui deve ser encarada por meio de uma metodologia, na qual os significados dos símbolos conforme a convivência com o meio social, gera o ser social. Neste sentido, Strey (1998) descreve que o ser humano vive do contexto histórico social através dos seus acertos e erros, seus modos e alternativas. A identidade individual se constrói a partir da interação do sujeito com o meio social, diferenciando-se a identidade individual da identidade social, onde os códigos que os identificam são subdivididos, identificados como: “identidade pessoal (atributos específicos do indivíduo) e identidade social (atributos que assinalam a pertença a grupos ou categorias); essa última ainda recebe predicativos mais específicos como identidade étnica, religiosa, profissional, etc.” (STREY, 1998, p. 161).

A formação da identidade pode se dar em várias dimensões: a identidade do eu, segundo a Psicologia (DAMERGIAN, 2001); a identidade de papéis, conforme

a Sociologia (CASTELLS, 2000); a identidade cultural (CLAVAL; PIMENTA, 2001; HALL, 2005); a identidade de projeto, segundo a Sociologia (FOLLMANN, 2001); e a identidade de lugar, segundo a Psicologia Ambiental (CLAVAL; PIMENTA, 2001; GONÇALVES, 2010).

De acordo com Mourão e Cavalcante (2011), a identidade de um sujeito não é algo fixa, sofre alterações e se constrói através da vivência do sujeito com o meio social em que está inserido. Segundo Carvalho (2016, p. 1), ocorre “a partir de suas vivências, envolvendo comportamentos cognitivos, materiais e atos de investimento emocional, tendo em vista a satisfação de suas necessidades e desejos”.

O local onde a pessoa vive, influencia diretamente no sujeito, sendo de suma importância para a construção de referências, bem como da identidade individual que é construída ao longo da vida (CARVALHO, 2016). Assim, a Psicologia Ambiental sendo uma ciência que estuda as relações entre o ambiente e as pessoas, zela pela “identidade de lugar” e pela “identidade social”, principalmente em estudos específicos de vinculação ao ambiente (MOURÃO; CAVALCANTE, 2011).

Desta forma, a formação da identidade de lugar é consequência da assimilação do lugar, através das vivências dentro deste ambiente. “É compreendida como o sentimento de possuir e gestionar um espaço por uso habitual ou por identificação, abarcando os espaços físicos, sociais, psíquicos e culturais” (GONÇALVES, 2007, p. 28-29).

Para Jerônimo e Gonçalves (2013), apropriação do espaço tem como identificador o aparecimento da identidade de lugar dos indivíduos e das comunidades. As relações sociais, culturais e históricas que se oferecem no mundo simbólico e concreto, vão se constituindo no contexto no qual o sujeito é construído. Entende-se que o sujeito é construído no seu contexto, que ajuda a tecer um circuito que submerge o espaço físico social e os lugares mais íntimos, mais expressivos.

De acordo com Jerônimo e Gonçalves (2013, p. 118), “a identidade de lugar (*place identity*) é caracterizada pelas lembranças de imagens, sentimentos, valores e atitudes que fazem parte de suas vivências com os lugares e com o seu próprio eu. É o reconhecer-se no espaço”. A psicologia ambiental, ao discutir a ligação que as pessoas estabelecem com lugares geográficos, fez uso do conceito de identidade, articulando-o às noções de lugar e apego (*attachment*), empreendendo estudos sobre identidade de lugar (*place-identity*) e de apego ao lugar (*place attachment*). Essa linha de pensamento iniciou-se com Proshansky.

Arcaro e Gonçalves (2012, p. 54), ressaltam que “na teorização sobre identidade e conceito de self, inexistiu uma discussão sobre o papel do ambiente físico”. Sugeriram, por este motivo, o conceito de identidade de lugar, que Günther e Rozestraten (2005, p. 02), mencionam sendo “teoricamente concebido como aglomerados de cognições com valência positiva e negativa dos ambientes físicos”.

Para Mead (*apud* CASAGRANDE, 2014), o self é a compreensão reflexiva de si mesmo, e é constituído nos processos de socialização e na internalização das estruturas simbólicas subsequentes à comunicação. Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983), afirmam que a Identidade de Lugar é uma subestrutura do self: a autoconsciência subjetiva de uma pessoa se define também pelo relacionamento dela com os diversos cenários físicos que estruturam a sua vida cotidiana - como a casa ou o local de trabalho. Compreende-se, portanto, que a formação da identidade de lugar é um processo dinâmico, influenciado pelas experiências vivenciadas, pelas relações sociais e pelos processos de apropriação das pessoas com os espaços físicos. “Identidade de lugar é uma estrutura complexa constituída por atitudes, valores, crenças e significados referentes à relação psicológica que estabelecemos com os espaços físicos” (GÜNTHER; PINHEIRO; LOBO, 2004, p. 3).

Conforme Alencar e Freire (2007), o lugar é um subsistema da identidade do eu, cuja particularidade consiste na descrição e socialização da pessoa com o mundo físico. Neste sentido, a identidade do eu acolhida pela Psicologia Ambiental é reelaborada e reproduzida a cada relato que o sujeito faz de si e de seu entorno, remetendo-o à sua história de vida e à história do entorno ao qual pertence. Partindo deste pressuposto, os autores destacam ainda “a possibilidade da escuta, através das narrativas da história de vida, da diversidade subjetiva responsável pela construção de um ambiente sócio histórico; o que por vezes, é desprezado nas definições das identidades totalizadoras comuns nas psicologias” (ALENCAR; FREIRE, 2007, p. 319).

De acordo com Carvalho (2016, p. 1), “a identidade de lugar tem como função principal a criação de um cenário interno que sirva de sustento e proteção à auto identidade”. Mourão e Cavalcante (2011), descrevem este cenário como sendo a base pela qual acontece as alterações na identidade, ou seja, através das transformações no ambiente.

Todavia, os cenários físicos mudam em sua capacidade de satisfazer necessidades e desejos, assim como o ideal interno de cenário físico do

sujeito muda com seu ciclo de vida e seus interesses. Da mesma forma, o ambiente externo também pode se modificar, exigindo do sujeito um novo esforço de apropriação e identificação. Numa sociedade em constante mudança é importante ter em mente os efeitos dessas transformações sobre a identidade de lugar dos indivíduos, como também sobre a forma com eles percebem seu entorno e o vivenciam (CARVALHO, 2016, p. 1).

Na Psicologia Ambiental, a identificação com o ambiente gera sentimentos de bem-estar e de intimidade do sujeito com o meio ambiente, que “na construção da identidade, existem dimensões e características do entorno físico que são incorporadas pelo sujeito por meio da interação com o ambiente” (GONÇALVES, 2007, p. 70).

Carvalho (2016, p. 1), descreve que “os vínculos emocionais com os grupos sociais do meio físico onde o sujeito está inserido, são de suma importância na formação da identidade de lugar”. Mourão e Cavalcante (2011), destacam que este espaço é caracterizado a partir do momento que o indivíduo realiza suas vivências, conforme a sua intensidade e o tempo destinado a elas, passando a adquirir valor sentimental.

Para Lopes e Bastos (2002), o presente, o passado e o futuro (sonhos a serem almeçados), estão interligados ao meio social que o sujeito está inserido. A Psicologia Ambiental está relacionada ao meio social concreto, as vivências concretas dos indivíduos. Assim, Arcaro e Gonçalves (2012, p. 55) elucidam que “nele, o sujeito trabalha, constrói sua casa, faz sua poética, constrói laços, apega-se, sente-se pertencente a um lugar, sonha, transforma”. De tal modo, “o conhecimento do entorno se faz pelos pés e pela cabeça; por nossos braços, nossas pernas” (GONÇALVES, 2004, p. 19).

Vale ressaltar, que se experimenta não somente a realidade física e construída dos espaços, mas um conjunto de significados sociais e simbólicos ligados a eles. Além disso, nos identificamos e construímos a noção de quem somos com base nos espaços que habitamos ao decorrer da vida. Os espaços físicos por onde passamos possuem um papel tão importante quanto as relações interpessoais na configuração do self (PROSHANSKY; FABIAN; KAMINOFF, 1983).

A identidade de lugar, segundo a geografia cultural, é dada pela relação das pessoas com os lugares com o qual constroem sentidos e significados que as marcam por toda vida. Os espaços transformam-se em lugares que transmitem segurança, conforto, estabilidade e proximidade (TUAN, 1983). O elo afetivo que há

entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico é denominado topofilia (MUNTANÕLA, 1996). “Esse sentimento de afetividade não é a emoção mais forte que o sujeito experimenta, mas quando isso ocorre é porque o meio ambiente ou o lugar conduz a emoções fortes, sendo percebido como um símbolo pela pessoa” (MUNTANÕLA, 1996, p. 43). Tuan acredita que a topofilia pode ser despertada pela familiaridade. “Dessa forma, como somos capazes de nos afeiçoar aos nossos pertences pessoais, que podem ser entendidos como uma extensão da nossa personalidade, com o decorrer do tempo, o sujeito deposita parte de sua vida não somente no seu lar, mas também no seu bairro” (TUAN, 1983, p.148).

O que ocasiona o apego do sujeito ao lugar onde este está inserido está correlacionado a seus sentimentos, que são obtidos através do cenário físico, das experiências e expectativas que o sujeito teve com o local (BROWN e PERKINS, 1992; GIULIANI, 2004; SHUMAKER e TAYLOR, 1983 *apud* FELIPPE; KUHNNEN, 2012). Felipe e Kuhnen (2012, p. 610), mencionam que “ao discutir sobre o conjunto de cognições de valência positiva e negativa elaboradas pelos sujeitos acerca do espaço físico, cognições estas a que chamaram identidade de lugar”. Desta forma, Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983, p.76) ressaltam que a afeição ao lugar “indubitavelmente ocorre naqueles indivíduos cuja identidade de lugar envolve cognições positivamente valorizadas de uma ou alguma combinação desses contextos, que de longe pesam mais que o número de cognições negativamente valorizadas”.

A psicologia ambiental, segundo Alencar e Freire (2007), contempla essa abertura do ambiente para o outro. A pessoa estabelece um vínculo afetivo com o ambiente. “As pessoas unem-se a objetos de maneira peculiar. Assim como investem afeto nas relações de amizade, destinam a objetos afetos e valores que vão além daqueles traduzidos em valores pecuniários” (LOPES; BASTOS, 2002, p. 78).

O apego ao lugar é um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento da identidade da pessoa, ou seja, há lugares que têm um grande valor simbólico para o sujeito. “A identificação com o local promove a capacidade de se vincular afetivamente a este, promovendo o apego ao lugar” (LIMA; BOMFIM, 2009, p. 445).

Arcaro e Gonçalves (2012, p. 40), destacam que o lugar possui um significado para a pessoa que o agrupa a sua identidade, ou seja, “na construção da identidade, existem dimensões e características do entorno físico, que são incorporadas pelo sujeito por meio da interação com o ambiente”. Nesse sentido,

Gonçalves (2007),<sup>7</sup> relata que a identidade de lugar possui elementos característicos do “eu” do sujeito, traçado em um sistema de ideias tanto consciente como inconsciente, de seus valores, metas, sentimentos, prioridades, habilidades e intenções.

Diante deste conjunto de ideias que residem no consciente e no inconsciente dos seres humanos é imprescindível mencionar conceitos de enraizamento e emoções e afetividade ambiental, que estão intrinsecamente relacionados e são discutidos pela Psicologia Ambiental. Por tratar da relação pessoa/ambiente enquanto casa e o desejo desta pessoa de apropriação do espaço onde vive, a ele conferem importância as suas origens interiorizando sensação de segurança, elementos que remetem as suas raízes criando vínculo com o ambiente. Thibaund (2018, p. 14), sinaliza que “se a ambiência nos envolve e se nela imergimos, ela requer necessariamente uma percepção do interior que questiona a possibilidade de retirada do sujeito do meio do qual ele se inscreve”.

### **2.2.5 Enraizamento, emoções e afetividade ambiental**

Enraizamento se traduz em um estabelecimento de vínculo entre a identidade psicossocial e o sócio ambiente. Ao tratar-se de enraizamento nas questões socioambientais, abarca-se os espaços temporais que abrangem a cultura, a história e a memória coletiva de um povo (MASSOLA; SVARTMAN, 2018, p. s/n). Embora seja um termo utilizado na Psicologia Ambiental, ainda suscita discussões porque atribui-se sentidos como:

Habitação por longo tempo em um lugar; [...] sentimentos de estar “em casa” em algum lugar; [...] familiaridade que provém da frequência recorrente a um lugar; [...] forma não consciente de vínculo com um lugar que é sentido como a casa e o lar; [...] relação com o passado e a tradição do grupo ou do povo que fundamenta o sentido de identidade pessoal (MASSOLA; SVARTMAN, ANO, p. s/p).

Percebe-se que os elementos citados compõem o denominado enraizamento, estabelecendo uma profunda relação com o lugar. O termo carrega várias acepções especificando formas de entrelaçamento de tempo e espaço no sócio ambiente como:

**Habitação por longo período em um mesmo lugar** - Quando Tuan (1980, p. 4), enfatiza que “objetivamente, enraizamento é longa habitação em uma localidade”.

**Estar em casa** - O sentimento de “estar em casa” é defendido como característica essencial para muitos autores como Bacharelad, a casa é uma das maiores (forças) para a integração e pensamentos, as lembranças e os sonhos do ser humano.

**Familiaridade que provém da frequência recorrente a um lugar** – autores aludem que a casa exige um lugar que produza familiaridade resultando em enraizamento. Tuan (1980, p. 158), exemplifica apropriadamente a ideia de lar: “Ao final do dia, o escriturário veste seu paletó e se prepara para regressar à casa”.

Uma forma não consciente de vínculo com um lugar, sentido como a “casa” ou o “lar” explica o que propõe Tuan (1980, p. 6) onde o “enraizamento é um estado de existência irrefletido no qual a personalidade humana funde-se com seu meio”.

**Relação com o passado e a tradição do grupo ou do povo que fundamenta o sentido de identidade pessoal** – A história ou a tradição possibilita sustentar a identidade coletiva e, conseqüentemente, uma identidade pessoal que traga sentido a existência do povo ou do indivíduo. Tuan (2013, p. 228), ilustra bem esta característica quando diz que o resgate do passado também tem elementos para “fortalecer os sentidos do eu em situações de ameaça à identidade psicossocial”.

Estas informações acerca do enraizamento remetem novamente a Günther (2005), quando destaca que a Psicologia Ambiental estuda as relações recíprocas entre fenômenos da Psicologia, como comportamentos e estados subjetivos. Nesta direção cabe mencionar que o desenraizamento é o oposto do enraizamento sendo algo indesejável. Vale lembrar que o enraizamento surge na década de 1970, nos Estados Unidos, quando como movimento buscavam o estabelecimento de uma harmonia e apego ao lugar em detrimento de uma cultura nacional compartilhada (TUAN, 1980).

A temática enraizamento suscita as categorias emoções e afetividade ambiental, estando intrinsecamente relacionada à questão pessoa-ambiente (dimensões físicas e simbólicas), passíveis de investigações. Emoções podem ser mediadoras de integração da realidade imediata e dos processos imaginativos do pensamento. As emoções mais básicas elencadas por Ekman (2011) são: medo,

alegria, nojo, raiva, tristeza; de caráter social são: o orgulho, a culpa e a vergonha (BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018).

Os sentimentos são afetos mais duradouro e criados pelos indivíduos. Diante do exposto, emoções e sentimentos são partes vinculadas ao espaço e ao lugar.

Na perspectiva do simbolismo o espaço, o lugar é visto como um território emocional, tornando-se, portanto, uma dimensão na construção dos significados e na extensão da subjetividade dos indivíduos. as emoções podem ser muito uteis para a avaliação e transformação dos ambientes em sua dimensão ética quando se criam espaços de interesse e necessidades coletivas, e mesmo quando se propicia a concretização de comportamentos ecologicamente responsáveis (BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018, p. s/n).

Depois da cognição, a Psicologia se voltou à compreensão das emoções e ao contrário de Descartes, afirmou que existimos porque sentimos; não porque pensamos, como disse o filósofo (DAMÁSIO, 2012). Estudos revelam que embora a importância dada ao papel das emoções na questão ambiental ainda são poucos os estudos a este respeito. Estão entre os primeiros trabalhos relacionando emoções e o ambiente físico, os autores Russel e colaboradores (1977). Os autores identificaram três dimensões semânticas: prazer/desprazer; excitação/não excitação e dominância/subserviência (RUSSEL; MEHRABIAN, 1977). A seguir descreveram dois pressupostos: 1) Todo ambiente físico provoca emoções; 2) A avaliação afetiva do lugar influencia a escolha de onde ir e o que explorar no ambiente. Ressaltam também que o lugar altera o estado emocional do indivíduo e ocorre com base em uma “avaliação afetiva” (RUSSEL; LANIUS, 1984). Desse modo, os efeitos das emoções no comportamento e nos estados subjetivos podem desencadear gatilhos, incluindo o comportamento pró-ambiental (BISSING-OLSON, 2015). De fato, há relação entre emoções e o ambiente diante dos problemas ambientais, como ameaças ao ambiente físico, provocando medo e necessidade de *coping* ou retirada desse estímulo, não favorecendo o comportamento pró-ambiental. Há emoções sintonizadas com a conexão afetiva com a natureza; bem como emoções morais relacionadas às ações sociais.

Emoções positivas e negativas influenciam no comportamento ambiental e o impacto físico na experiência sensorial. Bissing-Olson, Fielding e Iyer (2016), indicam que a melhor forma de investigação voltada ao comportamento ambiental é

por meio de emoções específicas, listadas por Ekman (2011): medo, alegria, nojo, raiva, tristeza.

A discussão acerca do enraizamento, emoções e afetividade ambiental exige cuidadosa leitura diante da complexidade de seu significado, capaz de provocar sensações diversificadas no sujeito, sobretudo nas questões propriamente turísticas, já que não se refletem exclusivamente em aspectos positivos.

### 2.3 JUNG E O IMAGINÁRIO COLETIVO

A Psicologia Junguiana ou Psicologia Analítica foi desenvolvida pelo psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1875-1961). Seu diferencial é dado pelo foco no papel das experiências simbólicas na vida humana. Segundo Bertrand (2019, p. 01), “isso significa que, embora a história da vida de uma pessoa seja de grande importância para a compreensão das circunstâncias atuais, as circunstâncias atuais podem conter bases de toda a humanidade”. Esta abordagem não despreza os caracteres biopsicossociais do desenvolvimento e crescimento do sujeito em detrimento do simbólico. Pelo contrário, integra-os.

Para Jung (2011, v. 5, par. 170), “a natureza reflete tudo que existe em nosso inconsciente”, como se o ambiente ecológico (ativo, possível, sistemático, homeostático, construtor e destruidor) funcionasse em nosso sistema psíquico. A Psicologia Analítica visa, acima de tudo, “romper com as muralhas que nos separam da natureza que há em nós” (JUNG, 2011, v. 8/2, par. 739). Ao longo de toda a sua pesquisa científica, Jung explanou a necessidade do ser humano de se realizar, que incide no ato de se tornar a si mesmo, o que chamou de individuação.

Na busca por compreensão dos símbolos na vida do ser humano, Jung utilizou-se de suas experiências pessoais (suas fantasias e sonhos), com o intuito de fazer uma compreensão destes e seus sentidos na existência de cada pessoa. Desta forma, para Jung, sonhos são “[...] fantasias inconscientes, evasivas, precárias, vagas e incertas do nosso inconsciente” (JUNG, 1964, p. 25).

De acordo com Freire, Marques e Debatin (2016, p. 03), Jung “encontra nos sonhos um vasto campo de exploração para investigar a faculdade de simbolização do homem”. As imagens simbólicas e os sonhos possuem um emprego muito acentuado na construção da psique da personalidade global de um sujeito.

Reúnem conteúdos profundos e conhecimentos que estão ocultos no inconsciente, que para alguns cientistas da modernidade os esqueceram em grande parte.

A Psicologia Analítica Junguiana tem como conceitos principais a ideia de Complexos, Arquétipos, Teleologia, Autorregulação, Compensação, o Ego, o Self ou o si mesmo, Individualização, a Sombra, os Tipos e Funções Psicológicas, os Sonhos, Espiritualidade e Religião, a Relação, Inconsciente pessoal e Inconsciente Coletivo (JUNG, 1964). A psicologia analítica de Jung será aqui abordada fazendo correlações com o imaginário coletivo.

Assim, para que seja compreendida a origem do imaginário, Jung (2000) discute três níveis existentes na psique de cada indivíduo: o primeiro nível seria o consciente, o sistema que mantém contato com o interior e o exterior. Na consciência estão presentes a percepção, a identidade, a memória, a atenção e o raciocínio, ou seja, elementos cognitivos e emocionais. As pessoas tendem a ter consciência apenas de uma parte de sua vida psíquica, mais relacionada ao que está no consciente. Já no segundo nível encontra-se o inconsciente, dividido em duas partes.

Na primeira parte, mais superficial, está o inconsciente pessoal representado pelas ideias e sentimentos reprimidos, ao qual correspondem os complexos de tonalidade emocional. O inconsciente pessoal também corresponde à figura da sombra, que frequentemente aparece nos sonhos (FIALHO; NAKAYAMA; SILVEIRA, 2009). Conforme Freire, Marques e Debatin (2016, p. 03), para Jung “o sonho é considerado uma representação simbólica do estado da psique e mostra os conteúdos da psique pessoal (os complexos) sob uma forma personificada ou representacional, como pessoas, objetos e situações que refletem os padrões mentais”.

Na segunda parte está o inconsciente coletivo, concebido em uma camada mais profunda do nível inconsciente. O inconsciente coletivo possui conteúdos e comportamentos compartilhados pelos seres humanos, uma espécie de herança humana sendo os mesmos em qualquer parte e em todos os sujeitos. Dito de outra forma, “são idênticos em todos os seres humanos, constituindo um substrato psíquico comum de natureza psíquica supra pessoal que existe em cada indivíduo” (JUNG, 2000, p.15). É aqui onde se encontra o imaginário coletivo.

Freire, Marques e Debatin (2016, p. 03), ressaltam que “o inconsciente coletivo tem muito em comum com o conceito de espírito de grupo e traz em sua bagagem conteúdos inatos, ou seja, encontrados em todos os seres humanos”. Os

autores descrevem estes como sendo herdados e incluem costumes coletivos, os quais nunca estiveram na consciência ou mesmo foram adquiridos.

Jung chamou estes conteúdos de arquétipos, isto é, configurações pré-existentes (JUNG, 2000, p.15).

Mencionamos anteriormente o fato de o inconsciente conter as duas camadas: uma pessoal e outra coletiva. A camada pessoal termina com as recordações infantis mais remotas; o inconsciente coletivo, porém, contém o tempo pré-infantil, isto é, os restos da vida dos antepassados. As imagens das recordações do inconsciente coletivo são imagens não preenchidas, por serem formas não vividas pessoalmente pelo indivíduo. Quando, porém, a regressão da energia psíquica ultrapassa o próprio tempo da primeira infância, penetrando nas pegadas ou na herança da vida ancestral, aí despertam os quadros mitológicos: os arquétipos (JUNG, 1980, p. 69).

Assim, Freire, Marques e Debatin (2016) relatam que Jung encontrou exemplos cíclicos nos mitos e sonhos, que indicavam a vivência de arquétipos inconscientes, os quais foram explanados como uma forma de memória coletiva herdada.

O arquétipo é uma espécie de aptidão para reproduzir constantemente as mesmas ideias míticas; se não as mesmas, pelo menos parecidas. Parece, portanto, que aquilo que se impregna no inconsciente é exclusivamente a ideia da fantasia subjetiva provocada pelo processo físico. Logo, é possível supor que os arquétipos sejam as impressões gravadas pela repetição e reações subjetivas (JUNG, 1980, p. 62).

Freire, Marques e Debatin (2016, p. 04), mencionam que “o arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta”.

Neste sentido, “o conceito de *"archetypus"* só se aplica indiretamente às *représentations collectives*, na medida em que designa apenas aqueles conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos a qualquer elaboração consciente” (JUNG, 2000, p. 17). Entretanto, o que “Jung chama de arquétipo assemelha-se àquilo a que Durkheim chamou de representação coletiva” (FREIRE; MARQUES; DEBATIN, 2016, p. 04).

De acordo com Durand (2012), o imaginário constitui o conjunto de imagens e das relações de imagens que estabelece o capital pensado do Homo sapiens, todas as imagens passadas, produzidas ou que sejam possíveis de serem produzidas.

Sendo o arquétipo uma imagem que pertence a toda a humanidade e não apenas de maneira exclusiva a um indivíduo, constitui um órgão anímico presente em cada um (JUNG, 2000).

Segundo Silveira, Costa e Pereira (2020 p. 06), “o inconsciente coletivo de Jung é a fatia mais profunda, que representa um aspecto antropológico, o qual preferencialmente classifica como inconsciente específico”, que se relaciona com a formação psicológica de um ser social, por meio de diagramas arquetípicos ocasionando imagens arquetípicas (DURAND, 2004). O inconsciente coletivo, que refugia o imaginário, não vem a ser uma mera questão especulativa, ou mesmo filosófica, mas sim uma instância que guarda o segredo de nossa espécie, que demonstra direcionamento do comportamento humano e sua essência pela intuição e simbolismo (JUNG, 2000).

Conforme Gasparello (2006, p. 08), para Jung “existe uma ligação entre os seres humanos que os unem à sua cultura e a um passado cultural longínquo”. A autora destaca que o inconsciente não é apenas individual, mas sim “coletivo, cultural, histórico e universal”. Podendo ser percebido como a “a mãe criadora da consciência”, ou seja, “a partir do inconsciente é que se desenvolve a consciência” (JUNG, 2002, p. 120).

Ainda, o imaginário não é alimentado apenas por coisas vividas e antigas, ele também guarda novos conceitos e descobertas, jamais vistos ou vivenciados. Para que se possa ter uma noção, quando ocorre para nós a expressão “há alguma coisa no ar” é um manifesto do nosso inconsciente trabalhando em algo inesperado, em uma resposta jamais alcançada. É uma nova possibilidade do novo, um conteúdo a ser explorado e integrado, guardado dentro de nós (JUNG, 1977).

Na concepção junguiana, o individual e o social, o pessoal e o universal, embora distintos, constituem polos interligados, caracterizam um movimento inter-relacionado. No entanto, “os fatores universais sempre se apresentam em forma individual, uma consideração plena dos mesmos também produzirá um efeito individual, que não poderá ser superado por outro e muito menos pelo individualismo” (JUNG, 1978, p. 50).

Jung (2000, p. 134) afirma que a cultura, como expressão do interesse coletivo, define o papel que o sujeito exercerá no meio – Persona – “uma máscara que aparenta uma individualidade procurando convencer aos outros e a si mesma sendo individual, quando na realidade não passa de um papel ou desempenho através do

qual fala a psique coletiva”. A cultura reafirma o que já é definido pelo próprio grupo, criando para cada sujeito o seu caminho de conforto e segurança (FREIRE *et al.*, 2008, p. 2). A cultura reprime progressivamente o que há de animal na pessoa por meio do processo de domesticação. No entanto, esse processo faz emergir a natureza animal que se encontra sedenta de liberdade (JUNG, 1980, p. 18).

Entende-se que cada cultura “molda” a pessoa conforme seus parâmetros. Isto significa que se olha para a “realidade” criada pela cultura. Esta pode ser percebida como o conjunto de paradigmas coletivos, como um campo de memória acessado pelos seus participantes quantas vezes forem necessárias, em qualquer tempo e lugar. (FREIRE *et al.*, 2008, p. 2) Sendo assim, como a pessoa pode se aproximar de “si própria”, se a força da memória coletiva impõe a ela valores a serem seguidos independentemente do que o “eu é”?

De acordo com Jung (2000, p. 31),

O encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra. A sombra é, no entanto, um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exiguidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo. Mas para sabermos quem somos, temos de conhecer-nos a nós mesmos [...]

O conhecimento de si se traduz no processo de individuação, isto é, maneira pela qual cada um vem a ser o que realmente é (FIALHO; NAKAYAMA; SILVEIRA, 2009). Este processo é um olhar para dentro de si, um despertar, pois quem olha para fora sonha e quem olha para dentro desperta, como diz Jung. Para tal, precisa-se levar em consideração o fato de os arquétipos estarem de acordo com a história de vida das pessoas e os significados para cada uma delas.

Jung manteve durante sua vida uma profunda conexão e respeito com a natureza e ressaltou a necessidade do ser humano em encontrar-se com a natureza que habita também seu ser. Sua obra possui um caráter ecológico que pode ser percebido nas inúmeras citações que faz da natureza e do uso constante de observações naturais para fundamentar tendências psicológicas (DUARTE, 2017).

O conceito de individuação, fundamental à psicologia analítica, não se refere ao individualismo, mas ao processo natural de encontro com sua natureza, de tornar-se quem é, como o processo pela qual uma árvore se torna uma árvore (JUNG, 2016).

Nesse sentido, Jung “defendia a livre expressão do psiquismo e o rompimento com tudo aquilo que condiciona e aliena o comportamento natural”, uma vez que a deturpação do psiquismo natural gera adoecimento (DUARTE, 2017, p. 6). Na concepção junguiana, a neurose surge a partir do conflito entre natureza e cultura, quando o indivíduo nega, reprime ou desconhece aspectos de sua natureza. A neurose, portanto, surge como um processo de auto cura da natureza, que busca levar o indivíduo à individuação (DUARTE, 2017).

## 2.4 ESPAÇO, TERRITÓRIO E LUGAR

### 2.4.1 Espaço

O conceito de espaço é amplo, é complexo e demanda um conjunto de componentes como se apresentará neste tópico.

Segundo Santos (2000), o espaço destaca-se como um conjunto de objetos e ações. Por meio das tecnologias o espaço está em constante transformação. Nogueira (2009) explana sobre os processos de apropriação e a produção constante que os humanos imprimem no espaço, destacado como elemento de importância na constituição do ser. É no espaço que a humanidade estampa suas marcas, constitui suas relações de poder e de subsistência.

O espaço se caracteriza como uma categoria fundamental da Geografia, incluindo em sua categorização área, região, lugar, habitat, território, população, paisagem, entre outros. Faz o intermédio nas relações que ocorrem entre o sujeito e os objetos, ou seja, o espaço é o que resulta da ação humana sobre este mesmo espaço (SANTOS, 1997). Santos (1997, p. 72), argumenta que “o espaço resulta do casamento da sociedade com uma paisagem. O espaço contém o movimento. Por isso, paisagem e espaço são um par dialético. Complementam-se e se opõem”. Mais à frente, o referido autor continua: “o espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida palpita conjuntamente com a materialidade” (SANTOS, 1997, p. 73). O espaço é um aglomerado de formas, que contém frações da sociedade em movimento.

Tuan, refletindo sobre o espaço lhe emprega maior valor abstrato do que ao lugar. “O que começa como espaço, indiferentemente, transforma-se em lugar à medida que reconhecemos melhor e adotamos valor a ele” (TUAN, 1983, p. 6). Santos

(2000) argumenta que as histórias são escritas dentro do espaço. No entanto, a história também não pode ser tomada por si só, pois precisa ser entendida de forma indissociável, através de sua espacialidade. Um espaço em si, nos estudos de Góis (2005), se institui em um lugar quando é afetivamente investido de significações. “Transformar espaços em lugares é identificar-se, é transformar estes espaços em algo que reflita a identidade de um grupo ou de uma comunidade” (GÓIS, 2005, p.104).

O território, por sua vez, abriga elementos materiais e naturais trazendo identificação aos moradores locais.

#### **2.4.1 Território**

O território pode ser definido como um conjunto de lugares e objetos materiais e naturais com os quais as pessoas se relacionam, entram em sintonia, identificam-se. Santos (2000), vai além dessa configuração conceitual, pois para ele:

[...] o território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também um dado simbólico. A linguagem regional desse mundo de símbolos, ajuda a criar esse amálgama, sem o qual não se pode falar de territorialidade. Esta não provém do simples fato de viver num lugar, mas da comunhão que com ele mantemos (SANTOS, 2000, p. 61-62).

Para Raffestin (1993, p. 144), “o território se apoia no espaço, mas não é o espaço, é uma produção a partir do espaço. A produção de todas as relações que envolvem, se inscreve num campo de poder”. Lopes e Bastos (2002), afirmam que o território é uma reordenação do espaço na qual a ordem está em busca dos sistemas informacionais dos quais o ser humano enquanto pertencente a uma cultura. “O território, segundo sua concepção pode ser considerado como espaço informado pela biosfera” (LOPES; BASTOS, 2002, p. 38).

Conforme Sack citado por Lopes e Bastos (2002, p. 50), “a cultura, a tradição e a história mediam a mudança econômica, elas também mediam o modo como as pessoas e os lugares estão ligados, o modo como as pessoas usam a territorialidade e o modo como elas valorizam a terra”. Desta forma, a rotina diária das pessoas não está apenas envolvida em um espaço que pode ser esvaziado, abstrato e frio, sendo que o próprio ato de construir indica designar a elaboração de situações

de significações e afetos. Neste sentido, “o território como determinante do poder não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual experimentamos o mundo e o dotamos de significado” (LOPES; BASTOS, 2002, p. 38).

A conceituação para territorialidade faz referência ao sentimento de posse a certo espaço particular ou grupal, estando ou não direcionado à propriedade de forma judicial. A territorialidade leva a reivindicação do uso exclusivo de um local, a defender o mesmo, o que ocasiona para os outros sujeitos a compreensão e o reconhecimento da área ocupada por alguém. (MARTINEZ-TORVISCO, 1998 *apud* ELALI, 2009).

Como a territorialidade humana se manifesta em diferentes escalas ambientais e temporais, na definição de seu alcance físico são utilizados marcadores culturalmente reconhecidos, como são os muros e cercas no caso de terrenos em área urbana, os objetos pessoais que personalizam a escrivaninha de um escritório, o caderno e caneta deixados sobre uma carteira escolar, entre outros (ELALI, 2009, p. [7]).

Santos (1997, p. 34), se refere à geografia como a “ciência dos lugares”, presumindo que os lugares podem continuar os mesmos, porém o processo histórico-cultural muda e traz atribuições novas aos lugares.

[...] para mim, a terra natal não é exatamente o lugar onde nossos mortos estão enterrados; é o lugar onde temos nossas raízes, onde possuímos nossa casa, falamos nossa linguagem, pulsamos os nossos sentimentos mesmo quando ficamos em silêncio. É o lugar onde sempre somos reconhecidos. É o que todos desejamos, no fundo do nosso coração: sermos reconhecidos e bem recebidos sem nenhuma pergunta (SIEGFRIED LENZ, 1985 *apud* SANTOS, 2000, p.69).

Postas estas definições de espaço e território, cabe conceituar o lugar que é identificado como um processo subjetivo do indivíduo.

#### **2.4.2 Lugar**

O lugar é o espaço das vivências grupais, das atividades diárias, o ambiente reconhecido por quem o habita. “É um ambiente carregado de afetividade, pontilhado por artefatos sociais ou objetos naturais que servem como pontos de

referência evocando memórias pessoais. O lugar é uma parte essencial da identidade dos que o habitam” (MAGNOLI; ARAÚJO, 2005, p. 24).

Tuan vê o lugar como centro ao qual se atribui valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas relacionadas à água, ao descanso, à alimentação e à procriação. “Os significados e as organizações atribuídas pelo homem ao espaço e ao lugar têm relação com fatores culturais, e estes próprios da espécie humana” (TUAN, 1983, p. 95). Para o autor, a mudança de lugar para espaço pode ser promovida por questões de vergonha ou de dor. Os espaços vão tornando-se lugares após demoradas experiências, pois lugar é sinônimo de segurança, de liberdade que será sentida quando se apega ao lugar.

Há que se destacar que espaço e lugar são temáticas bastante pesquisadas por Tuan (1980, p. 107), o qual chegou a criar a expressão “topofilia” para descrever o sentimento de pertença do sujeito ao ambiente, defendendo em um sentido mais amplo seus laços afetivos com o espaço e os lugares. As respostas ao espaço podem ser de ordem estética, tátil, representadas no ato de “sentir o ar, a água e a terra”. Mas também, podem ser permanentes como “os sentimentos que as pessoas têm para com os lugares, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida” (TUAN, 1980, p. 107).

Assim, “espaço e lugar não podem ser definidos um sem o outro. Espaço é algo que permite movimento, lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar” (TUAN, 1983, p. 6). Em geografia, “o conceito de lugar designa os espaços familiares, que fazem parte da nossa vida. O nosso lugar nos dá identidade própria e nos permite estabelecer relações com lugares diferentes no resto do mundo” (ALMEIDA; RIGOLIN, 2007, p. 8).

Santos (2000) discorrendo acerca do lugar, o revela como sendo constituinte do valor dado ao sujeito. Cada pessoa ao experimentar os lugares nos diversos papéis que desempenha no seu cotidiano, vai delineando também o seu valor social. O sujeito produtor, cidadão, consumidor, estudante, proprietário, empregado, vai ocupando os lugares e sendo mais ou menos valorizado por isto. Tanto o lugar quanto o sujeito têm sua valorização no dinamismo do contexto social, econômico, histórico e político. Em sua consciência politizada, Santos (2000, p. 123), aponta que: “o cidadão é um indivíduo num lugar. A República somente será democrática quando considerar todos os cidadãos como iguais, independente do lugar onde estejam”.

## 2.5 CONCEITOS DE DESENVOLVIMENTO E TURISMO

*“A ideia de desenvolvimento econômico é um simples mito.”  
(FURTADO, 1974, p. 75)*

Atualmente as cidades são o principal foco de investimentos por grandes corporações, tanto de capital estrangeiro como de capital internacional. David Harvey (2005), em sua obra “A Produção Capitalista do Espaço”, coloca enfaticamente essa questão. Desde o século XX e no início desse século XXI, se está vendo o capital internacional modernizando cidades no mundo inteiro, mas principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil, África do Sul, Chile, entre outros.

Vale destacar que muitos autores criticavam a visão de desenvolvimento que, de forma mais restrita, “o associavam ao crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), aumento de rendas pessoais, industrialização ou avanço tecnológico” (REYMÃO; CEBOLÃO, 2017, p. 90)

O desenvolvimento da indústria e padrões de consumo vem recebendo reflexões do ser humano sobre os efeitos deste processo no padrão da sociedade. No meio acadêmico o debate sobre o conceito de desenvolvimento é fértil, principalmente em relação à distinção entre desenvolvimento e crescimento econômico, considerando-se que muitos autores atribuem somente os níveis de renda como condição para alcançá-los, sem referirem-se à sua distribuição. Para Scatolin (1989, p. 24), “apesar das divergências existentes entre as concepções de desenvolvimento, elas não são excludentes. Na verdade, em alguns pontos elas se completam” (SCATOLIN, 1989, p.24).

Oliveira (2002) cita que o desenvolvimento nas suas diversificadas concepções, deve resultar do crescimento econômico juntamente com a melhoria da qualidade de vida. “As alterações da composição do produto e a alocação de recursos pelos diferentes setores da economia, de forma a melhorar os indicadores de bem-estar econômico e social (pobreza, desemprego, desigualdade, condições de saúde, alimentação, educação e moradia)” (VASCONCELLOS; GARCIA, 1998, p. 205).

A temática desenvolvimento econômico passa a ser abordada com maior ênfase depois da Segunda Guerra Mundial, cuja motivação foi resultado de fatores econômicos, políticos e históricos. Destacou-se como tema abordado por vários países, sobretudo os aliados que desejavam livrar o mundo dos problemas que os

afligiam e ainda perseguem as nações: guerra, desemprego, miséria, discriminação racial, desigualdades políticas, econômicas e sociais (SUNKELL; PAZ, 1988).

Esta posição adotada por muitos países demonstrou preocupação acerca dos anseios de progresso e de melhoria das condições de vida das nações. Foi tema abordado na primeira Declaração Interaliada de 1941, como na Carta do Atlântico que desejava seguridade econômica e social, e reafirmadas em tantas outras declarações e conferências do período pós guerra. Outro documento de grande valor acerca do debate sobre desenvolvimento deste mesmo período, foi a Carta das Nações Unidas de abril de 1945, na Conferência de São Francisco, mesmo ano em que foi criada em caráter oficial. Neste intento, 51 países buscavam a melhoria da qualidade de vida e elevação dos níveis de desenvolvimento em todos os âmbitos

Desde sua criação, a ONU está empenhada em: promover o crescimento e melhorar a qualidade de vida dentro de uma liberdade maior; utilizar as instituições internacionais para promoção do avanço econômico e social; conseguir cooperação internacional necessária para resolver os problemas internacionais de ordem econômica, social, cultural ou de caráter humanitário; e promover e estimular o respeito aos direitos humanos e as liberdades fundamentais de toda a população do globo, sem distinção de raça, credo, sexo, idioma ou cor. Com a ONU intensificaram-se os debates acerca do conceito e dos meios para se conquistar o desenvolvimento (OLIVEIRA, 2002, p. 39).

Outros documentos, programas e organismos especiais foram criados pelos países aliados e pela ONU visando auxílio aos países para tratarem dos problemas econômicos e sociais: Fundo Monetário Internacional, o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, o Acordo Geral de Tarifas e Comércio, o Programa das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, o Programa para a Educação, Ciência e Cultura, a Organização Mundial de Saúde, a Organização Internacional do Trabalho, cada um com função e instrumentos específicos de atuação com o mesmo objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas (OLIVEIRA, 2002). Embora todo este cenário de preocupação e efetivação de documentos, ainda se configure em controvérsias sobre conceitos de crescimento econômico e desenvolvimento. Os economistas buscam um modelo de desenvolvimento que envolva todas as variáveis econômicas e sociais (SCATOLIN, 1989).

Sob a ótica econômica, para Furtado (1961, p 115-116), desenvolvimento é aumento de renda real, ou seja, “incremento na quantidade de bens e serviços por

unidade de tempo à disposição de determinada coletividade.” Sandroni (1994), considera desenvolvimento econômico como crescimento econômico (incrementos positivos no produto) acompanhado por melhorias do nível de vida dos cidadãos e por alterações estruturais na economia. Milone (1998), cita que no desenvolvimento econômico deve-se observar ao longo do tempo a existência de variação positiva de crescimento econômico, medido pelos indicadores de renda, renda *per capita*, PIB5 e PIB *per capita*, de redução dos níveis de pobreza, desemprego e desigualdade e melhoria dos níveis de saúde, nutrição, educação, moradia e transporte.

Souza (1993), aponta a existência de duas correntes de pensamento econômico: o crescimento como sinônimo de desenvolvimento, e na segunda, que o crescimento é condição indispensável para o desenvolvimento, mas não é condição suficiente. Na primeira corrente estão os modelos de crescimento da tradição clássica e neoclássica, como os de Harrod e Domar, que envolvem três variáveis básicas para explicar o crescimento, que são: taxa de investimento; taxa de poupança e relação produto/capital. Esses economistas dizem que a taxa de crescimento é determinada pela propensão a poupar, que representa a parcela da renda não consumida, que servirá para o financiamento do investimento, multiplicada pela relação marginal produto/capital, que por sua vez, representa a variação do produto se aumentar uma unidade adicional de capital (VASCONCELOS; GARCIA, 1998).

Na segunda corrente encontram-se os economistas de orientação crítica, formados na tradição marxista (pensamento formado no modelo criado por Karl Marx que defende a supressão da exploração do homem por seu semelhante e a instalação do regime socialista), ou cepalina (refere-se aos economistas que seguem os ensinamentos da CEPAL – Comissão Econômica para América Latina e Caribe), que conceitua o crescimento como uma simples variação quantitativa do produto, enquanto desenvolvimento é caracterizado por mudanças qualitativas no modo de vida das pessoas, nas instituições e nas estruturas produtivas (OLIVEIRA, 2002).

O desenvolvimento, deve ser compreendido enquanto um processo de mudanças e transformações, sobretudo humana e social; é o crescimento cujos incrementos positivos no produto e na renda devem ser transformados para satisfazer as necessidades diversas do ser humano: saúde, educação, habitação, transporte, alimentação, lazer, dentre outras. Scatolin (1989), diz que essa visão começou a ser difundida, no final da década de 1940 pelos economistas estruturalistas (ligados à CEPAL), que passaram a encarar o desenvolvimento de maneira bem distinta do

crescimento. “Enquanto este era entendido como um processo de mudança ‘quantitativa’ de uma determinada estrutura, desenvolvimento era interpretado como um processo de mudança ‘qualitativa’ de uma estrutura econômica e social” (SCATOLIN, 1989, p.15).

Posto de forma breve alguns conceitos sobre desenvolvimento, cabe para atender aos objetivos deste estudo, apresentar algumas considerações sobre o desenvolvimento humano. Como cita Oliveira (2002), depois de buscar a promoção do crescimento econômico por décadas, já se sabe que este não é suficiente questionando-se como as pessoas são afetadas pelo processo de crescimento, ou seja, se os incrementos positivos no produto e na renda total estão sendo utilizados ou direcionados para promover o desenvolvimento humano.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) destaca:

O conceito de desenvolvimento humano é, portanto, mais amplo do que o de desenvolvimento econômico, estritamente associado à ideia de crescimento. Isso não significa contrapô-los. Na verdade, a longo prazo, nenhum país pode manter – e muito menos aumentar – o bem-estar de sua população se não experimentar um processo de crescimento que implique aumento da produção e da produtividade do sistema econômico, amplie as opções oferecidas a seus habitantes e lhes assegure a oportunidade de empregos produtivos e adequadamente remunerados. Por muito tempo foi esquecido que as pessoas são tanto os meios quanto o fim do desenvolvimento econômico. Por conseguinte, o crescimento econômico é condição necessária para o desenvolvimento humano [e social] e a produtividade é componente essencial desse processo. Contudo, o crescimento não é, em si, o objetivo último do processo de desenvolvimento; tampouco assegura, por si só, a melhoria do nível de vida da população. (PNUD, 1996, p.01)

A sociedade vem preocupando-se em como o desenvolvimento econômico afeta a qualidade de vida de toda a população. Em um período não muito distante, os países e regiões recebiam classificações sobre as variações do PIB, mas não mediam a qualidade de vida da população.

Sobre isso, Furtado (1974, p. 75) destaca que:

[...] a ideia de desenvolvimento econômico é um simples mito. Graças a ela tem sido possível desviar as atenções da tarefa básica de identificação das necessidades fundamentais da coletividade e das possibilidades que abrem ao homem os avanços da ciência, para concentrá-las em objetivos abstratos como são os investimentos, as exportações e o crescimento.

Embora de forma lenta, as mudanças foram acontecendo nessa forma de pensar, quando atualmente as pessoas e seu nível de vida estão se tornando o propósito final do desenvolvimento. Ou ainda, sobre possibilidades de acesso para

crianças e jovens à educação, à saúde, a uma moradia digna e desfrutar de uma longa vida produtiva que lhes permita manter uma família. Tudo isso em detrimento do saber simplesmente qual foi a variação do PIB do período anterior (PNUD, 1996).

Neste contexto, desde 1990 o desenvolvimento humano vem ocupando lugar central no debate sobre o desenvolvimento, ganhando o Relatório Mundial de Desenvolvimento Humano pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O referido relatório buscou uma condução diferente acerca da discussão sobre o desenvolvimento, centrando sua principal pergunta em “quanto se está produzindo, para como isto está afetando a qualidade de vida da população?” (OLIVEIRA, 2002, p. 46).

Para difundir essa ideia, a Organização das Nações Unidas passou a realizar conferências que abrangessem, direta ou indiretamente, as questões sociais<sup>2</sup>. A publicação do primeiro relatório sobre desenvolvimento humano trouxe debates sobre a eficiência das políticas de crescimento para promover o desenvolvimento humano. Ou seja, “o crescimento econômico carece de sentido, se não consegue promover em última instância o desenvolvimento humano [e social], entendido como a realização (ou satisfação) pessoal dos indivíduos de um país/região” (RODRIGUES, 1993, p. 20).

Para se chegar ao desenvolvimento humano faz-se necessário passar pela redução da exclusão social, caracterizada pela situação de pobreza e desigualdade, concentrando-se em uma melhor distribuição (OLIVEIRA, 2002).

Reportando-se a Reymão e Cebolão (2017), já citados anteriormente, tem-se a crítica acerca da visão de desenvolvimento associado ao crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), aumento de rendas pessoais, industrialização ou avanço da tecnologia. Tal visão é compactuada por Sen (2010), afirmando que o desenvolvimento só pode ser avaliado mediante confrontação com a melhoria das condições de vidas e das liberdades desfrutadas pelas pessoas, que as permitem vivenciar oportunidades de transformá-las em seres sociais mais completos.

---

2 A Cúpula Mundial da Infância (Nova Iorque, 1990), a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Rio de Janeiro, 1992), a II Conferência Internacional de Direitos Humanos (Viena, 1993), a Conferência Internacional sobre a População e Desenvolvimento (Cidade do Cairo, 1994), a Cúpula Mundial de Desenvolvimento Social (Copenhague, 1995) e a IV Conferência sobre a Mulher, Desenvolvimento e Paz (BEIJING, 1995).

Citando a obra de Amartya Sen, "O Desenvolvimento como Liberdade", (1999), que realiza uma análise do conceito de desenvolvimento, o autor contrapõe-se às visões que enfatizam e limitam os aspectos como crescimento do Produto Interno Bruto, industrialização e avanço tecnológico. O autor concentra seu foco analítico em fatores que vão além da renda, no acesso a serviços de educação, saúde, o exercício de direitos civis, as liberdades políticas e outras classificações e dimensões de liberdade.

Sen (2010) destaca a importância da "segurança econômica" como um dos aspectos relacionados à existência de direitos e liberdades democráticas.

[...] governantes autoritários que raramente sofrem os efeitos de formas coletivas ou de outras calamidades econômicas como essa tendem a não ter estímulos para tomar providências preventivas oportunas. Governos Democráticos frente à necessidade de vencerem eleições e enfrentar a crítica pública têm mais fortes incentivos para que tomem as medidas preventivas contra aqueles males (SEN, 2010, p. 60).

Nessa direção, o autor afirma que o desenvolvimento consiste na eliminação de privações que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer sua condição de agente. Para Sen (2010), a importância da liberdade humana enquanto objetivo maior do desenvolvimento é suplementada pela eficácia instrumental de liberdades específicas na promoção de liberdades e outros tipos. O autor destaca que as relações entre as diferentes formas de liberdade são essencialmente constitutivas e compositivas, existindo evidências de que as liberdades econômicas e políticas se reforçam ao invés de serem contrárias umas às outras.

Para isso, o sujeito necessita estar na condição de agente de seu desenvolvimento, encarando de forma integrada e interativa as atividades econômicas, sociais e políticas (SEN, 2010). O autor até encara o crescimento do PIB ou de rendas individuais como importantes na via de expansão das liberdades as quais a sociedade desfruta. Contudo, as liberdades também dizem respeito a outros determinantes, tais como serviços de educação e saúde que afetam a liberdade de participação de discussões e averiguações públicas.

Nessa direção, tais questões conduzem a revisitar o conceito de desenvolvimento sustentável. Na contemporaneidade, vê-se esse conceito por diversas vezes ser apropriado pelo capital. Essa lógica vem sendo inserida na questão

do turismo que vê na natureza uma oportunidade de negócio. Algumas literaturas explanam que o turismo pode propiciar inúmeros benefícios à região, utilizando-o em discursos como estratégia de desenvolvimento econômico, melhorando a renda, alavancando oportunidades de trabalho e contribuindo para a redução das desigualdades sociais locais (ROSA; KANIKADAN, 2021).

Para ilustrar a questão desenvolvimento e turismo, cabe reportar-se a conceitos e considerações de modo a atender adequadamente esta relação (desenvolvimento/turismo). A maneira como se conhece o turismo atualmente compõem um fenômeno que data de meados do século XX, recebendo diversos conceitos e definições no decorrer dos tempos por sua importante contribuição no desenvolvimento de destinações, destacando-se sua relevância socioeconômica (MOTA; VIANNA; ANJOS, 2013). Dartora (2003), expõe que o turismo é composto por diversas atividades que objetivam promover os deslocamentos e satisfazer as necessidades dos seres humanos. Sendo assim, o turismo apresenta conceitos que abarcam diferentes categorias.

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (2014 *apud* ARAÚJO, 2017, p. 8), “o turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com a finalidade de lazer, negócio ou outras”.

Costa (2010), elucida que o turismo representa uma atividade conexas ao deslocamento de pessoas para além de suas áreas de residência habitual, desde que não resultem em permanência definitiva no local visitado. Pode-se afirmar que as primeiras definições a respeito de turismo, relacionam-se à vontade e à necessidade humana de se deslocar de um ponto para o outro do planeta. O turista objetiva conhecer novas localidades, desfrutando de momentos de lazer e descontração em realidades locais diversificadas das que habitualmente convive no dia a dia.

Margarita Barretto, autora que volta seus estudos para uma preocupação teórica no social, explica que o turismo é:

[...] essencialmente movimento de pessoas e atendimento a suas necessidades, assim como às necessidades das outras pessoas, que não viajam. O turismo é o fenômeno de interação entre o turista e o núcleo receptor e de todas as atividades decorrentes dessa interação. É uma atividade multidisciplinar [...] (BARRETTO, 1991, p. 43).

Moesch (2000, p. 11) categoriza preocupações mais contemporâneas com relação aos efeitos do turismo:

Turismo é, de um lado, conjunto de turistas; do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias-intérpretes que o núcleo deve habilitar, para atender às correntes [...]. Turismo é o conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem, para fomentar a infraestrutura e a expansão do núcleo, as campanhas de propaganda [...]. Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras.

Ainda, Nóbrega e Figueiredo (2009, p. 131) explicam que:

[...] o turismo ocupa hoje um lugar de destaque na economia mundial. Os benefícios gerados pelo uso do espaço deixaram de despertar o interesse não só da iniciativa privada, mas também da administração pública. As atividades turísticas são capazes de modificar lugares proporcionando um dinamismo econômico, envolvendo questões sociais, culturais e ambientais.

O turismo pode ser concebido em seu caráter transversal, multidisciplinar, e em intercâmbio com inúmeros caminhos sociais, ambientais e culturais. Gastal e Moesch (2007, p. 47), corroborando com esta afirmação, relatam que o turismo é:

[...] um conjunto de partes que produz qualidade e propriedades como destinos turísticos (lugar, mais serviços e cultura), e vivência humana, hospitalidade, o encontro entre trabalhadores e empreendedores do turismo, e os turistas. O todo turístico organizado produz qualidades e propriedades que não existem nas partes tomadas isoladamente.

Esta atividade necessita agir como condutora no gerenciamento de todos os recursos, considerando a facilitação das necessidades econômicas, sociais e estéticas. Não deve desprezar o mantimento da integridade cultural, do sustento de processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantam a qualidade de vida das comunidades receptoras e dos visitantes (MOTA; VIANNA; ANJOS, 2013).

Lima (2004, p. 88) aborda o turismo como uma:

[...] atividade que envolve diversos setores da economia, com relação à utilização de bens e serviços. Gira em torno de vários recursos (compra e venda de atrativos turísticos) e se pode dizer que é uma atividade sistêmica, multidisciplinar e que requer planejamento e organização.

Entretanto, implicado a este processo, pode-se compreender que problemáticas de ordem socioambiental também surgem gerando direcionamentos conflituosos. Ao gerar-se desenvolvimento por meio do turismo, este pode concentrar-se nas mãos de poucos e/ou ainda, não estar direcionado às questões de sustentabilidade, desenvolvimento regional igualitário e deixar de incluir as populações em situação de vulnerabilidade social nesses direcionamentos.

É neste contexto desenvolvimento/turismo, que este estudo centrou suas questões problemas norteadoras. Elencou-se investigações acerca de quais as percepções e suas influências na relação pessoa-ambiente que os moradores da cidade de Praia Grande relatam na introdução do turismo como meio de desenvolvimento econômico; a população percebe que é incluída nas decisões com relação ao turismo; e quais as visões dos moradores frente a proposta do turismo sustentável preservando a cultura local e as questões socioambientais.

Tais questões são pertinentes e desafiadoras à discussão desenvolvimento e turismo, pois as próprias definições de turismo (objeto deste estudo em relação à percepção dos moradores de Praia grande/SC diante das experiências de uma cidade em transformação), aludem em maior parte a um desenvolvimento que gera economia para o município e região. No entanto, cita-se novamente a Moesch (2010, p. 11), que categoriza preocupações voltadas ao turismo quando apresenta a necessidade de compreender que “também existem os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras”, diante dos processos turísticos.

Referenciando Amartya Sen (2010), já mencionado acerca do desenvolvimento como liberdade, cuja abordagem teórica defende a importância do investimento em educação como um dos pilares do desenvolvimento. Destaca-se o desenvolvimento humano que decorre de seu papel transformador das capacidades para o exercício da autonomia e da liberdade. O conceito de desenvolvimento humano é central na teoria de Sen (2000), pois o desenvolvimento é obtido com a expansão das capacitações humanas cujo conjunto de “fazeres e seres”, também chamado de “funcionamentos”, está na qualidade de vida das pessoas associada ao acesso à capacidade de funcionarem como seres humanos.

A argumentação acima requer a compreensão de dois conceitos fundamentais: o de capacidades (*capabilities*) e funcionamentos (*functionings*).

Os funcionamentos (*functionings*) são dados pelas atividades ou estados de existência importantes para que os indivíduos possam levar o tipo de vida que valorizam, variando desde questões elementares, como estar alimentado e saudável ou, até mesmo, estar relacionado com outras questões mais complexas. [...] O conceito de capacidades (*capabilities*), por sua vez, relaciona-se às combinações alternativas de funcionamentos que podem ser realizados pela pessoa, refletem as habilidades que uma pessoa tem para executar ou alcançar os estados que considere desejáveis. São combinações alternativas de funcionamentos possíveis de realização por uma pessoa, [...] podendo ser definidas com o conjunto alternativo de funcionamentos exequível de cada ser humano. O crescimento econômico, ainda que importante, não pode ser um fim em si mesmo e o desenvolvimento acontece com a “expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam” (SEN, 2000, p. 17).

Sen (2010) explicita que as riquezas materiais não dão conta de mensurar a qualidade de vida das pessoas. A liberdade sim, significando o principal objetivo do desenvolvimento, que promove a retirada de certas privações da sociedade, como: a privação de uma boa alimentação, dos cuidados de saúde, saneamento básico, acesso à educação de qualidade, emprego rentável, segurança econômica e social, privação de se expressar, de votar e etc. Amartya Sen (2010) aponta como foco central a percepção de que os diferentes direitos, oportunidades e intitamentos — *Entitlement* — possibilitam a amplificação geral da liberdade humana produzindo o desenvolvimento.

Para Sen (2010, p. 26), “[...] com oportunidades sociais adequadas, os seres humanos podem efetivamente moldar seu próprio destino e ajudar uns aos outros”. Na abordagem seniana, os intitamentos representam o conjunto de pacotes de bens que uma pessoa possui, a dotação, ou os bens que venham ser adquiridos por canais legítimos de aquisição que estejam à disposição. Todavia, o desenvolvimento deve expandir os intitamentos, pois neste sentido garante-se ou aumenta-se a liberdade dos sujeitos (LIMA; COSTA, 2014). Pensando no turismo, cabe ao poder municipal junto a outros grupos de interesse público, garantir e promover uma ampliação dessas liberdades, pois a proporção da precariedade dessas liberdades, está intimamente ligada à possibilidade de um município ou cidade se desenvolver com maior qualidade.

Sobre este contexto, Sen (2010) atribui ao Estado a função de fortalecer e proteger as políticas públicas que assegurem o direito à educação, resultando em um desenvolvimento de qualidade. Todavia, o desenvolvimento na atualidade está relacionado a “consequências diversas da atividade econômica no meio ambiente, o

aumento dos índices da pobreza, o desemprego, a favelização, a precarização das condições de vida” (REYMÃO; CEBOLÃO, 2017, p. 89).

Nesta mesma direção, cabe o ponto de vista dos processos de desenvolvimento de Boaventura de Souza Santos (2007). O autor inclui a construção da cidadania no Brasil relacionando a problemática do desenvolvimento à questão da emancipação social. O mesmo tece uma diferenciação entre o paradigma dominante e o paradigma emergente do desenvolvimento. O dominante é resultado do conhecimento aceito/criado de forma tradicional, resultado do conjunto de representações indefinidas e das problemáticas da modernidade no que concerne a dialética da regulação/emancipação (SANTOS, 2007).

Para Santos (2007), o viés da emancipação é o que liga ao desenvolvimento, a exemplo de Amartya Sen, quando menciona que o desenvolvimento ultrapassa os parâmetros meramente econômicos. “Daí a importância de se enfatizar e fomentar a emancipação como parte do processo de desenvolvimento rumo à expansão das liberdades reais” (CORRÊA; BORTOLOTTI, 2008, p. 157).

Reunindo a transição paradigmática teorizada por Santos sobre haver uma estruturação harmônica entre a regulação e a emancipação que coaduna com o desenvolvimento da capacidade/condição humana proposta por Amartya Sen, cabe referir-se ainda que brevemente, a questão do desenvolvimento sob a ótica da cidadania, em especial no contexto brasileiro.

A cidadania não pode estar reduzida às questões meramente jurídicas que por séculos combate, limita, pressiona diante de outras posturas de solidificação de uma concepção mais abrangente de cidadania, como cita Corrêa (2002, p. 217):

A cidadania, pois, significa a realização democrática de uma sociedade, compartilhada por todos os indivíduos a ponto de garantir a todos o acesso ao espaço público e condições de sobrevivência digna, tendo como valor fonte a plenitude da vida. Isso exige organização e articulação política da população voltada para a superação da exclusão existente.

Em outros termos, torna-se urgente a (re)construção de valores ético-políticos caracterizados como direitos de cidadania em detrimento da sociedade pós-moderna que perdeu significativas “referências éticas, levadas pelo consumismo mercantilizador das relações humanas” (CORRÊA, 2002).

Tanto no cenário turístico como em outros, o desenvolvimento e cidadania “são entendidos de forma singular e, em muitos momentos, analisados por meio de um objeto fora de seus contextos, provocando uma ruptura em seus processos de construção e continuidade” (CORRÊA; BORTOLOTTI, 2008, p. 149).

O desenvolvimento é classificado como crescimento econômico e em relação à cidadania há uma contundente crítica:

À crítica se impõe a fatores educacionais e culturais que determinam um contexto de ignorância em relação ao espaço público e, pior, indica uma cegueira social que não permite à sociedade alcançar o real significado da cidadania. Inclusive, tal cegueira atrasa e até mesmo obstrui a própria construção e o exercício da cidadania (CORRÊA; BORTOLOTTI, 2008, p. 149).

O conceito de desenvolvimento (econômico) requer uma identificação acerca de seus efeitos focados na população. Em especial, aliado a um contexto turístico pode-se citar a privação destas populações as questões de educação e liberdade (SEN, 2017); geração de pobreza (REYMÃO; CEBOLÃO, 2017, p. 89); desenvolvimento do conhecimento aceito/criado versus dialética da regulação/emancipação (SANTOS, 2007); cegueira social em relação à apropriação do espaço público desconhecendo o significado de cidadania (CORRÊA; BORTOLOTTI, 2008, p. 149).

Leff (2009), reporta-se ao fato de que as estratégias de apropriação dos recursos naturais dos países em desenvolvimento e subdesenvolvidos legitimam seus discursos na retórica do desenvolvimento sustentável, pautando-se na perspectiva da globalização econômica. Em síntese, destaca-se que “[...] uma política de crescimento sustentável, nos territórios com carência econômica, tende a diluir e perverter o conceito de ambiente, burlando com estratégias discursivas as condições de sustentabilidade do processo econômico” (LEFF, 2009, p. 235).

Leff (2010, p. 157), afirma que “o turismo deve incorporar-se a processos integrais de desenvolvimento sustentável dos povos baseados na preservação de suas riquezas naturais e de suas tradições culturais”. Amartya Sen (2010) discorrendo sobre o desenvolvimento como liberdade e as principais privações pelas quais a população tem passado atualmente, reflexiona que se possa pensar no turismo a partir da noção de desenvolvimento sustentável e saudável, onde tanto o turista como o cidadão nativo saem a ganhar.

Pinto e Campos (2004), destacam que o desenvolvimento pautado no viés econômico provocou um processo de massificação no turismo, o turismo de massa. Tal prática pode transformar as regiões, descaracterizando as culturas, desenvolvendo-se sem qualquer compromisso com o local, ocasionando impactos negativos ao invés de positivos tanto para o meio ambiente quanto para os residentes.

De forma muito clara, Leff sintetiza tais considerações acerca do desenvolvimento sustentável que, *à priori*, se destinava a responder à crise ambiental. No entanto:

A ideologia do desenvolvimento sustentável desencadeia, assim, um delírio e uma inércia incontrolável de crescimento. O discurso da sustentabilidade aparece como um simulacro que nega os limites do crescimento, para afirmar a corrida desenfreada até a morte entrópica do planeta. O neoliberalismo ambiental planeja acima de toda lei de conservação e reprodução social para dar curso a processos que ultrapassam toda a norma, referencial e sentido para controlá-los. Se as estratégias do ecodesenvolvimento surgiram como resposta à crise ambiental, a retórica da sustentabilidade opera como uma estratégia fatal, uma inércia cega, uma precipitação para a catástrofe. (LEFF, 2009, p. 236)

Preocupar-se com desenvolvimento atentando-se ao turismo de modo planejado e organizado pode alavancar o desenvolvimento de uma localidade por meio de aspectos econômicos, sociais, culturais, políticos e ambientais. Ponderar sobre o desenvolvimento local, para Martins (2002, p. 51) é “dotá-lo de um caráter mais humano, partindo do pressuposto de que as pessoas da comunidade local devem participar ativamente e não apenas serem beneficiárias do desenvolvimento”.

Em suas considerações, Martins (2002) cita Milton Santos (1999, p. 21) quando questiona: “A territorialidade é, portanto, um atributo do território ou dos seus ocupantes? Vive-se o cotidiano no território nacional ou no lugar?” O autor considera importante tais questionamentos porque se referem ao “saber da região ou do local, nutrido pelo cotidiano que atua em contraposição ao saber do *expert* internacional” (SANTOS, 1999, p. 21).

O saber local caracterizado por Santos (1999)-se constitui em uma ponte para a produção de uma política e de uma técnica de desenvolvimento, resultante dos saberes locais, evidenciando que o local realiza a coleta no mundo dos atributos que o compõe “histórica e geograficamente. É o mundo (global) que se dá seletivamente no lugar (local)” (SANTOS, 1999, p. 21).

Portanto, para Santos (1999, p. 9), o saber local não é independente do saber global. A cidade que comporta parte quase total dos empregos é cada vez mais,

um intermediário na política, na produção direta e no processo técnico da produção em relação ao mundo capitalizado. O autor (1999, p. 9), diante deste contexto, enfatiza que é “nesse cenário de complexas hierarquias e múltiplas combinações espaciais que a questão do desenvolvimento deve ser colocada”.

As contribuições de Santos (1999) são reforçadas por Menegat e Almeida (2004) acerca do desenvolvimento, quando se referem à concepção de cidade como sistema urbano-social-ambiental:

O não entendimento da cidade como um sistema no qual cada indivíduo ou grupo social, cada rua ou bairro é interdependente do todo e seu funcionamento depende de estratégias comuns, discutidas e negociadas num processo político-social que extravasa as eleições é um impeditivo para a gestão ambiental integrada. Além disso, a visão não sistêmica ou fragmentária de cidade não isola apenas os cidadãos e os grupos sociais entre si, mas também distorce a visão das causas das atividades humanas que produzem impacto ambiental na cidade. O impacto ambiental tende a ser visto como um problema anônimo, acidental, extra social e próprio da cidade. Também é visto como um problema pertencente sempre ao “outro” e nunca ao “eu-parte do sistema urbano-social-ambiental”. A cidade fragmentária que aparta os indivíduos, os grupos sociais, seus bairros, os impactos da ação humana sobre si mesma, acaba separando, também, toda a cidade de seu entorno e da dinâmica do sistema natural. Nesse caso, questões ambientais são concebidas como um problema colocado apenas para outras regiões, via de regra distantes, como a Amazônia, ou o Pantanal. O cidadão fica assim desconectado do sistema da urbe e também do mundo natural, não se sentindo parte da biosfera que cobre o planeta como uma fina película. Por isso, a possível destruição desta pelo impacto urbano é um problema alheio ao cotidiano de cada um ou do governo local da municipalidade em que os cidadãos vivem.

Menegat e Almeida (2004) resumem a questão do desenvolvimento diante de seus cidadãos. Este fato enfatiza uma das questões problema norteadoras que trata das visões dos moradores frente a proposta do turismo sustentável preservando a cultura local e as questões socioambientais.

O desenvolvimento e o turismo precisam ser compostos, estudados e avaliados enquanto configurações capazes de promover o desenvolvimento das localidades em diferentes escalas. Sen (2010, p. 28) sinaliza que “[...] uma concepção adequada de desenvolvimento deve ir muito além da acumulação de riqueza e do crescimento do Produto Nacional Bruto e de outras variáveis relacionadas à renda”. Neste direcionamento, deve-se levar em consideração o fato de que a dinâmica da atividade turística pode produzir impactos de forma positiva ou negativa na sustentabilidade ambiental de uma comunidade (ARAUJO *et al.*, 2017). Contudo, a identidade de uma comunidade precisa ser fortalecida para alavancar o processo do

“desenvolvimento local e sua sustentabilidade, importando aos indivíduos dessa comunidade se reconhecerem e assumirem esse eficaz instrumento com o objetivo de se tornarem protagonistas do seu próprio processo de desenvolvimento local” (KASHIMOTO; MARINHO; RUSSEFF, 2002, p. 39).

Em uma concepção mais ampla sobre o turismo, pode-se analisá-lo como:

Combinação complexa de inter-relacionamentos entre a produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com base histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade e trocas de informações culturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico (MOESCH, 2000, p. 09).

Pensando em toda esta combinação complexa, tem-se em Baudrillard (1995 *apud* GABRIELLI, 2017, p. 87) estudos afirmando que:

[...] na contemporaneidade a produção de mercadorias foi substituída pela produção de signos e imagens, e ainda sugere que, na sociedade atual, as imagens e signos veiculados por meios comunicacionais massivos são o centro da organização da vida cotidiana, criando desejos em um tempo extremamente volátil.

Diante das questões apresentadas sobre a relação de desenvolvimento e turismo, traz-se também as considerações de Chico Mendonça (2004) que assim como outros autores, também denomina respectivamente os séculos XX e XXI, como o “século da urbanização” e o “século da cidade”.

Pautando-se na ideia de sistema ou instâncias, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento/Escritório das Nações Unidas de Serviços para Projetos -PNUD/UNOPS (1997) concebe o ambiente urbano como:

O processo de troca entre a base natural de uma cidade, a respectiva sociedade ali existente e a infraestrutura constituída. Assim, o ambiente urbano é o resultado de vários processos de interação entre três instâncias ou subsistemas: o humano ou social, o natural e o construído. A instância natural (ou território) é composto pelos elementos físicos da natureza; o humano (ou social) pelos indivíduos e seus diferentes níveis de organização, bem como por suas múltiplas formas de inter-relação; e o construído é formado pelas formas e estruturas do espaço que são, ao mesmo tempo, resultante da dinâmica social no território urbano. (MENDONÇA, 2004, p. 195)

Os autores mencionados neste estudo aludem aos referidos subsistemas: o humano e o social, o natural e o construído, para que se efetive um desenvolvimento harmônico do qual o turismo faz parte. Pois, como a cidade de Praia Grande/SC, muitas outras vem enfrentando uma explosão turística que as vem transformando.

O turismo também sofre influências deste novo modo de ser e estar no mundo. O turismo tradicional centrado nas grandes estruturas visando atender as massas, focado na distinção de grupos, “nos lugares que cada grupo frequenta, no tipo de transporte ou alojamento que se usa, etc., era preponderante; entretanto, verifica-se um crescimento significativo de interesse por formas alternativas de turismo” (GABRIELLI, 2017, p. 87).

Em se tratando de turismo alternativo, tem-se no Turismo Comunitário um de seus exemplos, destacando-se pela participação ativa da população autóctone. De acordo com Coriolano (2009, p. 282),

[...] é aquele em que as comunidades de forma associativa organizam arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades econômicas associadas à exploração do turismo. Nele o turista é levado a interagir com o lugar e com as famílias residentes, seja de pescadores, ribeirinhos, pantaneiros ou de índios. Uma das primeiras ações que as comunidades realizam é a elaboração de um pacto interno com os próprios residentes em defesa de suas propriedades. Todos se comprometem com a preservação de suas terras, delas não se desfazendo, e aqueles que precisam de fato vendê-la submetem o negócio à apreciação da comunidade, que analisa quem é o comprador, verifica se este pode ser um parceiro, e como pode ser feita a parceria.

Alguns projetos de ecoturismo são considerados como práticas de turismo alternativo. Considera-se o ecoturismo como:

Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações (BRASIL, 2010, p. 17).

Sancho e Alves (2017, p. 22) explanam que as visitas turísticas nos parques nacionais são comumente mencionadas “em pesquisas e em políticas e programas governamentais e não-governamentais como uma importante estratégia para se promover a conservação e manutenção da biodiversidade em áreas naturais protegidas”. Tal reconhecimento deve-se a propostas de desenvolvimento turístico amparadas em preceitos de sustentabilidade, como é o caso do ecoturismo.

Essa concepção de turismo pressupõe a geração de impactos mínimos sobre os ecossistemas visitados, disseminação de ações educativas, incremento de recursos financeiros aos parques e envolvimento das populações locais, seja na prestação de serviços, seja no recebimento dos benefícios associados à visitação turística (SANCHO; ALVES, 2017, p. 22).

As visitas podem dificultar a gestão e os objetivos de conservação desses territórios. Pois, além de promover impactos favoráveis em âmbito local, o desenvolvimento turístico gera “a intensificação das pressões sobre a biodiversidade, seja no interior ou na área de amortecimento dos parques, exigindo um olhar crítico sobre seu processo de implementação e gestão” (SANCHO; ALVES, 2017, p. 22).

Portanto, frisa-se que o turismo sustentável sugere ações socialmente justas, economicamente viáveis e ecologicamente corretas. Necessita corresponder às necessidades econômicas, sociais e ecológicas de uma sociedade, preocupando-se desde a quantidade de pessoas que visitam um determinado local, quanto ao planejamento e gestão das questões ambientais, culturais e sociais, almejando minimizar efeitos nefastos e predatórios. Por exemplo, o empreendedor turístico pode contribuir na direção de um desenvolvimento sustentável do turismo, desde que tente articular em suas práticas benefícios para as populações locais e seus clientes, preocupando-se em planejar e gerir estruturas compatíveis com o meio ambiente (NEVES; MATEUS, 2015).

Por outro lado, Ramos (2004) menciona que a maneira como se trabalha com a atividade turística, muitas vezes está voltada apenas como uma forma de se ganhar dinheiro, baseando-se no caráter exploratório, de forma irresponsável conduzindo o turismo a se tornar o causador da extinção de sua própria atividade.

Leff (2003) faz um alerta sobre o modelo atual de apropriação selvagem da natureza denominado de crise ambiental, provocado principalmente pelo desconhecimento da lei que formulou no imaginário economicista uma mania de crescimento de uma produção sem limites. Explica que necessita-se trabalhar as questões ambientais no sentido de:

Aprender a apreender a complexidade ambiental implica uma revolução do pensamento, uma mudança de mentalidade, uma transformação do conhecimento e das práticas educativas para construir um novo saber e uma nova racionalidade que orientem a construção de um mundo de sustentabilidade, de equidade, de democracia. É um reconhecimento do mundo que habitamos (LEFF, 2003, p. 22-23).

Ainda, para a articulação da superação das formas de turismo meramente predatórias e mercantilistas, há de ter-se uma visão ecológica onde o mundo seja concebido como um todo integrado. Esta ideia é defendida por Capra (1996, p. 23-25), reflexionando que “a percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedade nós estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos)”.

Diante de todo o exposto, cabe identificar o processo de turistificação.

### 2.5.1 Turistificação

A abordagem realizada neste estudo sobre o turismo e a comunidade local reflete neste fenômeno que pode ser destacado enquanto uma dinâmica de inclusão e exclusão das comunidades no processo de planejamento e desenvolvimento da atividade turística. Este processo está sujeito a configurar-se na absorção, ou não, de mão-de-obra local em seus empreendimentos de ordem turística. O planejamento turístico tem início quando se efetiva o processo de turistificação, ou seja, quando dado espaço é apropriado pelo turismo de forma a atender os interesses mercadológicos dos visitantes.

“As cidades turísticas representam uma nova e extraordinária forma de urbanização, porque elas são organizadas não para a produção, como o foram as cidades industriais, mas para o consumo de bens, serviços e paisagens” (LUCHIARI, 1998, p.17). Neste contexto, há uma difusão da ideia de que o planejamento do turismo deve se estender a todos os atores de uma localidade, órgãos públicos, iniciativa privada e comunidade local.

A participação é uma questão importante do planejamento turístico. Ela e o preparo das comunidades para administrar o turismo, porém, são produtos dos arranjos institucionais, dos indivíduos, das estruturas de poder, dos interesses e valores que afetam o processo de tomada de decisão em diferentes escalas. Além disso, é produto de um conjunto de relacionamentos que se desenvolvem entre os envolvidos no planejamento turístico e no processo político. A participação é, portanto, o relacionamento existente dentro do sistema turístico (HALL, 2001, p. 92).

O setor de turismo possibilita empregos em várias empresas de *trader* e outras indiretamente relacionadas, que são também fundamentais para a efetividade

da atividade turística, formando uma rede de prestadores de serviços e exigindo treinamento de pessoal. O prestador de serviço deve receber capacitação e qualificação para receber, atender e servir, já que envolve o local de partida do turista (espaço emissor) na localidade visitada (espaço receptor) (ISSA; DENKER, 2006).

As relações que se estabelecem entre os atores envolvidos no processo de planejamento e desenvolvimento do turismo são suscetíveis ao acolhimento ou não do morador local. Dependerá das ações empreendidas pela iniciativa privada (empreendedores) e pela iniciativa pública (órgãos governamentais), o que pode gerar “processos permitindo a geração de processos ora inclusivos, ora excludentes, em relação à mão-de-obra existente nos locais em processo de turistificação” (ISSA; DENKER, 2006, p. 5).

Sobre este cenário, introduzir novas práticas em uma sociedade torna-se um processo político competitivo:

[...] que traz consigo desentendimentos próprios da natureza da mudança e que derivam da dinâmica do poder da base da sociedade. Se não podemos mudar de imediato as estruturas, pois esse é um processo lento, podemos tentar influir na nossa história, na maneira como manifestamos e trabalhamos com o poder, de forma a administrar de forma mais civilizada as relações de dominação que estão presentes na sociedade por meio de práticas democráticas (DEMO, 2000, p.104-108).

Aqui cabe a reflexão acerca dos processos de mudança decorrentes do turismo desenvolvido em uma comunidade que, dependendo do tipo de atividade turística pode e deve fazer com que a mão-de-obra local seja treinada, capacitada e incluída no processo produtivo oportunizando empregabilidade ao morador. Também, segundo Issa e Denker (2006), outras comunidades que não apresentem vocação turística local que exigem planejamento turístico cujo processo de turistificação requer importação de recursos humanos, podem gerar conflitos porque resulta na exclusão social de parte da comunidade local.

O conceito de comunidade local está na essência da maior parte da literatura sobre turismo sustentável. A maioria dos analistas parece concordar que o aspecto mais importante da política do turismo é a ‘proteção’ da comunidade local e do seu meio ambiente. A sugestão parece ser que a comunidade local seja composta de todas as pessoas que vivem numa determinada destinação turística. (SWARBROOKE, 2000, p. 59)

Destaca-se que, justamente por viverem e partilharem a mesma história, as pessoas de determinado local, embora tenham relações contrárias, conseguem um equilíbrio advindo da herança cultural comum, o que pressupõe entendimento. A comunidade local sendo um dos atores fundamentais entre os inseridos e contemplados no processo de planejamento da atividade turística local, pode-se deparar diante da exclusão que é um forte elemento capaz de gerar conflito. O conflito se intensifica mais quando a exclusão se dá por agentes vindos de fora da comunidade (ISSA; DENKER, 2006).

No entanto, é possível que o processo de mudança seja conduzido de maneira menos desigual e traumática, ainda que a competitividade permaneça entre as pessoas. O desenvolvimento de uma rede solidária é fundamental para que as pessoas gozem de seus direitos e assumam responsabilidades participando da vida pública e política, exercitando sua cidadania. Ressalta-se que a demanda turística será satisfeita se o local visitado reunir bens e serviços diferenciados, se proporcionar renda para os moradores da localidade com retorno das atividades de atendimento ao turista: é preciso contribuir para o desenvolvimento local! (ISSA; DENKER, 2006).

Sobre isso, Yázigi (1999, p. 155) analisa: “De pouco adianta que o município entre na frente turística se, simultaneamente, não estiver combatendo seus adversários, a pobreza, a degradação do território, as tecnologias erradas ou o mau uso da memória”. Independentemente do tipo de motivação ou tipo de turismo, é pertinente que esteja adequado aos recursos humanos condizentes com as condições objetivas na localidade que são “estruturas dadas, persistentes e constitutivas da realidade, como a unidade de contrários, a desigualdade e o poder, a linguagem, o mundo simbólico e afetivo, a razão” (DEMO, 2000, p.104).

As falas de Yázigi (1999) e de Demo (2000) remetem a Gonçalves (2016), elucidando que o turismo pode penalizar a população local privando-a de suas práticas, passando a ser mercadoria estabelecendo uma relação perversa entre um fictício desenvolvimento e a convergência da população para a cidade. (GONÇALVES, 2016).

O turismo não pode ser visto apenas como um negócio ou atividade produtiva, mas sim, como o conjunto complexo das dinâmicas sociais que interagem nos espaços nos quais o turismo se desenvolve.

As decisões que envolvem o futuro [...] precisam refletir questões como à equidade, a ética, o respeito, a valorização da vida, o orgulho da própria

identidade, resultando em condições dignas de vida para as comunidades. É preciso que a qualidade da vivência do visitante esteja relacionada com a qualidade de vida do anfitrião. (DENCKER, 2003, p.110).

Diante do exposto, experiências e estudos apontam para a possibilidade da prática e o desenvolvimento do fenômeno turístico de uma forma mais integradora e acolhedora. Nem sempre é o turismo a causa das inconseqüências e problemas para o local, no que diz respeito à inclusão e exclusão, mas que é possível e pode ser praticado na perspectiva de servir como indutor e condutor de inclusão. Acredita-se que essa história possa ser mudada, se observamos que o “excluído” não está fora do sistema; ele faz parte dele. “Embora o elemento objetivo possa ser determinante, devemos ter em mente que, quando se quer criar uma contra determinação, esta deve passar obrigatoriamente pela consciência (dialética objetividade – subjetividade)” (VASCONCELLOS, 2003, p.12).

A inclusão dos moradores no processo de turistificação decorre das condições históricas estruturais objetivas que existem em uma localidade; os territórios apropriados são aqueles com praias, cachoeiras, rios, clima e vegetação que forma a paisagem e instigam os empreendedores para a instalação da planta turística: infraestrutura hoteleira, entre outros empreendimentos, com o objetivo de atrair e atender à demanda.

No entanto, há que se perceber que a realidade do local expressa as contradições da sociedade (GONÇALVES, 2016) devendo ser percebida com dialeticidade. Considera-se que cada grupo social está inserido em dada circunstância histórica e, como tal precisa ser trabalhada a partir das condições genéticas e psicológicas que lhe são constitutivas: são as condições objetivas enfrentadas pelos indivíduos a partir de sua subjetividade pautando-se no manejo crítico e inteligente de suas habilidades por meio de ações que lhe são próprias e são basicamente políticas, não acontecendo no plano da racionalidade exclusivamente. “A própria mente humana, em sua racionalidade e emoção, complexíssima por natureza, não dá conta da realidade toda, porque sequer dá conta de si mesma” (DEMO, 2000, p. 107).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DE UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

O município de Praia Grande vem apresentando um crescimento turístico significativo, sobretudo nas duas últimas décadas, o que representa possíveis transformações na população considerando-se uma transição da vivência cotidiana com características rurais para, de repente, deparar-se com contextos diversos e adversos promovidos (provocados) pelo turismo.

Nesta situação de transformações, buscou-se reportar-se à história local na visão dos sujeitos da pesquisa que traduzem a história de Praia Grande/SC por meio de memórias e da história oral, possibilitando o entendimento e comparações ocorridas na linha do tempo.

Os principais componentes étnicos da formação do município, a exemplo de outros municípios do Brasil, iniciam com os povos indígenas, portugueses, afrodescendentes e outros colonizadores europeus.

Sobre o nome do município - Praia Grande: **(E10)** diz derivar das “grandes enchentes” associando-as aos abundantes seixos rolados “por se estar na região dos *canyons*”. A força das águas traz esses seixos que “vem girando, girando, girando” e as águas acabam por esculpi-los: “Bom a praia não é só a de mar tem a praia de rio [...]”, acrescenta.

Habitantes primeiros da região, os indígenas, são mencionados por três entrevistados de forma vaga, apresentando dúvidas, respectivamente: “Olha não sei muito não.” **(E4)**; “Mais a gente não sabe bem a fundo essa história” **(E5)**; “[...] difícil a gente falar porque a gente não tem mais nenhum sobrevivente, né.” **(E10)**. As três falas sinalizam o desconhecimento acerca da presença indígena: resultado do esquecimento ou silenciamento da memória (WOORTMANN, 2000).

Há de se destacar, que neste contexto de “esquecimento” a literatura pontua que no Sul do Brasil há efetivamente uma resistência no reconhecimento dos indígenas. A menção acerca da presença indígena no Sul do país ainda causa surpresa.

O sul é sempre localizado como uma das áreas mais desenvolvidas do país e onde ocorre um sistema de ocupação da terra de modo mais ou menos

homogêneo. Existe uma enorme concentração demográfica. Na área predomina o elemento branco (SANTOS, 1979, p. 16).

No entanto, historicamente retrata-se que quando os imigrantes europeus desembarcaram em solo brasileiro, principalmente os portugueses, a população indígena era expressiva, incluindo o estado catarinense como é comprovado por meio de cartas enviadas pelos viajantes e missionários à Europa (PIAZZA; HÜBENER, 1983).

No litoral catarinense habitavam os indígenas da nação tupi-guarani (língua geral) que depois passaram a ser denominados de Carijós (PIAZZA; HÜBENER, 1983, p. 73). Este cenário deu origem à denominação Sertão dos Patos ou Terra de Carijós, que se situava da Província de São Vicente, estado de São Paulo, até a Lagoa dos Patos no estado do Rio Grande do Sul (HOBOLD, 1994).

Cabe mencionar, que embora houvesse a cordialidade dos indígenas com os brancos nos contatos iniciais, posteriormente, os brancos entraram em conflitos e vendas do povo indígena como escravos destinados a mão-de-obra e, diante da resistência indígena, passaram a serem vistos como bárbaros e despidos de organização (SANTOS, 1979). Entretanto, os indígenas viviam em sociedade organizada, desenvolvendo “[...] uma tecnologia adequada para esse ambiente. E viviam o seu mundo, como qualquer homem: nascendo, trabalhando, amando, lutando e morrendo” (SANTOS, 1979, p. 24).

Os imigrantes europeus prejudicaram os povos indígenas lhes furtando a paz e a liberdade, fazendo-os trocar a natureza, o respeito pela terra, pela produção e lucro que os europeus queriam. Estes costumes e culturas jamais haviam sido cultivados pelos indígenas (HOBOLD, 1994).

Os jesuítas cuja missão era de catequizar indígenas, acabaram na verdade por dominá-los. Entretanto, os jesuítas foram vistos como um empecilho aos interesses dos europeus (HOBOLD, 1994). Por outro lado, há registros escritos pelos catequizadores, de que somente Deus poderia salvá-los por meio da religião dos europeus, desprezando contundentemente as crenças indígenas (HOBOLD, 1994).

**(E10)** menciona que apesar de “achar difícil falar” sobre os indígenas, por não haver “nenhum sobrevivente”, faz alusão a um grafismo rupestre incrustado em uma das rochas do *canyon* Malacara dizendo que “representa o encontro dos índios Kaingang, que moravam lá no planalto, com os Xokleng que habitavam aqui na encosta da serra [...]” **(E10)**. Na opinião da entrevistada “esse grafismo no malacara,

[...] a gente não sabe a fundo o que aquilo representa [...]", mas considera que "É uma riqueza cultural o que a gente tem aqui" **(E10)**.

Figura 2 – Gravura em bloco de basalto no Rio Malacara



Fonte: Campos *et al.* (2021).

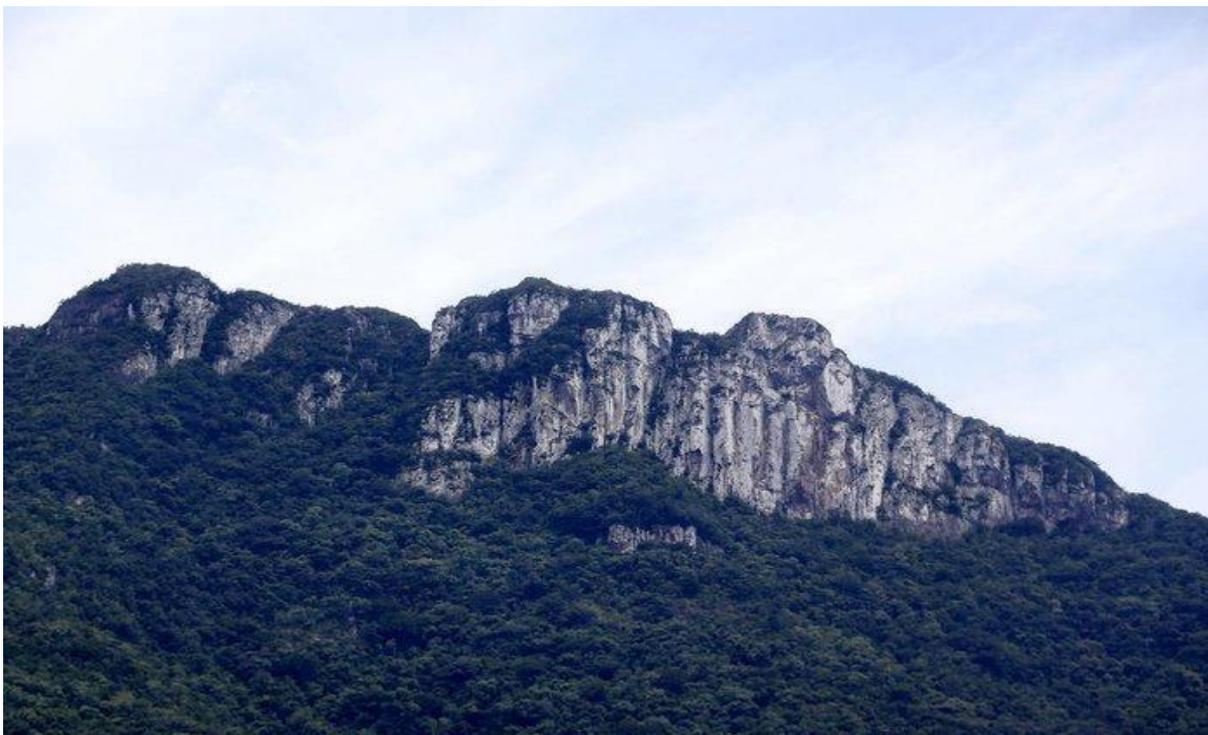
As gravuras do Malacara foram realizadas em blocos de basalto e se encontram no leito do rio de mesmo nome. Em relação a esses grafismos, observa-se “apenas uma correlação entre os grafismos Kaingang e Xokleng quanto aos motivos (pontos e linha) por apresentarem similaridades nas formas” (CAMPOS *et al.*, 2012), não sendo confirmada ainda esta possibilidade.

**(E5)** demonstra pouco saber acerca da presença de indígenas quando relata: “A minha mulher é descendente um pouquinho de índio. O bisavô dela foi um dos primeiros que desceram pela serra e ficaram por ali onde hoje é dos quilombolas. Mas a gente não sabe bem a fundo essa história.” **(E5)**. Como resultado da resistência indígena, houve uma redução significativa dessa população que eram mortos em represália e, somada à proibição da Coroa Portuguesa enquanto à escravização, a busca agora era por mão-de-obra africana (FIGUEIRA, 2004). Assim, indagados sobre a existência de um quilombo, um dos moradores locais narra sobre o que denomina de esconderijo: “[...] aqui ficou como um esconderijo da escravidão, compreende? Dos escravos que fugiam e se escondiam aqui. Eles fugiam das fazendas de cima da serra,

vinham por essas trilhas e se escondiam aqui” **(E6)**. Ao que foi denominado como esconderijo, nasceu a localidade da Pedra Branca, posteriormente batizada de Quilombo São Roque (SCHAFFNER, 2022). Nos anos de 1824 os escravos se aquilombaram e formaram esta comunidade na região do Mampituba, organizando-se e distribuindo-se enquanto população do quilombo entre grotas nos *canyons* na Pedra Branca (FERNANDES, 2006).

**(E6)** prossegue dizendo que os primeiros registros dos quilombolas datam de 1824, confirmando a data do autor Fernandes (2006). “Os negros fugiam dos chamados capitão do mato, mas foram encontrados e tornaram a escravizá-los e, com isso, os fazendeiros tomaram conta das terras.” **(E6)**. Entretanto, com a abolição da escravatura as terras permaneceram no nome dos senhores e/ou requeridos por usucapião. De acordo com registros, os sobrenomes Monteiro, Fogaça e Nunes constituíram as primeiras famílias (SCHAFFNER, 2022).

Figura 3 – Pedra Branca



Fonte: Autor (2022).

O paredão imenso protegia os cativos que fugiam e ali formaram o quilombo, em meio a grotas e do que a terra ofertasse.

O reconhecimento federal como território quilombola só ocorreu em 2004, 180 anos após a chegada dos moradores inaugurais, mas até hoje nenhuma escritura foi emitida. No total, são 7.327 hectares demarcados pelo governo, dos quais 2.641 estão sobrepostos às áreas dos parques Aparados da Serra e Serra Geral. Das 34 famílias quilombolas, 14 residem dentro das unidades de conservação, onde apenas sete têm permissão para cultivar uma roça coletiva de cinco hectares. Fora dos parques, todos vivem fustigados por grileiros, invasores e oportunistas que se estabeleceram na região nos anos 1970, atraídos pelo pagamento de indenizações das áreas desapropriadas e pela vastidão de campo praticamente despovoado (SCHAFFNER, 2022, p. 1).

No entanto, até os dias atuais a comunidade aguarda a titulação de seu território e prossegue “sujeita às restrições pelo ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - que impede a criação de novas roças ou que madeira do local seja utilizada na construção ou reforma de casas” (FERNANDES, 2007).

Todavia, no Brasil, há legislação acerca da legitimação na proteção de territórios quilombolas: Constituição Brasileira, Leis Federais, Decretos, Instruções Normativas e Portarias. A Constituição Federal de 1988 assegura a todos, em seu artigo 225 e § 1º, um “meio ambiente ecologicamente equilibrado” e impõe ao Poder Público o dever de defendê-lo e preservá-lo. Um dos instrumentos que a Constituição aponta para o cumprimento desse dever é a “definição de espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos”, ou seja, indica que o Poder Público deve criar áreas protegidas e garantir que elas contribuam para a manutenção de um “meio ambiente ecologicamente equilibrado.”

Dentro da legislação brasileira:

O Decreto 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, consagra a definição, em seu artigo 3º, inciso I, de comunidades e territórios tradicionais grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. II - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas. III - Desenvolvimento Sustentável: o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras (BRASIL, 2007, p.1).

Ainda, acordos internacionais firmados e consoantes com a Constituição Federal culminaram no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

Trata-se de um sistema que regulamenta e fornece diretrizes de implementação e gestão de uma variante de áreas protegidas no país. Unidade de Conservação (UC) é entendida como uma porção do território nacional ou de suas águas marinhas que é instituída pelo poder público municipal, estadual ou federal, como área sob regime especial de administração. Isso se dá pelo reconhecimento desta área possuir características naturais relevantes, às quais se aplicam garantias de proteção de seus atributos ambientais (FUTADA; MEURER, 2022, p. 1). A território da Comunidade Quilombola São Roque foi incluído na área do Parque Aparados da Serra, quando este foi criado em 1959 por meio do Decreto nº 47.556.

Figura 4 – Roque Fogaça, descendente da família Fogaça



Fonte: Schaffner (2022).

Há séculos as comunidades tradicionais vêm explorando o meio ambiente de modo equilibrado, bem como conduz campanhas de reafirmação da importância da preservação ambiental adotando a defesa do ecossistema onde moram, com respeito e de forma amistosa a sua condição cultural e ambiental (FERNANDES, 2007). No entanto, este cenário de preservação ambiental não foi levado em consideração pela administração federal quando instituiu os Parques Nacionais de Aparados da Serra e Serra Geral deixando a comunidade quilombola de fora do plano de manejo (FERNANDES, 2007).

Ao reservar toda a área exclusivamente para a preservação do ecossistema e a pesquisa científica, o governo federal gerou uma situação de exclusão de todas aquelas famílias que dependiam do local para sobreviver, e que com ele conviveram por séculos (FERNANDES, 2007, p. 1).

Diante do acima exposto, vale destacar a fala de três entrevistados que abarcaram uma visão estereotipada, baseada no senso comum e sem conhecimento profundo acerca da comunidade quilombola e seus descendentes. “[...] na verdade quilombola mesmo, olha, para falar bem a verdade, eu acho que não tem, pelo que eu assisto na TV a realidade de quilombos de outras regiões do Brasil é muito diferente da daqui”. **(E3)**; “[...] descendente mesmo eu não sei, me dizia um que morou antes do que eu aqui que lá quilombola não existia. Agora não sei né, o povo mais antigo até o pai de um amigo meu, dizia que se tivesse quilombola ele também era um. **(E4)**; “Na minha época não existia, ninguém conhecia a questão dos quilombolas aqui, isso é muito recente, aos poucos foi registrado. Foi depois que entrou uma mulher dos quilombolas lá de Florianópolis que foi ajeitando até que conseguiram encaixar eles nessa questão. Mas aí não tem quilombola nenhum, são descendentes, a gurizada mais nova que luta pelos direitos, mas tem até branco ali que diz que é quilombola” **(E5)**.

Baseando-se nos aportes da Psicologia Analítica, na teoria junguiana, conforme Gasparello (2006, p. 08), para Jung “existe uma ligação entre os seres humanos que os unem à sua cultura e a um passado cultural longínquo”. O inconsciente não é apenas pessoal, mas também “coletivo, cultural, histórico e universal”. Nestes direcionamentos, as falas destacadas acima podem associar o contexto da comunidade quilombola à questão da sombra coletiva. Todavia, “o termo sombra refere-se àquela parte da personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal. Uma vez que todas as coisas inconscientes são projetadas, encontramos a sombra na projeção - na nossa visão do outro” (WHITMONT, 1991, p. 36). Todo o enredo vivido pelos escravos e a relação deste cenário com outros grupos étnicos, gerou fenômenos grupais que estão conectados a ideias marcadas por um passado conflituoso. A luta pela liberdade, pelo reconhecimento, vivenciada pela comunidade quilombola, parece enfrentar conteúdos da sombra coletiva dos conterrâneos praiagrandenses. Deste mesmo modo, o mundo pode ser visto como um grande palco para a expressão de uma sombra coletiva. A maldade das pessoas enquanto grupos é expressão dessa sombra coletiva, podendo ser observada na corrupção, na

poluição, nas guerras, etc. Quando determinados grupos optam por viver de acordo com práticas rejeitadas socialmente se tornam alvo de projeções, à vista disso a sombra assume formatos já conhecidos, como o racismo, por exemplo. A incessante busca do bode expiatório ou do inimigo da civilização nada mais é do que a expressão dessa sombra, que assume poderes hipnóticos e de contágio (ZWEIG; ABRAMS, 1991).

Contudo, conforme visto no início da história do município de Praia Grande, afirma-se a presença dos indígenas, dos senhores, dos escravizados e também tropeiros (CAPITAL DOS CANYONS, 2020, p. 1).

A atividade tropeira existiu desde o século XVII até o início do século XX, principalmente em regiões do Sul, Sudeste e o Centro-Oeste. Esta prática ocorria quando os tropeiros conduziam tropas de cavalo ou mulas, que atravessavam extensas áreas transportando gado e mercadorias, percorrendo uma distância aproximada de 40 Km diários em diversos tipos de terreno (RIBEIRO, 2019).

No tocante à região Sul, foi a partir do século XVIII que surgem os pequenos povoados ao longo do trajeto das tropas onde paravam para a troca de mercadorias e pastagem do gado.

O comércio nesses povoados desenvolvia-se naturalmente para atender as tropas, ao mesmo tempo em que os tropeiros levavam e traziam mercadorias para esses povoados. Os tropeiros prestaram, assim, importante contribuição ao desenvolvimento das regiões por onde passaram e foram responsáveis pela integração econômica e cultural entre muitas regiões longínquas do Brasil Colônia, com o aparecimento de vilas, freguesias e cidades<sup>3</sup> (RIBEIRO, 2019, p. 1).

Todos os entrevistados se reportaram aos tropeiros quando a questão abordada foi sobre a história de Praia Grande, item fortemente associado ao papel dos homens que traziam, trocavam e levavam mercadorias.

Eles traziam queijo, pagavam com dinheiro e também faziam muita troca. [...] Daí eles ficavam dois, três dias, carregavam as mulas e subiam né. Levavam farinha de trigo, levavam sal, levavam açúcar, levavam rapadura, coisas que lá não tinha **(E2)**.

---

3 Usava chapelão de feltro preto, cinza ou marrom, de abas viradas, camisa de cor similar ao chapéu de pano forte, capa e/ou manta com uma abertura no centro, jogada sobre o ombro, botas de couro flexível que chegavam até o meio da coxa para proteção nos terrenos alagados, nas matas em dias de chuva (RIBEIRO, 2019).

Figura 5 - Tropeiro



Fonte: Ribeiro (2019).

Além da rota para cima da Serra, os tropeiros também traziam mercadoria de Caxias/RS.

Eles traziam vinho de Caxias, farinha de trigo e açúcar branco e levavam daqui farinha de mandioca, rapadura e açúcar mascavo, levavam pra Caxias. Eles traziam as coisas de Caxias vendiam pro povo e depois levavam as coisas daqui. **(E6)**.

Sobre o tropeirismo em Praia Grande, as narrativas também abordaram diferentes aspectos além do transporte de mercadorias, como, por exemplo, a hospedagem para estes viajantes:

A gente tinha um galpão que era pros tropeiros ficar aqui né. Tinha um proteirinho para botar as mulas né, às vezes tinha vinte mula. Eles ficam dois, três dias aqui, cozinhavam no tempo que se usava o rancho. Tinha um piquete atrás, a gente fazia pra eles. É tipo os posto de gasolina hoje né, os posto tem lugar pra abastecer e nós tinha as cocheiras para botar as mulas e tudo né, era muito muito legal, era um tempo muito bom. **(E2)**

Sobre esta fala, Ribeiro (2019) informa que a atividade tropeira fez surgir profissões e indústrias como a de “rancheiro”, “proprietários de rancho” ou alojamento

em que pernoitavam as tropas. “Geralmente não era retribuída a hospedagem, cobrando o seu proprietário apenas o milho e o pasto consumidos pelos animais, porque os tropeiros conduziam cozinhas próprias” (RIBEIRO, 2019).

Outro aspecto apresentado pelos entrevistados acerca da atividade tropeira foi a chamada “roça de estância”, referindo-se aos tropeiros que desciam da serra para cultivar roças na região de Praia Grande. “Eram os estancieiros que administravam, faziam as roças e depois levavam o que cultivavam para a serra. Mais tarde também realizavam trocas de produtos com a população da região.” (E7).

Ouviu-se que “os tropeiros se esbaldavam ao vender produtos para os de cima da serra” e “a galera descia pra comprar aqui também, então era um momento de farturas, tanto pelo escambo, quanto pela venda mesmo ainda nos tempos dos réis lá” (E9). Sobre a atividade tropeira e sobre a serra a qual eles transitavam, (E9) comenta:

[...] é a serra perfeita [...] ela é reta [...] a Serrinha dos tropeiros, ou Serrinha da Vila Rosa, Serra do Gado, Serra das tropas [...] Ela ficou muito famosa, que hoje basicamente, é a Serra do Faxinal [...] ela é reta, [...] ela vai, desde a base do antigo Molha Coco, onde é a pracinha, ela vai numa reta subindo lentamente, vai indo [...] até o topo, lá no topo tem só umas curvinhas lá e já chega na serra, e no meio do caminho ainda tem um descampado, tipo um platô, onde o gado descansava, onde a tropa descansava, a galera podia apertar os arreios, cuida da tropa, ver como é que tava. Então é uma serra com uma subida suave, contínua, propícia (E9).

Isto posto, pode-se perceber por meio das falas a menção de associar a atividade tropeira a homens que viajavam grandes distâncias para trazer, trocar e levar mercadorias para outros lugares. Produziam roças de estância, pernoitavam nos ranchos das propriedades em Praia Grande e, acima de tudo, percebeu-se que admiravam os tropeiros por serem esses homens bravos que enfrentavam duras penas a cada viagem: “[...] o tropeirismo eu vejo como um ato de bravura. [...] uma missão, um desafio” e uma “narrativa heroica, um movimento econômico [...] tinha que ser homem forte, tinha que ser corajoso, enfrentar os ladrões” (E9).

O olhar dos entrevistados sobre o tropeirismo e seu simbolismo refere-se ao entendimento da atividade tropeira como uma odisseia que envolve uma tropa com mulas, cavalos e homens para realizar este peculiar transporte de mercadorias. Destarte, a vida do tropeiro era cercada de perigos como os “ladrões de campo que roubavam as tropas, matavam pessoas” (E9). Ao mesmo tempo, os relatos dos

entrevistados também associam a atividade tropeira sob diferentes óticas, como a da cultura.

[...] tem muita cultura envolvida, e ainda tem muita coisa a ser estudada, essa simbologia envolvida com o turismo ainda é uma fonte de muitos estudos, há muita coisa a ser revelada, a ser descoberta [...] Porque essa força tropeirística que existiu aqui vai ser estudada por muito tempo **(E9)**.

A presente temática, ultrapassa os parâmetros do transporte de mercadorias realizado pelos tropeiros, mencionando cultura, sofrimento, intempéries climáticas, atividade que inspirava os meninos, e as mulheres dos tropeiros que permaneciam em suas casas tendo a responsabilidade dobrada em seus afazeres, referenciando esta atividade de modo simbólico:

[...] o tropeiro ele podia ser o dono da tropa ou aquele que conduzia, ele não transportava só mercadoria, ele transportava muitas ideias e culturas, ele também era o carteiro levando as correspondências de um lado pro outro, também as notícias porque não se tinha televisão, celular, nem rádio, então era ele que levava as notícias de um lado para o outro.[...] eles tiveram uma vida muito sofrida, não são só os heróis, mas foram os homens que ajudaram muito no desenvolvimento e na criação de muitas cidades. Eles passavam climas rigorosos, o frio, a chuva, muitas vezes tinham que esperar por dias o nível do rio baixar para seguir com a tropa, também tinha a geada que eles relatam que era pior do que o frio da neve. [...]tinham as feras do caminho, tinham os assaltos, que era uma profissão na época o tropeiro sendo inspiração para muitos meninos<sup>4</sup> que diziam que quando crescer queriam ser tropeiro. Eu acho que vale também o destaque das mulheres, porque enquanto eles tavam na lida, viajando para lá e pra cá, quem tocava o trabalho em casa, e nas roças e nas fazendas se fossem maiores, ou ali fazendo as negociações porque as vezes o homem ia viajar, mas passavam outras pessoas que queriam comprar alguma coisa, as mulheres tinham que conduzir esse trabalho, numa época que nós mulheres não tínhamos voz, e devíamos obediências pros homens, e eu falo isso porque a gente teve muitas tropeiras também, tivemos mulheres que também precisaram conduzir pequenos percursos [...] **(E10)**.

Esta fala sintetiza elementos importantes acerca da convivência da dimensão mais utilitária do patrimônio turístico que deve conviver com as:

[...] dimensões política e simbólica, numa relação de complementaridade e retroalimentação, pois os referentes simbólicos fornecem os motivos que alimentam a indústria turística e a indústria turística recria os elementos culturais e a própria história, emanando novos referentes simbólicos que dão substância à imaginação coletiva, integrando-se na “mitologia retrospectiva”

---

4 O tropeiro iniciava suas atividades aos 10 anos, em companhia do pai, que era, então, o negociante e o condutor da tropa (RIBEIRO, 2019. p. 1).

que sobre o património é erigida e acrescentando lhes novos elementos. (PERALTA, 2003, p. 87).

Neste mesmo contexto simbólico de conhecer/reconhecer a atividade tropeira enquanto cultura, identidade, pertencimento, entre outros atributos, uma narrativa menciona:

É bem justa a homenagem que fizeram na rótula, na entrada da estrada que vai para Vila Rosa, na rota dos tropeiros, aquele monumento que tem ali, porque o psicológico dessa galera tinha que ser um psicológico bem forte para suportar tudo o que eles passavam. Eles fizeram história e é merecida essa história. **(E9)**.

Em dezembro de 2020, durante o ato de inauguração do Monumento ao Tropeiro, a então administração pública municipal referiu-se que se trata de uma homenagem àquele que deu nome ao município. “Personagem importante na fundação histórico-cultural de Praia Grande. O local será ponto de recepção e visitação de turistas” (CENTRAL DE JORNALISMO, 2020).

Figura 6 – Monumento “O Tropeiro”



Fonte: Central de Jornalismo (2020).

Conforme visto, a simbologia do tropeirismo é dotada de significados e representações em projetos locais e regionais constituindo-se em representação

identitária, memória e produto turístico. Diante dessa questão simbólica que envolve a figura do tropeiro e o tropeirismo, vale fazer correlações com o arquétipo do herói e a jornada do herói. Jung (2014) defendeu a ideia de existir na humanidade uma estrutura psíquica voltada a imagens primordiais, universais e atemporais, denominando essas imagens por arquétipos, resgatando um termo grego que Platão usava. Jung (2014, p. 51-52), “indica a existência de determinadas formas na psique que estão presentes em todo tempo e em todo lugar”:

Minha tese é a seguinte: à diferença da natureza pessoal da psique consciente, existe um segundo sistema psíquico, de caráter coletivo, não pessoal, ao lado do nosso consciente, que por sua vez é de natureza inteiramente pessoal e que – mesmo quando lhe acrescentamos como apêndice o inconsciente pessoal – consideramos a única psique passível de experiência. O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência (JUNG, 2014, p. 55).

**(E9)** destaca conteúdos arquetípicos que caracterizam o tropeiro como um herói. “[...] era uma odisseia, cada vez que saia uma tropa com dez mulas, três cavalos e mais quatro ou cinco homens pra levar as mercadorias era uma missão, um desafio. [...] era até parecido com o velho oeste, quando a gente vê aqueles filmes né, então não é uma historinha bonitinha, não, o tropeirismo eu vejo como um ato de bravura. É bem justa a homenagem que fizeram na rótula, na entrada da estrada que vai para Vila Rosa, na rota dos tropeiros, aquele monumento que tem ali, porque o psicológico dessa galera tinha que ser um psicológico bem forte para suportar tudo o que eles passavam. Eles fizeram história e é merecida essa história” **(E9)**. Percebe-se na fala do entrevistado a grande jornada vivenciada pelos tropeiros, que pode ser associada à jornada do herói. Anaz (2020)<sup>5</sup> elucida sobre as fases da jornada do herói citando os estudos de Campbell<sup>5</sup>:

[...] é a aventura de um protagonista – o herói – que sai de seu mundo ordinário, cotidiano – universo conhecido – para se arriscar em um mundo especial – universo desconhecido –, onde supera adversidades, obstáculos e desafios, ganha força e sabedoria e retorna ao mundo comum de onde partiu, depois de uma transformação que impactará esse mundo de origem.

---

<sup>5</sup> Em uma de suas mais conhecidas obras, O herói de mil faces, Campbell, mais do que identificar os principais arquétipos que emergem da produção cultural humana ao longo de milênios, desenvolve uma tese radical: a de que as narrativas humanas seguem um único padrão, que ele identifica como a “jornada do herói” ou “monomito” (ANAZ, 2020, p. 260).

Há, assim, uma estrutura ou um modo universal de contar histórias que envolve basicamente as fases de separação, em que um herói sai do mundo conhecido, de iniciação, em que o herói adentra o desconhecido e supera os obstáculos, sofrendo uma transformação, e retorno, em que o herói transformado volta a sua comunidade trazendo (ou em busca de) alguma recompensa (ANAZ, 2020, p. 260-261).

Prosseguindo o processo histórico, no ano de 1910 havia engenhos, que, além do açúcar, também produziam rapadura, melado e aguardente, mercadorias importantes para vender aos tropeiros. Nesta mesma rota acontece o estabelecimento de casas comerciais e também “atafonas, descascadores de arroz, curtumes, selarias, serrarias e até uma fábrica de tamanco” (CAPITAL DOS CANYONS, 2020, p. 1). O ano de 1943 marca a criação do distrito de Praia Grande recebendo a categorização de vila. Nesse mesmo ano foi aberta a estrada geral Nereu Ramos e surge o transporte motorizado. Sobre a vida antes da estrada geral, explana-se que:

[...] Resumindo, isto aqui não tinha estrada, esta estrada era carreiro, tipo uma trilha. Pra passar a gente ia cruzando o rio, desviando morro, só a cavalo e a pé para passar aqui. Nós saía de onde meu pai morava, eu descia da serra, chegava ali, nós ia procurar baile pra dançar aqui pra baixo, porque em cima destes morro morava gente de tudo que era lugar. Em cima desses morro, no chapadão, tudo morava gente. **(E9)**

Em 1917 inicia o povoamento, que é de base lusa seguida de núcleos de origem espanhola, alemã, italiana, polonesa e africana. No ano seguinte, em 1918 é construída a primeira capela próxima ao rio, depois, devido ao novo traçado de rua, a igreja foi levada para a praça em frente da atual. Em 1919, foi encomendada a imagem de São Sebastião, padroeiro de Praia Grande (CAPITAL DOS CANYONS, 2020, p. 1).

A abertura oficial da estrada da Serra do Faxinal, que liga os municípios de Praia Grande/SC e Cambará/RS, foi em 1976. No começo do ano de 1981, embora de forma precária, já era possível a passagem dos primeiros veículos motorizados.

Figura 7 – Vista aérea da cidade de Praia Grande/SC



Fonte: Capital dos Canyons (2020, p. 1).

Avançando sobre a história de Praia Grande, sua emancipação deu-se em 1 de julho de 1958. A cidade dista a 35 quilômetros do mar, no extremo sul catarinense, sua localização é no entorno dos Parques Nacionais Aparados da Serra e Serra Geral.

A cidade é alcunhada de “PK” pelos seus habitantes em referência às placas de carro do município que levam essas iniciais. Também há um dito popular bem presente em sua população em relação ao nome da cidade: “não tem praia e nem é grande”, fazendo alusão ao nome Praia Grande.

A história conta que este nome se deve aos tropeiros que desciam a serra do Rio Grande do Sul e paravam para descanso à sombra das árvores localizadas às margens do rio Mampituba que divide os dois estados. Local que presentearia moradores e turistas com “considerável reserva florestal, com ricas flora e fauna, devido aos Parques Nacionais situados nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul” (CAPITAL DOS CANYONS, 2020, p. 1).

Concomitante a explanação acima apresentada sobre as comunidades quilombolas, protegidas pela Constituição Federal, Leis Federais, Decretos,

Instruções Normativas e Portarias, as unidades de Conservação, dentre outros, vale frisar que a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – Unesco – desenvolveu em 2000 o conceito de geoparque, como sendo: "um território de limites bem definidos com uma área suficientemente grande para servir de apoio ao desenvolvimento socioeconômico" (UNESCO, 2000, p. 1).

Assim, resultado de uma longa espera para alguns praiagrandenses, em 21 de abril de 2022, aconteceu a cerimônia da chancela oficial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) ao Geoparque Global Caminho dos Cânions do Sul, de Santa Catarina.

Na data de 13 de abril de 2022, o parque foi nomeado e reconhecido como território de relevância geológica internacional e passou a integrar oficialmente a Rede Global de Geoparques. Em sua fala durante a cerimônia, o presidente da SANTUR, Henrique Maciel, fez seu pronunciamento nesta cerimônia que aconteceu de forma virtual pelo canal oficial da Rede Global de Geoparques da Unesco. Reafirmou que tratava-se de “um momento histórico para Santa Catarina. Estamos orgulhosos e queremos convidar a todos para comemorarmos essa conquista que irá impulsionar e fortalecer o turismo do nosso Estado” (SANTA CATARINA, 2022).

A Unesco prossegue com a definição de geoparque, citando que este território deve abranger determinado número de sítios arqueológicos relevantes ou um mosaico de “entidades geológicas” de especial importância científica, raridade e beleza (geossítios) representativa a uma região e sua história geológica, eventos e processos. Atributos ecológicos, arqueológicos, históricos e culturais também compõem o cenário dos geoparques (UNESCO, 1996).

O Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul é formado pelos municípios de Cambará do Sul, Mampituba e Torres, no Rio Grande do Sul; Praia Grande, Jacinto Machado, Timbé do Sul e Morro Grande, em Santa Catarina. O território abrange uma área total de 2.830 km<sup>2</sup> e cerca de 74 mil habitantes. Com a chancela recebida pela Unesco em 21 de abril de 2022, o Brasil passa a ter três Geoparques, sendo o primeiro deles o Geoparque Araripe, no Ceará, reconhecido em 2006; e agora os Caminhos dos Cânions do Sul e o Geoparque Seridó (Rio Grande do Norte), que receberam o título ao mesmo tempo (GEOPARQUE CAMINHOS DOS CÂNIONS DO SUL, 2022).

O Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul tem a finalidade de proporcionar o desenvolvimento integrado e sustentável do território, contando com uma equipe técnica coordenada por profissionais das estruturas municipais, que

desenvolvem as ações no território em conjunto com instituições parceiras e comunidades locais (GEOPARQUE CAMINHOS DOS CÂNIIONS DO SUL, 2022).

Embora este olhar de “desenvolvimento econômico” associado ao Geoparque Caminho dos Cânions do Sul, recebido com pompa pelo poder público, classe empresarial turística e parte da população, há que se registrar que há significativas controvérsias, como apropriadamente se expõe por meio das narrativas dos moradores locais no tópico abaixo.

### 3.2 TURISMO E DESENVOLVIMENTO: PROGRESSO PARA QUEM?

O município de Praia Grande tem sua história fortemente marcada pela economia agrícola e, portanto, pautada na sua maioria por uma população com modo de vida rural. Entretanto, como vem acontecendo de forma recorrente em muitos municípios de pequeno porte, Praia Grande vem se transformando e ficando conhecida mundialmente, tendo como pano de fundo a natureza: É o turismo em ascensão!

Sobre a concepção dos sujeitos da pesquisa acerca do turismo, a geração de emprego, renda e progresso foram apontados como fatores de desenvolvimento e crescimento econômico. Um entrevistado apresenta uma narrativa associando o turismo ao negócio: “[...] é uma indústria sem chaminé”, argumentando que “é uma coisa boa [...] não polui né, não tem a destruição do meio ambiente, isso é muito importante”. **(E2)**. A comparação de que o turismo é uma “indústria sem chaminé”, ideia propagada por Boullion (2002, p. 31), deve-se ao fato de que esta atividade é uma grande geradora de divisas e empregos. Para o autor é a atividade econômica que mais cresce e se desenvolve em todo o mundo.

Outra fala reforça esta visão do turismo como um gerador de empregos: “Eu acho bom, traz muito emprego para as pessoas que querem trabalhar né...[...]”. **(E3)**. Cabe registrar que no ano de 2021 Santa Catarina teve a maior geração de emprego da história e o segundo melhor desempenho do país em janeiro, contabilizando 23,3 mil novas vagas, marcadas por intensa atividade econômica, movimentadas pelos setores de serviços, indústria e turismo. “Em números absolutos, Santa Catarina ficou apenas atrás de São Paulo, que gerou 48,3 mil vagas, mas possui uma população quase sete vezes maior”, segundo os dados do Cadastro Geral

de Empregados e Desempregados (CAGE), divulgados pelo Ministério do Trabalho em março de 2022 (GOVERNO DE SANTA CATARINA, 2022, p. 1).

Nesta mesma direção, um dos entrevistados considera positivo o turismo em sua cidade: “Então eu acho que é um grande setor pra Praia Grande, pro nosso município, é um desenvolvimento bom [...]” **(E5)**, e complementa, além de mostrar as razões pela procura dos turistas:

Eu acho que pra quem luta com isso aí é um bom futuro, porque o que tá aparecendo de turista que vem pra Praia Grande, barbaridade, por causa desses peraus e morro, que nós daqui não demos bola, temo acostumados, mas tem gente que enche esta Praia Grande pra ver estas coisas. Tem vez que não tem nem cama pra toda essa gente, lotam tudo. **(E5)**.

Também há demonstração de satisfação com as possibilidades que o turismo pode gerar no município em comparação entre o antes e o depois:

Temos também muitas cabanas aí né, para receber este pessoal de fora, os turistas que vem para Praia Grande que para nós está sendo muito bom, muito ótimo. [...]. Olha mano, a Praia Grande antes do turismo era um lugar com pouco emprego né, tinha pouco movimento na nossa cidade. Para mim nossa cidade era ruim e agora se tornou melhor. **(E1)**.

A associação turismo e progresso é feita por **(E5)**: “Então hoje vê esse povo circulando por aí, esses turista é coisa boa, traz progresso pra região.” Sobre a dimensão de progresso, na percepção deste morador, vale ressaltar, mais uma vez, a existência do paradigma dominante ao qual o turismo leva ao desenvolvimento, como sinônimo de progresso.

As expectativas apresentadas residem na questão econômica e, sobre isso, Magalhães (2002, p. 3) destaca que “não se pode negar que a atividade turística movimenta recursos financeiros, emprega mão-de-obra [...] e pode melhorar a qualidade de vida das populações envolvidas.” No entanto, a discussão acerca do que é progresso no cenário turístico indica também pontos negativos, pois ocupa-se somente das questões econômicas. Nessa dimensão, é preciso um olhar que ultrapasse a questão meramente econômica, considerando seus múltiplos vieses atendendo de forma permanente a serviço de todos, visitantes e moradores, considerando o contexto comunitário e a natureza.

Contudo, há que se registrar, que o conceito de desenvolvimento como crescimento econômico é predominante. Pauta-se na ideia de que bens materiais e

estado de bem-estar e conforto levariam à satisfação das necessidades do indivíduo. Tal concepção de crescimento econômico emerge no século XX, no período pós Segunda Guerra Mundial, denominado desenvolvimentismo, permeado pela industrialização e urbanização, permanecendo por mais de meio século depois. Este modelo de desenvolvimento solidificou-se na riqueza econômica e na competitividade entre mercados, desconsiderando a importância das dimensões sociais e ambientais resultando em uma crise socioambiental contemporânea. Este cenário é comentado por Furtado (1974) e Elf (2007), quando sinalizam que os resultados positivos foram alcançados em alguns países e para uma parte das pessoas; já os efeitos negativos econômicos, ecológicos e culturais, foram distribuídos de forma desigual sobre regiões, populações e grupos sociais.

O mito do desenvolvimento (FURTADO, 1974), tem sido bastante útil para mobilizar os povos da periferia no intuito desta população aceitar sacrifícios voltados à legitimação da destruição de formas de culturas arcaicas para explicar/justificar e fazer esta população compreender a necessidade de destruir o meio físico e as formas de dependência que reforçam o caráter predatório do sistema produtivo (FURTADO, 1974).

O autor acima menciona que para a questão do turismo e desenvolvimento não basta dispor de recursos para investir, mas, sim, é preciso que haja um projeto social que objetive prioritariamente melhoria nas condições de vida da população local.

[...] desenvolvimento não é apenas um processo de acumulação e de aumento de produtividade macroeconômica, mas principalmente o caminho de acesso a formas sociais mais aptas a estimular a criatividade humana e responder às aspirações da coletividade (FURTADO, 2004, p. 485).

Nesta mesma direção, Sen (2000) amplia o conceito de desenvolvimento e o apresenta como um processo de expansão das liberdades reais desfrutadas pelas pessoas, mencionando que tais liberdades dependem também de outros fatores determinantes, como as disposições sociais e econômicas (educação, saúde etc.) e os direitos civis (liberdade de participar de discussões públicas etc.)

Diante deste cenário apresentado pelos autores referenciados, busca-se o questionamento sobre para quem seria este turismo e desenvolvimento. Há teorias que efetivamente discutem um caminho contrário ao modelo de turismo adotado que,

em síntese, prevê a acumulação de lucros e divisas. “Por isto não cumpriu, e provavelmente não cumprirá as promessas de gerar emprego e distribuir renda para todos. Estas ideias vão ficando nos discursos, não chegam às políticas” (CORIOLANO, 2006, s/p).

As narrativas, no entanto, transparecem a satisfação pela atividade turística local enquanto sinônimo de desenvolvimento, de crescimento econômico da cidade como resultante do turismo. **(E1)** aproxima-se deste contexto ao afirmar que: “[...] moro há quarenta anos nesta cidade, ela era pequena e está crescendo por causa do turismo. Temos aqui um turismo muito bonito, muito bom e é uma alegria ver essas melhorias para os sem [...]”.

As respostas representam o aspecto cordial sobre a presença de turistas na região acreditando que é, de fato, muito positiva a transformação do município de Praia Grande. Para esse cenário, Baldissera e Bali (2012) reportam-se para os estágios dos sentimentos dos moradores descritos por Doe (1972): euforia, apatia, irritação e antagonismo. Esta visão positiva do turismo representa o primeiro estágio: a euforia, quando os moradores se mostram felizes, receptivos com o desenvolvimento turístico local diante da possibilidade de lhes trazerem benefícios. “Nesse estágio, os visitantes e os investidores são bem-vindos, e a comunidade local exerce um mínimo de planejamento e controle sobre suas atividades” (BALDISSERA; BAHL, 2012). Entretanto, o primeiro estágio – euforia – pode ser superado pelos demais estágios listados por Doe (1972), que trata de identificar os efeitos cumulativos do desenvolvimento do turismo sobre as relações sociais e a evolução da mudança nas atitudes dos moradores com relação aos turistas.

Doxey (1972) explica que após o momento de euforia, a comunidade sente a pressão advinda dos turistas que desejam dispor de uma infraestrutura mais completa. Assim, o aumento do fluxo e o contato entre turistas e população vai, gradativamente, ficando menos pessoal. Neste estágio os moradores já se encontram no estágio da apatia em relação a atividade e o turismo já não se configura em uma novidade, passando a ser exclusivamente uma maneira de obtenção de lucro.

O estágio de irritação, mencionado por Doxey (1972), emerge quando o fluxo de turistas passa a gerar mudanças na localidade (congestionamentos, preços elevados etc.), excedendo os limites de tolerância da comunidade. Os custos também excedem os benefícios e a comunidade passaria a agir com hostilidade em relação aos turistas.

Sobre este contexto, Brunt e Courtney (1999, p.221) citam que a maior debilidade:

[...] é o fato de que os residentes não formam um grupo homogêneo e o modelo é determinista, deixando um único destino para a comunidade que se desenvolve turisticamente. No entanto, os autores esclarecem que é necessário ficar claro que apesar das críticas, o modelo de Doxey possui grande valor teórico e tem grande destaque para a teoria do turismo.

Uma narrativa vislumbra a questão turística no município de Praia Grande considerando um aspecto positivo para sua cidade: “Olha eu creio que vai ajudar, até já tá ajudando. E cada vez vai aumentar mais, com mais incentivo e mais gente fica melhor e aí vai ajudar. As pessoas vão se organizando melhor e aí tem futuro”. **(E6)**.

O desenvolvimento que o turismo pode gerar também é comparado entre o antes e o depois deste, pelo entrevistado **(E2)**.

A gente não acompanhou muito né, porque a cidade foi muita lenta, agora que tá se desenvolvendo um pouco mais, de uns anos pra cá né [...] por causa do turismo, é o que tá levantando né, hoje a agricultura nossa é muito pequena, está muito nas encostas aqui, não tem muito o que plantar, não tem área grande pra produzir né. Então o pessoal sobrevivi de muito pouco aqui, planta um feijão, um milho, cria um gadinho né, alguns plantam fumo, por que é nas encostas né.

Ao argumentar que a cidade está se desenvolvendo devido ao turismo e está sobrando pouca terra para plantar, evidencia-se a referência à agricultura que é economia principal da cidade. Segundo a página governamental oficial de Praia Grande a “atividade econômica predominante no município é a agricultura, representada pelo cultivo do arroz, milho, fumo e banana” (AMBIENTE ECONÔMICO, 2014. p. 1). Pode-se evidenciar um modelo de desenvolvimento urbano que avança sobre as áreas rurais, quando o entrevistado **(E2)** menciona que o município de Praia Grande não tem área grande para produzir. Sobre este contexto, Silva (2008 *apud* MUNARI *et al.*, 2018, p. 253), alerta para a “criação e promoção de espaços artificiais com qualidade de vida em contato com a natureza, voltados a um público mais abastado, com valores que englobem a vida da comunidade local.”

Entretanto, os moradores se mostram receptivos ao desenvolvimento da cidade que o turismo pode ofertar. Remetendo-se ao já mencionado sentimento de euforia do morador local (DOXEY, 1972), citado por Baldissera e Bahl (2012), Sean (1993) faz um alerta sobre ser a intenção turística o aumento de renda e crescimento

econômico, quando alude ao fato de que o problema não se encontra na busca da prosperidade econômica, mas sim no aspecto de ser o objetivo central, e não um objetivo intermediário, que favorece em última instância a vida humana.

O entrevistado **(E2)** refere-se à atividade turística comercial e comenta sobre a valorização imobiliária:

Hoje, tá lá o Rio do Boi, acho umas 400, 500 pessoas por dia às vezes, né. Se for lá no Rio do Boi dá pra ver o movimento de carro que tem lá. E já tá tendo bastante cabana lá também. O valor dos terrenos tá ficando muito valorizado lá, vê que a Pedra Branca eu soube agora de uma pessoa que comprou uns lotes lá agora, tu vê, **pagou 30 mil um lotezinho**, lá na Pedra Branca. Olha a valorização, não dá pra acreditar. **(E2)**.

Sobre a especulação imobiliária, esta é uma das mudanças que afetam a economia das localidades e, sobretudo, os moradores. A valorização elevada dos terrenos e aluguéis das residências atingem diretamente os moradores locais, pois os lucros com a atividade turística nem sempre compensam os aumentos de preço (RUSCHMANN, 1999). A especulação imobiliária pode chegar a tal ponto de descontrole que “[...] o preço dos terrenos e os aluguéis pagos pelos estrangeiros são tão elevados que um autóctone não pode mais se dar ao luxo de morar na própria comunidade”, e muito menos construir uma casa para morar (KRIPPENDORF, 2003, p. 74-75).

O aspecto comercial do turismo é acompanhado na linha do tempo pelo **(E9)**, que o considera uma “explosão”:

[...] vinha-se tendo uma caminhada bem lenta no turismo, muito puxada pelo ecoturismo, por exemplo, se você viesse aqui em Praia Grande a vinte e três anos atrás, você ia encontrar dois hotéis aqui no centro, para quarenta, sessenta leitos, era mais pra casamentos, viajantes e tal, hoje são mais de um mil e trezentos leitos, então em vinte e três anos deu ai uma expandida enorme, claro que um mil e trezentos leitos não é oficial, mas é uma conta minha assim, fiz uma conta por cima um mil e trezentos leitos e tá surgindo muito mais né, mil e trezentos leitos pra sessenta leitos, em vinte e três, não sei nem fazer a conta quantos por cento é, dá mais de um mil por cento. Então foi uma explosão. **(E9)**.

O crescente número de leitos existentes em Praia Grande atualmente é considerado positivo à expansão turística na percepção do morador. Hoje existe um significativo desenvolvimento do turismo em nível mundial, envolvendo grandes cifras e movimento de pessoas, tratando-se de um dos meios mais eficientes para trazer e resgatar a prosperidade econômica de muitas regiões. Outrossim, a atividade turística

oportuniza empregos em hotéis, restaurantes, lojas, agências de viagens, empresas voltadas ao entretenimento, empresas de transportes e outros tipos de estabelecimentos voltados ao turismo que sejam beneficiados pela distribuição desse gasto inicial.

**(E9)** percebe também que este desenvolvimento requer mão-de-obra especializada, consciência, enraizamento e sentimento de pertencimento como fatores para reflexão.

Mas tá tendo uma transformação de mão-de-obra enorme, tá vindo muita gente de fora para trabalhar aqui, tá sendo construída muitas pousadas milionárias, como aquela que tá aqui no meio da serra Discovery Canyons, uma pousada milionária, o cara investiu 6 milhões, em 2 anos, e assim, ele não encontra mão-de-obra, tem que trazer de fora. Lá na Vila Rosa, tem um restaurante agora, o do Regis, muito legal, vale a pena visitar. O cara que é da Praia Grande, morava fora, tinha 2, 3 restaurantes bem conhecidos, colocou um restaurante lá na Vila Rosa, um cara que tem restaurante na BR, tem restaurante em cidade famosa, foi colocar restaurante na Vila Rosa. Tá um momento bem interessante pra reflexão, se agora correrem atrás e darem um jeito de fazerem a coisa certa pode ser que não tenhamos prejuízo lá na frente em termos de enraizamento e pertencimento. **(E9)**

O sentimento de pertencimento ocorre justamente quando há uma relação estreita com o lugar e a pessoa sente-se parte dele (POL, 1996). Sobre isso, voltado ao processo de apropriação do espaço, Gonçalves (2007) cita que a cultivação ocorre quando o sujeito cuida, preserva o espaço, tornando-o aconchegante às suas necessidades. Considera-se que o lugar físico e próximo é o que oferece às pessoas a realidade do pertencimento (CASTELLS, 2000).

Diante do exposto, o pertencimento deve levar à participação da população local nas decisões do turismo, percebendo os moradores como pertencentes ao lugar auxiliando-os a reconhecerem-se como tal.

O entrevistado reflete pontos importantes da atividade turística desenvolvida na comunidade que exige, por exemplo, mão-de-obra local treinada, capacitada e incluída no processo produtivo que oferta emprego ao morador. Neste cenário, Issa e Denker (2006) avaliam que a importação de recursos humanos está suscetível à geração de conflitos porque exclui socialmente fatia da comunidade local.

Onde não há participação da comunidade como um todo, não pode haver uma atividade turística coerente e voltada para a melhoria das condições de vida dos moradores. Observa-se uma forma precária de inserção da população de Praia Grande na atividade turística da região. Nos relatos dos entrevistados há

considerações acerca da ausência de planejamento nas transformações que ocorrem e ocorrerão nos espaços físicos, na população e modo de vida local, patrimônio natural e cultural priorizando o turismo/turista, desconsiderando o morador local.

**(E9)** afirma: “[...] se agora correrem atrás e darem um jeito de fazerem a coisa certa pode ser que não tenhamos prejuízo lá na frente em termos de perda do enraizamento e pertencimento”. Tal observação é fundamentada por Mendonça (2010), quando identifica o turismo como um fenômeno que tem influência direta nas relações sociais e transformações espaciais que se configuram nessa dualidade; porque ora é responsável pela degradação, ora pela valorização dos lugares. Para o autor, essa dualidade é resultante da turistificação, ausência de planejamento nas transformações dos espaços, que negligencia a população e o modo de vida local. Assim, repercute sobre o patrimônio natural e cultural favorecendo o turista e o fazer turístico.

Valorizar a produção local é um dos vieses para a atividade turística local percebida por **(E6)**, quando diz que o turista, além das belezas naturais, “quer ouvir a história da comunidade, como ela nasceu [...]”, aludindo ao aspecto da cultura local, citado por Baldissera e Bahl (2012), como um elemento que gera impactos positivos. Ruschmann (1999), também se reporta ao aspecto cultural como impacto positivo do turismo. Abaixo se apresenta este contexto, abordando a questão da gastronomia:

Nós somos muito carentes ainda na questão de alimentação, e uma coisa que pega muito é: Qual é o nosso prato típico? Eu digo por mim, na época que eu fazia minhas cavalgadas, que o diferencial aqui é o que, a rosca de polvilho, mas eu não posso servir só a rosca de polvilho. Sabe, não tem assim um culinária, ah um almoço tradicional daqui, não, a gente tem o churrasco! Mas tem lugar para comer um bom churrasco quando vem gente de fora? Ou assim, o fulano não tem condições para oferecer café colonial, café rural, e pode ter um restaurante, mas seria interessante que ele comprasse da dona fulaninha coisas da colônia, a geleia da dona francisquinha, o queijo da dona maria, a bolacha, pega o leite do seu fulano, trabalha com a comunidade entorno onde todo mundo vai ganhar. Uns fazem lembrancinhas, outros trabalhos manuais e todos saem beneficiados. (E10).

A percepção da moradora leva à verificação de que os aspectos culturais merecem um olhar especial quanto ao seu desempenho diante das localidades, pois, como comentado por Mendonça (2004), existe o interesse por parte dos turistas para conhecer novas culturas, entretanto, em muitas das atividades no turismo, não há demonstração de educação e respeito às localidades e aos moradores, acerca do que eles podem opinar, sugerir e oferecer.

**(E10)** revela compreender a questão da valorização e preservação do patrimônio, quando pontua os costumes acerca da gastronomia local e suas observações cabem nos conceitos de preservação e valorização do patrimônio, já que a gastronomia vem sendo reconhecida como tal. Inicialmente a preservação patrimonial remete a monumentos tombados e/ou ameaçados denominados patrimônio material. Entretanto, há um esquecimento de que há o patrimônio imaterial citados por Figueira e Miranda (2012), quando mencionam ser este ainda mais rico e diversificado porque advêm dos saberes que constituem além da formação cultural, funções sociais e históricas, podendo ser a marca de uma comunidade, um aspecto de sua identidade coletiva. Esta expressão pode se dar por meio de coisas simples, mas carregada de significados, como a culinária local, também considerada patrimônio cultural. Ela guarda em sua forma de preparo o “fazer” de um povo, aquilo que o move, representando hábitos e costumes de uma comunidade (FIGUEIRA; MIRANDA (2012).

**(E3)** relata sobre a falta de valorização da cultura local: “[...] eu acho que o povo só tá voltado para as pousadas, restaurantes, casa alugada, cabanas, as trilhas, mas não se unem para fazer associações, vender os produtos locais e valorizar quem produz algo na região, isso é bem pouco”.

As considerações apontadas pelas duas últimas narrativas acima **(E10 e E3)** reportam ao processo de turistificação acolhendo definições de autores que subsidiam essa percepção: reapropriação do território (CRUZ, 2002), refuncionalização (NÓBREGA, 2005), ressignificação (MURTA, 2008), organização socioespacial preexistente/(re)apropriação (CRUZ, 2002).

O termo turistificação vem sendo usado nas questões turísticas para indicar as transformações que ocorrem nos espaços como resultado do desenvolvimento turístico. De acordo com Serra (2019), ambos: o território turístico e o processo de turistificação do espaço são apropriados pelos agentes públicos, econômicos e sociais.

**(E3)** expressando à necessidade de trazer à atividade turística a história, e **(E10)** à produção local, expressam seus desejos de representar sua cidade enquanto especificações culturais. É desse modo que a turistificação traz novas formas e funções que afetam as dimensões materiais e simbólicas da sociedade. Ao realizar um estudo sobre os processos produtores de imagens coletivas e representações das especificidades culturais locais, Bustos Cara (1996) apresenta cinco momentos que

resultam da relação entre a população local e os estímulos da atividade turística que constroem um mundo imagético e de representações. O autor (1996) sintetiza a questão, dizendo que a imaginação e as representações dão sentido ao atrativo turístico, pois a população local reinventa-se, formando o que o autor denomina “população artificial”, que vai se modificando ou se resignificando para atender à demanda turística. Os cinco momentos são:

O primeiro momento é a população local, que produz as imagens, e o turismo ainda em processo de consolidação através dessas imagens criadas. No segundo momento, o estabelecimento de um envolvimento entre população local e população artificial, criado pelas novas relações econômicas turísticas. No terceiro momento a população local distancia-se da população artificial, perdendo seus referenciais locais. No quarto momento a população local toma consciência de classe e de expressão política e busca unificar a sociedade artificial criada. Já no quinto e último momento, estabelece-se a população artificial sem contato com a autêntica (BUSTOS CARA, 1996, p. s/n).

A citação ilustra as palavras das entrevistadas **(E3)** e **(E10)**, pois apresenta a busca pela originalidade e raízes culturais da população local pelas imagens que a legitimam (primeiro momento); revelam também o entendimento acerca do segundo momento descrito por Bustos Cara (1996), o envolvimento população local e população artificial. O terceiro momento – ao que tudo indica já ocorre com as entrevistadas, pois a julgar pelas “cobranças” – de que todos poderiam se beneficiar **(E10)** - e que as pessoas não se unem para fazer associações **(E3)** – eventualmente as levam a se distanciar da população artificial. Nos momentos seguintes, “a população local toma consciência de classe e de expressão política e busca unificar a sociedade artificial criada” e já no quinto e último momento, estabelece-se a população artificial sem contato com a autêntica” (BUSTOS CARA, 1996). Assim, o processo de turistificação vai se estabelecendo, lembrando que este resulta das relações complexas que envolvem o turismo que se volta de forma intensa para a prática turística, o que pode ocasionar impactos positivos e negativos para a localidade.

A questão levantada pelas moradoras de Praia Grande ilustra a questão da turistificação em seu teor negativo, considerando-se que para Serra (2019), tal processo está diretamente ligado ao modelo capitalista que busca a produção máxima e, para tanto, aprofunda a relação de apropriação do espaço por meio do produto turístico realizada por agentes de mercado quando identifica um campo favorável.

Segundo Barreto (2000), se direciona a constituição de uma sociedade que, por sua vez, nega ou ignora as funções, os costumes e as paisagens locais, objetos de apropriação turística. A autora (2000) tece críticas, quando destaca que atualmente toda manifestação humana se transforma em bem de consumo, seja pela indústria cultural, seja pela globalização da economia que tem o objetivo de igualar todos os espaços. Desse modo, a crítica de Barreto (2000) repousa no fato de que alguns antropólogos e historiadores veem a preservação da identidade como uma exigência do mercado turístico internacional, porque a maioria dos turistas são de países ricos. Já as comunidades receptoras, mantêm as características de identidade local, cujo mercado exige; elementos estes característicos e diferenciais da cultura daquele lugar que, assim, se torna matéria -prima com vistas na criação de um produto turístico para comercialização.

Como amplamente mencionado, as belezas naturais do município de Praia Grande é cenário para o ecoturismo, o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) assim o conceitua:

Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista, a interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas (EMBRATUR; IBAMA, 1994, p. 19).

Esta temática acerca do turismo sustentável ecoa nas publicações voltadas ao turismo, enfatizando a necessidade do envolvimento do patrimônio natural e cultural que formam a consciência ambiental. Mencionando a educação ambiental neste contexto amplo da sustentabilidade, o entrevistado **(E9)** cita seu conhecimento e disponibilidade em contribuir com o turismo em Praia Grande:

Na escola, a gente foi tentando, eu sempre trabalhei aqui no município, tentei falar sobre trilha, falar sobre natureza, sobre estas, voltado a educação ambiental. Porque nas escolas de modo geral, até por causa do Plano Curricular Nacional, já tem ali meio ambiente como tema transversal, meio ambiente ligado claro a natureza, ligado a educação ambiental, que acabam sendo sinônimos né. Tudo corresponde também a política nacional de meio ambiente, que corresponde a política nacional de educação ambiental. Em 97, foi criado a Lei de Educação Ambiental no Brasil 9.779, uma lei muito importante, que também assumia essa responsabilidade de desenvolver o ambiente, aqui a grande novidade era a questão dos parques nacionais estarem sendo reconhecidos **(E9)**.

Tendo este conhecimento acerca de uma educação ambiental realizada na escola, **(E9)** trouxe a preocupação voltada ao Geoparque enquanto desenvolvimento sustentável do turismo em Praia Grande.

[...] porque é assim como trabalha o Geoparque, nossa preocupação desde o início, foi sempre pensando no desenvolvimento sustentável do turismo, ou seja, a questão econômica, a questão educacional, a questão social que é este tripé, que eles fossem encarando com a perspectiva mais humana assim, menos exploratória, de valorizar mais o genuíno, valorizar mais o bem estar, valorizar quem mora aqui, valorizar mais o local, valorizar mais a força comunitária, não deixar pra traz os quem são daqui. Então o turismo, o desenvolvimento sustentável, foi uma busca desta galera assim que eu tô falando, estes primeiros empresários que investiram fortemente, então foi nesta busca do desenvolvimento sustentável **(E9)**.

Neste contexto, promover e praticar turismo sustentável exige um olhar minucioso contemplando as questões problemáticas sociais, a diversidade cultural e a questão ambiental. Irving e Camphora (2005 *apud* IRVING, *et al.*, 2005, p. 2) dizem que “[...] A sustentabilidade, tomada como referência, acolhe aspectos materiais e imateriais das várias dimensões envolvidas em seu significado”.

**(E9)** informa que:

A Secretaria de Turismo contratou [...] Leandro Basotti, um turismólogo, que tá fazendo frente ai a um trabalho bem interessante já em poucos meses [...]. Eles precisam conseguir fazer um plano de gestão bem legal valorizando o povo local, as raízes, as tradições, vai ser bem importante.

Assim, a sustentabilidade traz a oportunidade ao ecoturismo usar seu poder para redimensionar os espaços, paisagens, culturas e economias por meio de ações que possam gerar benefícios não só para o meio-ambiente em geral. Também para as pessoas que usufruirão deste, além dos lucros posteriores para os responsáveis pela reserva ou local da prática de ecoturismo, vindo ao encontro da *United Nations Environment Programme – UNEP* (2005 *apud* IRVING, *et al.*, 2005, p. 3), “turismo sustentável não representa uma forma especial de turismo. Em realidade, todas as formas de turismo deveriam ser sustentáveis”.

Nesse sentido, é por meio dos níveis de participação que se pode aferir o quanto uma atividade turística se aproxima de um turismo mais sustentável pois este se reflete na dimensão social da sustentabilidade.

Sobre ecoturismo, o entrevistado define:

Olha é as trilha né, é a pedra branca, a cachoeira do seu gorgonho, mas a primeira é essa aqui da pedra branca. Tem aumentado muito o trânsito aqui, final de semana mesmo é muito carro e muita gente. Inclusive a mulher é representante da comunidade e nós conversamos que o turismo é uma renda a mais pra comunidade. A comunidade tá dentro de um parque e essa renda ela não precisa agredir o meio ambiente, não precisa derrubar árvores, como diz o outro né. É uma rendinha que ajuda muito né. **(E6)**.

Se percebe a relação entre desenvolvimento e sustentabilidade quando **(E6)** menciona a atividade turística no município enquanto geradora de renda e complementa dizendo que “ela não precisa agredir o meio ambiente”, pontuando, assim, a questão econômica e sustentável.

Vasconcelos e Coriolano (2008, p. 271) sinalizam que o modelo de turismo globalizado, voltado aos megaempreendimentos, foi trazido aos denominados países “em desenvolvimento”, mas “não ofereceu oportunidades e vantagens às comunidades receptoras por não as incluir em seus projetos”. É preciso construir alternativas locais pautadas na sustentabilidade socioambiental e em valores humanos culturais voltadas a um novo olhar ao lugar e ao turismo que não seja voltado somente ao consumo, mas, sim, às trocas de experiências, constituição de laços de amizade e valorização cultural local (VASCONCELOS & CORIOLANO, 2008).

Uma narrativa reflete o pensamento voltado ao ecoturismo de forma consciente, citando a necessidade do morador local em entender como este deve ser desenvolvido, a partir das premissas da sustentabilidade:

A maior parte não entende que o turismo que a gente tem aqui não é um turismo de massa, aquele que vem com os ônibus, desce todo mundo e percorrem por todo o lugar, o nosso público é para o ecoturismo, tem tudo para trabalhar essa questão do desenvolvimento sustentável com as comunidades tradicionais, as comunidades entorno, né, gerar aquela renda, trabalhar com essa população, treinar esse pessoal, e esse pessoal também tem que estar aberto para conhecer o novo, não é aquele ah sei tudo já! É preciso uma troca de experiência pra trabalhar com isso. Praia Grande tem muito potencial, mas é diferente do turismo de Gramado e Canela, Ah mais estão ganhando muito dinheiro, mas gente é uma outra estrutura, então vá até Gramado e Canela conheça as coisas boas de lá e tente trazer para cá, aplica aqui por que também tem coisas boas lá, e é bom essa troca de experiência **(E10)**.

Da mesma forma, **(E9)** cita que contribuiu no início da sensibilização ambiental da comunidade de Praia Grande, detalhando este processo:

A associação trabalhou muito duro, pra despertar no município o turismo, o ecoturismo, trouxe bastante cursos, parcerias com universidades, parcerias com entidades, a gente ia na prefeitura, nem sempre eles davam muita bola,

turismo aqui na Praia Grande, capaz. Então, tinha algumas iniciativas, algumas pessoas da prefeitura né, algumas pessoas da parte empresarial do turismo, a parte aqui dos condutores. Ou seja, pra começar, a gênese, pra despertar a primeira consciência ambiental, a primeira consciência ecológica, este cinco primeiros anos de 97 até 2002, foi algo assim quase lento, mas já se falava em turismo. Começou a ter alguns programas de televisão, algumas reportagens, mas atingir a população era muito difícil. Teve um empenho muito grande também do meu falecido irmão, [...] ele trabalhou muito o turismo na escola, ele fez uma feira aqui de turismo em 2003, se eu não me engano, uma feira na escola, enorme, grandiosa, ali despertou muitos jovens naquele momento sabe, teve mais alguns encontros de turismo, até que a prefeitura começou também, a dar os primeiros passos assim, mas nada era integrado. **(E9)**.

A sensibilização da população para com a preservação ambiental torna-se imprescindível porque esta é a responsável pela sustentabilidade de seu lugar. Assim, a educação ambiental é um instrumento importante, pois evoca a consciência ética e faz respeitar as formas de vida impondo limites à sua exploração (DUALIBI, 2003).

A fala de **(E9)** elucida o processo de sensibilização que consiste no alerta para as questões ambientais, reunindo atores imprescindíveis como universidades, mídia, feiras escolares, associações de condutores de guiamento turísticos, empresários, poder público, dentre outros para o despertar da consciência. Apesar de o entrevistado citar que este início de sensibilização ambiental aconteceu entre 1997 e 2002:

Não tinha e como não tem ainda um plano de gestão turístico, porque nós que fizemos gestão territorial e nem precisa ser só nós, acho que pra qualquer setor tem que ter um plano de gestão, e plano de gestão de turismo na Praia Grande nunca vi, se tu tem um plano de gestão legal, tu consegue incluir a população né, consegue chegar até ela. **(E9)**.

Em meio a cenários ainda em discussão acerca dos rumos das atividades turísticas enquanto atividade necessariamente permeada por questões ambientais reveladas nos entrevistados/as, em abril de 2022 aconteceu a chancela oficial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) ao Geoparque Global Caminho dos Cânions do Sul, de Santa Catarina.

Sobre a percepção dos moradores local a respeito do Geoparque percebe-se desconhecimento por parte de alguns entrevistados: “Muito bem não, eu escuto falar o que o pessoal fala sobre esse geoparque, sobre estes turismo que temos ali na comunidade de Vila Rosa, estes balonismos que tá bombando no momento” **(E1)**; “Isso não era do meu tempo, é bem recente e eu só escuto falar, mas não sei muito sobre isso” **(E5)**; ou ainda:

Sobre estas questões do Geoparque eu não dou assim uma descrição completa, porque afinal eu não entendo bem o que significa, já ouvi falar sobre isso, uns dizem que o Geoparque vem a ser o mesmo turismo, mas é um turismo internacional. Aí vem aqueles turistas lá do estrangeiro, e vamo ter frequência deles e a gente tem que ter outro preparo. Precisa ter pessoas que interprete eles, que sabem falar na língua deles. **(E6)**.

Geoparque envolve elementos geológicos e paleontológicos excepcionais, mas, também contempla o geoturismo e deve desenvolver a economia local trazendo mudanças à realidade socioeconômica de seus habitantes, e disponibilizar programas de desenvolvimento sustentáveis e projetos educacionais.

**(E8)** acredita que o Geoparque vai beneficiar apenas quem tem dinheiro:

Geoparque, tu entenda uma coisa, vai dar lucro pra quem tem dinheiro pra fazer grandes coisas aí, e quem não tiver dinheiro pra montar qualquer coisa, e nem terra e nem isso e nem aquilo, eles não vão liberar. Tem a ver com esta coisa do IBAMA, daí é só os ricos lá de fora que vão fazer isto, e pobre daqui se quiser, se muito quiser, vão fazer trilha, talvez trabalhar de guia turística pra poder sobreviver, isto ai vem pra atrapalhar e muito **(E8)**.

O denominado “Capitalismo Verde” ou “Ecocapitalismo” tem o intuito de unir a produção e exploração da natureza de forma menos invasiva possível, incorporando princípios da ecologia aos da economia de mercado. Alguns consideram um meio de amenizar os impactos ambientais da exploração capitalista da natureza. No entanto, Cole (1993) e Hammitt e Cole (1998) destacam que a fauna, a flora e ecossistemas sofrem impactos devido às atividades turísticas, provocando, na maioria das vezes, a eliminação ou a modificação da cobertura vegetal da região, afetando ambientes frágeis e causando a fragmentação da vegetação nativa, dificultando a reprodução dos animais e vegetais com a eliminação do ecossistema encontrado na região.

[...] um geoparque é um projeto apolítico, é pra população, não pode ganhar vantagem em cima do projeto. A ideia do pertencimento é muito forte na questão do geoparque, ela tem esta pegada como base primordial, na valorização da cultura local, do conhecimento local, tudo que é extremamente local, o geoparque tem como objetivo prioritário valorizar esta cultura educacional, religiosa, indo mais além, com a exploração de conhecimento da geologia, da geomorfologia, além da ideia da fauna e da flora, é a geologia. **(E9)**.

Assim, para este entrevistado, o Geoparque ultrapassa o conjunto físico de belezas naturais, indo ao encontro da definição da Unesco (1996), quando sinaliza que o Geoparque representa uma região, sua história e cultura (UNESCO, 1996).

Trata-se também da valorização da comunidade local como enfatiza a entrevistada **(E10)**:

[...] o processo de geoparque tem os seus princípios para trabalhar uma alternativa de desenvolvimento sustentável, pra valorizar a cultura local e ele tem que começar de baixo para cima. Então toda comunidade entorno, toda comunidade local tem que estar envolvida. Da criança ao velhinho todo mundo tem que saber o que é o geoparque, todo mundo tem que conhecer os pontos turísticos. **(E10)**.

A entrevistada destaca a importante participação da população local por ser esta conhecedora da região e por vivenciar a realidade local. Assim, é capaz de identificar os problemas e necessidades, avaliação de alternativas, desenvolvimento de estratégias para proteção e/ou valorização do patrimônio natural e cultural; a busca de soluções para os problemas identificados para ofertar a melhoria da qualidade de vida, o fortalecimento da cultura local e o bem-estar social (IRVING et al., 2005).

Prosseguindo nessa direção, a entrevistada ainda complementa que o Geoparque abriga questões de preservação para além do turismo:

[...] É a questão ecológica, porque aqui na área dos parques nós estamos num corredor ecológico, várias espécies transitam do litoral pra serra neste sete municípios que englobam. Aqui a gente tem a mata atlântica, lá em cima mata com araucária, temos ainda o mangue na região do litoral, tem as dunas e várias espécies e habitats, e a gente está neste corredor ecológico. Porque o Aparados da Serra é um corredor ecológico. **(E10)**.

A entrevistada finaliza sua opinião sobre o Geoparque lamentando o cenário geral de desconhecimento e falta de envolvimento da população:

Sabe, as pessoas não conhecem a história, isso é o que dói, e no geoparque todo mundo tem que estar envolvido, conhecer sua história, pra passar pros turistas, nas trilhas a gente tenta trabalhar com o ecoturismo, mas com as crianças a gente tem que trabalhar a educação patrimonial. É um investimento que vale a pena porque ali vamos ensinar os valores, a preservação, a história, o geoturismo onde você precisa conhecer aquele lugar para poder contar, para poder dar informações. Às vezes, nós podemos trabalhar a educação patrimonial com fotografias de lugares, em ruínas as memórias, você pode chamar pessoas que ainda estão vivas para contar histórias. Seria importante que estes conteúdos fizessem parte da escola, do currículo escolar, de projetos junto aos professores, outros profissionais e o envolvimento da comunidade que é muito importante. Também não só o pesquisador da universidade, mas valorizar o saber desses moradores locais,

isso vai gerar um atrativo melhor e o sentimento de pertencimento vai ser muito bom. **(E10)**.

As palavras da **(E10)** remetem a Ruschmann (1999), quando chama a atenção para os impactos culturais e sociais que devem ser revistos com muita atenção já que afetam o íntimo e pessoal dos moradores. A cultura é a representação do conhecimento e a valorização de um povo: costumes, tradições, modos de vida passados de geração em geração. Este entendimento leva muitos turistas a quererem conhecer este conjunto de componentes culturais diferentes dos seus.

Indagados sobre a participação local nos rumos da atividade turística de Praia Grande cabe remeter-se, inicialmente, à Bordenave (1994), quando diz ser a participação local uma conquista e que a comunidade tem a oportunidade de construir um espaço de participação de forma efetiva e que, de fato, esse espaço, não rara às vezes, pode ocorrer em cenários conflitantes que geralmente advêm dos dominantes de forma espontânea.

A literatura que aborda a questão da turistificação aponta a necessidade da participação da comunidade local no processo turístico. Inquiridos sobre a participação local nas decisões sobre o turismo em Praia Grande, o entrevistado **(E2)** respondeu: “Acho que com a população não é tanto, né. Foram mais os órgão competente.” Também o **(E3)** citou que “Na verdade o começo do turismo veio por intermédio da prefeitura, daí o povo começou a abrir as portas das casas para alugar, vieram as pousadas...” As respostas fazem alusão ao poder público municipal assentando-se no denominado turismo tradicional, modelo dominante que é planejado, organizado e executado por poucos e posto em discussão apenas por nichos ou perfis de turistas, e por quem faz turismo, o que caracteriza, portanto, um turismo de exclusão (GOMES *et al.*, 2016).

No entanto, pelo viés do turismo de participação da população são imprescindíveis o direito e deveres de todos os interessados pelos processos turísticos. Sobre este contexto amplo, o entrevistado **(E9)** tem visão deste universo que deve contemplar não só os “nichos e perfis” (GOMES *et al.*, 2016), como também os moradores locais, o que reflete a necessidade da associação entre participação e capital social (PUTNAM, 1996; KLIKBERGER, 1999; HWANG, 2012; THAMMAJINDA, 2013), porque o capital social (quantia bruta investida) também vem de membros de grupos e comunidades. Assim, quando o entrevistado **(E9)** relata que “na associação a gente puxou bastante a parte empresarial, estes são os primeiros

que foram colocando pousadas também, então assim, fomos criando base, raízes, e é por ali que acho que foi incentivando” **(E9)**.

Desse modo, ele respondeu à pergunta do pesquisador sobre “como é que o pessoal foi inserido nesta proposta futurística deste desenvolvimento”:

A partir das pousadas, a partir dos guiamentos dos condutores locais, pessoais locais, é que acho que começa responder a tua pergunta lá, de como é que o pessoal foi inserido nesta proposta futurística deste desenvolvimento! O pessoal foi inserido através dos trabalhos nas pousadas, através dos trabalhos dos guiamentos, o pertencimento vamos dizer assim, tem muito a ver com isto. Tu vai trabalhar na pousada, tu é uma camareira, o pessoal vem de Minas, Rio de Janeiro, na Bahia, é o estrangeiro, Ah eu moro num lugar onde vem gente de fora ver isto aqui, e eu olho todo dia e não dou bola. O condutor local que é despertado ali, no curso de condutor local, no curso de líder de ecoturismo, a nova NBR agora, que é líder de ecoturismo, porque em unidade conservação você não precisa ser um guia de turismo, aquele da Embratur de 800 horas, tu é um condutor ambiental, pode ter um curso com competências mínimas de condutor, ou esta outra NBR agora que é um líder de ecoturismo, mais o curso de primeiros socorros, se tiver um curso de canyonismo melhor ainda. **(E9)**.

O entrevistado traça um panorama abordando vários pontos acerca de como pode ser a participação local e enfatiza os trabalhos iniciados sugerindo acerca da participação local cursos sobre os maiores atrativos de Praia Grande/SC: os *canyons*.

Sobre este contexto, Demo (1988) argumenta que participação é uma conquista, pois, trata-se de um processo inacabado e insuficiente; a participação se promove, não se concede; não é dádiva porque não se oferta como donativo e não preexiste, pois o espaço de participação é construído e conquistado pela população e para a população.

A entrevistada **(E3)** diz compreender que o turismo em sua cidade gera renda e emprego, mas, também, é preciso participar do processo turístico.

E se tem que pensar que hoje o turismo é um meio de vida, de renda e de emprego em Praia Grande, mas eu vejo que a população quer ganhar dinheiro mas não quer se especializar e buscar mais conhecimentos nesta área. Porque eu já participei de reuniões no auditório da CEPRAG que era para estar lotado com temas sobre empreendedorismo, e meu Deus, foi quase ninguém. **(E3)**.

Como visto, há dificuldades consistentes quanto à participação da população nas decisões turísticas. Este cenário, portanto, remete à ausência da

população e dos órgãos públicos, que precisam, então, rever seus contextos por meio de ações que possam modificar seus comportamentos.

Outro entrevistado considera que já está havendo mudanças em relação à participação da população no planejamento:

De uns tempo pra cá a comunidade tá participando, eles tão até convidando e chamando pra gente fazer parte do conselho consultivo do parque. Até esta empresa que alugou o parque agora não pode assumir no dia 1º de setembro de 2021 por causa do conselho que contrariou, tudo porque ele não foi consultado. Essa empresa ia assumir e o conselho contrariou porque nem sabia o que tinha no contrato. **(E6)**.

Embora seja um ponto importante nessa discussão trata-se de uma participação isolada a qual se refere o entrevistado acima, sendo que a atividade turística busca ampliar o leque de participação dos moradores. Os entrevistados evidenciam a importância de perceber que a participação ocorre em vias de mãos duplas: comunidade e relação anfitrião-visitante (UNCTAD/ WTO, 2005).

Ao se considerar que uma “sociedade participativa seria, então, aquela em que todos os cidadãos têm parte na produção, gerência e usufruto dos bens da sociedade de maneira equitativa, toda a estrutura social e todas as instituições estariam organizadas para tornar isso possível” (BORDENAVE *apud* FRANÇA; PASTOR, 2009, p. 7).

Diante do exposto, a participação da comunidade local nos processos de decisão turística é imprescindível em relação à geração de benefícios à comunidade e, como consequência, ao visitante (IORIO; WALL, 2012).

A discussão é ampla, complexa e remete ao conceito de Turismo de Base Comunitária como estratégia e conscientização responsável para impactar favoravelmente as dimensões econômica e social da atividade turística em harmonia com o meio ambiente e culturas locais.

A década de 1980 foi marcada por fortes movimentos ambientalistas acerca da atividade turística com viés na relação ser humano x natureza. No Brasil no início da década de 1990 ao sediar a ECO 92 a discussão ganhou espaço significativo aos debates sobre o meio ambiente. Este momento inaugurou o Turismo de Base Comunitária (TBC) como contraponto para indicar aos turistas que a atividade turística pautada no modelo urbano-globalizado e pós-industrial é nocivo ao meio ambiente e às sociedades receptoras.

O intuito do TBC não é excluir a atividade turística, mas mostrar suas deficiências no sentido de que se for mal planejado passa a se efetivar em termos de gerador de divisas. Os princípios do TBC se sustentam na sustentabilidade econômica, ambiental, sociocultural e político-institucional e busca inserir as populações tradicionais, os trabalhadores rurais, os pescadores, os representantes indígenas, como os principais protagonistas dos empreendimentos.

Diante do exposto, Maldonado (2009, p. 31) traz a seguinte definição:

Por Turismo Comunitário entende-se toda forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos. A característica distinta do turismo comunitário é sua dimensão humana e cultural, vale dizer antropológica, com objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros interculturais de qualidade com nossos visitantes, na perspectiva de conhecer e aprender com seus respectivos modos de vida. (MALDONADO, 2009, p. 31).

Sob este prisma, tais princípios não buscam o lucro máximo, mas visam salvaguardar à *priori* os seus direitos como cidadãos e sua ancestralidade (BARRETO FILHO, 2009, p. 6).

Ressalta-se que as mudanças ocasionadas pelo turismo levam também ao impacto social negativo que atinge diretamente a identidade dos moradores locais, merecendo, portanto, cuidado. Os entrevistados tecem algumas críticas acerca da atividade turística em Praia Grande/SC, resultado do turismo de massa. O turismo e o turismo de massa se confundem devido às definições dadas aos dois que sugerem, respectivamente, o deslocamento de pessoas para dado destino. Entretanto, o turismo não estabelece a quantidade de pessoas que vão para o local escolhido; o turismo de massa, por sua vez, diz respeito, especificamente, ao deslocamento em massa, ou seja, de um grande número de pessoas (BARRETTO, 1998).

Uma entrevistada queixa-se que a pavimentação asfáltica no interior, onde mora, que leva às belezas naturais, objetivo primeiro dos turistas, acaba por gerar uma situação desconfortável, ou seja:

[...] mas um ponto muito ruim é que com os asfaltos para o interior vai facilitando mais o acesso e acaba vindo muita gente de fora, hoje em dia nem mais as placas dos carros te ajudam a saber de onde vem o carro e estas pessoas. Como a gente mora aqui no interior, uma casa longe da outra, quando passa um carro a gente não sabe mais de onde é. Eu acho um absurdo isso, porque aqui nas comunidades uns cuidam dos outros e quando a gente via um carro com placa do Passo de Torres por exemplo, a gente

sabia que era parente de fulano que moravam lá, agora a gente não sabe talvez seja até pessoas de São Paulo. **(E3)**.

O contexto mencionado trafega entre o medo do desconhecido, devido à visualização de veículos com placas de outros estados/países. Sobre isto, percebe-se que o turismo se apropria dos espaços. “A produção do espaço turístico descaracteriza o espaço da vida cotidiana, espetaculariza a cultura, hábitos e costumes locais [...]” (CARLOS, 2002, p. 54).

[...] mas não sei se der muito movimento pra gente que mora aqui no interior é pior, porque pode entrar gente boa, mas pode vim gente ruim. Então é bom pra alguém ganhar um dinheirinho, mas pro sossego da gente eu acho que não, porque passa tanto carro no final de semana e a gente nunca sabe se é gente boa ou não é né. **(E4)**.

O entrevistado acima remete, então, aos argumentos aqui já apresentados em relação à participação da comunidade nas decisões turísticas que, dentre outras funções, pode promover a compreensão do fenômeno, preparando as pessoas sobre as mudanças que se estabelecem. A Organização Mundial do Turismo (OMT), destaca que o turismo vem, de fato, recebendo críticas pelos problemas socioculturais que causam, sobretudo em comunidades menores e tradicionais. Destaca que reconhece que as atividades novas no lugar trazem consequências irreversíveis devido às transformações, incluindo a exposição externa das pessoas.

Outros olhares dos moradores locais chamam a atenção. Uma entrevistada refere-se ao poder público em relação à priorização do turismo em detrimento à atenção local.

[...] às vezes parece ser bom, em outros momentos não porque ficam focados somente nisso agora e outras coisas necessárias são deixadas de lado, não se tem. Por exemplo, a saúde necessita de muita atenção e muitas vezes é negligenciada. Se investe em algumas coisas e se deixa a desejar em outras. Eu penso assim né. **(E7)**.

A comparação realizada por esta entrevistada entre a atenção para o turismo e a dada aos problemas da cidade podem ser equacionados no mesmo diapasão da participação do morador local nas decisões, contribuindo com ideias e argumentações que partam de um atendimento de saúde eficiente para todos, inclusive o turista.

O entrevistado menciona os moradores que não gostam do turismo.

Ele não favorece todo muito não, tem aquele que não gosta disso porque tem aquele que quer fazer suas rocinha, suas coisa por aí, a maioria são indígena, mora em meia serra direito a Cambará do Sul. Eles detesto isso ai, eles tem um terrenão, são herdeiro de uma enorme área de terra e se clamam muito por causa desse tal de turismo. **(E8)**.

Sobre os impactos socioculturais, os quais são apresentados pelo entrevistado acima, destaca-se que:

Podemos definir impactos socioculturais, com foco nas sociedades receptoras afirmando que são: o resultado de um tipo particular de relações sociais que ocorrem entre turistas e residentes como decorrência do estabelecimento do contato que provocam mudanças sociais e culturais na sociedade visitada – sistema de valores, comportamento individual, estrutura familiar, estilos de vida, manifestações artísticas, cerimônias tradicionais e organização social (DIAS, 2003, p. 127).

O entrevistado **(E9)** menciona a questão dos resíduos sólidos trabalhando “a questão orgânica das pousadas, das casas, tem que ser trabalhada a separação do lixo. [...] Nossas lixeiras na cidade são ridículas [...] de vez enquanto tem lixo pra tudo que é lado [...] se o turismo não tiver controle pode ser muito negativo.”

De fato, a degradação ambiental dos atrativos, o aumento no volume do lixo, o impacto físico nas trilhas, a lotação do número de pessoas nos atrativos naturais e o impacto na rede de esgoto, água, limpeza urbana e destinação dos resíduos sólidos inadequada deve constar na prioridade das medidas da administração municipal.

Diante do exposto, os impactos do turismo podem advir ~~em~~ de diferentes pontos, como econômico, cultural, social e ambiental. **(E9)** cita a necessidade de melhor entendimento dos órgãos públicos acerca do “enraizamento local, de valorização do local, desta raiz, estar questionando este pertencimento, e ao mesmo tempo haver uma preocupação destes órgãos de entender melhor estas questões”. Revela-se, então, a argumentação sobre a necessidade de valorização da cultura local.

Os termos pertencimento e enraizamento local neste processo de planejamento turístico, segundo Massola e Svartman (2018, p. s/n), referem-se à habitação por longo tempo em um lugar; [...] sentimentos de estar “em casa” em algum lugar; [...] familiaridade que provém da frequência recorrente a um lugar; [...] forma não consciente de vínculo com um lugar que é sentido como a casa e o lar; [...] relação com o passado e a tradição do grupo ou do povo que fundamenta o sentido de

identidade pessoal. Os elementos citados compõem, de fato, o denominado enraizamento estabelecendo uma profunda relação com o lugar.

O entrevistado prossegue atentando-se para as ações indiscriminadas visando somente o lucro:

[...] Esta ideia do capitalismo, do ganhar por ganhar o dinheiro faz com que o próprio local não se importe com o próprio município e ajude a destruí-lo digamos assim, imagina que tem cara colocando pousada uma cima da outra, de qualquer forma, assim sem pensar, eles pensam que o turismo é só o turista vir aqui ai dorme e vai embora, não é isso. **(E9)**.

Ele se reporta ao turismo sustentável e sintetiza a atividade turística adequada que prescreve o envolvimento, a participação e a mobilização da população local no processo de desenvolvimento turístico. Para tanto, essa comunidade precisa concretizar sua participação a partir da incorporação de conceitos básicos do turismo sustentável e conhecer para discernir os vieses do ciclo de desenvolvimento do turismo.

Dois entrevistados, considerando-se os impactos do turismo em Praia Grande, opinam sobre o balonismo, atividade que vem atraindo turistas. O entrevistado **(E1)** comenta: “Acho bonito, muito lindo, muito bom pra cidade.” O site Viagens e Caminhos (2022), traz uma reportagem sobre Praia Grande dizendo que “é atualmente, disparado, o principal destino de passeios de balão no Brasil. Os voos acontecem todos os dias com vários balões no ar. Voamos numa terça e havia 15 balões voando naquela manhã”. O site apresenta os voos como um espetáculo aos sentidos a presença dos balões no céu da Praia Grande, que além da sensação de voar permite observar de forma ainda mais ampla, a natureza abundante.

Contudo, o entrevistado **(E9)** tem uma visão diferenciada e faz sua crítica voltada à exploração empresarial neste tipo de atividade:

Até 10, 15 anos atrás você vinha na cidade e conhecia todo mundo e agora não conhece mais. O balonismo, o turismo de aventura tá muito forte. O balonismo é um tipo de turismo de aventura, de alto nível em termo financeiro, é muito comercial, é muita grana envolvida, eles não querem saber de quase nada somente, grana, grana, grana eles não tem um projeto social, eles mostram aquele instagram, aquele site, aqueles vídeos, aquelas fotos, mas não se vê um trabalho ambiental, não se preocupam em trazer um curso para sociedade, não se vê isto, tão ali pra grana, todo mundo que grana, grana, grana... Foi construída uma empresa de reparo de balão e construção de balão aqui na Praia Grande, agora imagina esta loucura. O quadriciclo pra baixo e pra cima também é um trabalho caro, quem tem estas oportunidades são só os grandes empresários. O local não consegue se achar, tá bem perdido, o local hoje tá mais tonto que barata, tá pra lá e pra cá. **(E9)**.

De fato, nem todos os impactos econômicos no turismo trazem benefícios à cidade. Allen *et al.* (2003) citam que esses impactos podem ocasionar resistência da comunidade, perda de autenticidade, danos de diversas ordens, como a reputação, exploração, preços inflacionados e custos de oportunidade. Os produtos e serviços podem elevar os patamares de preço na região e submeter a população local a um custo de vida elevado.

### 3.3 NARRATIVAS PRAIAGRANDEENSES: CONEXÃO COM A PSICOLOGIA AMBIENTAL

O enfoque teórico da Psicologia Ambiental acerca da apropriação do espaço se constrói nas etapas de **identificação, sentimento de pertença, personificação, cultivo e sentimento de defesa** (GONÇALVES, 2007; ITTELSON *et al.*, 2005; POL, 1996; PROSHASKY, 1978).

Os entrevistados foram indagados sobre como se sentem em relação ao espaço em que moram. A narrativa abaixo demonstra um processo de identificação baseada na relação do sujeito da pesquisa com o seu “investimento”.

Eu fiquei 15 anos como funcionário dele, na verdade sócio e funcionário, daí quando ele faleceu eu já tinha 40% da empresinha... vim até os dias de hoje Graças a Deus, tô nesse mercado, não é tão grande mais né, tem um investimento bom. **(E2)**.

Ele considera a relação de trabalho como vínculo de pertencimento importante. Sobre esta relação, destaca-se que é justamente no ambiente de trabalho que o sujeito passa a maior parte de seu dia, se identifica. Sente-se pertencente ao ambiente que traz impacto direto na realização de bem-estar, porque promove sua inclusão. O processo de apropriação e o sentimento de pertença percebido por um morador pode residir em diferentes setores:

No que se refere aos estudos da percepção do usuário em relação ao ambiente, o campo é definido como percepção ambiental. A percepção ambiental: [...] está relacionada ao modo como as pessoas experienciam os aspectos ambientais presentes em seu entorno, para que o que são importantes não apenas os aspectos físicos, mas também os aspectos sociais, culturais e históricos (KUHNNEN; HIGUCHI, 2011, p. 250).

Ainda, Cavalcante e Elali (2011, p. 63) definem a apropriação enquanto “processo psicossocial central na interação do sujeito com seu entorno por meio do qual o ser humano se projeta no espaço e o transforma em um prolongamento de si mesmo, criando um lugar seu”.

Embora a visão voltada ao “investimento” em seu mercado, a cultivação desse espaço; **(E2)** também remete à simbologia do tropeiro que permeia a história de Praia Grande:

[...] comecei num moinho de milho nosso aqui, e tem o nosso moinho antigo até hoje que eu gosto de preservar. Era tocado a água e a gente abastecia os tropeiros que desciam. Eles compravam arroz descascado daqui de nós e farinha de milho. Farinha de mandioca nós comprava nas areais e depositava aqui e vendia pra eles. **(E2)**.

Para Pol (1992), o espaço não se resume em um sentido somente funcional; trata-se do resumo da vida e das experiências todas, sendo que a apropriação contínua desse espaço oferta ao sujeito uma projeção no tempo e garante a estabilidade de sua identidade.

**(E3)** narra uma breve história que marcou sua trajetória em relação à apropriação de espaço e sentimento de pertença:

Uma vez ia sair uma barragem aqui e o povo fez muitas reuniões e lutou muito para que essa barragem não fosse construída em nosso lugar. Ia abranger aqui Mãe dos Homens e Roça da Estância/RS e foi lutado muito com o Frei Luiz que ajudou na época. Foi algo bem marcante esta luta, até minha avó plantou um pinheiro aqui na frente do salão como um marco onde teve uma reunião muito grande e vencemos a luta contra a barragem. **(E3)**.

Assim, ela expressa essa relação de apropriação do espaço, podendo-se perceber o sentimento de defesa ao seu espaço que configura-se em um lugar de profundo significado pessoal. Destarte, concebe-se as palavras enunciadas acima voltadas às ações humanas, relatadas por Azevedo *et al.*, (2011) na identificação, posse e ação:

- A. **Identificação** refere-se à orientação de si mesmo em um ambiente, ou seja, percebe-se centrado, conectado, acolhido e protegido nele. Pode expressar-se através da personalização do ambiente.
- B. **Posse**: corresponde ao cuidado e apego em relação ao local. Manifesta-se pelo zelo na manutenção de um ambiente ou por manifestações de territorialidade, com demarcação do ambiente.
- C. **Ação**: consiste na movimentação e uso do local, de forma que a pessoa supra as suas necessidades e se expresse. É importante destacar que o uso

intenso de um ambiente é uma das evidências de sua apropriação (AZEVEDO *et al.*, 2011, p. 69).

Azevedo *et al.*, (2011), resumem os processos de apropriação do espaço dos entrevistados quando estes sinalizam que o moinho “Era tocado a água e a gente abastecia os tropeiros que desciam” **(E2)**. A identificação em relação à apropriação do espaço ocorre porque o entrevistado assume uma familiaridade com o ambiente e os tropeiros, mesmo referindo-se a um tempo muito distante. Quando o **(E3)** menciona “nosso lugar” está tomando posse daquilo que pressupõe ser de sua propriedade, com zelo, manutenção, cuidado e apego. A ação é efetivamente a apropriação daqueles espaços conforme cita Azevedo *et al.*, (2011).

Do mesmo modo, a entrevistada traz sua história pessoal sobre a igreja, as festas e à santa, numa demonstração de seu pertencimento à comunidade.

[...] a igreja e o salão porque eu me criei nas festas participando na comunidade, por causa da pandemia já fazem dois anos que não tem festa aqui. E as festas são um marco importante para mim porque eu ajudo desde criança. Também foi o meu avô que trouxe a santa Nossa senhora Mãe dos Homens para a comunidade. **(E3)**.

O processo de apropriação se estabelece quando o sujeito sente segurança e apoio, sendo aceito, incluso, e possa representar-se enquanto identidade em seu ambiente. Em se tratando de domínio de significados advindo de um saber histórico trazido pelo contato social, liga-se ao contexto sociocultural concreto, referindo-se aos elementos que constituíram sua cultura a qual ela viveu e prossegue vivendo e que faz a ponte entre elementos próprios de apropriação resultando na interação entre pessoas e o ambiente. Este contexto remete a Pol (1992), quando diz que a apropriação do espaço é, efetivamente, a vida social e de seu universo íntimo, o que garante a estabilidade de sua própria identidade.

Outra narrativa vale ser destacada:

[...] eu fico muito satisfeito de tá no meio da natureza, porque eu me considero filho da natureza, quando eu subo alí em cima, onde tá sendo feito esse novo camping que eu olho tudo em volta que eu só enxergo mato e perau, essa linha do horizonte com essa natureza muito bem trabalhada que ninguém faz igual, o vale que vai em direção a cidade de Praia Grande, quando eu chego alí e fico olhando parece que eu recupero uma espécie de energia. Tem os passarinho que eu gosto de cortar banana e abacate pra eles vim comer aqui perto de mim. Não sei se é por eu ter sangue de índio, mas eu gosto de sentir o cheiro de arvoredo florescido, o cheiro da natureza, de trabalhar na roça, da vida na fazenda, no mato em contato com os bicho. **(E8)**.

Há uma identificação e sentimento de pertença acerca do cenário da natureza de Praia Grande, quando o entrevistado pontua vários componentes tecendo elogios do que vê, sente revelando sua admiração.

Mais do que base física a partir e por meio da qual a pessoa recebe informações (visuais, táteis, térmicas, auditivas e/ou olfativas-gustativas), o ambiente é um agente continuamente presente na vivência humana. De fato, grande parte do comportamento do indivíduo envolve a interação com o espaço e no espaço, desde atividades simples como alimentar-se e vestir-se, até atividades complexas [...] (ELALI, 2003, p. 43).

A apropriação do espaço conecta-se de forma peculiar à identidade de lugar; contexto este percebido ao se indagar qual o lugar mais significativo para os moradores na cidade de Praia Grande. Na Psicologia Ambiental, a identidade do lugar pauta-se em uma metodologia na qual o significado dos símbolos decorre da convivência com o entorno sócio físico que gera o ser social.

**(E2)** discorre sobre seu lugar essencial relacionando-o com seu ramo de negócio:

Na verdade, é aqui pra mim, onde eu tô, onde eu moro. Eu acho porque, na verdade, me criei aqui praticamente, vim pequeno de lá do interior, com 14, 15 anos né. A vida maior é aqui. São 47 anos na cidade, até tem uma foto aqui. Aqui tá eu e aqui é o seu Neco Esteves. Este é o armazenzinho, foi aberto em 1968, nós temos CNPJ até hoje o mesmo **(E2)**.

Os entrevistados **(E3)** e **(E5)** tem respostas similares quando se reportam ao lugar mais significativo para eles: “Bom, aqui é um lugar muito tranquilo de se viver, nasci e me criei aqui. As pessoas e os vizinhos são muito bons.” **(E3)**; e “Bom, eu gosto de tudo aqui, mas a minha casa, o meu lar é muito importante. Eu vou na praça de Praia Grande e faço minhas voltas por lá e minha vontade é de voltar pra cá, eu gosto é daqui.” **(E5)**.

Percebe-se aí a relação com o lugar mais significativo dos entrevistados ao que Carvalho (2016), em sua definição de identidade de lugar, diz que essa tem como função principal a criação de um cenário interno que sirva de sustento e proteção à auto identidade.

**(E4)** volta sua preferência para a natureza de Praia Grande enquanto lugar mais significativo: “Eu me sento na área ali em casa e adoro olhar pra tudo aquilo lá, o morro do facão, toda aquela natureza e também tem a pedra branca que eu acho muito bonito.” Da mesma comunidade que **(E5)**, Mãe dos Homens, o entrevistado

deita seu olhar, bem como seu sentimento de lugar mais significativo ao cenário à sua volta “[...] o morro do facão [...] a pedra branca que eu acho muito bonito.” A fala de **(E5)** remetendo à identidade de lugar e ao lugar mais significativo, traz lembranças de imagens, sentimentos, valores, atitudes, assim, ele “se reconhece no espaço” (GONÇALVES, 2013, p. 118).

**(E9)** apresenta uma narrativa importante sobre as questões que envolvem a identidade de lugar e, especificamente para a presente abordagem, que indaga qual o lugar mais significativo para este.

Tem muita gente que mora ali que tem terras e diz ah não sou quilombola e moro aqui. Mas era importante que as pessoas também se reconhecessem quilombola, muitos desses que moram lá e que eram descendentes ou que se reconheciam como quilombola, estão morando na Praia Grande. E assim conversando como que estes que moram na Praia Grande, eles tem este diálogo assim, que eu moro aqui mas pertencço àquela comunidade, tô morando aqui porque trabalho aqui, mas meu pé é lá, dá para ver que esta memória com o lugar é forte. Porque muitos poderiam negar sua raiz, mas conversando com alguns que tão morando aqui não negão não, ao contrário eu sou de lá, minha origem é da lá, sou quilombola, tenho terras lá, tô morando aqui, tô lá, nos dois lugares ao mesmo tempo [...] **(E9)**.

Este morador discorre sobre pessoas provenientes da comunidade quilombola, que atualmente residem em Praia Grande. Mostra o sentimento dessas pessoas sobre a comunidade de origem: “E assim conversando como que estes que moram na Praia Grande, eles têm este diálogo assim, que eu moro aqui mas pertencço àquela comunidade, tô morando aqui porque trabalho aqui, mas meu pé é lá, dá para ver que esta memória com o lugar é forte” **(E9)**.

Entretanto, o entrevistado **(E9)** também cita que considera importante as pessoas também se reconhecerem como quilombola, referindo-se ao território o qual está localizada a comunidade quilombola São Roque; em se tratando de território, o mesmo pode ser destacado como um conjunto de lugares e objetos materiais e naturais com os quais as pessoas se relacionam, e identificam-se. Entretanto, Santos (2000, p. 61) ultrapassa esse conceito, dizendo que “[...] é também um dado simbólico”.

**(E10)** narra o lugar mais significativo para ela:

[...] eu tenho uma coisa muito forte ali com a questão do malacara e do molha coco, que na verdade ali era o forte, ali circulava muita coisa, muita gente, muita ideia e foram encontrados muitos anúncios de jornais, gente de Lages vinha comprar bota só pra se ter uma ideia de quanta gente circulava aqui. E

o lugar mais marcante ali da Vila Rosa mesmo é o buraco da Vicença, não sei te explicar o porquê, mas aquela parte lá de cima, quando eu estou lá em cima olhando em baixo é muito especial.

Para a entrevistada, “o Buraco da Vicença”, na Vila Rosa, é o lugar mais marcante, significativo e simbólico. “[...] não sei te explicar o porquê, mas aquela parte lá de cima, quando eu estou lá em cima olhando em baixo é muito especial.” Sua narrativa é, de fato, rica considerando-se o contexto histórico, cultural, imaginário, afetivo, valores e outros elementos responsáveis pela construção de sua identidade de lugar. **(E10)** reúne elementos diversificados que, efetivamente, possibilitam sustentar a identidade coletiva e, por conseguinte, a identidade pessoal que lhe traga sentido. No lugar que lhe é mais significativo a remete ao resgate do passado que lhe traz elementos para fortalecimento dos sentidos do eu em situações de ameaça à identidade psicossocial (TUAN, 2013).

**(E10)** prossegue enumerando diversificada gama de componentes de seu lugar preferido, observando-se que seu sentimento de pertença a esse lugar é fortemente presente:

Lá em cima você consegue ver tudo e ficar imaginando como eram as pessoas que circulavam ali, como elas passavam, como elas se vestiam, o que elas conversavam, quantos casamentos aconteceram por ali, porque tinham os tropeiros, as filhas de donos de comércio, as amigas então tem muita história, muitos amores, muitos casamentos. E eu tive contato com algumas cartinhas dos namoros da década de 60, então envolve todo aquele povo, parece que se eu fecho os olhos consigo ver, as crianças brincando, todas aquelas famílias, os brinquedos de madeira, de sabugo de milho, as bonecas de palha, as vestimentas das pessoas, aquela coisa simples, elas plantavam algodão, colhiam e teciam **(E10)**.

Diante do exposto, a menção da entrevistada sobre vários elementos habita em comunhão em seu lugar preferido: o Buraco da Vicença, na Vila Rosa, revelando sua identidade psicossocial diante da percepção visual (TAJFEL, 1972; 1981).

As falas dos entrevistados que discorreram acerca do que reside em seu consciente e inconsciente, levam ao enraizamento, emoções e afetividade ambiental por sua relação e discussão pela Psicologia Ambiental já que trata da relação pessoa/ambiente considerando casa, desejo de apropriação do espaço, suas origens, segurança por meio de suas raízes.

Sobre o enraizamento, **(E3)** reflete um tempo mais distante e o atual:

Então crescer aqui foi muito bom, a gente pode ser livre, pode brincar na rua, pular, caminhar, hoje em dia já é difícil né, a gente já não deixa os filhos irem brincar perto das estradas porque passam muitos carros. Na época não tinha celular, era uma infância livre. **(E3)**.

A emoção e a afetividade ambiental aparecem nas palavras da entrevistada remetendo ao enraizamento, aos espaços temporais que envolvem a cultura, a história e a memória coletiva de um povo (MASSOLA; SVARTMAN, 2018).

No contexto socioambiental os referidos autores (2018) dizem que o enraizamento diz respeito ao habitar-se por longo tempo em dado lugar, familiaridade a um lugar, forma inconsciente de vínculo com um lugar e tudo o que este vínculo oferta.

**(E6)**, morador da comunidade São Roque, onde se localiza a comunidade quilombola, conta sua história pontuada de elementos que remetem ao enraizamento:

Eu tenho, assim, muita adoração porque eu me criei por aqui, nossas águas são muito boas, a minha água aqui é boa demais e as terras são produtivas. Aqui o que o senhor planta produz. Então naquela época a terra era nova, era um capoeirão, mas eu gostava muito e gosto ainda. Pra provar que meu finado pai e mãe depois de 74 eles ficaram apavorados, eles moravam lá embaixo e foram embora daqui pra Três Coroas e Igreja e eu fiquei gosto demais daqui e tenho amor por este lugar. Tô há muito tempo por aqui e tô satisfeito, as vezes eu saio uns cinco ou seis dias e já tô voltando pro meu lugar. Gosto de ficar perto do fogão a lenha eu, mais a velha, os filhos tão criados graças a Deus e recebemos visita sempre, é muito bom. E eu não paro, tô sempre fazendo minhas coisinhas **(E6)**.

Há uma familiaridade de **(E6)** pelo longo tempo que habita no lugar. Suas palavras refletem a emoção e a afetividade vindo ao encontro de Tuan (1980, p. 6), quando observa que o “enraizamento é um estado de existência irrefletido no qual a personalidade humana funde-se com seu meio”, definição pertinente à fala do entrevistado que mescla vários elementos em sua exposição no lugar que lhe é tão especial. Também aspectos relacionados com o passado e a tradição do grupo ou povo que fundamenta o sentido de identidade pessoal são inerentes ao enraizamento.

O apego ao lugar é um elemento presente nas falas de três entrevistados, **(E4)**, **(E6)** e **(E7)**, sendo que os três justificam seu apego à natureza de Praia Grande.

É a natureza, eu vou na cidade às vezes, mas não gosto muito e volto rápido pra cá. Mas já pensou, olha não tem água melhor do que aqui, ar melhor do que aqui, então a pessoa se sente muito bem. Meu Deus, melhor do que aqui no mundo acho que não existe. Também os vizinhos são tudo gente boa, um cuida do outro **(E4)**.

**(E4)** reside na comunidade Mãe dos Homens e declara seu apego ao lugar dizendo: “É a natureza, eu vou na cidade às vezes, mas não gosto muito e volto rápido pra cá.” [...] “Meu Deus, melhor do que aqui no mundo acho que não existe”.

A teoria do apego ao lugar acontece nas dimensões funcional, simbólica e atemporal. Na dimensão funcional o espaço físico interfere no comportamento humano que nele ocorre. A dimensão simbólica do apego ao lugar dispensa o tempo de vinculação, sendo que a estabilidade do laço afetivo depende da relação entre o significado atribuído ao lugar e os elementos significativos para a identidade do indivíduo no momento da vinculação (GIULIANI, 2004). **(E6)** diz “No passado a gente não dava importância pra montanha da pedra branca [...]”, embora de forma implícita, indica que a questão do turismo possa estar influenciando na questão “de uns tempos para cá é que a gente tá olhando e prestando atenção desta beleza”, identificando-se que a estabilidade do laço afetivo opera no significado que se atribuiu ao lugar pelo viés dos elementos significativos para a identidade do indivíduo no momento da vinculação, como expressa (GIULIANI, 2004).

**(E7)** também revela seu apego ao lugar em função da natureza:

Para mim é toda esta natureza, a gente aqui é muito de preservar os rios e suas matas, as árvores e os animais. Já aqui em casa adoro cuidar seja aquele pouquinho que eu planto e posso cultivar, sei que já estou velha, mas eu amo a natureza, gosto de preservá-la. **(E7)**.

A dimensão temporal que é resultante de um processo de longa duração de proximidade, gera satisfação, segurança e bem-estar. É uma dimensão que se dá, essencialmente, pelo tempo de vinculação, ao contrário da dimensão simbólica, como visto. A dimensão temporal é mais emocional que cognitiva, o que implica em sofrimento, diante de uma eventual separação e dificuldade de substituição de um laço afetivo por outros (GIULIANI, 2004), contribuindo para o desenvolvimento da identidade individual e comunitária.

## 4 CONCLUSÃO

*“[...] Tem gente que enche esta Praia Grande pra ver estas coisas. Tem vez que não tem nem cama pra toda essa gente, lotam tudo.” (E5).*

Esta dissertação sobre a percepção dos moradores do município de Praia Grande referente à sua relação com o ambiente e ao turismo, considerou interessante que a análise percorresse componentes tratados na Psicologia Ambiental. O que veio possibilitar desdobramentos interessantes ao constatar que a atividade turística desencadeia uma série de sentimentos, emoções e percepções na população, o que inclui positivos e negativos. Tal afirmativa cabe nas palavras de Cavalcanti e Elali (2011, p. 15) quando mencionam que uma das características distintivas da Psicologia Ambiental foi a de trazer o "espaço físico para o interior do campo psicológico".

O morador de Praia Grande é presenteado com a natureza abundante, bastando abrir janelas e portas de suas casas para encontrar paisagens que lhes fazem companhia desde que nasceram ou vieram residir neste espaço. Este cenário trouxe-me o interesse em desenvolver esta pesquisa acerca da percepção dos moradores subsidiada pelos aportes da Psicologia Ambiental, embasada nas questões de apropriação do espaço que se constrói nas etapas de identificação, sentimento de pertença, personificação, cultivação e sentimento de defesa.

As narrativas dos respondentes abordaram seus enunciados a partir de suas vivências, possibilitando identificar o quanto estão integrados (identidade de lugar) com a história de Praia Grande, e atentos aos rumos que a atividade turística vem tomando no lugar onde vivem. Identificam, por exemplo, na sua própria história, a presença do tropeiro como forte elemento, enquanto que o indígena foi citado em menor proporção. O tropeiro é entendido como um símbolo (arquétipo do herói) que desbravou a mata fechada e percorreu longas distâncias para trazer e levar mercadorias de Praia Grande para outras paragens. A menção à figura do tropeiro foi amplamente citada pelos entrevistados, percebendo-se que conhecem a história do lugar a partir da forte presença da atividade tropeira. Constatou-se, que quanto aos indígenas, estes foram pontuados com reservas e até mesmo emergiram dúvidas sobre sua presença, como um dos sujeitos da pesquisa que considerou difícil falar sobre estes povos porque, segundo ele, não tem mais nenhum sobrevivente. Os Quilombolas também foram referenciados. Pôde-se observar nas narrativas desde a

sua luta envolvida com o processo de escravização e constituição de sua comunidade, até pontuações estereotipadas envolvendo ainda um não reconhecimento deste grupo e sua identidade.

Nesta direção, sendo objetivo da Psicologia Ambiental analisar como o indivíduo avalia e percebe o ambiente e como é influenciado por ele, afina-se com a percepção geral que muitos tem sobre povos indígenas e comunidades quilombolas, que até os dias atuais padecem com questões de exclusão e injustiça. Vivem em constante enfrentamento, ainda hoje, decorrentes das consequências do processo de colonização violento que se apropriou de suas terras, negou sua identidade e violou direitos.

Coube neste contexto, onde a Psicologia Ambiental orchestra a investigação de como os sujeitos afetam-se em suas relações com o outro e com lugares (com o entorno sócio físico), que o município de Praia Grande inclua em seus projetos turísticos uma reestruturação da história dos povos pré-coloniais que, definitivamente, foram os primeiros habitantes a viverem junto a esta tão propalada natureza. A percepção ambiental da comunidade local sendo utilizada como indicador socioambiental com o objetivo de conhecer a relação dos moradores com o meio ambiente, possibilitando, assim, traçar estratégias para planejamento e gestão ambiental, deve incluir em seus projetos turísticos a educação, seja esta formal ou informal, por todos os meios possíveis e neste contexto, perceber historicamente a presença indígena e comunidades quilombolas do mesmo modo como percebem o tropeiro.

Esta pesquisa buscou também a identificação da associação do turismo ao desenvolvimento econômico, que vem sendo amplamente divulgada nos âmbitos políticos e empresariais que se apoiam nos resultados de um crescimento que faz da atividade turística uma importante ocupação mundial em termos de geração de emprego e renda. Diante deste entendimento, o desenvolvimento é equacionado enquanto progresso e, como tal, o turismo é agregado por esta perspectiva de fazer crescer esta atividade que vem assumindo diferentes vieses para atrair pessoas para sua prática - ecoturismo, turismo de aventura, turismo religioso - entre outros.

No entanto, a literatura científica vem pontuando veementemente a necessidade de um debate sobre progresso, bem como progresso e turismo, considerando-se os prejuízos que resultam, necessariamente, desta junção. Com as promessas de que turismo gera desenvolvimento não é diferente, quando teóricos e

pensadores aludem ao fato de que o turismo pertence à lógica capitalista seguindo nos mesmos processos de disparidade social seja em grandes metrópoles ou em cidades de pequeno porte, como o município de Praia Grande.

A crença em um desenvolvimento turístico que reflita na melhoria da qualidade de vida dos moradores de Praia Grande é compartilhada por alguns moradores, cujas narrativas pontuam expressões de geração de emprego e de renda. Compreendo esta posição pois o município vem alcançando status internacional, ainda mais recentemente com o recebimento da chancela de Geoparque, no mês de maio deste ano (2022), reforçando a percepção do morador quanto ao patrimônio natural classificado como ecoturismo a partir dos atrativos naturais existentes na região. Apreendeu-se que a ideia de desenvolvimento foi expressa desde a tradicional frase de que o turismo é uma indústria sem chaminé, até um orgulho do local sendo mencionado que a cidade era pequena e está crescendo devido ao turismo. Ou ainda, que é uma alegria ver essas melhorias para os praiagrandenses, remetendo os moradores a uma esperança de melhoria da qualidade de vida a partir da atividade turística. O sentimento de euforia dos moradores em relação ao desenvolvimento da cidade existe, pois se trata de uma cidade pequena que se vê em uma “explosão” turística como mencionou um morador.

Reportando-se à Psicologia Ambiental que busca analisar o ambiente real o qual a vida humana está inserida, pressupõe-se a indissociabilidade das condições ambientais, psicológicas, sociais, políticas, econômicas e culturais as quais o todo está entrelaçado. Nesse contexto, sendo a atividade turística tradicionalmente gerida pela classe empresarial e poder público, há que se direcionar à desigualdade social brasileira cujas consequências são a má distribuição de renda que concentra poder e agrava a desigualdade social, estando a população mais pobre em condições precárias, quando sua renda mantém apenas a sobrevivência.

Outro ponto elencado neste estudo foi o da valorização da produção local voltada ao processo turístico de Praia Grande, sendo citado uma lista de questionamentos sobre a falta de interesse em aspectos voltados à gastronomia, artesanato e cultura local em detrimento de valorização de pousadas, alugueis de casas, cabanas e trilhas e ausência de participação ou criação de associações para a venda de produtos locais e valorização de quem produz algo na região. Cabe alertar que a literatura traz o pensamento de que o ecoturismo deve ser discutido com a

sociedade enquanto possibilidade de conservação, geração de trabalho e renda e associados aos aspectos da natureza, da cultura, do social e da economia.

Este cenário de falta de valorização e os efeitos decorrentes deste leva ao fenômeno da turistificação, que em vez de funcionarem positivamente como proposta de reapropriação, refuncionalização, organização socioespacial, acabam por sucumbirem em detrimento de uma apropriação por outros agentes – poder público e empresarial – e incidem sobre as dimensões materiais e simbólicas locais.

A influência do turismo em Praia Grande frente à especulação imobiliária com a elevação de preços dos terrenos e propriedades de moradia afastam os moradores envolvidos com pequenas produções de adquirir ou se instalarem em imóveis para comercializarem seus produtos, por exemplo, causando segregação e, conseqüentemente, renda o suficiente com a atividade turística. Esta dinâmica comercial (especulação imobiliária) e o processo de turistificação destes espaços confere os perigos da atividade turística.

Entende-se que o turismo em Praia Grande acontece da mesma forma que em qualquer lugar do mundo onde a manifestação humana representa um bem de consumo, que pode emergir via comércio e indústria.

A abordagem sobre as narrativas dos entrevistados em relação ao ecoturismo na cidade percorre vieses importantes quando alguns moradores citaram sensibilização, educação ambiental, sustentabilidade envolvendo a questão econômica, educacional e social, valorização do morador local dentre outros sobre a atividade turística que está indissociável das questões de proteção ambiental que inicia com a conscientização.

A menção a cursos, contratação de turismólogos, despertar para a consciência ambiental e ecológica, palestra nas escolas, criação de associações e outras citadas nas narrativas, levam a crer que, de fato, houve um interesse genuíno de um fazer turístico que se preocupou com a consciência e a preservação ambiental.

No entanto, à medida em que o tempo passava, as primeiras iniciativas de grupos que demonstraram respeito à natureza do, então despertar, foram gradativamente desprezadas. Haja vista que conforme um dos membros deste mesmo grupo, Praia Grande não tinha e nem tem um plano de gestão turístico, e se tiver, o mesmo deve incluir a participação popular local.

Mediante esse contexto de ausência de plano de gestão participativo horizontalizado, o Turismo de Base Comunitária se configura em uma importante

ferramenta de defesa em um processo participativo que, como visto, considera as diferentes dimensões, por entender que a atividade turística deve ser desenvolvida pelos moradores e também “para eles”, subsidiados na sustentabilidade econômica, ambiental, sociocultural e político-institucional, inserindo populações tradicionais. Os princípios do TBC pautam-se na inserção das populações tradicionais enquanto protagonistas do seu próprio processo de desenvolvimento do local ao qual pertencem.

O Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul em solenidade datada de 28 de Junho de 2022, recebeu assinatura de repasse de verbas destinados à construção de cinco pórticos na referida área turística, que contemplará, respectivamente, os municípios catarinenses de Praia Grande, Jacinto Machado, Morro Grande, Timbé do Sul, e São João do Sul, este último, embora não faça parte da região, é caminho de entrada para Praia Grande via BR-101. Também os municípios riograndenses Cambará do Sul, Mampituba e Torres fazem parte deste projeto. Estes municípios catarinenses e riograndenses receberão da Santur os novos equipamentos turísticos pelo projeto “Rota Cênicas”.

O Geoparque é entendido como um projeto que envolve a valorização local em suas diferentes nuances e deve atuar no desenvolvimento sustentável, na cultura local e que tem que iniciar começando de baixo para cima, bem como valorizar aspectos geológicos, o que inclui fauna e flora, segundo uma das narrativas. A UNESCO orienta que o Geoparque representa uma região, sua história e cultura e tudo o que as envolvem e que deve desenvolver as ações no território em conjuntos com instituições parceiras e comunidades locais. Ora, todos os pontos mencionados sobre a atividade turística de Praia Grande não coadunam com os referenciais identitários, com o pertencimento, com a história, com a cultura, levando a reflexões sobre a necessidade de educação ambiental e patrimonial mediando um entendimento amplo sobre a atividade turística, para consequentes ações de engajamento da população local com vistas à apropriação deste fenômeno chamado turismo que vem lhe trazendo sentimentos diversos e, por vezes, contraditórios.

Educar para a atividade turística de Praia Grande requer primeiramente uma identificação da comunidade local com seu patrimônio natural e cultural, garantindo a sua conservação. Este entendimento traz reflexões e fornece elementos para novas apropriações do espaço e formas de pensar o lugar em que vivem, envolvendo o entendimento da sua própria história e cultura.

Cabe mencionar diante desta narrativa que a Psicologia Ambiental tem interesse nos efeitos das ações do ambiente sobre os comportamentos individuais e também em como o indivíduo percebe e atua em seu entorno. Tais efeitos de ordem física e social decorrem, justamente, da percepção dos moradores locais em se tratando de turismo, por isso a Psicologia Ambiental já recebe a denominação de Psicologia do Espaço porque, de fato, analisa percepções, atitudes e comportamentos e comunidades neste contexto físico e social.

Algumas narrativas dos entrevistados demonstram frustração diante do Geoparque em Praia Grande, porque exclui questões apontadas pela Psicologia Ambiental quando enfatiza tão acertadamente, quando menciona a importância da identidade, do local, do pertencimento, cultura, história e de outros componentes relacionados ao indivíduo no referido espaço físico e social.

As narrativas citadas e as de outros moradores que, dentre outros aspectos, pressupõe a participação local nas decisões turísticas, percebe-se que a gestão turística é centralizadora gerida pelo poder público e setor empresarial. Neste contexto, frisa-se que a gestão deva acontecer de forma horizontal, com ênfase na sociedade, com a participação da comunidade nas decisões turísticas que dentre outros aspectos, passará a fazer jus à Constituição Federal quando apregoa que o meio ambiente é dever e responsabilidade de todos. Neste ínterim, o Artigo Constitucional 225 propõe que:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (BRASIL, 1988, p. 1).

A pesquisa mostrou que as primeiras reuniões envolveram guias turísticos locais, empresários, alguns grupos e, que inicialmente alguns representantes do poder público não se interessaram, mas acabaram por juntar-se ao grupo inicial. Identificou-se também, em contrapartida, que muitos moradores não se interessaram pela atividade turística em Praia Grande. Este cenário remete à questão já mencionada de que nunca houve e que não há uma devida gestão pública de turismo no município. O que pode acontecer é o que cita algumas publicações acerca da atividade turística quando mencionam que moradores locais produzem imagens sobre o turismo enquanto está em processo de consolidação e que compreende relações econômicas

que, portanto, gradativamente, distancia-se da população local em detrimento da população que vem de fora.

Sobre para quem o desenvolvimento de Praia Grande está sendo pensado, não reflete as aspirações dos moradores que, levados pela ideia de um turismo que em sua imaginação lhes traria não somente renda, mas valorização de sua história, cultura, sentimento de pertencimento, identidade de lugar, apego ao lugar, apropriação do espaço, entre outros aspectos, acaba por sucumbir. O processo de turistificação, como visto, os exclui de certa forma, pois afeta as dimensões materiais e simbólicas.

Assim, a formação de uma “população artificial” (BUSTOS CARA, 1996) vai nascendo, se modificando, se ressignificando e se reapropriando do espaço na busca de atender à demanda turística. O desenvolvimento turístico em Praia Grande não se concretiza para o morador local, mas sim, para o turista, garantindo a exemplo da maioria das cidades e países, o bem estar para os visitantes.

Compartilha-se deste pensamento, pois representa o que pode acontecer em Praia Grande, quando o morador local não consegue apropriar-se de seu espaço que caracteriza a relação entre o sujeito e o seu entorno sócio físico. Com o processo de turistificação o sujeito pode não externar sua subjetividade que é inerente, íntima, específica de cada indivíduo e, que, francamente, é o que transforma espaços em lugares e criam identidade de lugar. Pode-se perder os lugares significativos e simbólicos, a percepção de enraizamento, emoções e afetividade ambiental discutidos pela Psicologia Ambiental, bem como aspectos que tratam da relação pessoa/ambiente enquanto casa, apropriação do espaço, apego ao lugar, sentimento de pertença, sentimento de defesa criando vínculos com o ambiente.

Quando iniciei meu projeto de pesquisa, busquei a Psicologia Junguiana ou Psicologia Analítica desenvolvida pelo psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung que foca sua teoria nas experiências simbólicas na vida dos indivíduos. Esta teoria está relacionada ao fato de que a história de vida de cada um, constitui seu inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo representa o repositório de arquétipos e símbolos que podem inserir-se em bases gerais da humanidade. Confrontar o ser humano com seu inconsciente, com seus arquétipos, símbolos e mitos, tornando-os conscientes configura-se em causa de desenvolvimento e crescimento pessoal e coletivo. É tornar-se a si mesmo, individualizar-se!

Desse modo, em relação ao espaço e sua representatividade na vida dos moradores verifica-se um forte sentimento de pertença quando mencionaram pequenos negócios, moinhos de engenho, movimento contra uma barragem (defesa), empenho de familiares na construção de igrejas que caracterizam a criação de uma comunidade. Também há uma referência consciente, beirando o encantamento sobre as belezas naturais quando expressam a linha do horizonte, a natureza bem trabalhada, os passarinhos, a energia, o cheiro da mata, os bichos, citam locais específicos, cartinhas de namorados, amores, brinquedos e brincadeiras, remetendo a Jung quando observa que a natureza reflete tudo o que há no inconsciente humano fazendo conexão entre o ambiente ecológico e o sistema psíquico. Sob a ótica da Psicologia Analítica há um rompimento dos muros que separam a natureza que há no indivíduo.

Todo este contexto vivido pelos moradores locais que buscam em suas memórias tantos elementos constitutivos de suas vidas expressam a si mesmos e com recorrência a natureza do lugar aparece, encanta, ilustra cada um dos elementos citados. Registro que este estudo trouxe, de fato, uma percepção que alertou, inclusive a mim mesmo, sobre os caminhos do turismo em Praia Grande. A cada narrativa dos entrevistados, uma reflexão emergiu, levando-me a minha própria percepção enquanto sujeito a presenciar esta atividade.

Finaliza-se observando que este estudo não esgota a necessidade de novas pesquisas, pois o campo verificado é amplo e multifatorial, carecendo de futuras análises de cunho interdisciplinar. Tornam-se relevante estudos que possam verificar os rumos futuros do processo de turismo como proposta para o desenvolvimento de Praia Grande. Também os efeitos do processo de turistificação da cidade que já se encontram instalados neste cenário, como também as percepções dos moradores locais que poderão sofrer influências e alterações. Visto isto, deve-se considerar que o ser humano está em constante transformação, bem como sua condição sócio histórica, cultural e ambiental. Outrossim, indago-me: Praia Grande, uma cidade em transformação? Em que direções? Turismo x progresso x desenvolvimento futuros para quem?

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, H. F.; FREIRE, J. C. O lugar da alteridade na psicologia ambiental. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v.7, n.2, p.305-328, set. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482007000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 abr. 2021.
- ALLEN, J. *et al.* **Organização e gestão de eventos**. Tradução de Marise Philbois Toledo. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- ALMEIDA, L. M. A.; RIGOLIN, T. B. **Geografia**. 3. ed. Local: Editora, 2007. p. 448.
- AMBIENTE ECONÔMICO. **Página governamental de Praia Grande**. 2014. Disponível em: <https://www.praiagrande.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/42430#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20Plano,vidro%20e%20esquadrias%20de%20madeira>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- ANAZ, S. A. L. Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries. **Significação**, São Paulo, v. 47, n. 54, p. 251-270, jul-dez. 2020.
- ARAÚJO, W. A. *et al.* Desenvolvimento local, turismo e populações tradicionais: elementos conceituais e apontamentos para reflexão. **Interações (Campo Grande)**, Campo Grande, v. 18, n. 4, p. 5-18, dez. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-70122017000400005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122017000400005&lng=en&nrm=iso). Acesso em 27 abr. 2021.
- ARCARO, R.; GONÇALVES, T. M. Identidade de lugar: um estudo sobre um grupo de moradores atingidos por barragens no Município de Timbé do Sul, Santa Catarina. **Raega: O Espaço Geográfico em Análise**. Curitiba, jul. 2012, Departamento de Geografia – UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/28003/18632>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- ARRUDA, D. O.; XAVIER, L. F.; MARIANI, M. A. P. As potencialidades em torno do turismo de base comunitária em territórios quilombolas de Corumbá/MS. Grupo de Pesquisa Meio Ambiente e Sustentabilidade do Pantanal. **Revista GeoPantanal**, UFMS, Corumbá/MS, N. 30, 227-244, jan./jun. 2021.
- ASSIS, L. F. Turismo sustentável e globalização: impasses e perspectivas. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 4/5, p. 131-142, 2002/2003.
- AZEVEDO, G. A. N.; TÂNGARI, V. R.; RHEINGANTZ, P. A. (Orgs). **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres**: uso, forma e apropriação. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011. p. 63-85.
- BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

BALDISSERA, L. M., & BAHL, M. Turistas e moradores locais: uma reflexão teórica dessa relação. **Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo Do Mercosul**, 2012, p. 1-13.

BARRETTO, M. **Planejamento e Organização em Turismo**. Campinas, SP. Papyrus, 1991.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 3 ed. Campinas, São Paulo:Ed.Papyrus,1998.

BARRETO FILHO, L. E. Apresentação. In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. 1. ed. Brasil: Nova Letra Gráfica e Editora, 2009.

BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BERTRAND, L. O que é a Psicologia Analítica? **Jung na Prática**, 2019. Disponível em: <https://www.jungnapratica.com.br/o-que-e-a-psicologia-analitica/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

BISSING-OLSON, M. J., FIELDING, K. S., IYER, A. Experiences of pride, not guilt, predict pro-environmental descriptive norms are more positive. **Journal of Environmental Psychology**, 45, 2016. p. 145-153.

BISSING-OLSON, M. J. **Afect and pro-environmental behavior descriptive norms are more** (Unpublished doctoral thesis). Scholl of Psychology University of Queensland, Brisbane, Queensland, Australia, 2015.

BOFF, L. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade**. 2 Ed. São Paulo: Ática, 1996.

BOMFIM, Z. Á. C.; DELABRIDA, Z. N. C.; FERREIRA, K. P. M. Emoções e Afetividade Ambiental. In. CAVALCANTE, Sylvia. ELALI, Gleice A. (orgs.). **Psicologia Ambiental: Conceitos para a Leitura da Relação Pessoa-Ambiente**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2018, p. 60-76.

BONNES, M., & SECCHIAROLI, G. **Environmental Psychology, a psychosocial introduction**. London: Sage, 1995.

BOULLÓN, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Trad. de Josely Vianna Baptista. Bauru, SP: Edusc, 2002.

BORGES-ANDRADE, J. E. **Seminário Nacional: enfrentando novos desafios - Psicologia**. Infocapes, 9(2/3), 166-174, 2011.

BRASIL. **Ecoturismo: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/16284388-Ecoturismo-orientacoes-basicas-2-a-edicao.html>. Acesso em: 25 abr. 2021.

BRASIL. **BRASIL. Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Decreto Nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm). Acesso em: 1 de ago. 2022.

BROWN, B. B.; PERKINS, D. D. Disruptions in place attachment. In: ALTMAN, I.; LOW, S. M. (Org.). **Place Attachment**. New York: Plenum, 1992. p. 279-304.

BRUNT, P.; COURTNEY, P. La percepción de los impactos socioculturales del turismo por la población residente. **Annals of Tourism Research en Español**, v.1, n.2, 1999, p. 215-239.

BUSTOS CARA, R. El turismo y los procesos de transformación territorial. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (orgs.). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. Hucitec. São Paulo, 1996.

CAMINHO DOS CANYONS. 2020. Disponível em <http://observasctur.com.br/destinos/caminho-dos-canyons/http://observasctur.com.br/destinos/caminho-dos-canyons/>. Acesso em: mar. 2022.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M. I.; CAVALCANTE, S.; NÓBREGA, L. M. A. Ambiente. In: **Temas básicos em psicologia ambiental**. Cavalcante, S.; Elali, G. A. (org.), 2011.

CAMPOS, J.B.; RIBEIRO, L.S.; RICKEN. C.; ROSA, R.C.; SAVI, C.N.; ZOCHE, J.J. As gravuras Rupestres do Projeto Encosta da Serra no Sul do Estado de Santa Catarina. **ARKEOS**, Portugal, v. 1, n. 32, p. 121-132, set. 2012.

CANTER, D.; & DONALD. I. Environment psychology in the United Kingdom. In: STOKOLS, D. & ALTMAN, I. (Eds). **Handbook of environmental psychology**. New York, Wiley, 1986.

CAPITAL DOS CANYONS. **História**. Praia Grande/SC, 2020. Disponível em: <https://capitaldoscanyons.com/historia/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

CAPRA, F. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. 25ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARLOS, A. F. A. O Turismo e a produção do Espaço. **Revista Geografia e Ensino**, 8(1), 2002, p. 47-56.

CARVALHO, F. Espaço e lugar. **Medium**, 2016. Disponível em: <https://medium.com/umolharparaliberdade/de-acordo-com-cavalcante->



CRUZ, M. L. M. Políticas Públicas de Lazer. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 1, n.1, 1999. Disponível em:

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo. Cia das Letras, (publicação originalmente em 1996), 2012.

DAMERGIAN, S. A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade. In: TASSARA, Eda, (org.) **Panoramas Interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano**. São Paulo, EDUC FAPESP. 2001. ISBN 85-283-0215-6.

DARTORA, J. S. **Turismo e suas Implicações Teóricas**. Apresentação de Trabalho/Seminário, 2003.

DAVIDOFF, L. Linda. **Introdução à Psicologia**. 3. ed. Tradução Lenke Peres. São Paulo: Person Makron Books, 2001.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DEMO, Pedro, **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DEMO, P. **Participação é conquista**. São Paulo: Cortez, 1988.

DIAS, R. **Sociologia do Turismo**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

DOSS, E., RODRIGUES, E. P., BAVARESCO, A. M., BAVARESCO, P. R. Ecopsicoterapia: a natureza como ferramenta terapêutica. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste**, 2018.

DOXEY, G. V. A. A causation theory of visitor-resident irritants: methodology and research inferences. In: **6th Annual Conference**. San Diego. Travel Research Association, 1972. p. 195-198.

DUARTE, A. J. O. Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung. **Junguiana**, v.35, n.1, p.5-19, jun. 2017.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo. 4ª ed. Ed Martins Fontes, 2012.

DURAND, G. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro. 3ª ed. DIFEL, 2004.

EKMAN, P. **A linguagem das emoções: Leya**. (Publicado originalmente em 2004), 2011.

ELALI, G. A. Relações entre comportamento humano e ambiência: uma reflexão com base na Psicologia Ambiental. **Anais do Colóquio Ambiências Compartilhadas**. Rio de Janeiro: ProArq - UFRJ, 2009.

FELIPPE, M. L.; KUHNEN, A. O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 29(4), 609-617, outubro – dezembro de 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29n4/v29n4a15.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

FERNANDES, R. C. Quilombos no Sul do Brasil: estudos antropológicos com vistas à aplicação do Decreto 4887/2003 - Relatório Antropológico: Comunidade de São Roque. Out/2005. In: LEITE, Ilka Boaventura (Org). **Boletim Informativo do NUER: Núcleo de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas** - Vol. 3. - n. 3. - Perícias Antropológicas - Florianópolis: UFSC, 2006.

FIALHO, F. A. P.; NAKAYAMA, M. K.; SILVEIRA, E. G. F. **Anotações das aulas: Desenvolvimento Humano**. UFSC, 2009.

FIGUEIRA, C. R.; MIRANDA, L. L. **Educação Patrimonial no ensino de História dos anos finais do Ensino Fundamental: conceitos e práticas**. São Paulo: Edições SM, 2012.

FOLLMANN, J. I. Identidade como conceito sociológico. **Ciências Sociais-Unisinos**. São Leopoldo, v. 37, n. 158, p.43-66, 2001.

FRANÇA, M. C.; PASTOR, M. A Participação Popular em Tempos Neoliberais: desafios para sua efetivação. In: **IV Jornada Internacional de Políticas Públicas**. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão. 2009.

FREIRE, J. C.; VIEIRA, E. M. Uma escuta ética de psicologia ambiental. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 32-37, Agos. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822006000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000200005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 abr. 2021.

FREIRE, P. S. *et al.* **Cultura como rede de conexões paradigmáticas: um caminho para entender e gerenciar os estados de crise provocados pela globalização**. Florianópolis, SC, 2008. (no prelo)

FREIRE, P. S.; MARQUES, D.; DEBATIN, M. Memória coletiva: aproximação epistemológica das teorias de Sheldrake e Jung. **Congresso Nacional em Excelência em Gestão**, INOVARSE: 2016. Disponível em: <[https://www.inovarse.org/sites/default/files/T16\\_211.pdf](https://www.inovarse.org/sites/default/files/T16_211.pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2021.

FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FUTADA, Silvia de Melo; MEURER, Beatriz Moraes. **Unidades de Conservação**. 2022. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/pt-br/unidadesdeconservacao>. Acesso em: 31 ago. 2022.

GABRIELLI, C. P. Turismo responsável: caminhos possíveis? **Revista de Turismo Contemporâneo – RTC**, Natal, v. 5, n. 1, p. 81-97, jan./jun. 2017.

GASPARELLO, V. M. **Subjetividade e formação de professores: algumas reflexões a partir da psicologia analítica**. Revista E-Curriculum, São Paulo, v. 2, n. 3, dez. 2006. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/download/3160/2091>>, acesso em: 28 de abr. de 2021.

GASTAL, S. A.; MOESCH, M. M. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.

GEOPARQUE CAMINHO DOS CANYONS. 2022. Disponível em: <https://geosmart.pt/boas-vindas-aos-8-novos-geoparques-globais-do-unesco>. Acesso em: mar. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In: TASSARA, E. T.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. (Ed.). **Psicologia e ambiente**. 1. ed. São Paulo: Educ., p. 89-106. 2004.

GÓIS, C. W. **Atividade e Consciência**. Fortaleza: Instituto Paulo Freire, 2005.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES R. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, M. (org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 28a edição. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 79-10;8

GOMES, C. C. A. **O apego pelo lugar de morar**. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

GOMES, H. J. P.; OLIVEIRA, O. B. Obstáculos epistemológicos no ensino de ciências: um estudo sobre suas influências nas concepções de átomos. **Ciências & Cognição**, v. 12, p. 96- 109, 2007.

GONÇALVES, T. M. Habitação e Sustentabilidade Urbana. **Revista INVI**, Chile, v. 24, n. 65, p.113-136, 2009.

GONÇALVES, T. M. Os valores que orientam a relação homem/natureza. In: **Anais do V Encontro da ANNPAS**, out. 2010.

GONÇALVES, T. M. Psicologia Ambiental. **Revista em Ciências da Saúde**, Criciúma, v. 1, n. 1, p. 17-21, 2004.

GONÇALVES, T. M. Psicologia Ambiental. **Revista Pesquisa e Extensão em Saúde**. UNESC, Ano 1, n. 1, p.18-21, 2004.

GONÇALVES, T. M. **Cidade e Poética**: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí: Unijuí, 2007.

GONÇALVES, T. M. Habitar: a casa como contingência da condição humana. **Revista INVI**, Santiago, v. 29, n. 80, p. 83-108, maio de 2014. Disponível em: <http://bit.ly/2Y3fUj7>. Acesso em: 8 ago. 2020.

GONÇALVES, T. M. Habitar: a casa como contingência da condição humana. **Revista INVI**, Santiago, v. 29, n. 80, p. 83-108, maio, 2014. Disponível em: <http://bit.ly/2Y3fUj7>. Acesso em: 8 abr. 2022.

GONÇALVES, T. M. A contribuição do pensamento dialético de Henri Lefebvre para a pesquisa interdisciplinar sobre a questão urbana. **Tecnologia e Ambiente**, 22, 2016.

GÜNTHER, H.; ROZESTRATEN, R. J. A. Psicologia Ambiental: Algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. **Série: Textos de Psicologia Ambiental**, n. 07. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2005. Disponível em: [www.psi-ambiental.net](http://www.psi-ambiental.net). Acesso em 12 de maio. 2019.

GÜNTHER, H.; PINHEIRO J. Q.; LOBO, R. S. **Psicologia ambiental**: entendendo as relações do homem com seu ambiente. Campinas: Alínea, 2004.

GÜNTHER, H. A psicologia ambiental no campo interdisciplinar de conhecimento. A Psicologia Ambiental no campo interdisciplinar de conhecimento. **Psicol. USP** 16 (1-2). 2005

GÜNTHER, H. Ambiente, psicologia e Trânsito: Reflexões sobre uma integração necessária. In M. H. Hoffmann, R. M. Cruz, & J. C. Alchieri (Orgs.), **Comportamento humano no trânsito** (pp. 47-57). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

HALL, C. M. **Planejamento turístico**: políticas, processos e relacionamentos. Tradução de Edite Sciulli. São Paulo: Contexto, 2001.

HARVEY, D. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo, editora Annablume, 2005.

HELBEL, M. R. M.; VESTENA C. L. B. Fenomenologia: a percepção ambiental como objeto de construção à educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 12, p. 67-78, 2017.

HWANG, D. **Influence of Social Capital on Community-Based Action in Tourism Development: A study of social networks analysis**. Tese. Doctor of Philosophy in Recreation, Sport and Tourism. University of Illinois. 2012. 267 p.

HOBOLD, P. **História de Araranguá**: reminiscências desde os primórdios até o ano de 1930. Porto Alegre: Palmarinca/EST, 1994.

IORIO, M.; WALL, G. Behind the masks: Tourism and community in Sardinia. **Tourism Management**. v. 33, n. 6, p. 1440-1449, 2012.

IRVING, M. A. *et al.* Revisitando significados em sustentabilidade no planejamento turístico. **Caderno Virtual de Turismo**. v. 5, n. 4, 2005. p. 2-7.

ITTELSON, W. H. **Environment and cognition**. New York: Seminar, 1973.

ITTELSON, W. H *et al.* Homem ambiental. **Série: Textos de Psicologia Ambiental**, Nº 14 (tradução J. Pinheiro). Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2005.

ITTELSON, W. H., PROSHANKY, H. M., RIVLIN, L. G., & WINKEL, G. H. Homem ambiental. **Textos de psicologia ambiental**, 14, 2005, p. 1-9.

ISSA, Y. S. M. M.; DENCKER, A. F. M. Processos de Turistificação: Dinâmicas de inclusão e exclusão de comunidades locais. In: **IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL**, 2006, Caxias do Sul, RS. Trabalho apresentado ao GT “Epistemologia e Pesquisa” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006. Disponível em: < [http://www.ucs.br/.../posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/seminario\\_4/arquivos\\_4\\_seminario/GT14-12.pdf](http://www.ucs.br/.../posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/seminario_4/arquivos_4_seminario/GT14-12.pdf)> Acesso em: 02 abr. 2022.

JERÔNIMO, R. N. T. **O processo de apropriação do espaço dos habitantes da comunidade de Ibraquera em Imbituba – SC**. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - UNESC, Criciúma, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp027956.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

JERÔNIMO, R. N. T.; GONÇALVES, T. M. Identidade e Personificação do Lugar na Apropriação do Espaço pelos Nativos de Ibraquera, SC. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 47, n. 1, p. 117-132, abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2013v47n1p117/26180>. Acesso em: 23 abr. 2021.

JUNG, C. G. **Cartas II**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. 316 p. Tradução de: Maria Lúcia Pinho.

JUNG, C. G. **Obras completas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 447 p. Tradução de: Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva.

JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

JUNG, C. G. **Psicologia e Religião**. Vozes, 1978.

JUNG, C. G. **The earth has a soul: C.G. Jung on Nature, Technology & Modern Life**. Editado por Meredith Sabini. Berkeley, Califórnia: North Atlantic Books, 2016.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 5. ed. Tradução de Maria Lúcia Pinho. RJ: Nova Fronteira, 1964.

KASHIMOTO, E. M.; MARINHO, M.; RUSSEFF, I. Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. **Interações: Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, Campo Grande, MS, v. 3, n. 4, p. 35-42, mar. 2002.

KLIKSBERG, B. Seis teses não convencionais sobre participação. **Revista de Administração Pública/FGV**. Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 7-37. mai/jun. 1999

KUHNEN, A.; HIGUCHI, M. I. G. **Percepção ambiental**. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. Temas básicos em psicologia ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 250-266

LEFF, E. **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

LEFF, E. **Discursos sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.

LEFF, E. **Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2007.

LEITE, Adriana Filgueira. **O Lugar: Duas Acepções Geográficas**. Anuário do Instituto de Geociências, Rio de Janeiro, v.21, 1998.

LIMA, D. M. A.; BOMFIM, Z. Á. C. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: Diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. **Psico/UFRGS**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p.491-497, out/dez 2009.

LIMA, H. M. O auto da liberdade: manifestação de lazer e cultura em Mossoró/RN. In: MAIA, L. F. S. **Turismo: cultura e possibilidades de intervenções**. Natal: ed. Gráfica do Banco do Nordeste do Brasil, 2004.

LIMA, R. M. M.; COSTA, J. B. A. Os Caminhos do Desenvolvimento no Turismo: o deslocamento da abordagem centralizada na renda para a abordagem com foco nas pessoas. **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 7, n. 2, p. 201-227, abril de 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/download/33607/22942> Acesso em: 09 abril 2021.

LOPES, L. P. M.; BASTOS, L. C. **Identidade: recordes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado De letras, 2002.

LUCHIARI, M. T. D. P. Urbanização turística um novo nexos entre o lugar e o mundo. In LIMA, Luiz Cruz (org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: UECE, 1998.

MACHADO, L. M. C. P. **A serra do mar Paulista: Um estudo de paisagem valorizada**. 1988. 312p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro-SP. 1988.

MAGALHÃES, C. F. **Diretrizes para o turismo sustentável em municípios**. São Paulo: Roca, 2002.

MAGNOLI, D.; ARAÚJO, R. **Geografia: a construção do mundo - geografia geral do Brasil**. São Paulo: Moderna, 2005.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e política. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

MARTINS, S. R. O. Desenvolvimento local: questões conceituais e metodológicas. **Interações: Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, Campo Grande, MS, v. 3, n. 5, p. 51-9, set. 2002.

MASSOLA, G. M.; SVARTMAN, B. P. Enraizamento. In: **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura de relação pessoa-ambiente** [S.l: s.n.], 2018.

MATOS, D. A. S. **A percepção dos alunos do comportamento comunicativo do professor de ciências**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MELO, R. G. C. Psicologia ambiental: uma nova abordagem da psicologia. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 2, n. 1-2, p. 85-103, 1991 Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51771991000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771991000100008&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em: 25 jan. 2021.

MENDONÇA, F. A. **Impactos socioambientais urbanos**. Curitiba: Editora da UFPR, 2004. v. 1. 330p.

MENEGAT, R; ALMEIDA, G. **Sustentabilidade, democracia e gestão ambiental urbana**. In: Menegat, Rualdo; Almeida, Gerson. 2004. Desenvolvimento sustentável e estratégias para a gestão ambiental. Porto Alegre, Edufrgs, pp. 173-196.

MILONE, P. C. Crescimento e desenvolvimento econômico: teorias e evidências empíricas. In: MONTORO FILHO, André Franco *et al.* **Manual de economia**. São Paulo: Saraiva, 1998.

MINAYO, M. C. S. (org.). O desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Concessão de Aparados da Serra e Serra Geral Fortalece Agenda de Ecoturismo em Parques Nacionais**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/noticias/parques-nacionais-do-sul-leiloados-para-a-iniciativa-privada>. Acesso em: 30 abr.2021.

MOESCH, M. M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MONTIBELLER-FILHO, G. **Crescimento econômico e sustentabilidade Sociedade & Natureza**, vol. 19, núm. 1, junho, 2007, pp. 81-89.

MOSER, G. A psicologia ambiental: competência e contornos de uma disciplina, comentários a partir das contribuições. **Psicologia USP**, 16(1/2), 279-294, 2005.

MOSER, G. Psicologia ambiental. **Estudos de Psicologia**, 3(1),121-130, 1998.

MOTA, K. C. N.; VIANNA, S. L. G.; ANJOS, F. A. **Competitividade das destinações turísticas** – estudos de casos brasileiros. São Paulo: Atlas, 2013.

MOURÃO, A. R. T.; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de Lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MUNARI, A. B.; ASSUNÇÃO, V. K.; MENEZES, C. T. B. Problemas socioambientais decorrentes da urbanização e turismo: estudo de caso da Lagoa das Capivaras, Garopaba (SC), Brasil. **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 44, Edição especial: X Encontro Nacional de Gerenciamento Costeiro, p. 242-266, fevereiro 2018.

MUNTANÓLA, T. J. **La arquitectura como lugar**. Barcelona: EUPC, 1996, p. 27.

MURTA, R. S. A transformação do espaço urbano em função do turismo. Seminário da associação nacional de pesquisa e pós-graduação em turismo, 5, 2008, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos** [...]. Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/5/15.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2020.

MUYLAERT, C. J. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista Esc Enferm USP**, 48(ESP2), 193-199, 2014.

NEUMANN, M. KUHNE, A. Características da psicologia ambiental em ambientes laborais. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, V.13, nº 4, p. 59-69 TRI IV 2019. ISSN 1980-7031. Disponível em: <https://rica.unibes.com.br/rica/article/download/1044/782>. Acesso em: 03 de janeiro de 2021.

NEVES, E. S.; MATEUS, M. N. E. Educação ambiental para um turismo sustentável. **EduSer: Revista de Educação**. ISSN 1645-4774. 7:2, p. 1-12, 2015. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/12795>. Acesso em: 09 abril 2021.

NÓBREGA, W. R. M.; FIGUEIREDO, S. L. Políticas públicas y gestión del turismo en la amazonía. **Estudios Turísticos**, n. 180, 2009.

NOGUEIRA, M. L. M. Subjetividade e materialidade: Cidade, Espaço e Trabalho. Fractal: **Revista de Psicologia**, v.21, n.1, p.69-86, jan./abr. 2009.

NUNES, T. **Você sabe o que é ecodesenvolvimento?** 2022. Disponível em: <https://pontobiologia.com.br/o-que-e-ecodesenvolvimento/#:~:text=O%20ecodesenvolvimento%20pode%20ser%20entendido,solu%C3%A7%C3%B5es%20espec%C3%ADficas%20para%20determinada%20%C3%A1rea>. Acesso em: 29 jul. 2022.

OLIVEIRA, E. Turismo, Produção do Espaço e Planejamento Urbano nas cidades Contemporâneas. **Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN)**, Mossoró/RN, vol. 3, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/turismo/article/view/1317/743>. Acesso em: 04 março 2021.

OLIVEIRA, L. **A Percepção da Qualidade Ambiental**. A Ação do Homem e a Qualidade Ambiental. Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas/UNESP, 1983.

OLIVEIRA, G. B. Uma discussão sobre o desenvolvimento. **Rev. FAE**, Curitiba, v.5, n.2, p.37-48, maio/ago. 2002.

OSKAMP, S. Psychological contributions to achieving an ecologically sustainable future for humanity. **Journal of Social Issues**, v. 56, n. 3, p. 373-90, 2000.

PALMADE, G. **Interdisciplinarietà e Ideologias**. Madrid: Narcea, 1979.

PIAZZA, W. F.; HÜBENER, L. M. **Santa Catarina: história da gente**. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1983.

PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H.; GUZZO, R. S. L. Psicologia ambiental: área emergente ou referencial para um futuro sustentável? In: GÜNTHER, H.; PINHEIRO, J. Q.; GUZZO, R. S. L. (Org.). **Psicologia Ambiental: Entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas: Alínea, p. 7-14, 2004.

PINTO, P. M.; CAMPOS, R. I. R. Educação Patrimonial, Turismo Sustentável e Responsabilidade Social. In: BAHL, Miguel. **Turismo com Responsabilidade Social: Coletânea do XXIII CBTUR, Congresso Brasileiro de Turismo**. São Paulo: Rocca, 2004.

POL, E. Environmental management, new challenge for a psychology of sustainable development. **Estudos de Psicologia**, v.8, n.2, 2003, p.235-243.

POL, E. La apropiación del espacio. In: INIGUEZ, Lupicínio; POL, Enric. (Orgs). **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Universitat Barcelona Publicacions, 1996. p. 45-60.

POL, E. Seis reflexiones sobre los procesos psicologicos en el uso, organizacion y evaluacion del espacio. In: Américo, M.; Aragonés, J.I. Corraliza, J. (Orgs.), **El**

**comportamiento en el medio natural y construido.** Badajoz, Orellana: Junta de Extremadura, 1992. p. 121-133.

PRAIA GRANDE. Lei Municipal nº 11/2019. **Plano de Desenvolvimento Turístico de Praia Grande/SC.** Disponível em: <https://www.cloudsoftcam.com.br/SC/PRAIAGRANDE/upload/2019/08/201908121705171565640317469480.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRAIA GRANDE. **História de Praia Grande.** 2014. Disponível em: <https://www.praia grande.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/42410#:~:text=Praia%20Grande%2C%20como%20parece%20a,volta%20de%201890%2C%20pelos%20portugueses>. Acesso em: 20 ago. 2020.

PROSHANSKY, H. M. **Apropiación et non apropiación de l' espace.** 1976.

PROSHANSKY, H. M. An environmental psychologist's perspective on the Interdisciplinary approach in psychology. In: Harvey, J. H. (Ed.) **Cognition, social behavior, and the environment** (pp. 3-20). Hillsdale, NJ: LEA, 1987.

PROSHANSKY, H. M. **Apropiación et non apropiación (mis-appropriation) de l' espace.** [S.l., s.n.], 1978.

PROSHANSKY, H. M., FABIAN, A. K.; KAMINOFF, R. Place-identity: Physical world socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**, v. 3, n. 1, p. 57-83, 1983.

PROSHANSKY, H. M., ITTELSON, W. H., & RIVLIN, L. G. (Orgs.). **Environmental psychology: man and his physical setting.** New York: Holt, 1970.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder.** Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, S. E. V. C. Turismo e Responsabilidade Social. In: BAHL, Miguel. **Turismo com Responsabilidade Social: Coletânea do XXIII CBTUR, Congresso Brasileiro de Turismo.** São Paulo: Rocca, 2004.

REYMÃO, A. E. N.; CEBOLÃO, K. A. Organização Comitê Científico Double Blind Review pelo SEER/OJS. **Revista de Direito Sociais e Políticas Públicas.** | Maranhão | v. 3 | n. 2 | p. 88 - 104 | Jul/Dez. 2017. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistadspp/article/view/2520/pdf>. Acesso em: 1 mar. 2022.

RIBEIRO, A.; COUTO, J. L. V.; FARIA, J. E.; LESCHONSKI, C. **O Tropeirismo.** Unidade Rural do Rio de Janeiro. 2012.

RODRIGUES, M. C. P. O índice do desenvolvimento humano (IDH) da ONU. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, julho 1993.

ROSA, M. E. T.; KANIKADAN, A. Y. S. Turismo em Cabo Verde: Desenvolvimento para Quem? **Revista Turismo: Estudos & Práticas (RTEP)**, Mossoró/RN, v. 10(1), 1-19, 2021. Disponível em: <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/RTEP/article/view/2866/2537>. Acesso em: 05 março 2021.

RUSCHMANN, D, V. de M. **Turismo e Planejamento Sustentável**: a proteção do meio ambiente. 4. ed. Campinas: Papirus, 1999.  
RUSSEL, J.A; MEHRABIAN, A. 1977. Evidence for a tree-factor theory of emotions. **Journal of research in personality**, 11, 273-294.

RUSSEL, J. A.; LANIUS. Adaptation level and affectue appraisals of environments. **Journal of environments Psychology**, 4(2), 1984, p. 119-135.

SAFRA, G. **A poética na clínica contemporânea**. 2. ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

SANCHO, A.; ALVES, A. F. O estado da arte das pesquisas sobre impactos do turismo em parques: uma aproximação das experiências brasileiras. **Rev. Latino-Am. Turismologia/RELAT**, Juiz de Fora, v.3, n.1, pp.21–36, Jan./Jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/rlaturismologia/article/view/10042/4613>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SANDRONI, P. **Dicionário de economia**. São Paulo: Atlas, 1994.

SCATOLIN, F. D. **Indicadores de desenvolvimento**: um sistema para o Estado do Paraná. Porto Alegre, 1989. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal do rio Grande do Sul.

SCHAFFNER, F. **Quilombolas, agricultores e um caçador de lobisomem: conheça os últimos moradores do Itaimbezinho**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2022/02/quilombolas-agricultores-e-um-cacador-de-lobisomem-conheca-os-ultimos-moradores-do-itaimbezinho-ckz7kzskq000i01887hojp1j2.html>. Acesso em: mai. 2022.

SANSOT, P. **Poétique de la Ville**. 6ª Reimpressão. Paris: Armand Colin, 1996. 422p.

SANTA CATARINA. 2022. **Geoparque em SC recebe chancela da Unesco: "Conquista que irá impulsionar o turismo no Estado"**. Disponível em: <https://www.sc.gov.br/>. Acesso em: 30 mai. 2022.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec. 1988, 28 p.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 5ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

SANTOS, M. O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise, **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, Ano XIII, n.2, 1999, p.15-26.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SHUMAKER, S. A., & TAYLOR, R. B. Toward a clarification of peopleplace relationships: a model of attachment to place. In N. R. Feimer & E. S. Geller (Eds.), **Environmental psychology: directions and perspectives** (pp.119-251). New York: Praeger, 1983.

SILVEIRA, B. P.; COSTA, Y. O.; PEREIRA, L. H. R. **Considerações sobre a psicologia analítica**: arquétipo, arquétipo da criança, símbolo e imaginário. Congresso Internacional Interfaces da Psicologia aproximando distâncias: 11, 12 e 13 de novembro de 2020.

SOUZA, N. J. **Desenvolvimento econômico**. São Paulo: Atlas, 1993.

STREY, M.N. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SUNKEL, Osvaldo; PAZ, Pedro. **El sudesarrollo latinoamericano y la teoría del desarrollo**. 22. ed. México: Siglo XX Editores, 1988.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável**: meio ambiente e economia. vol. 2; tradução Esther Eva Horovitz. São Paulo: Aleph, 2000.

TAJFEL, H. La catégorisation sociale. In S. Moscovici (Org.). **Introduction à la psychologie sociale**, (Vol. 1). Paris: Larousse, 1972.

TAJFEL, H. **Human groups and social categories**. Studies in social psychology. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

TASSARA, E. T. de O.; RABINOVICH, E. P. Perspectivas da Psicologia Ambiental. **Estud. Psicol.**, Natal, v. 8, n. 2, p. 339-340, 2003.

TASSARA, Eda T. O.; RABINOVICH, E. P. A invenção do urbano e o poético: uma cartografia afetiva – Estudo sobre o bairro paulista da Barra Funda. In: PINHEIRO, José Q. (Org). **Panoramas Interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano**. São Paulo: Educ; Fapesp, 2001.

THAMMAJINDA, R. **Community participation and social capital in tourism planning and management in a Thai context**. Tese. Doctor of Philosophy. Lincoln University, 2013. 315 p.

TEIXEIRA, Ana Cristina de Souza. *et al.* **A psicologia ambiental como possibilidade de mudança de conduta dos colaboradores das organizações no que se refere ao comprometimento com a implementação dos sistemas de gestão ambiental ABNT NBR ISO 14.001:2015**. 3º CONGRESOL. Gramado/RS, 2020. Disponível em: < <http://www.ibeas.org.br/conresol/conresol2020/XV-041.pdf>>, acesso em: 15 de mar. de 2021.

THIBAUD, Jean-Paul. **Ambiência**. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Org.). **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Vozes. Petrópolis: 2018.

TONETTO, G. **Rio Carvão e Rio Maior: paisagens, rios e comunidades**. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação. Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. Mestrado em Ciências Ambientais. Criciúma, 2021.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

TUAN, Y. F. (1980). *Rootedness versus sense of place*. *Landscape*, 24, 3-8.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Lívia de Oliveira. - São Paulo: DIFEL, 1983.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

UNCTAD/WTO. **Módulo de Treinamento para o Sucesso do Turismo Baseado na Comunidade – TBC no Âmbito do PRPE – Programa de Redução da Pobreza através da Exportação**. International Trade Center – ITC. 96p. 2005.

VALERA, S. (1996). **Psicologia Ambiental: bases teóricas y epistemológicas**. In L. Iñiguez & E. Pol (Eds.), **Cognición, representación y apropiación del espacio** (pp. 1-14). Barcelona: Universidad de Barcelona Publicacions.

VASCONCELOS, M. A.; GARCIA, M. E. **Fundamentos de economia**. São Paulo: Saraiva, 1998.

VASCONCELOS, F. P.; CORIOLANO, L. N. M. T. **Impactos socioambientais no litoral: um foco no turismo e na Gestão Integrada da Zona Costeira no Estado do Ceará/Brasil**. **Revista da Gestão Costeira Integrada**, 8(2), 259-275, 2008. doi: 10.5894/rgci134.

VASCONCELOS, C. S. **Para onde vai o professor?** Resgate do professor como sujeito da transformação. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2003 (Coleção Subsídios Pedagógicos do Libertad, v.1).

VELASCO, H.; DÍAZ DE RADA, A. **La lógica de la investigación etnográfica. Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela.** Madrid: Trotta, 1997.

VIEIRA, J. A. **O uso do diário em pesquisa qualitativa.** Cadernos de Linguagem e Sociedade, 5, 93-104, 2001.

WHITMONT, E. C. A evolução da sombra. In Zweig, C. & Abrams, J. (org.). **Ao Encontro Da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana.** São Paulo: Cultrix, 1991.

WOORTMANN, E. F. Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do atlântico. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 205-238, nov. 2000.

YÁZIGI, E. **Turismo: Uma Esperança Condicional.** São Paulo: Global, 1999.

ZWEIG, C.; ABRAMS, J. (org.). **Ao Encontro Da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana.** São Paulo: Cultrix, 1991.

**APÊNDICE (S)**

## APÊNDICE A – Entrevista Narrativa – E1

O Senhor A. B. R. possui 68 anos, é comerciante aposentado, viúvo, mora no município de Praia Grande/SC há 40 anos, no centro da cidade.

**Entrevistador: Me chamo Maicol de Oliveira Brognoli, sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Gostaria, por gentileza, que você me contasse sobre sua vida aqui em Praia Grande, sua história, como você vê a cidade e município, como vê o turismo e o lugar mais significativo para você.**

**Entrevistado:** Assim, eu gostaria de dizer que moro a quarenta anos nesta cidade, ela era pequena e está crescendo por causa do turismo. Temos aqui um turismo muito bonito, muito bom e é uma alegria ver essas melhorias para os praiagrandenses.

**Entrevistador: O senhor conhece o projeto Geoparque?**

**Entrevistado:** Muito bem não, eu escuto falar o que o pessoal fala sobre esse geoparque, sobre estes turismo que temos ali na comunidade de Vila Rosa, estes balonismos que tá bombando no momento.

**Entrevistador: Qual sua opinião sobre o balonismo em Praia Grande?**

**Entrevistado:** Acho bonito, muito lindo, muito bom pra cidade. Temos também muitas cabanas aí né, para receber este pessoal de fora, os turistas que vem para Praia Grande que para nós está sendo muito bom, muito ótimo.

**Entrevistador: O senhor conhece a história de Praia Grande e para você ela está crescendo?**

**Entrevistado:** Olha mano, a Praia Grande antes do turismo era um lugar com pouco emprego né, tinha pouco movimento na nossa cidade. Para mim nossa cidade era ruim e agora se tornou melhor. Mas tem muita gente, por exemplo na Vila Rosa que pode te dar detalhes mais completos da cidade e fico muito agradecido de você ter me escutado.

**Entrevistador: Ok, fico grato também! Finalizamos por aqui. Agradeço pela sua atenção, dedicação e interesse em estar colaborando com a minha pesquisa.**

## APÊNDICE B – Entrevista Narrativa – E2

O Senhor J. O. possui 65 anos, é comerciante, casado, mora no município de Praia Grande/SC há 47 anos, no Bairro Harmonia.

**Entrevistador:** Me chamo Maicol de Oliveira Brognoli, sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Gostaria, por gentileza, que você me contasse sobre sua vida aqui em Praia Grande, sua história, como você vê a cidade e município, como vê o turismo e o lugar mais significativo para você.

**Entrevistado:** A minha história começa pelo Rio do Boi, eu saí de lá em 1970 e vim aqui pra Praia Grande. Seu Neco Esteves foi quem me tirou da casa de meu pai, eu parava com meu pai e daí meu pai disse assim para ele: eu não posso ceder este guri, eu preciso dele. E seu Neco disse: não compadre mas eu acho este guri muito esperto me arruma ele pra mim. Aí eu garrei e vim pra cá falar com ele, depois daí meu pai foi embora pra Porto Alegre e eu fiquei de vez aqui com seu Neco. Mas o velho sempre me dizia se tu sair daqui vou fechar a bodega, já tenho 70 anos, vou fechar porque não consigo tocar mais. Aí eu dizia: bá seu Neco mas não posso ficar aqui né, eu tenho que fazer alguma coisa pra mim crescer na vida. Era um armazenzinho, tem até foto ali, 60 m<sup>2</sup> a budegueira do seu Neco, e daí ele disse: então vamos fazer um compromisso eu e tu, te dou 10% dos meus lucros do meu armazenzinho, e todo ano fizemos um balanço e tu tem 10% do valor. Eu fiquei 15 anos como funcionário dele, na verdade sócio e funcionário, daí quando ele faleceu eu já tinha 40% da empresinha. Daí ele botou no documento 20% para cada um dos filhos, ele tinha 3 filhos adotivos. Daí comecei aí com ele, vim até os dias de hoje Graças a Deus, tô nesse mercado, não é tão grande mas... né tem um investimento bom.

**Entrevistador:** E como era a vida no interior? Você sentiu diferença em morar na cidade de Praia Grande?

**Entrevistado:** A diferença era grande, a gente plantava fumo, colhia milho, colhia de tudo lá, aí muda tudo né. Até no começo que a gente veio pra cá, assim, a gente ficou meio estranho, não tinha luz elétrica no canto onde eu morava no interior, luz elétrica faz pouco tempo que tem lá. Ai vim pra cá comecei num moinho de milho nosso aqui, e tem o nosso moinho antigo até hoje que eu gosto de preservar.

**Entrevistador:** Era tocado a água o moinho?

**Entrevistado:** Era a água e a gente abastecia os tropeiros que desciam. Eles compravam arroz descascado daqui de nós e farinha de milho. Farinha de mandioca nós comprava nas areais e depositava aqui e vendia pra eles.

**Entrevistador: Eles pagavam em dinheiro ou faziam trocas?**

**Entrevistado:** Eles traziam queijo, pagavam com dinheiro e também faziam muita troca. A gente tinha um galpão que era pros tropeiros ficar aqui né. Tinha um protreirinho para botar as mulas né, às vezes tinha vinte mula. Eles ficam dois, três dias aqui, cozinhavam no tempo que se usava o gancho. Tinha um piquete atrás, a gente fazia pra eles. É tipo os posto de gasolina hoje né, os posto tem lugar pra abastecer e nós tinha as cocheiras para botar as mulas e tudo né, era muito muito legal, era um tempo muito bom. Daí eles ficavam dois, três dias, carregavam as mulas e subiam né. Levavam farinha de trigo, levavam sal, levavam açúcar, levavam rapadura, coisas que lá não tinha. Às vezes o povo daqui subiam para vender fruta lá, vender bergamota de cargueiro, também às vezes, lá em cima da serra. Iam pra Cambará. Tinha um senhor do Rio do Boi, o seu Adair Ventura que fazia tropa também, tinha o Otávio Apolônio que também subia. Eles levavam bergamota, laranja, ficavam dois, três dias também lá, acampado lá em cima vendendo de cargueirinho. Era muito bom. Ai as coisas foram mudando.

**Entrevistador: Como que o senhor viu a Praia Grande se transformando?**

**Entrevistado:** A gente não acompanhou muito né, porque a cidade foi muita lenta, agora que tá se desenvolvendo um pouco mais, de uns anos pra cá né. Praia Grande, na verdade mesmo... é uns 10 anos pra cá, não dá isso né, que deu uma desenvolvida a mais.

**Entrevistador: É por causa do turismo?**

**Entrevistado:** Sim por causa do turismo, é o que tá levantando né, hoje a agricultura nossa é muito pequena, está muito nas encostas aqui, não tem muito o que plantar, não tem área grande pra produzir né. Então o pessoal sobrevivi de muito pouco aqui, planta um feijão, um milho, cria um gadinho né, alguns plantam fumo, por que é nas encostas né.

**Entrevistador: O que o senhor acha do nosso turismo da região?**

**Entrevistado:** Que tá sendo um baita dum negócio né. Hoje a Praia Grande se não é o turismo, nós tava muito mal, sabe? Eu acho que nós tava muito mal. Agricultura muito fraca né, as banana tu vê aí dá um vento acaba com tudo. Eles colhe um milhinho ai, mais é só pro gasto, não tem uma agricultura forte né. Então se não é o

turismo pra nós aqui hoje, pra nós tava difícil, e é uma coisa boa, como se diz é uma indústria sem chaminé, não polui né, não tem a destruição do meio ambiente, isso é muito importante.

**Entrevistador: E o turismo aqui na Praia Grande, ele foi trabalhado junto com a população ou foram os órgãos competentes, que foram instalando?**

**Entrevistado:** Acho que com a população não é tanto né. Foram mais os órgão competente. Eu lembro quando morava no Rio do Boi, em 70 por ai, o pessoal falava em turismo, e a gente não sabia o que era isto, mas já se falava isso sabe, naquela época. Até eu lembro do seu Berjulino que tinha rodoviária aqui, pai do Erian, ele dizia, ele ia lá em casa do pai dizia toda vida assim, isto aqui vai ser uma riqueza, vocês vão ver o que vai sê isso. Aí ele dizia assim sabe, isso aqui vai ser uma visitação coisa de louco futuramente, e nós pensava, o que que é esse tal de turismo. Hoje, tá lá o Rio do Boi, acho umas 400, 500 pessoas por dia às vezes né. Se for lá no Rio do Boi dá pra ve o movimento de carro que tem lá. E já tá tendo bastante cabana lá também. O valor dos terrenos tá ficando muito valorizado lá, vê que a Pedra Branca eu soube agora de uma pessoa que comprou uns lotes lá agora, tu vê, pagou 30 mil um lotezinho, lá na Pedra Branca. Olha a valorização, não dá pra acreditar.

**Entrevistador: E para o senhor, qual é o lugar mais significativo de Praia Grande?**

**Entrevistado:** Na verdade, é a aqui pra mim, onde eu tô, onde eu moro. Eu acho porque, na verdade me criei aqui praticamente, vim pequeno de lá do interior, com 14, 15 anos né. A vida maior é aqui. São 47 anos na cidade, até tem uma foto aqui. Aqui tá eu e aqui é o seu Neco Esteves. Este é o armazenzinho, foi aberto em 1968, nós temo CNPJ até hoje o mesmo. Tenho cliente hoje com 45 anos comprando aqui com nós. Tenho este pessoal da Pedra Branca, os quilombolas ali, tenho uma família lá que compra a 46 anos comigo. Tenho lá família dos quilombola, acho umas 8, 10 família que compram aqui comigo, todos os meses fazem o rancho deles e levo lá pra eles. Uma vez por mês, por volta do dia 05, dia 06, umas 8 famílias vem de lá.

**Entrevistador: Muito obrigado, vamos finalizar por aqui e eu gostaria de lhe agradecer pela sua atenção, dedicação e interesse em estar colaborando com a minha pesquis**

### APÊNDICE C – Entrevista Narrativa – E3

A Senhora E. A. E. S. possui 45 anos, é agricultora, casada, mora no município de Praia Grande/SC há 45 anos, na comunidade de Mãe dos Homens.

**Entrevistador: Me chamo Maicol de Oliveira Brognoli, sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Gostaria, por gentileza, que você me contasse sobre sua vida aqui em Praia Grande, sua história, como você vê a cidade e município, como vê o turismo e o lugar mais significativo para você.**

**Entrevistada:** Bom, aqui é um lugar muito tranquilo de se viver, nasci e me criei aqui. As pessoas e os vizinhos são muito bons. Uma vez ia sair uma barragem aqui e o povo fizeram muitas reuniões e lutaram muito para que essa barragem não fosse construída em nosso lugar. Ia abranger aqui Mãe dos Homens e Roça da Estância/RS e foi lutado muito com o Frei Luiz que ajudou na época. Foi algo bem marcante esta luta, até minha avó plantou um pinheiro aqui na frente do salão como um marco onde teve uma reunião muito grande e vencemos a luta contra a barragem. Então crescer aqui foi muito bom, a gente pode ser livre, pode brincar na rua, pular, caminhar, hoje em dia já é difícil né, a gente já não deixa os filhos irem brincar perto das estradas porque passam muitos carros. Na época não tinha celular, era uma infância livre.

**Entrevistador: Como você vê o turismo na região?**

**Entrevistada:** Eu acho bom, traz muito emprego para as pessoas que querem trabalhar né, mas um ponto muito ruim é que com os asfaltos para o interior vai facilitando mais o acesso e acaba vindo muita gente de fora, hoje em dia nem mais as placas dos carros te ajudam a saber de onde vem o carro e estas pessoas. Como a gente mora aqui no interior, uma casa longe da outra, quando passa um carro a gente não sabe mais de onde é. Eu acho um absurdo isso, porque aqui nas comunidades uns cuidam dos outros e quando a gente via um carro com placa do Passo de Torres por exemplo, a gente sabia que era parente de fulano que moravam lá, agora a gente não sabe talvez seja até pessoas de São Paulo. Na questão do turismo ainda, eu acho que o povo só tá voltado para as pousadas, restaurantes, casa alugada, cabanas, as trilhas, mas não se unem para fazer associações, vender os produtos locais e valorizar quem produz algo na região, isso é bem pouco. Deveria se pensar mais nisso, porque o turismo está muito expandido em Praia Grande, até dia de semana está sempre

passando muito carro. Eles passam por aqui e vão até a pedra branca, é muito bonito lá em cima.

**Entrevistador: Você conhece a realidade e a história dos quilombolas da comunidade São Roque?**

**Entrevistada:** Mais ou menos, na verdade quilombola mesmo, olha, para falar bem a verdade eu acho que não tem, pelo que eu assisto na TV a realidade de quilombos de outras regiões do Brasil é muito diferente da daqui.

**Entrevistador: E sobre os tropeiros?**

**Entrevistada:** Meu pai conta que eles vinham por cima da serra com os porcos muitos quilômetros, era muito difícil esse tempo. Meu pai ainda conta que quando ele estudava em cima da serra, sempre muito pobre, não tinham calçado, era de pé no chão, eram muitos quilômetros para chegar no colégio e nos dias de geada, muito frio, quando uma vaca fazia xixi eles iam correndo para colocar os pés no xixi quentinho. Ele conta isso, nossa passou muito trabalho essa geração de nossos pais. Já essa geração de hoje não sabe nem a metade do que os avós passaram e ainda não valorizam as facilidades que tem.

**Entrevistador: Qual o lugar mais significativo e marcante desta região para você?**

**Entrevistada:** Tem a igreja e o salão porque eu me criei nas festas participando na comunidade, por causa da pandemia já fazem dois anos que não tem festa aqui. E as festas são um marco importante para mim porque eu ajudo desde criança. Também foi o meu avô que trouxe a santa Nossa senhora Mãe dos Homens para a comunidade. Os jogos de futebol que tinham aqui também me marcaram, hoje o campo tá abandonado. Mas a gente saía de ônibus para ir os jogos de futebol em outras comunidades na Sanga da Ripa, Cachoeira, Cambará, Tainhas, nossa era muito bom. E isso se perdeu, é uma pena, nosso campo está abandonado, essa semana a gente ainda estava falando que o seu Santino cortava a grama toda do campo com aquela máquina pequena, gente a mulher dele lavava aquelas roupas de jogo, tudo de algodão, aqueles calção branco tudo a mão por que não tinha máquina. Hoje é tudo mais fácil e a juventude não quer mais nada com o esporte, nem com a igreja, bem complicado. Eles não querem mais ficar no interior, querem sair para estudar. Não querem mais a agricultura e ela está difícil mesmo, os insumos muito caros e o produto vendido muito barato, além das forças da natureza que o agricultor tem que enfrentar.

**Entrevistador: Na sua opinião como militante de sua comunidade, o turismo é planejado e pensado com a participação da população local?**

**Entrevistada:** Na verdade o começo do turismo veio por intermédio da prefeitura, daí o povo começou a abrir as portas das casas para alugar, vieram as pousadas e hoje eu estou por fora das questões das reuniões. Mas, há uns oito anos atrás convidavam muito para reuniões e traziam até palestrante de fora, eu fui em uma e não deu ninguém. E se tem que pensar que hoje o turismo é um meio de vida, de renda e de emprego em Praia Grande, mas eu vejo que a população quer ganhar dinheiro mas não quer se especializar e buscar mais conhecimentos nesta área. Porque eu já participei de reuniões no auditório da CEPRAG que era para estar lotado com temas sobre empreendedorismo, e meu Deus, foi quase ninguém.

**Entrevistador: Muito obrigado! Agradeço pela sua atenção, dedicação e interesse em estar colaborando com a minha pesquisa.**

## APÊNDICE D – Entrevista Narrativa – E4

O Senhor M. J. E. possui 76 anos, é aposentado, casado, mora no município de Praia Grande/SC há 62 anos, na comunidade de Mãe dos Homens.

**Entrevistador: Me chamo Maicol de Oliveira Brognoli, sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Gostaria, por gentileza, que você me contasse sobre sua vida aqui em Praia Grande, sua história, como você vê a cidade e município, como vê o turismo e o lugar mais significativo para você.**

**Entrevistado:** Bom eu não me criei aqui, mas quando eu vim para cá eu tinha doze anos de idade. Aí para nós não tinha estrada aqui, nós descemos a serra aqui de a pé, com ferramenta nas costas, abrindo um trequinho de estrada até certa altura pra entrar o caminhão pra vim a mudança. E aí veio a mudança e uns meses depois veio uma serraria que nós compremos lá em Taquara/RS, que foi o começo do nosso trabalho aqui. E as estradas que nós abria aqui era tudo a braço pra entrar o caminhão no morro, era tudo assim. Inclusive a mudança quando veio, nós peguemo uma parrelha de boi para vim na frente puxando o caminhão pra pode chegar aqui.

**Entrevistador: Então o desenvolvimento foi difícil?**

**Entrevistado:** Sim, essa estrada que nós temo agora, nós empreitemos veja bem, pra encascalhar a braço por metro. Nós ia no rio pegar o cascalho com um caminhãozinho que nós tinha e encascalhemos um eito desta estrada aqui. Naquela época não se tinha tombadeira e máquinas pesadas pra fazer o serviço. Pra puxar madeira dos matos, era tudo a boi. Já a nossa máquina de cortar madeira na serraria era tocada a fogo, parecida com a de navio, mas ela já era feita própria pra serraria. Tinha que fazer fogo pra esquentar, pra fazer o vapor pra tocar.

**Entrevistador: O que o senhor mais admira nesta região?**

**Entrevistado:** É a natureza, eu vou na cidade às vezes, mas não gosto muito e volto rápido pra cá. Mas já pensou, olha não tem água melhor do que aqui, ar melhor do que aqui, então a pessoa se sente muito bem. Meu Deus, melhor do que aqui no mundo acho que não existe. Também os vizinhos são tudo gente boa, um cuida do outro.

**Entrevistador: Como você vê o crescimento da região?**

**Entrevistado:** Tem um lado ruim que o pessoal saíram né, e o lado bom é que criou mais mato, melhorou a natureza porque uma época era muito desmatado e hoje mudou. O povo saiu, quase não fazem mais rocinha porque não compensa mesmo né.

**Entrevistador: O que o turismo significa para Praia Grande?**

**Entrevistado:** Eu acho que é positivo né, mas não sei se der muito movimento pra gente que mora aqui no interior é pior, porque pode entrar gente boa, mas pode vim gente ruim. Então é bom pra alguém ganhar um dinheirinho, mas pro sossego da gente eu acho que não, porque passa tanto carro no final de semana e a gente nunca sabe se é gente boa ou não é né.

**Entrevistador: Qual é o lugar que o senhor mais gosta nesta região?**

**Entrevistado:** Eu me sento na área ali em casa e adoro olhar pra tudo aquilo lá, o morro do facão, toda aquela natureza e também tem a pedra branca que eu acho muito bonito.

**Entrevistador: O senhor conhece a história dos quilombolas e índios da região?**

**Entrevistado:** Olha não sei muito não. Mas quilombola, descendente mesmo eu não sei, me dizia um que morou antes do que eu aqui que lá quilombola não existia. Agora não sei né, o povo mais antigo até o pai de um amigo meu, dizia que se tivesse quilombola ele também era um.

**Entrevistador: Quais são as estratégias para a preservação da natureza que o senhor vê nos dias de hoje?**

**Entrevistado:** É que o povo planta muito pouco, não é mais que nem antes que desmatavam e derrubavam e plantavam milho e feijão, hoje a plantação que se tem aqui é a banana, aí planta um pedaço de banana e cuida daquilo né.

**Entrevistador: Qual a história que mais lhe marcou nesta região?**

**Entrevistado:** Eu vou contar uma, mas não sei se vale! Eu tocava um pouquinho de música e toquei muitos bailes nestes cantos por aí, tem lugar que agora tem só uma família. Era só eu na gaita que era emprestada e um violãozinho mesmo. Na época eu cheguei a fazer cavaquinho com madeira da região e as cordas eram feitas dos fios de aço de puxar madeira. Depois parei uns trinta anos sem toca até que comprei uma gaita pra mim, mas quase não toco porque minha mulher ficou doente. Mas sempre gostei e me lembro com muita alegria daqueles tempo. Eu se fosse executante a música valendo hoje eu tocava bastante.

**Entrevistador: Certo, vamos finalizar por aqui. Agradeço pela sua atenção, dedicação e interesse em estar colaborando com a minha pesquisa.**

**APÊNDICE E – Entrevista Narrativa – E5**

O Senhor J. S. A. possui 72 anos, é agricultor, casado, já foi vereador do município e mora no município de Praia Grande/SC há 72 anos, na comunidade de Mãe dos Homens.

**Entrevistador: Me chamo Maicol de Oliveira Brognoli, sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Gostaria, por gentileza, que você me contasse sobre sua vida aqui em Praia Grande, sua história, como você vê a cidade e município, como vê o turismo e o lugar mais significativo para você.**

**Entrevistado:** Ah o meu pai veio da serra, a minha mãe veio do norte se encontraram ai, eles compraram terreno aqui e nós ficamos trabalhando aqui desde criança, ajudando eles depois ficamos sem o pai com 43 anos, foi novo. Aí eu e minha mãe ficamos na mesma luta trabalhando sempre na agricultura. Não tinha luz, com o passar dos tempos foi melhorando um pouco, mas no começo não tinha nem estrada, isso aí era um carreiro, não entrava um caminhão nem nada aí, depois foi melhorando.

**Entrevistador: O que foram melhorias para você?**

**Entrevistado:** Ah por intermédio dos prefeitos, da prefeitura, foi melhorando, a rede de luz depois veio, veio linha de ônibus e melhorou muito, hoje já tá bem bom, tá muito diferente daquele tempo. Hoje em dia o movimento por causa dos turista aqui é muito grande, tem bastante carro nas estradas, até tem que cuidar um pouco mais das estradas.

**Entrevistador: Como você vê a questão do turismo para a região de Praia Grande?**

**Entrevistado:** Eu acho que pra quem luta com isso aí é um bom futuro, porque o que tá aparecendo de turista que vem pra Praia Grande, barbaridade, por causa desses peraus e morro, que nós daqui não demos bola, temo acostumados, mas tem gente que enche esta Praia Grande pra ver estas coisas. Tem vez que não tem nem cama pra toda essa gente, lotam tudo. Então eu acho que é um grande setor pra Praia Grande, pro nosso município, é um desenvolvimento bom.

**Entrevistador: Você acha que esse desenvolvimento pode trazer qualidade de vida para a população?**

**Entrevistado:** Toda vida né, entra o dinheiro de fora e fica circulando aqui dentro, aí é bom, sempre ajuda né.

**Entrevistador: Qual o lugar mais significativo de Praia Grande para você?**

**Entrevistado:** Bom, eu gosto de tudo aqui, mas a minha casa, o meu lar é muito importante. Eu vou na praça de Praia Grande e faço minhas voltas por lá e minha vontade é de voltar pra cá, eu gosto é daqui. Gosto demais de estar no meu galpão, lutando com as minhas vacas, porque nós tiramos leite, vendemos queijo e a muito tempo atrás já cheguei a vender leite até pra uma usina em Praia Grande, depois parou tudo. Vendi um pouco das vacas fiquei com menos e agora vendo mais o queijo, isso é minha alegria, é meu hobby.

**Entrevistador: O que mais lhe marcou aqui nessa região?**

**Entrevistado:** Foi a enchente de 74, virou tudo em um mar só, nós tinha uns dez hectares que viraram do avesso, desceu muita pedra, teve lugar que cavocou, outro aterrou, fiquemo sem terra lá na vargem. Depois foi passando, fomos ajeitando, plantando grama e agora aparece pouca pedra por causa do gramado. Mas perdemo muita plantação e morreu muita gente também. Inclusive eu achei uma pessoa morta alí no fundo da vargem, tava trancada na sujeira da enchente só com os pés de fora, fazia sete dia que tavam procurando. Aí a família veio e enterraram alí mesmo, depois de um ano é que levaram pro cemitério. Então isso me marcou muito e nesta época eu era vereador de Praia Grande.

**Entrevistador: O senhor que já foi vereador, o que acha do projeto Geoparque?**

**Entrevistado:** Isso não era do meu tempo, é bem recente e eu só escuto falar, mas não sei muito sobre isso.

**Entrevistador: E sobre os quilombolas?**

**Entrevistado:** Na minha época não existia, ninguém conhecia a questão dos quilombolas aqui, isso é muito recente, aos poucos foi registrado, depois entrou uma mulher dos quilombolas lá de Florianópolis que foi ajeitando até que conseguiram encaixar eles nessa questão. Mais aí não tem quilombola nenhum, são descendentes, a gurizada mais nova que luta pelos direitos, mas tem até branco alí que diz que é quilombola.

**Entrevistador: E sobre os índios da região?**

**Entrevistado:** A minha mulher é descendente um pouquinho de índio. O bisavô dela foi um dos primeiros que desceram pela serra e ficaram por alí onde hoje é dos quilombolas. Mais a gente não sabe bem a fundo essa história. A história da gente é

cheia de detalhe e na hora assim a gente não lembra de tudo. Mais na minha época de vereador era tudo muito difícil eu tinha que ir as reunião com uma bicicleta velha, de carroça, não tinha máquina pra fazer as benfeitoria pro povo, era tudo no braço. O primeiro prefeito, falecido Zé Inácio, pra melhorar um pouco fizeram um imposto rodoviário cobrado nas região pra empregar na melhoria das estradas, pagar dias de serviço e os trabalhador ganhavam o pagamento deste imposto. Eu era um destes capataz pra cobrar, no inverno isso, e aí arrumava estrada, valeta, bueiro tudo na picareta, cascalho juntado de pá para melhorar as estradas pro povo passar. Tinha muito lugar que atolava, nem cavalo passava direito. Aos poucos foi evoluindo e hoje já tá bem melhor.

**Entrevistador: E sobre os tropeiros, o que você sabe?**

**Entrevistado:** Um pouco só, inclusive aqui na serra do cavalinho descia muita gente pra vim buscar milho de cargueiro e até se hospedava aqui na casa do meu pai. Parente dele, porque ele era da serra, aí eles desciam, compravam, faziam as carga e noutro dia cedo subiam. Teve parente nosso de lá que desciam com oito, dez cargueiro, nunca me esqueci no meu tempo de guri novo naquela época, que nas mula quebra eles colocavam um casaco nos olho da mula pra poder carregar ela, e depois tiravam o casaco e soltavam ela depois que não precisava mais puxar. O cargueiro era uma cesto de bruaca, de couro cru, era oito, dez por vez que subiam na serra do cavalinho e pelo zulega também. Eu me lembro disso ai. Então hoje vê esse povo circulando por aí, esses turista é coisa boa, traz progresso pra região.

**Entrevistador: Muito obrigado, vamos finalizar por aqui. Fico grato pela sua atenção, dedicação e interesse em estar colaborando com a minha pesquisa.**

**APÊNDICE F – Entrevista Narrativa – E6**

O Senhor A. F. possui 82 anos, é agricultor aposentado, casado (46 anos), mora no município de Praia Grande/SC há 77 anos, na comunidade São Roque.

**Entrevistador: Me chamo Maicol de Oliveira Brognoli, sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Gostaria, por gentileza, que você me contasse sobre sua vida aqui em Praia Grande, sua história, como você vê a cidade e município, como vê o turismo e o lugar mais significativo para você.**

**Entrevistado:** Então eu nasci aqui no Rio Grande do Sul em São Francisco de Paula. Eu vi para nossa comunidade em 45, e naquela época nós viemos de carreta, de mula, de burro e cavalo. Viemo de carreta até aqui na beira da serra e descemo aqui pela Serra da Pedra Branca, essa trilha aqui. Eu e meu irmão mais novo, que hoje já é morto, descemo amarrado num cavalo com lençol. Eu sou o mais velho.

**Entrevistador: Quantos anos o senhor tinha naquela época?**

**Entrevistado:** Eu tinha de cinco para seis anos e viemo direto pra aqui na comunidade. Aqui eu casei e tivemos dois filho, dois rapaz. Mas no começo da minha vida aqui tudo era mais difícil porque não tinha estrada, era uns carreiro né, tinha que beirar a costa do rio e varar o rio pra passar. Só em 74 que veio a estrada, depois daquela enchente de 74 é que começaram a fazer a estrada e veio a luz pra aqui. Ai melhorou mais.

**Entrevistador: E o turismo, o que ele tem feito pela região?**

**Entrevistador:** Olha eu creio que vai ajuda, até já tá ajudando. E cada vez vai aumentar mais, com mais incentivo e mais gente fica melhor e ai vai ajudar. As pessoas vão se organizando melhor e aí tem futuro.

**Entrevistador: Mas aqui na região, a agricultura sempre foi muito forte?**

**Entrevistado:** É de fato um tempo aqui a agricultura sempre foi bem forte, naquela época que eu era mais novo, as pessoas criavam bastante porco, tinham gado, tinha tudo aqui né. Depois de 74 ai o povo saiu muito daqui, muita gente foro se embora e ficou muito pouca gente. Então aí parou a produção, daqui saia milho, saia feijão, saia porco era muito bom.

**Entrevistador: E os tropeiros eles passavam por aqui?**

**Entrevistado:** Sim, isso aqui foi um ponto muito grande de movimento de tropeiro. Naquela época tropiavam muito pra Caxias. A época que nois viemo pra cá, que eu descí a serra, tinha gente que tropiava direto, eles traziam vinho de Caxias, farinha de trigo e o açúcar branco e levavam daqui farinha de mandioca, rapadura e açúcar mascavo, levavam pra Caxias. Eles traziam as coisas de Caxias vendiam pro povo e depois levavam as coisas daqui. Eles compravam muito aqui do povo, tinha gente que chegava ter trinta cargueiro, aqueles churrão de bruaca, aqueles cesto que ia nos animal. Naquela época tinha os cavalo madrinho e as égua madrinha pra puxar a tropa, tinha tropeiro que repartia em três tropa, quer dizer em três turno, por exemplo 3 x3 é nove, dava trinta, quer dizer que vinha dez cargueiro numa tropa só, porque aí não se amontoavam os cargueiros, era melhor. Você sabe que na nossa época de menino a gente via gritar o dia inteiro os tropeiros, eles estralavam soitera, porque vinham os outros cargueiros na serra e aí eles seguram as tropa pra poder passar. Isso aí foi uns quantos anos, o transporte era aquele, era os cargueiros.

**Entrevistador: O Senhor conhece alguma história dos índios da região?**

**Entrevistado:** Os índios, por exemplo, o alojamento mais perto que se tinha era em Caxias e Caxias se chamava Campo dos Bugre. Já o outro alojamento era em Sombrio, e então eles vinham aqui pra essa região e eles se achavam e entendiam a região pelos peraus, vem a ser a mesma divisa dos estados hoje, você subiu alí em cima dos peraus já é Rio Grande do sul e pra baixo até o rio ali é Santa Catarina. Então as divisas deles é a mesma que é hoje.

**Entrevistador: E alguns indígenas moraram nesta região?**

**Entrevistado:** Os indígenas por exemplo, eles se respeitavam e mais tarde aqui ficou como um esconderijo da escravidão, compreende? Dos escravos que fugiam e se escondiam aqui. Eles fugiam das fazendas de cima da serra, vinham por essas trilhas e se escondiam aqui. Era uma mataria medonha e no princípio foi uma colônia dos escravos, um esconderijo. E aí mais tarde descobriram e começaram a abrir mais caminho à custa dos escravos. Você sabe que esta trilha aqui da pedra branca é uma das mais antiga e ainda tem a trilha velha até hoje. Depois veio a do faxinalzinho, a do josafaz, a serra do falecido Tilico, depois tem outra serrinha que desce pro Morro do Forno, e depois mais tarde eles abriram a do cavalinho aqui, essa foi aberta a facção pelos escravos e aí fizeram uma roça ali na serrinha através dos escravo, aí por isso é que chamavam de roça da estância porque era feita pelos escravo lá da estância de cima da serra, pros estancieiros e os escravos tinham que levar arciado com uma

proteção até trinta quilo de milho lá pra cima pela trilha do cavalinho, uma trilha de facão como se diz. Lá em cima o seu Fogaça vinha esperar, nesta época que já tinha pinhão, trazia uma manta de charque bem grande e uma quarta de pinhão e fazia sapecada ali no campestre. Ali os escravos comiam e depois arciavam tudo denovo e levavam os milho lá pra estância. A estância era perto da Vila Unida ali, vindo pra cá tinha Tainhas, Estância e Zulega. Então os escravos eram lá da estância e ai chamavam a roça da estância aqui, mas hoje a roça da estância mudou não é mais aqui fica no município de Mampituba/RS. Você sabe que o santo São Bom Jesus era daqui, da Roça da Estância, da comunidade de Mãe dos Homens, aí o João Margarida pediu o santo emprestado pro falecido Neném Alves e levou o santo pra festa na Roça da Estância em Mampituba/RS. Aí concluiu a festa, teve uma festa boa e tal, ai ele veio pra trazer o santo pro Neném, ele disse pode levar o santo de volta a igreja tá quase caindo e o meu irmão que cuida é muito relaxado, o santo vai se estragar pode levar de volta. Depois mais tarde é que veio o Sbardelotto, fizeram uma sociedade e ergueram uma nova igrejinha na Mão dos Homens e compraram a Nossa Senhora Mãe dos Homens. O certo é que a Roça da Estância era aqui com o São Bom Jesus, mas depois mudou pra Mãe dos Homens.

**Entrevistador: O que o Senhor mais gosta nesta região? O que mexe com os seus sentimentos para com este lugar?**

**Entrevistado:** Eu tenho assim muita adoração porque eu me criei por aqui, nossas água são muito boa, a minha água aqui é boa demais e as terras são produtiva. Aqui o que o senhor planta produz. Então naquela época as terra era nova, era um capoeirão, mas eu gostava muito e gosto ainda. Pra prova que meu finado pai e mãe depois de 74 eles ficaram apavorado, eles moravam lá embaixo e foram embora daqui pra Três Coroas e Igrejinha e eu fiquei gosto demais daqui e tenho amor por este lugar. Tô há muito tempo por aqui e tô satisfeito, as vezes eu saio uns cinco ou seis dias e já tô voltando pro meu lugar. Gosto de ficar perto do fogão a lenha eu mais a velha, os filhos tão criado graças a Deus e recebemo visita sempre, é muito bom. E eu não paro, tô sempre fazendo minhas coisinha.

**Entrevistador: Na sua opinião, o Senhor acha que Praia Grande evoluiu?**

**Entrevistado:** Vou te dizer que a Praia Grande evoluiu, se desenvolveu porque na época que eu era criança eu conheci a família dos Esteves, os Pioner, os Leomaz, o Pedro Meleiro que tinha um salão de baile, quando uma vez eu fui fazer inspeção de saúde dormi na casa dele, ele usava um suspensório, ele me tratou bem deu pouso

pra mim. As luz do salão do falecido Meleiro era de carboreto, ai botava fogo nas lata num pavio grande e chegava fazer um chiado. Depois veio o lampião a querosene e mais tarde os liquinho a gás. Era assim a luz no começo. Ai o que eu queria te contar, é que o falecido Gervásio Abel Estes botou um descascador de café e de arroz e botou uma turbina ali na praça de Praia Grande, e era o que dava luz lá pra praça. Daí já iluminava o salão de baile, um restaurante dos Pioner e alí no Leomaz, no Leonardo Esteves. A casa do Abel Esteves de Aguiar era mais pra cima onde mora hoje o Zé Serrano. Então a luz era conservada até às dez da noite, depois desligava a turbina e apagava tudo. Mas tinha só umas quatro ou cinco casa que tinha luz era pouca né. Tudo isso aí eu alcancei né. Naquela época os transportes também eram os carros de boi, cinco ou seis carros um atrás do outro cantando com as rodas de madeira que iam até o porto perto de Dom Pedro de Alcântara/RS. Iam pela costa da lagoa buscar coisas de carro de boi. Já pra gente sair daqui da comunidade e ir pra praça era muito difícil, nois cansemo de levar gente doente nas costas pra ser atendido no hospital de Praia Grande. O hospital na época era num lugar diferente, perto da coopervida hoje, e o médico era o doutor Paim. Depois veio os Capuchinos, eles eram muito trabalhador, andavam de chinelo de dedo por ai, eu mesmo fui levar dois ou três cargueiros de milho e feijão que meu falecido pai dava para ajudar eles, pra levantar a igreja e o hospital novo. Foram o frei Protásio e o frei Gervásio, eles eram gêmeos, eu conheci demais eles.

**Entrevistador: O que o Senhor poderia me relatar sobre o projeto do Geoparque?**

**Entrevistado:** Sobre estas questão do Geoparque eu não dou assim uma descrição completa, porque afinal eu não entendo bem o que significa, já ouvi falar sobre isso, uns dizem que o Geoparque vem a ser o mesmo turismo, mas é um turismo internacional. Aí vem aqueles turistas lá do estrangeiro, e vamo ter frequência deles e a gente tem que ter outro preparoamento. Precisa ter pessoas que interprete eles, que sabem falar na língua deles.

**Entrevistador: A comunidade aqui de São Roque se une para vender seus produtos, tem algum tipo de associação?**

**Entrevistado:** Em partes se une, por exemplo, em novembro que tem o Dia da Consciência Negra é colocado feira alí pra vender juntos. E também cada um vende por si, eu por exemplo já faz trinta anos que eu planto moranguinho, alho, cebola de cabeça, batata-doce, aipim tudo ecológico sem veneno e aí a gente leva e vende pra

prefeitura, pros colégios e sai tudo, não chega. Você sabe que aqui na comunidade a gente gosta de preservar, mas o IBAMA e o IBDF por um lado atrapalhou muito a gente e por outro lado ajudou a conservar se não tinha se destruído tudo, e não tinha mais mata coisa nenhuma. Pra aqueles que tiravam uma madeirinha, pouquinho eles atrapalharam muito, mas pra aqueles que iam com muita ganância ajudou a preservar. Graças a Deus hoje tem muita madeira, mata, as águas boas e uma conservação bem importante. É claro que pra fazer as roças precisava queimar, por causa dos capoeirão, mas tudo foi muito vigiado, e eles não entendiam que nestes pedaço de terra sempre muito forte se não queimasse aquela capoeira depois eram difícil de plantar. Mas aqui a terra é forte, é muito boa. O senhor sabe que eu tive em umas comunidades lá em São Paulo, numa excursão pra lá nos indígenas e ensinaram pra gente a tal de agrofloresta e queriam trazer esse sistema pra cá. Eu disse que aqui a gente não precisa de agrofloresta, porque aqui as terra são boas e produz bem. Mas enfim, o que é bom pra comunidade é bom pra nós também, né.

**Entrevistador: Qual a história que mais marcou sua vida aqui na região?**

**Entrevistado:** Pois bem, pra mim foi a história com o IBDF, porque naquela época antes deles chegar, a gente trabalhava e produzia em paz. Se precisa-se derrubar um matinho, uma coivara fazia, usava a madeira e tocava a vida. E essa história começou lá no Itaimbezinho, lá tinha umas seis serrarias e embargaram, o povo dizia que barbaridade agora vai apodrecer aquele mistério de toras. Naquele tempo não tinha motosserra, era usado o serrote, e tinha muita tora lá, mas tiraram tudo, roubaram tudo, de certo deram uma gorja lá pros fiscal e foram consumindo com tudo. E outra história foi a enchente de 1974 que atingiu tudo de morro a morro, nas baixada foi coisa muito triste, lá onde meu pai morava o povo pra se escapar das água tiveram que se abrigar nos forro e no teto. Eu tava trabalhando fora fazendo cerca e mangueira e quando eu soube da notícia que muita gente tinha morrido, eu achei que não tinha mais pai e mãe e família. Mas graças a Deus tinham se salvado.

**Entrevistador: Para o Senhor, o que mais atrai os turistas para a região?**

**Entrevistado:** Olha é as trilha né, é a pedra branca, a cachoeira do seu gorgonho, mas a primeira é essa aqui da pedra branca. Tem aumentado muito o trânsito aqui, final de semana mesmo é muito carro e muita gente. Inclusive a mulher é representante da comunidade e nós conversemo que o turismo é uma renda a mais pra comunidade. A comunidade tá dentro de um parque e essa renda ela não precisa agredir o meio ambiente, não precisa derrubar árvores, como diz o outro né. É uma

rendinha que ajuda muito né. Tem turista que não vem só pelas belezas, mas quer ouvir a história da comunidade, como ela nasceu, ficar por dentro dos assuntos né.

**Entrevistador: E de forma breve, como ela se originou?**

**Entrevistado:** Olha, se pensa que ela veio de bem antes, mas os primeiro registro são de 1824. Então aqui era um esconderijo e sempre existia os capitão do mato que ficavam atrás dos escravos fugitivos e aí eles encontraram aqui e os fazendeiros vieram e tomaram conta. Aí eles tomaram conta das terras e continuaram escravizando. Até que chegou a abolição da escravatura, mas as terras ficaram nos nomes deles. Os registros e os títulos mais antigos das terras aqui da comunidade é tudo no nome dos senhores, aqueles que não tinham registros requereram por usucapião. Os sobrenomes desses senhores era praticamente, os Monteiro, Fogaça e Nunes, pode vistoriar os cartórios que os documentos antigos é deles. Mas o nosso povo luta pela alegria, em agosto tem festa aqui do Padroeiro São Roque, gostam de dançar, as músicas de gaita é uma tradição aqui. Os escravos mais velhos era tudo de São Francisco de Paula/RS e a tradição que ficou aqui é a gaúcha. Já pra Bahia e aquelas banda de lá já é outro ritmo e outra tradição.

**Entrevistador: A comunidade participa dos planejamentos sobre o desenvolvimento do turismo na região?**

**Entrevistado:** De uns tempo pra cá a comunidade tá participando, eles tão até convidando e chamando pra gente fazer parte do conselho consultivo do parque. Até esta empresa que alugou o parque agora não pode assumir no dia 1º de setembro de 2021 por causa do conselho que contrariou, tudo porque ele não foi consultado. Essa empresa ia assumir e o conselho contrariou porque nem sabia o que tinha no contrato.

**Entrevistador: Do que você mais gosta da sua comunidade?**

**Entrevistado:** Ah é da natureza, da água, a gente se criou-se aqui. No passado a gente não dava importância pra montanha da pedra branca, de uns tempos pra cá que a gente está olhando e prestando a atenção na importância desta beleza. Aqui nós moremos bem na frente da montanha, mas neste tempo todo também nunca subimo lá. Também pra questão de turismo não faz muito tempo que ela foi divulgada.

**Entrevistador: Certo, vamos finalizar por aqui. Agradeço pela sua atenção, dedicação e interesse em estar colaborando com a minha pesquisa.**

## APÊNDICE G – Entrevista Narrativa – E7

A Senhora I. G. E. R. possui 73 anos, é professora aposentada, casada, mora no município de Praia Grande/SC há 64 anos, na comunidade de Mãe dos Homens.

**Entrevistador:** Me chamo Maicol de Oliveira Brognoli, sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Gostaria, por gentileza, que você me contasse sobre sua vida aqui em Praia Grande, sua história, como você vê a cidade e município, como vê o turismo e o lugar mais significativo para você.

**Entrevistada:** Minha vida na infância foi muito difícil, os pais eram pobres, a família era grande, se trabalhava na roça, a gente queria as coisas mas não tinha. Às vezes no colégio as crianças que podiam mais levavam um lanchezinho a gente não tinha, e foi assim eu estudei até o quinto ano no coleginho aqui e depois casei. Passados alguns anos e que eu fiz o magistério, com muito trabalho, tinha que ir até Araranguá uma vez por semana e trazer as apostilas para estudar em casa. Para chegar até o centro de Praia Grande eu tinha que ir a pé, ou de bicicleta, aí eu pousava lá e no outro dia cedo pegava o ônibus para ir a Araranguá estudar. Foi muito sofrido e era naquele tempo em que a passagem subia toda semana, às vezes você tinha o dinheiro, ou então deixava de comer lá para deixar o dinheiro da passagem de volta guardado. Mas o estudo que eu vivenciei nesse magistério valeu como uma graduação porque era puxado e a gente deu muito valor. Aí para dar aula eu fiz um provão em Torres/RS e comecei na comunidade de Aparecida, como era no estado do RS eu tinha que todos os dias passar por dentro do rio porque não tinha ponte. Depois fui chamada no estado de SC e trabalhei aqui na comunidade até eu me aposentar.

**Entrevistador:** Me conte como foi ser professora e dar aulas em uma região tão encantadora?

**Entrevistada:** É que a gente já era acostumada, me criei aqui, e tinha que conviver com o jeito de cada um. Chegava no inverno os alunos chegavam de pés descalços e a gente tinha que colocar uma blusa velha para colocar os pés em cima e aquecer. E além de professora eu tinha que cuidar da merenda, da limpeza e da horta da escola. Era assim os nossos dias, mas não sei, parece que a vida tinha sentido, a

gente trabalhava por amor e com muito gosto. Hoje se reclama tanto mesmo se tendo tantos recursos. Eu gostava muito de focar nas minhas aulas a importância da natureza porque os alunos vinham todos da agricultura, eram filhos de agricultores, às vezes eu deixava algum conteúdo para trazer outros que estavam mais na realidade deles. Eu também gostava de incentivar a cultura da região, a dança, a música, por exemplo a dança do pau de fita. No dia das mães a gente começava a preparar uma homenagem quinze dias antes que ia ser apresentada no culto religioso da comunidade, era lindo, lindo demais. Hoje não se vê mais as crianças, os adolescentes tão presentes nos cultos e atuando na comunidade. Era uma pena que na época não se tinha os recursos que se tem hoje para a gente poder ter feito mais.

**Entrevistador: O que você pensa sobre o desenvolvimento e o turismo da região?**

**Entrevistada:** O que é que eu vou te dizer, às vezes parece ser bom, em outros momentos não porque ficam focados somente nisso agora e outras coisas necessárias são deixadas de lado, não se tem. Por exemplo, a saúde necessita de muita atenção e muitas vezes é negligenciada. Se investe em algumas coisas e se deixa a desejar em outras. Eu penso assim né.

**Entrevistador: Qual o lugar mais significativo da região para você?**

**Entrevistada:** Para mim é toda esta natureza, a gente aqui é muito de preservar os rios e suas matas, as árvores e os animais. Já aqui em casa adoro cuidar seja aquele pouquinho que eu planto e posso cultivar, sei que já estou velha, mas eu amo a natureza, gosto de preservá-la. Meu esposo faz um trabalho com troncos de madeira seca e no começo eu até fiquei incomodada, mas depois pensei que é o que ele ama fazer e cultiva com tanto carinho.

**Entrevistador: O que você sabe sobre a história dos indígenas e quilombolas da região?**

**Entrevistada:** Sobre estas histórias eu não sei falar, não conheço.

**Entrevistador: E sobre o tropeirismo da região?**

**Entrevistada:** Enfim, os tropeiros desciam a serra e vinham cultivar roças aqui na região, que por isso era chamada de roça da estância, eram os estancieiros que administravam. Mas, o nome do nosso lugar foi trocado para Mãe dos Homens, eu gostaria que o nome tivesse sido preservado, por causa da história né. Eles faziam as roças e depois levavam o que cultivavam para a serra. Depois também começaram a fazer trocas de produtos com a população daqui.

**Entrevistador: Qual foi a história que mais lhe marcou nesta região?**

**Entrevistada:** Foi a de que nós morávamos em Cambará e lá em cima da serra era tudo muito aberto, quando chegamos aqui tudo isso era só mato, só tinha uma estradinha bem pequenininha para ir lá para aquele fundo e isso me marcou muito. Como lá na serra era tudo muito aberto parece que aqui a gente ficava meio sufocada. Lembro que minha mãe chorou muito, nós estranhamos muito a casa no começo. Aí não tinha como voltar, o nosso dinheiro dava para manter este canto, aí fomos ficando, trabalhando e nos adaptamos bem. Outra coisa que me marcou muito foram as serenatas de gaita aqui na região, parece que a semana não terminava nunca se no sábado a gente tinha uma serenata para ir. Foi muito divertido, como é bom a gente voltar no tempo né.

**Entrevistador: O que a senhora pensa sobre o turismo de Praia Grande?**

**Entrevistada:** Embora o turismo seja muito importante, muito legal é preciso sempre pensar em preservação da natureza, cuidar das nossas águas que de boa qualidade já estão ficando pouca, então é muito bom olhar, conhecer, mas tem que interagir com cuidado e amor pela natureza.

**Entrevistador: Muito bem, vamos finalizar por aqui e eu gostaria de lhe agradecer pela sua atenção, dedicação e interesse em estar colaborando com a minha pesquisa.**

## APÊNDICE H – Entrevista Narrativa – E8

O Senhor L. O. possui 60 anos, é construtor (pedreiro), divorciado, mora no município de Praia Grande/SC há 20 anos, na comunidade São Roque.

**Entrevistador:** Me chamo Maicol de Oliveira Brognoli, sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Gostaria, por gentileza, que você me contasse sobre sua vida aqui em Praia Grande, sua história, como você vê a cidade e município, como vê o turismo e o lugar mais significativo para você.

**Entrevistado:** Nasci aqui, com idade de 8 anos, fui para Cambará do Sul, mora com um padrinho meu, quando fiz doze ano fui para Porto Alegre fazer uma cirurgia em volta do pescoço, por causa do serviço campeiro a gente cria íngua. Fui pra lá, voltei de lá, fiquei 6 meses na Timbopeba, mas tive 9 meses dentro na Santa Casa de Porto Alegre, sai daqui praticamente morto, me recuperei e vim. Aí fiquei 6 meses na Timbopeba na casa do irmão meu, vim pra casa do pai que morava aqui, aí melhorei bem daquilo ali, quando fiz 15 anos, voltei pra serra, só que daí não pra Cambará, fui pra São Francisco trabalhar lá. Daí lá eu vivi, sei lá, uns 8 anos por aí, trabalhando ali, e fui pra Caxias do Sul trabalhar, lá a gente se formou na construção civil como encarregado. Daí voltei de lá fiquei aqui em São Francisco mais um pouco, fui pra Igrejinha trabalhar nas fábricas de sapato, mais não aguentei o calor, que lá é muito quente, aí fiquei 2 anos e 8 meses lá na igrejinha, voltei pra São Francisco. Aí já tinha meu sítio por aqui, depois ficamos trabalhando lá, até que agora faz uns 25 anos que descemos de lá, daí ficamos 2 anos aqui em São Roque, trabalhando aqui em São Roque, e fomos pro centro de Praia Grande. Lá ficamos até agora, eu fiz cinco anos que voltei já pra aqui pra trabalhar com umas coisas, cuidar do sítio um pouco, planejar umas coisas, tem bananal aqui tá em baixa, não tem quem cuidar, a mão-de-obra tá muito cara, não dá mais para pagar, o produto que a gente planta já não alcança mais a evolução e aí então a gente veio pra cá. Aí tô por aqui, daí os garotos tão trabalhando lá no centro juntando as coisinhas, as economias deles, decidiram fazer estas cabanas aqui e temo encontrando uma certa resistência com IBAMA, embora isto aqui seja fora do parque, mais mesmo assim eles incomodam. E nós temo tocando pra frente, tem coisa que a gente não pode ficar se assustando muito e paralisando, nossa vida segue tanta quanto a deles, como de qualquer outro cidadão.

Então a gente não pode paralisar a vida da gente porque tem algum que chega e te diz, ah não pode fazer isto, então a gente tem que vê e ir a fundo, vê até onde aquilo ali é possível de tu resisti aquilo ali. Quando tu não pode mais, aí tu obedece aquilo que tem que obedece e busca faze outras coisas pra tu sobreviver. Então a gente fez isto, tamo enfrentando fazendo nossa cabanas ali, temo um camping, a área do camping já tá quase toda preparada, o rapaz tá terminando os banheiro do camping ali em cima. Temos uma praia de rio muito boa aqui em baixo, o povo gosta muito de vim na água limpa do rio. E aí seguindo sobre a minha sobrevivência, a gente vivendo aqui é uma longa história que não tive tempo pra te contar toda a história da minha vida, que dirá da minha geração...

**Entrevistador: Mas resumindo?**

**Entrevistado:** Resumindo, isto aqui não tinha estrada, esta estrada era carreiro, tipo uma trilha. Pra passar a gente ia cruzando o rio, desviando morro, só a cavalo e a pé para passar aqui. Nós saia de onde meu pai morava, eu descia da serra, chegava ali, nós ia procura baile pra dança aqui pra baixo, porque em cima destes morro morava gente de tudo que era lugar. Em cima desses morro, no chapadão, tudo morava gente. E ai a gente vinha às vezes, caminhava a noite por aí, procurando baile, às vezes achava na primeira tentativa o baile e ali já nós ficava. O custo de vida eu digo assim, que fosse difícil naquele tempo, mas é mais fácil que hoje. Porque naquele tempo não tinha luxo de nada, naquele tempo o povo se alimentava daquilo que plantava, daquilo que colhia, a carne não tinha geladeira, não tinha energia pra carne, se sargava, a gente fazia charque daquela carne ali, e ali carneava uma vaca, um porco, coisa assim, sargava e enquanto tinha ia consumindo. Feijão, farinha e carne tava de bom tamanho, era vida que seguia. Então a gente se criou assim, a gente vem de uma família muito pobre, digamos assim, que naquele tempo era tudo mais ou menos um nível, nivelado, às vezes tô conversando com o povo da praça na Praia Grande, e eles dizem que a vida deles também não foi diferente. Então, a casa do meu pai queimou duas vezes, chegou a dificuldade, bateu de frente com nós, a primeira eu tinha quatro meses de idade, aí o Paulo meu irmão que é também gaiteiro de Praia Grande, me cuidava enquanto eles iam trabalhar num balaio feito de cipó e de de taquara que chamava de rede naquele tempo. Daí quando pego fogo na casa, meus pais tavam trabalhando longe de casa, esse meu irmão que é quatro anos mais velho que eu, pego aquele balaio e não podia ergue, então me puxou de arrasto pra fora da casa e me salvou do fogo. Quando eles chegaram vieram correndo, mas a casa não deu pra

salva mais nada o que tinha dentro, e eu fiquei assim muito admirado com aquele fogo dentro de casa, queimando tudo por dentro, caindo os pedaços assim. Aí depois quando eu fiz quinze anos, queimou de novo, daí foi difícil demais a vida, daí o fracasso chegou porque faze uma casa boa já não deu mais naquele tempo, tudo era muito caro e o produto da gente valendo cada vez menos, mas a gente sobreviveu.

**Entrevistador: Então era difícil a sobrevivência?**

**Entrevistado:** É aqui era tudo na enxada, na foice, no machado, fazia coivara. Quando a terra tava ruim, num lugar fraco, eles já pegava roçava outra parte de mato virgem, ou mato, capoeira tipo esta aí, o machado pegava, nós não tinha motor serra, era no machado aqui, ali, muitas vezes ajudei meu pai no machado, eu gostava e gosto até hoje. Hoje não posso mais faze isto, por causa da lei, não deixam corta mais nada, mas a gente gostava, muitas vezes descia da serra para ajudar meu pai a derruba coivara. Uma vez botei leite de mata olho numa vista, que aquilo era um veneno, só tinha um remédio que melhorava, era leite do seio das senhoras, felizmente tinha um senhora que tava amamentando uma criança bem pertinho da nossa casa, quando sai da roça, tava sentindo um queimor na vista, cheguei em casa não tava enxergando mais nada, e era longinho assim, cheguei em casa e daí a minha mãe de vereda disse, barbaridade rapaz que isto? Vou na comadre Sema, esta comadre morava bem pertinho de nossa casa. Lá vou cavar leite de seio para colocar no teu olho, foi lá, cavou, lá ela botou umas gotinhas naquela vista ali, daí refrescou de vereda, me deitei um pouco lá, daí não podia trabalha porque não podia enxergar com aquela vista, aí de repente ela chego lá, era bem tarde, ela foi lá de novo dona Sema, derramaram dentro da minha vista de novo o leite, quando foi no outro dia eu tava bom. Era a única coisa que fazia bem pra isso aí. Mas eu gostava de tá brincando com machado, ajudando meu pai derruba, que meu pai tinha experiência, ele me avisava: olha Luiz tu cuida para não bate este machado, pra não vira assim, pra não bate ali, se bate ali vai no teu olho este leite, facilitei, já era umas onze e pouco, di certo já com um pouco de preguiça sei lá, me respingou, só um chuveirinho, foi aquela porção, um chuveirinho de nada, já foi que chegou. Então a gente naquele tempo era deste jeito, com enxada, com a foice, com o machado.

**Entrevistador: E o povo era muito unido?**

**Entrevistado:** Muito unido, fazia chamado pixuru, acho que tu nunca ouviu falar nisto. Então naquele tempo era assim as coisas, até agora quando vim da serra, eu plantava bastante, gosto bastante de trabalha. Sempre tô dizendo pras pessoas que me

visitam, esta semana passada contei pra um senhor que teve aqui conversando comigo, olha a minha moeda corrente aqui a mais ou menos 25, 20 anos atrás, era ter no meu garpão oitenta, cem saco de milho ali dentro, mais uns sessenta, setenta saco de feijão, quando eu precisava faze dinheiro, não gastava muito porque não bebo e não fumo, não tenho vício assim, aí vendia aquele produto pra ir numa festa. Quando precisava ia lá na Praia Grande vendia lá cinco, seis saco de feijão, que valia muito mais que hoje, naquele tempo tinha valor, aí vendia lá e levava aquilo e entregava pegava aquele dinheiro vinha pra cá faze minhas coisas aqui, era mais uma temporada. Era um vidão, a gente engordava porquinho pro gasto, galinha, comprei parabólica só vendendo ovos de galinha. Então que dizer, a gente vivia uma vida boa naquele tempo, mas daí as coisas foi perdendo o valor daquele produto, produzindo menos. O próprio ICMBio, ou seja, o IBDF da época, perseguindo cada vez mais, perseguindo e perseguindo este foi a pedra no sapato do povo daqui.

**Entrevistador: Por quê foi uma perseguição?**

**Entrevistado:** Porque proibiram tudo, qualquer coisa que fosse faze, uma roça, derrubar uma capoeira pra tu faze uma planta, eles tavam em cima, eles vinho. Eu muitas vezes bati de frente com eles, até onde a gente tem conhecimento da lei, a gente não vai, não deixa que eles pise por cima da gente, muitas vezes debati com eles aqui, mais no fundo ali fazendo roça lá, mas dentro da limitação, a gente tem a limitação da gente, tem que medi as palavras pra fala com esta gente. Mas nunca me travaro de trabalha assim, daí quando comprei aqui já tinha terra de lavoura em baixo, tenho bananal hoje, tinha outro ali em cima, não dependia de tá roçando muito, até eles tivero aqui investigando sobre as cabanas do meu lugar ali, eu garrei e disse pra eles, olha quem mais preserva, quem tem mais terra particular sou eu mesmo, tenho 17 hectares de terra, tenho setenta, oitenta hectares de terra preservada, uso aquilo que me serviu e o resto deixei cria mato. Mas muita gente sofreu a consequência disso ai, não tinha terra pra lavra.

**Entrevistador: Tiveram que parar?**

**Entrevistado:** Tiveram que ir embora, porque não puderam trabalha, não tinha terra pra lavra, daí roça eles não deixavam mais faze, não deixaram queima, daqui foram muitos embora, foram indo e daí como se diz viro êxito na cidade, foram indo pra cidade, outros se dando bem, outros se dando de mal, mas a gente foi resistindo por aqui. Outra vez chego um bando de universitário aqui, estudante pra incorporação deles e o diretor do parque aqui, tava de férias, eu tava fazendo meu serviço aqui,

vinha vindo lá de baixo do bananal, cheguei aqui tava aquela turma aqui na frente, daí eles queriam falar já direto comigo, os vizinhos disseram que só meio-dia, onze e meia que eu tava em casa. A hora que cheguei eles tava alí, o diretor começou a fazer pergunta, fazer pergunta, cumprimentei eles, aí tinha uns oito universitário junto com eles se formando ali, daí ele me perguntou: Tava roçando? Não, tô limpando bananeira lá em baixo, daí ele falou e perguntou: Mas tu faz roça? Faço, pro meu gasto eu faço, como vou viver se não fazer roça, daí falou e começo a escrever ali, e eu me lembrando só quero ver o final da história como é que é, mais tá. Mais diz ele pra mim: Tu caça? Não, vocês não deixam caça, se deixasse, eu caçava, tem bastante caça aí, mas uma coisa vou dizer: eu sei onde o senhor tá querendo chegar, eu sou indígena e tenho direito de caça, agora não caço, eu respeito a natureza, porque sou protetor da natureza, no passado eu caçava, tive morando no sertão, se eu disser pro senhor que não caçava, o senhor ia ver de vereda eu tava mentindo pro senhor, quem mora no sertão todo mundo caça pra salvar suas roças, cuida de suas roças de milho, suas coisas... Daí quando eu disse pra eles que não deixava caçar, daí ele ficou assim me olhando. Daí diz ele, mas um bichinho para tu comer tu pode matar, tu não pode encher freezer, encher geladeira. Aí conversamos ali, foi, foi, aí puxou de um livrão dessa grossura assim, e foi folheando aquele livro e me perguntava: Tu conhece tal bicho? Fui dizendo, conheço mesmo, este é leão, nosso leão-baio daqui, tradicional. Isso é paca, esse é quati, este é macaco bugio. Daí falou olhou para os outros e disse: Ele conhece tudo mesmo! Aí falou conversou mas um pouco comigo, saiu daqui não me disse mais nada e subiu numa árvore que tinha ali e olhou pra baixo lá, aqui ele nunca mais apareceu. Aqui vida é muito boa mais tem hora que tem seu ponto fraco, ponto forte, hora boa, hora não tão boa. Por causa disso, nós hoje como quilombola aí, fazemos parte desta tribo, como se diz, tem coisas vem e ajudam, outras coisas nem tanto, mas enfim, uma coisa que vai nos atrapalhar bastante é a história do Geoparque, bati muito de frente com isto, mas sei se vai adiantar, é uma coisa irreversível.

**Entrevistador: O Geoparque vai atrapalhar o povo que vive aqui?**

**Entrevistado:** Vai, vai, Geoparque tu entenda uma coisa, vai dar lucro pra quem tem dinheiro pra fazer grandes coisas aí, e quem não tem dinheiro pra montar qualquer coisa, e nem terra e nem isso e nem aquilo, eles não vão liberar. Tem a ver com esta coisa do IBAMA, daí é só os riscos lá de fora que vão fazer isto, e pobre daqui se quiser, se

muito quise, vão fazer trilha, talvez trabalhe de guia turística pra poder sobreviver, isto aí vem pra atrapalhar e muito.

**Entrevistador: Então o turismo tem seus altos e baixos?**

**Entrevistado:** Ele não favorece todo mundo não, tem aquele que não gosta disso porque tem aquele que quer fazer suas rocinhas, suas coisas por aí, a maioria são indígenas, mora em meia serra direito a Cambará do Sul. Eles detestam isso aí, eles têm um terreno, são herdeiros de uma enorme área de terra e se clamam muito por causa desse tal de turismo.

**Entrevistador: O senhor disse que era descendente de indígena, sua mãe que era indígena, seu pai, como é esta história?**

**Entrevistado:** Esta história é bastante interessante, minha bisavó por parte mãe era índia pegada a cachorro, lá na Barra do Ouro, que morava lá, e daí vinha aquela gente de fora, da Itália, da Espanha, aqueles do lado de lá, e lá eles tinham uma colônia muito forte na época. Eles queriam casar os índios com gente que vinha de lá, pra fazer aquela cruz de raça, ali surgiu minha bisavó, minha bisavó pegaram a cachorro lá, e lá era habitado na época por índios, quando conseguiram roubar a indiazinha do lado de lá, quando os índios deram farta dela lá, vieram e cercaram o potreiro, era muito grande, um gramado lindo. Os índios não conseguiram enxergar ninguém pra jogar uma frechada neles. Daí quem roubou a indiazinha se esconderam, não deixaram a indiazinha gritar, mas os índios cercaram em potreiro em volta da casa, minha mãe contava isto aí, cercaram em volta lá, daí deram uns tiros pra cima com as armas de fogo e os índios saíram da beira da cerca. Então eles ficaram com esta indiazinha, muito tempo, que é uma raça muito difícil de domesticar, muito brava, também difícil de alimentação, mas aí foram indo, foram indo, ela não comia, não bebia, chegava perto ela dentada, ela arranhava, fazia o diacho. Daí foram indo domesticando ela, quando ficou domesticada casaram ela com meu bisavó. Daí surgiu meu avô, e surgiu minha mãe. Do lado do meu pai foi a mesma coisa, meu pai é dos Pereira, meu bisavô por parte de pai, só que é de outra tribo.

**Entrevistador: Barra do Ouro fica onde?**

**Entrevistado:** Fica perto de Maquiné, perto de Porto Alegre/RS, aqueles lado de lá. Já o pai é desta região daqui, desta costeira, desta costa de serra, de Cambará, destes Pereira daí. Também por parte de pai, meu bisavô foi a mesma coisa, foi pegado a cachorro. Daí mais ou menos nesse tempo que também surgiu a história dos escravos, porque quem não tinha dinheiro pra comprar a liberdade era escravo,

não importa se fosse índio, se fosse negro, se fosse branco, não importava a cor. Se não tivesse dinheiro pra comprar a liberdade se tornava escravo, só que tinha um porém que minha mãe contava, que os escravo de cor branca sempre pegava o serviço mais leve, e já os negro, os crioulo, tipo a gente só sobrava o serviço mais pesado. Aí tinha que seguir este ritmo aí, mas quando veio a lei de libertação, que tiveram que liberar esse pessoal escravo, também tiveram que dar terra pra esse pessoal trabalha, alguns dize que até sobrenome tiveram que da. Porque naquela época o escravo vivia tipo um bicho, não se batizava, era como uma mula de carga, eles vendiam pra quem queriam, então com a libertação tiveram que dar um auxílio pra este povo que foi escravizado. Mas aqui na nossa região tinha muitos escravos que trabalhavam pros seus donos de cima da serra, e tinham que levar os produto pra eles tudo no ombro por estas trilha que ele fizeram e existe até hoje. Depois com a libertação dos escravo, uns viero morar aqui, outros foram morar pra longe e foi assim. Vou te contar que hoje, essa etnia de escravo é mal vista pelo povo daqui, só porque a maioria das pessoa não conhece bem esta história. Porque pra se escravo só bastava não ter dinheiro, não precisava ser só negro, o branco também podia ser escravo. O pessoal que vinha de fora cheio do dinheiro, até de outro país chegava e comprava uns alqueire de terra e conseguiam um ou dois escravo, já eram senhor. Mas depois que os escravo foram se libertando, eles tivero que lidar com a discriminação, por exemplo baile que tivesse branco dançando o negro não podiam dançar. Também acontecia se um branco casasse com uma mulher branca ia sofrer as pena da lei, ia se judiado, inclusive no passado aconteceu isso com gente daqui. Um rapaz negro fugiu com uma moça branca e quando a família descobriu, inventaram história, disseram que ela tinha ido a força e acabaram levando o rapaz negro amarrado com uma corda pelo pescoço puxado no cavalo até o fórum, lá iam decidir o que fazer com ele. O pai da guria e os irmão deporo contra e queriam que a guria contasse que fugiu a força, mas a moça na hora contou que saiu por livre vontade, e que gostava do rapaz, que era em casa do pai que ela se sentia uma prisioneira e que fugiu com o rapaz pra formar uma família e viver com liberdade. Então o juiz na hora fez o pai da moça assinar o casamento dos dois, ele não queria mas foi obrigado. Mas o velho nunca olhou na cara do genro, assim foi a vida inteira. Então essa discriminação existiu na época dos escravo e existe um pouco até hoje, hoje ta mais raro, eu também passei por isso porque casei com minha primeira mulher que era descendente de alemão, e meu sogro nunca me aceitou direito, só com a vinda dos

neto é que ele queria se aproxima. Mas interessante que morei em Caxias e lá os italiano não são assim, parece que aqui na nossa região, a região do litoral a discriminação foi pior. Então a vida do povo aqui era muito boa, mas foi mais difícil com a questão do preconceito.

**Entrevistador: Qual a tradição que o senhor mantém viva de seus antepassados?**

**Entrevistado:** No causo, a gente tenta mante os conhecimentos das ervas de chá, as benzeduras. Tem certo tipo de chá que são praticamente milagroso e a gente se defende muito com isso aí ainda. Eu tive um sobrinho que sofria muito com apianço e os hospital naquela época ficava tudo muito longe, um dia ele teve uma crise quase não podia puxar o fogo, tava todo mundo apavorado sem saber o que fazer, achavam que não passava a noite a criança, aí me perguntaram eu disse me trazem aí da roça um punhado da erva chinchila, ela tem um cheiro bem forte, e fizemo um melado do chá com mel, foi dado três dose, três colherada, não na mesma hora, e a criança foi melhorando passou a noite melhor e amanheceu sem chiado no peito e passou a dificuldade de puxar o fogo. Eu e meu filho melhoremo com chá de problema nos rins, dor na coluna. Eu sarei de uma úlcera no estômago com o remédio caseiro e conservo o remédio em casa sempre.

**Entrevistador: Qual o lugar mais significativo para o senhor aqui na região?**

**Entrevistador:** Boa pergunta, eu fico muito satisfeito de tá no meio da natureza, porque eu me considero filho da natureza, quando eu subo alí em cima, onde tá sendo feito esse novo camping que eu olho tudo em volta que eu só enxergo mato e perau, essa linha do horizonte com essa natureza muito bem trabalhada que ninguém faz igual, o vale que vai em direção a cidade de Praia Grande, quando eu chego alí e fico olhando parece que eu recupero uma espécie de energia. Tem os passarinho que eu gosto de cortar banana e abacate pra eles vim comer aqui perto de mim. Não sei se é por eu ter sangue de índio, mas eu gosto de sentir o cheiro de arvoredo florescido, o cheiro da natureza, de trabalhar na roça, da vida na fazenda, no mato em contato com os bicho.

**Entrevistador: Então finalizamos por aqui e eu gostaria de lhe agradecer pela sua atenção, dedicação e interesse em estar colaborando com a minha pesquisa.**

**APÊNDICE I – Entrevista Narrativa E9 (via Google Meet)**

O Senhor T. R. R. possui 47 anos, é Professor formado em Letras, Português e Inglês pela UNISUL, casado, mora no município de Praia Grande/SC há 47 anos, na comunidade de Vila Rosa.

**Entrevistador: Me chamo Maicol de Oliveira Brognoli, sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Gostaria, por gentileza, que você me contasse sobre sua vida aqui em Praia Grande, sua história, como você vê a cidade e município, como vê o turismo e o lugar mais significativo para você.**

**Entrevistado:** Então, vamos lá. Primeiramente, obrigada pelo convite, a gente fica lisonjeado, ver que a gente tem alguma coisa para contribuir seja com a pesquisa, com a troca de ideias mesmo, porque a gente tá no mesmo barco né, estudando, aprendendo, desenvolvendo e são coisas, ideias, pensamentos que a gente vai trocando criando uma base, criando um alicerce. Parabéns pelo teu mestrado, o teu mestrado é em que mesmo?

**Entrevistador: Ciências Ambientais.**

**Entrevistado: Legal, dá UNESC né?**

**Entrevistador: Isso.**

**Entrevistado:** É mais ou menos a linha que venho trabalhando ultimamente na gestão territorial, planejamento socioambiental né, pega muito esta temática né, ciências ambientais né, também, porque ela é bem ampla até, multidisciplinar até vamos dizer. Sou de Praia Grande, natural de Praia Grande, sou nativo, na verdade me criei no interior, bem no interior, na Vila Rosa né, bem no Pé-da-Serra, pé do planalto Sul Brasileiro. Sou neto de tropeiro né, a gente tem uma base histórica bem legal, base familiar bem interessante que é a respeito disto, como tu falou de transformação atual né, ai há 80, 60 anos atrás, também teve outra transformação, naquela época, que era o troperismo. E ali temos então os meus parentes bem atuantes, nesta parte do troperismo. Então esta comunidade onde que me criei né, estudei na escolinha ali, na própria comunidade o nome dela era Molha Coco, antigamente, até 69 era Molha Coco, depois né mudaram o nome pra Vila Rosa. Depois estudei na Escola Estadual Bulcão Viana né, e assim a gente vem desenvolvendo né, sempre muito apegado à leitura diga-se de passagem né, muito incentivado pela minha mãe, que era

professora. Nossa casa, na estante da sala, sempre teve muitos livros, muita literatura, livro de poemas, o que me levou também a ler muitos poemas e publiquei quatro livros de poemas né, então minha ligação com a leitura e com estudo tem muito a ver com isso, um pouco é culpa dela, de levar a enciclopédia pra dentro de casa, isto é um perigo né. Além da contemplação da natureza, sempre foi um dom também, associada a questão do estudo acho que foi me gerando um pouco...me salvando, vamos dizer assim né, muita leitura também da Bíblia, principalmente dos salmos e provérbios que gostava muito e gosto ainda, livro de Jó também é meu livro de adolescência, minha formação basicamente vem por ai, logo após, fiz um curso de Magistério aqui no Bulção Viana, quase quatro anos estudando, mas não me adaptei a dar aulas pra criança. Porém, o magistério ele me deu muita base, o magistério é como se fosse uma pedagogia né. O magistério me deu muita base que na faculdade eu não encontrei, esta base da filosofia, da educação, da psicologia da educação, sociologia, da metodologia, da prática, engraçado né, o magistério foi muito forte nesta parte, na faculdade de Letras né, ao qual sou formado, sou formado em letras, português e inglês pela UNISUL, ela te dá todo o respaldo de estudo ali nas letras, porém esta outra parte mais pedagógica nem tanto, assim é as universidades né. A tua formação qual é?

**Entrevistador: Sou formado em Psicologia.**

**Entrevistado:** Claro que na faculdade, tem psicologia da educação né?

**Entrevistador: Sim.**

**Entrevistado:** 1 e 2, claro, para lidar com os adolescentes não é fácil. Nesta tocada de estudo, fiz algumas pós-graduação *Latu Sensu* né, uma relacionada a Metodologia e Prática Interdisciplinar de Ensino e outra sobre Regionalização do Turismo, e na sequência, mais pra frente um pouco, outra oportunidade, depois de várias tentativas, eu fiz o Mestrado em Geografia pela UDESC, fui três anos indo lá para Floripa né, em busca deste título de Mestre, agora estamos na campanha do doutorado, que é outra montanha pra subir né. Então neste processo todo, de vinte poucos anos, vinte sete anos basicamente, desde o magistério, tenho três filhos né, já tenho uma neta também. Tenho uma ligação muito forte, além de ser professor e condutor de ecoturismo ou líder de ecoturismo, é mais recente este título né. Desde 98, tenho estas profissões lado a lado assim né, eu consigo trabalha assim na escola digamos a educação ambiental, não só a educação ambiental relacionada a própria atividade escolar, mas educação ambiental da questão do condutor, guia ou líder de ecoturismo,

então a educação ambiental pelas duas vertentes, escolar e pela condução. Faço parte de uma associação de condutores, guias, que é APCE, foi criado em 98, por nós aqui que é a Associação Praiagrandense de Condutores para Ecoturismo, que hoje conta com noventa sócios, é uma associação bem forte aqui em Praia Grande, minha carreira, meu desenvolvimento social, humano, vamos dizer assim, ele se teve por estes dois caminhos, na liberdade, do ar livre, da aventura, do ensino e da aprendizagem, porque a gente mais aprende do que ensina com os turistas, na natureza, ali no dia a dia de trabalho como condutor né, imagina 23 anos trabalhando como condutor de ecoturismo e 23 anos trabalhando como professor. O que acontece, em decorrência que meus filhos eram pequenos, então eu trabalhar como professor de março a novembro, que eu recebia salário e basicamente de dezembro a março não tinha salário, então o trabalho de condutor compensava isso, e no decorrer ano, ia trabalhando esporadicamente como condutor, esta é a vida que tô levando há bastante tempo, agora claro, que sou professor efetivo do estado, passei no concurso em 2007, mas ainda estou muito atrelado ao turismo, até porque minha família tem pousada aqui, que é a Pousada e Camping Nativo dos *Canyons*, não sei você conhece?

**Entrevistador: Eu já li sobre.**

**Entrevistado:** Temos pousada desde 2003 né, então a gente tem uma relação muito forte assim com a questão do turismo. Digamos assim, a gente tá ligado no que acontece né, a gente vem acompanhando todas as fases do turismo na Praia Grande, também vem acompanhando pela sala de aula, pelo olhar do aluno, basicamente, pra inicia, pra completa esta introdução, assim me apresentado. Este teu trabalho é muito interessante, muito legal, Parabéns.

**Entrevistador: Agradecido. Na sua opinião as propostas de desenvolvimento envolvendo o turismo foram pensadas com os moradores locais, os nativos, eles tiveram participação nessas decisões?**

**Entrevistado:** Mais ou menos né, foram tocados, foram estimulados, vinha-se tendo uma caminhada bem lenta no turismo, muito puxada pelo ecoturismo, por exemplo, se você viesse aqui em Praia Grande a vinte e três anos atrás, você ia encontrar dois hotéis aqui no centro, para quarenta, sessenta leitos, era mais pra casamentos, viajantes e tal, hoje são mais de um mil e trezentos leitos, então em vinte e três anos deu ai uma expandida enorme, claro que um mil e trezentos leitos não é oficial, mas é uma conta minha assim, fiz uma conta por cima um mil e trezentos leitos e tá

surgindo muito mais né, mil e trezentos leitões pra sessenta leitões, em vinte e três, não sei nem fazer a conta quantos por cento é, dá mais de um mil por cento. Então foi uma explosão. Para responder tua pergunta ela tem que ter uma origem, lá no início, não posso responder com base no que tô vendo, eu tenho que me reportar lá atrás, por isso, que eu tô mais ou menos falando da década de noventa, noventa e cinco, noventa e oito né. Noventa cinco mesmo, aqui na Praia Grande, para tu ter uma ideia, tinha muitas fábricas, e o pessoal tava sumindo daqui, o Município, a cidade tava esvaziando né, o pessoal tava indo embora, as comunidades ficando desertas, esta é a realidade. As pessoas estavam parando de plantar fumo, estavam indo embora já, porque aqui não tinha espaço, não tinha mais o que fazer. Até porque foi criado o Parque Nacional da Serra Geral, o agricultor que era ali, acostumadinho a tirar madeira na mata, não pode mais, o agricultor que era acostumado a caçar também já não podia mais, ali no Parque Nacional Aparados da Serra claro, falando da parte catarinense, ali na parte do Rio do Boi, no Itambezinho também já sofreu uma pressão mais grande pela preservação, então todo território Praiagrandense, que basicamente cinquenta por cento dele é preservado, tá dentro da unidade de conservação, sofreu um lado bom que é a preservação da natureza, mas por lado as pessoas que tavam acostumados com aquele ritmo de extrativismo, destruição ali, de não saber, de não ter consciência da natureza, acostumados naquele ritmo, tiveram que sair dali, encontraram emprego na cidade e foram saindo, então muito interessante que a escalada econômica negativa, foi nesta época em 95. A partir daí o parque fecha, e reabre em 98, Parque Aparados da Serra com uma nova estrutura. Foi construído 12 guaritas, se eu não me engano, ao redor do parque, a guarita da Comunidade de São Roque, quilombola, no Rio do Boi, foi construída outra guarita, e lá na serra muito mais. Uma coisa interessante, que foi começada a ser construída algumas pousadas, neste período de 97 pra 98, aqui em Praia Grande, umas pousadinhas no interior, como a do Vale Verde, ali do Luiz Carlos, como a Magia das Águas, do ex-prefeito, prefeito na época. Logo em 2001, chegou o refúgio ecológico Pedra Afiada, então foram os primeiros ensaios desta forma ocorrido ali. Neste período a população pouco acreditava no turismo. Por parte das prefeituras era muito tímido, não tinha Secretaria do Turismo. A associação trabalhou muito duro, pra despertar no município o turismo, o ecoturismo, trouxe bastante cursos, parcerias com universidades, parcerias com entidades, a gente ia na prefeitura, nem sempre eles davam muita bola, turismo aqui na Praia Grande, capaz. Então, tinha algumas iniciativas, algumas pessoas da

prefeitura né, algumas pessoas da parte empresarial do turismo, a parte aqui dos condutores. Ou seja, pra começar, a gênese, pra despertar a primeira consciência ambiental, a primeira consciência ecológica, este cinco primeiros anos de 97 até 2002, foi algo assim quase lento, mas já se falava em turismo. Começou a ter alguns programas de televisão, algumas reportagens, mas atingir a população era muito difícil. Teve um empenho muito grande também do meu falecido irmão, Rodrigo, que faleceu num acidente de moto em 2008, ele trabalhou muito o turismo na escola, ele fez uma feira aqui de turismo em 2003, se eu não me engano, uma feira na escola, enorme, grandiosa, ali despertou muitos jovens naquele momento sabe, teve mais alguns encontros de turismo, até que a prefeitura começou também, a dar os primeiros passos assim, mas nada era integrado. Não tinha e como não tem ainda um plano de gestão turístico, porque nós que fizemos gestão territorial e nem precisa ser só nós, acho que pra qualquer setor tem que ter um plano de gestão, e plano de gestão de turismo na Praia Grande nunca vi, se tu tem um plano de gestão legal, tu consegue incluir a população né, consegue chega até ela. Então, a gente dependeu muita de pequenas iniciativas, da prefeitura pouco, mas sempre teve alguém que tentou puxar, embora os prefeitos não dessem bola, na associação a gente puxou bastante a parte empresarial, estes são os primeiros que foram colocando pousadas também, então assim, fomos criando base, raízes, e é por ali que acho foi incentivando. Na escola, a gente foi tentando, eu sempre trabalhei aqui no município, tentei falar sobre trilha, falar sobre natureza, sobre estas, voltado a educação ambiental. Porque nas escolas de modo geral, até por causa do Plano Curricular Nacional, já tem ali meio ambiente como tema transversal, meio ambiente ligado claro a natureza, ligado a educação ambiental, que acabam sendo sinônimos né. Tudo corresponde também a política nacional de meio ambiente, que corresponde a política nacional de educação ambiental. Em 97, foi criada a Lei de Educação Ambiental no Brasil 9.779, uma lei muito importante, que também assumia essa responsabilidade de desenvolver o ambiente, aqui a grande novidade era a questão dos parques nacionais estarem sendo reconhecidos. Uma coisa muito interessante, que é o título de Capital Catarinense dos *Canyons*, ela é de 2002, como que conseguiram isto? Mas é como a gente fala, são algumas iniciativas, não uma iniciativa da prefeitura como um todo, mas alguém teve a capacidade de formar um grupo de trabalho, de trabalhar a ideia, de levar a proposta lá pro estado e consegui este título para o município, então desde de lá, nós somos a capital catarinense dos *canyons*, até porque no município nós temos 8 *canyons* importantes

e tem o principal *canyon* da bacia do Paraná, que é o Itambezinho, ele tem uma relevância internacional, geologicamente falando, é um geossítio, só pelo Itaimbezinho poderíamos batalhar pelo Geoparque. Este título, voltando lá de 2002, foi muito interessante, a partir de lá outras pousadas foram sendo criadas, por exemplo, a pousada do meus pais, Pousada e Camping Nativo dos *Canyons*, era no centro da cidade, agora tá na Vila Rosa, há uns 10 anos, o Hotel do Sérgio teve uma reforma boa, na época, o Hotel Praia Grande, a Morada dos *Canyons*, iniciou acho em 2004, 2005, começou de maneira bem simples, com uma cabaninhas e hoje é o que é. E nesta tocada que as pousadas tão chegando, logicamente a pousada precisa de serviços, e precisa das pessoas locais trabalhando. A partir das pousadas, a partir dos guiamentos dos condutores locais, pessoais locais, é que acho que começa responder a tua pergunta lá, de como é que o pessoal foi inserido nesta proposta futurística deste desenvolvimento? O pessoal foi inserido através dos trabalhos nas pousadas, através dos trabalho dos guiamentos, o pertencimento vamos dizer assim, tem muito a ver com isto. Tu vai trabalhar na pousada, tu é uma camareira, o pessoal vem de Minas, Rio de Janeiro, na Bahia, é o estrangeiro, Ah eu moro num lugar onde vem gente de fora ver isto aqui, e eu olho todo dia e não dou bola. O condutor local que é despertado ali, no curso de condutor local, no curso de líder de ecoturismo, a nova NBR agora, que é líder de ecoturismo, porque em unidade conservação você não precisa ser um guia de turismo, aquele da Embratur de 800 horas, tu é um condutor ambiental, pode ter um curso com competências mínimas de condutor, ou esta outra NBR agora que é um líder de ecoturismo, mais o curso de primeiros socorros, se tiver um curso de canyonismo melhor ainda. Uma coisa chama atenção, também nesta evolução da virada da década de 90 pra 2000, tipo ali no remanescente quilombola São Roque, que era é uma comunidade super abandonada, ia carro mas assim, era o maior risco de ficar empenhado, mais era caminhão, camioneta 4 x 4. Ali aconteceu alguns fatos na década do final de 90 e começo de 2000, se descobriu que muitas pessoas não tinham a identidade, muitas pessoas não conheciam a Praia Grande, algumas crianças morrendo por causa de doenças. A partir daí foi aberta a estrada principal, alargada, cascalhada, foram tento mais acesso as pessoas que moravam lá. Aconteceu algumas coisas muito interessantes que é o reconhecimento pelo ministério da cultura, pelo IPHAN, pela Secretaria da Cultura do Estado Catarinense, reconhecimento do remanescente quilombola São Roque. Ele é o quinto remanescente quilombola reconhecido, está no livro de história de 1º ao 5º

ano de Santa Catarina, então tem mais de 40, mais sendo cinco, os mais importantíssimos. Então aquela assistência que eles tiveram ali, aquele reconhecimento, aquela mudança de pauta deles ali sabe, levando dignidade a eles, tendo haver com isto tudo, de como a população foi reconhecida, vai ao ponto da tua pergunta de pertencimento, já pensou se chegássemos hoje e tivesse aquele povo todo abandonado lá ainda, aí seria triste. Ali teve seu Afoncinho, o seu Pedro, eles foram fizeram cursos de agroecologia, agroflorestal, o seu Afoncinho e Dona Maria foram pra Brasília. Teve doutorando da UFSC que fizeram suas teses com base ali, teve dissertações, teve TCCs, a UNESCO também, a pouco tempo fez um trabalho bacana com eles. Falando em pertencimento, acho que também foi muito legal esta história do remanescente quilombola São Roque, por que ali tem concorrência grande também, com outras que não são quilombola, digamos assim não se acham quilombola. Tem muita gente que mora ali que tem terras e diz ah não sou quilombola e moro aqui. Mas era importante que as pessoas também se reconhecessem quilombola, muitos desses que moram lá e que eram descendentes ou que se reconheciam como quilombola, estão morando na Praia Grande. E assim conversando como que estes que moram na Praia Grande, eles tem este diálogo assim, que eu moro aqui mas pertenço aquela comunidade, tô morando aqui porque trabalho aqui, mas meu pé é lá, dá para ver que esta memória com o lugar é forte. Porque muitos poderiam negar sua raiz, mas conversando com alguns que tão morando aqui não negão não, ao contrário eu sou de lá, minha origem é da lá, sou quilombola, tenho terras lá, tô morando aqui, tô lá, nos dois lugares ao mesmo tempo, isto também trouxe uma vantagem grande, mas por quê? Porque a UNESCO teve lá, a UFSC teve lá, a UDESC teve lá, o Parque Nacional, o ICMBio fortaleceu aquela comunidade. A princípio tinha uma briga enorme, mas o ICMBio perdeu sua autoridade digamos assim, quando queria proibir eles de plantar dentro do Parque Nacional, aquelas famílias que ali moravam, a Comarca aqui de Criciúma chegou disse, não, não, eles moram lá desde de sempre, final do século XIX, sempre plantaram, porque não vão plantar agora, vão plantar a agrofloresta deles, a agroecologia deles na unidade de conservação, vão respeitar e o ICMBio teve que aceitar. É pra tu ver a força de pertencimento que eles obtiveram, e obtém ainda esta força. Então as comunidades de modo geral elas pouco a pouco foram se valorizando, foram retornando, algumas famílias que tinham saído na década de 80, 90 por causa daquele esvaziamento, agora em 2005 pra cá começam a voltar, começam a

recuperar a terrinha dos avós, dos pais, pensam: opa aqui na cidade não tá legal, lá na Praia Grande tá sendo valorizado tem dois parques nacionais, aqueles dois parques como se fosse uma caixa água de preservação, água boa, vamos tentar recuperar a terrinha, vamos ampliar a terra, aconteceu muito isso, muita gente voltando, muita gente comprando. Nesta fase de evolução a associação continuou firme né, o pertencimento vai por várias frentes, por exemplo também a ACEVAM – Associação Ecológica do Vale do Mampituba, é uma associação bem forte, anterior a APCE – Associação de guias, ela é do começo de 90, uma associação agroecológica, já chegou a ser uma das maiores do estado, e ainda tá firme e teve uma época bem forte com parcerias com governo federal. Este pertencimento ambiental provido para os agricultores através da ACEVAM também é outro pilar muito interessante para o município, porque quando tu fala em agroecologia no lugar que tem dois parque nacionais, o turismo vai flertando, vamos dizer, vai intercalando, vai interpassando, uma coisa liga a outra, tanto pela Associação de Guias de Condutores, nós tivemos aqui parceria com a ACEVAM durante um bom tempo, e assim vai. Nosso município começa ter outra busca, que é a partir da questão do geoparque, ali em 2005 teve as primeiras ideias, 2007 meio que bateram o martelo, não, vamos ver o que é isto! E de lá pra cá foi se trabalhando neste projeto pouco a pouco, porque um geoparque é um projeto apolítico, é pra população, não pode ganhar vantagem em cima do projeto. Este projeto Geoparque, também é outro fator que vai estimulando por várias frentes uma nova expectativa, então foram surgindo alguns cursos com base nele, voltados pra área de geologia, pra as áreas da geomorfologia, nesse sentido o Instituto Federal trouxe bastantes cursos. A ideia do pertencimento é muito forte na questão do geoparque, ela tem esta pegada como base primordial, na valorização da cultura local, do conhecimento local, tudo que é extremamente local, o geoparque tem como objetivo prioritário valorizar esta cultura educacional, religiosa, indo mais além, com a exploração de conhecimento da geologia, da geomorfologia, além da ideia da fauna e da flora, é a geologia. Esta construção da Geoparque, que agora tá em pé de sair, em 2022, estes anos todos de geoparque foram muito importantes para este enraizamento, para este pertencimento, à medida que foi criando esta expectativa, eu mesmo fui um que foi tocado isto, em 2012 fiz um curso pelo Instituto Federal de Santa Catarina, ali pela Professora Leila que dava aula na UNESC e outros professores do Instituto, a gente teve um curso bem legal que até me levou a fazer o mestrado, porque a partir do curso percebi que não tinha material informativo sobre geoparque, ninguém

sabia o que era geoparque. Então pensei vou fazer um trabalho de análise das unidades de conservação aqui até a questão do projeto do geoparque, e comecei a mandar o projeto pra UDESC, pra UFSC, não tava dando certo, mas ai mandei o projeto, participei do concurso e consegui na UDESC. Mas na UDESC ninguém sabia o que era Geoparque, fiquei 2 anos, 3 anos falando sobre geoparque, até que chegou o professor Jairo da Itália, que ele sabia o que era, até hoje ele é o representante do Geoparque na UDESC, é um dos representantes fortes. Naqueles 3 anos apresentei dois artigos na UDESC pros professores, ninguém sabia o que era Geoparque, fui em vários lugares apresentar artigos sobre Geoparque, a galera não sabia o que era. Então a ideia de Geoparque foi estimulando esta ideia de pertencimento, então são coisas do tipo: quilombola, agroecologia, projeto Geoparque, associação de condutores da cidade, e nós tínhamos uma dificuldade que era é a prefeitura dar importância para o turismo, o problema dos prefeitos que nós tínhamos era que eles não olhavam o turismo com olhar que olham agora. Tinha uma forte resistência também dos agricultores convencionais, então foi uma barreira que levou anos pra passar, os convencionais ali tavam muito ligados ao uso do veneno, os arrozeiros, os bananeiros, não queriam saber muito do turismo, da forma como se queria trazer, acho que faltou também um pouco de empenho da prefeitura, na época, de 2010 pra cá, trazer cursos como é o turismo rural, mais curso de agroecologia, desenvolvimento sustentável, mais informações, porque assim, traz um curso que seja um complementar, de pouca duração, se vai 10 pessoas, mas que um seja tocado, já tá bom, que um saia e pense, quero isso pra minha vida, tô enxergando isso, pela questão do desenvolvimento sustentável, porque é assim como trabalha o Geoparque, nossa preocupação desde o início, foi sempre pensando no desenvolvimento sustentável do turismo, ou seja, a questão econômica, a questão educacional, a questão social que é este tripé, que eles fossem encarando com a perspectiva mais humana assim, menos exploratória, de valorizar mais o genuíno, valorizar mais o bem estar, valorizar quem mora aqui, valorizar mais o local, valorizar mais a força comunitária, não deixar pra traz os quem são da aqui. Então o turismo, o desenvolvimento sustentável, foi uma busca desta galera assim que eu tô falando, estes primeiros empresários que investiram fortemente, então foi nesta busca do desenvolvimento sustentável. Aqui também foi muito forte a questão do turismo de aventura, puxado pelo lado do canyonismo, que é a descida dos *canyons* pelo rio através de rapel, sempre foi o forte em termos de turismo de aventura, a cavalgada

também. Só que o que que acontece, gente vinha numa marcha lenta, mas contínua, numa perspectiva de desenvolvimento sustentável, pois, nós tínhamos uma preocupação com lixo muito forte. Mas então vamos encarar até aqui como um momento, até mais ou menos ai 2017, como um momento que Praia Grande vinha se desenvolvendo numa marcha mais lenta, porém buscando estes atributos sustentáveis, a parti daí, é que no meu conceito a coisa meio que desandou, ai assim, agora tem um lado bom também, ao mesmo tempo, eu acho que a gente tá vivendo um momento que tua pesquisa tá bem nela, tá no olho do furacão, uma pesquisa bem importante, bem legal, tá buscando uma coisa bem da hora. Quanto tempo isto vai leva para se resolver, não sei, mas eu vejo que de 2017 pra cá meio que desandou nestas questões da base do desenvolvimento sustentável no turismo. Praia Grande, por tudo que tem feito merece o título de Geoparque, por outro lado se ver a questão do lixo não merece, no meu ponto de vista. Vieram todos os caras lá, os avaliadores da UNESCO, de Portugal, da Espanha, do México vieram pra cá, conheceram tantas coisas boas, o lado bom, mas a galera escondeu a questão do lixo.

**Entrevistador: E esse lixo na verdade, tem a ver com este movimento mais voltado para o turismo comercial, a gente tem visto o balonismo, tantas outras coisas, tem alguma correlação?**

**Entrevistado:** Não. Não e sim! quero destacar que quando desandou deu este bum turismo, este bum turismo teve o efeito e a participação direta do ex-prefeito, meu amigo Henrique, um cara muito forte, muito bom nisto, ele é um garoto propaganda digamos assim, foi, é, e continua sendo e agora gostou da coisa né. Na gestão dele ele trouxe muita obra pra cidade, muita ponte importante que faltava, trouxe asfalto para alguns trechos que faltava, trouxe propaganda, deu muita visibilidade, agora ele tá na SANTUR. O Henrique Maciel, continua dando visibilidade, tanto é que esta semana tavam gravando o programa para o fantástico. A questão do turismo de aventura veio neste bum junto, ai assim, se tu viesse aqui 4 anos atrás tinha 2 balões aqui voando de vez em quando, hoje se tiver tempo bom são 30 voos, e em dia de semana, é muito balão subindo. Tem 4 agências de cavalgada forte, é dois passeio por dia, quadriciclo pra baixo e pra cima. O canyonismo é um pouco mais tímido, porque é mais escondido, mas a galera faz também, todo final de semana tem grupos indo. O parque de aventura, de Mampituba e do Pedra Afiada, estão bem fortes. Agora por exemplo, deu exploração também na questão do 4 x 4, antes tinha 3, 4 Kombi, agora tem 10 Pajero circulando na cidade, Land Rover, Kombi de tudo quanto é tipo

levando a galera de baixo pra cima. Deu este bum, explosão de pousadas assim, tá sendo até um problema, desandou mesmo, todo mundo resolveu abrir pousada né, aquela pousada que tu abria antigamente assim com aquele conceito tradicional, passando aquela mensagem de pertencimento ao local, de trazer o turismo pra conhecer. Agora as pousadas tão muito comercial, deu um bum voltado para o capitalismo selvagem assim sabe, agora chegamos neste ponto que eu vim falando tudo isto pra você entender que agora a gente tá no momento de um bum turístico negativo vamos dizer assim, muito positivo por um lado, que traz aquela visibilidade internacional, nosso município tá pra ser um dos municípios mais conhecidos do Brasil, Praia Grande, quase que vai ser o Vale dos Silícios na Califórnia, mais ou menos isto. Porque o que se tem aqui é coisa pra ser estudado daqui a 100 anos, porque esta geologia do Itambezinho é algo que desperta curiosidade geológica de gente do mundo todo. Itambezinho faz parte da formação de Gramado, que é uma formação especial dentro da formação do Planalto Sul Brasileiro, ali tem pelo menos 100 anos, que quatro, cinco geólogos já vem falando que aquilo ali é uma espessura de derrame, que só ocorreu ali, na formação de Gramado. É importante por uma questão toda, porque o turismo ele é regional, ele é importante pra São João do Sul, Mampituba, Morrinhos, se Praia Grande crescer, todo mundo cresce. Cambará do Sul, já é conhecido a muito tempo né, nós aqui em Santa Catarina tinha esta dificuldade de reconhecimento, então por um lado, turisticamente e regionalmente falando, pegando os 7 municípios do Geoparque desde Timbé do Sul, Morro Grande, Jacinto Machado, Praia Grande, São Francisco de Paula-RS, enfim é uma baita região, que vai tá ganhando com tudo que está sendo mostrado, as serras catarinenses cada vez mais tendo visibilidade, Serra da Rocinha, Serra do Corvo Branco, Serra do Rio do Rastro, enfim em termo regional, Praia Grande crescendo, tudo cresce, tudo se integra, é muito importante. Voltando ao ponto básico que nós tamo falando aqui, do pertencimento das pessoas, do enraizamento, tem que fala do social, as pessoas aqui, quem somos nós aqui? Chegando numa narrativa mais pessoal agora, e não aquela visão de quem viu, agora chegou num momento que desandou também esta perspectiva do turismo sustentável ambiental, esta questão do pertencimento, do enraizamento e da valorização local, não tenho certeza mas acho que começou a se perder. Agora, já neste momento a gente está vendo as pessoas locais sem instrução adequada, por um lado se for pensar, a associação de guias temos 80 condutores, todos nativos, beleza, é um enraizamento legal, pessoas se sentem pertencidas,

peçoal da agricultura ACEVAM está forte, peçoal do remanescente quilombola. Mas tá tendo uma transformação de mão-de-obra enorme, tá vindo muita gente de fora para trabalhar aqui, tá sendo construída muitas pousadas milionárias, como aquela que tá aqui no meio da serra *Discovery Canyons*, uma pousada milionária, o cara investiu 6 milhões, em 2 anos, e assim, ele não encontra mão-de-obra, tem que trazer de fora. Lá na Vila Rosa, tem um restaurante agora, o do Regis, muito legal, vale a pena visitar. O cara que é da Praia Grande, morava fora, tinha 2, 3 restaurantes bem conhecidos, colocou um restaurante lá na Vila Rosa, um cara que tem restaurante na BR, tem restaurante em cidade famosa, foi colocar restaurante na Vila Rosa. Tá um momento bem interessante pra reflexão, se agora correrem atrás e darem um jeito de fazerem a coisa certa pode ser que não tenhamos prejuízo lá na frente em termos de enraizamento e pertencimento. A Secretaria de Turismo contratou um cara que é o Leando Basotti, um é turismólogo, que tá fazendo frente ai a um trabalho bem interessante já em poucos meses, isto é muito bom. Eles precisam conseguir fazer um plano de gestão bem legal valorizando o povo local, as raízes, as tradições, vai ser bem importante. Na questão lixo, é algo bem interessante, um dos defeitos da gestão passada, até falei pro próprio Henrique, - Cara, tu deixou de lado o lixo e uma cidade quando ela cresce, ela precisa ter o recolhimento dos resíduos sólidos e o tratamento dos resíduos sólidos tem que ser perfeito, o centro de triagem tem que ser mais limpo que a sala de tua casa. Tem que trabalhar a questão orgânica das pousadas, das casas, tem que ser trabalhada a separação do lixo. Como eles tavam fazendo, vinha um caminhão de fora pegava tudo e levava embora, tudo amassado, prensado. Agora até que tão querendo fazer uma triagem novamente, mas tá longe de trabalhar os resíduos sólidos de maneira eficaz. Nossa lixeiras na cidade são ridículas, feia demais, de vez enquanto tem lixo pra tudo que lado, isto é feio. É preciso cuidar, porque se o turismo não tiver controle pode ser muito negativo. Então nós temos neste momento que estar questionando este enraizamento local, de valorização do local, desta raiz, estar questionando este pertencimento, e ao mesmo tempo haver uma preocupação destes órgãos de entender melhor estas questões. Esta ideia do capitalismo, do ganhar por ganhar o dinheiro faz com que o próprio local não se importe com o próprio município e ajude a destruí-lo digamos assim, imagina que tem cara colocando pousada uma cima da outra, de qualquer forma, assim sem pensar, eles pensam que o turismo é só o turista vir aqui ai dorme e vai embora, não é isso. Aqui tá faltando muita mão-de-obra, vem muita gente de fora trabalhar, ter uma

oportunidade de trabalho, assim a cidade pode se criar desordenadamente. Uma cidade que urbanamente tá crescendo bastante, tem alguns loteamentos que tão trancados pela justiça. No interior também tá vindo muita gente rica de fora, muita, é uma especulação. Eu mesmo, tenho uma operadora de turismo que é a Turismo Serra Geral, também trabalho com pousada, sou professor, sou guia, sou metido nestas coisas e ainda tento pesquisar. A gente vê essa discrepância de informação das pessoas. Recebo assim, quase toda semana -Tarcísio tem uma terra pra vender aí? Quero me instalar em Praia Grande. Estes dias tinha um cara querendo comprar, disse que tinha 800 mil pra compra uns terrenos, tá assim, todo mundo querendo comprar, principalmente a galera de fora que tem grana. O cara do interior ainda vende a preço de banana, embora alguns já tão mais espertos, tão aumento o valor, mas acho que em curtíssimo tempo não vai ter terras nos locais do interior. Minha família ali, a gente tem distribuído entre irmãos, meus tios, uns 10 hectares, estes não vende mais. Meu tio tinha vendido 2 hectares e por sorte conseguiu comprar de novo 20 anos depois, num negócio que ele fez. Quem vendeu agora, não sei se não vai se arrepender mais tarde, porque o dinheiro se some. O cara tá vendendo 2 hectares por 300 mil reais, nossa, 300 mil reais, 2 hectares, até pouco tempo valia 50 mil reais, supervalorizou. O cara que tem grana, mas o dinheiro se desvaloriza rapidamente, então a gente tá tendo problema de muita gente de fora comprando para investir aqui, ao mesmo tempo, que eles investem, e tipo meio que se tornam quase um coronel, principalmente o pessoal do turismo. Vem os caras de fora, - Vou compra 4 hectares, tenho 2 milhões, vou botar 3 pousadas, ali já cria uma raiz, um negócio, um capitalismo, um lado comercial, que faz as coisas começaram a partir dele. Toda esta história que te contei, lá de 97, 96 quando a gente pegava o ônibus e ia pra Criciúma levar os panfletos pra divulga a cidade, ia lá nos colégios de Criciúma, mandava por correio, toda esta luta de trazer cursos pra desenvolver o município, é muito engraçado. Conheço quase todo mundo, de vez em quando vou num lugar, vou noutro, que abre assim pra mim conhecer. Vejo este discurso, como se começasse toda essa luta com o turismo a partir deles. Ai o enraizamento que é o tema da tua pesquisa fica complicado, quando tem estes tipos de sujeitos, empresários muito do lado comercial, tem mais ou menos uns 8 que eu percebi isto. Tem um cara da cavalgada aqui que eu conversei com ele, tá cobrando o mundo aqui, já tá se achando o dono da cidade, e o cara tá a 1 ano e meio aqui.

Conversando com ele, parece que tudo começou agora. Em 2000, eu mais a nossa equipe da APCE, fazia cavalgada. O Tio Zézé que faleceu semana passada, um dos últimos tropeiros daqui, ele deixava 10 cavalos encilhados, nós chegava e já saia com os turistas. Trabalhamos uns 5 anos com o Tio Zézé, era o filho do tio Zézé que encilhava pra nós. Ele agora tá com estas cavalgadas forte, e acha que começou a cavalgada agora, é engraçado, o cara parece que não sabe que tem o troperismo a muito tempo. Então uma das preocupações, talvez sirva para este ponto da tua pesquisa, é este pessoal que vem de fora, mas não sabe o processo anterior, forma uma equipe de trabalho, mas não sabe da história. Pra chega onde ele chegou e ele ter condições de investir, as pessoas ficaram trabalhando 25 anos pra ele chega ali pega o negócio pronto e a divulgação pronta.

**Entrevistador: Falta na verdade a identidade de lugar, as pessoas não tem esta Identidade?**

**Entrevistado:** A escola onde trabalho, sou professor no Bulcão Viana, no ano que vem começa o Novo Ensino Médio, uma mudança bem diferente, e escola tá pra investir bastante no turismo sustentável, trabalhar bastante a educação ambiental, fazer um projeto bem bacana neste sentido. Se a prefeitura também ousar fazer um projeto de gestão de turismo pensando a curto, médio e longo prazo bem focado também, vai ser importante, e acho que eles vão ter que fazer isto. Porque o título do Geoparque tanto pode conseguir, quanto pode-se perder. É não fácil conseguir, mais é fácil pra perder, é só te denúncias, é só ter problemas. Outra coisa, outro problema, é bem facultativo, é a questão do meio ambiente, quando vem muito investimento, num município pequeno como o nosso, 50% tá na unidade de conservação, tem aquela faixa muita próxima de rios, que vai na direção na Pedra Branca, pega aquelas comunidades todas: Pintada, Rio do Boi, Passo Fundo, Mãe dos Homens, Aparecida, comunidades mais do interior, banda norte: Fortaleza, Vista Alegre, Corujão, mais pra baixo: Vila Rosa e Alvorada, são tudo próximas a rios, e quanto mais gente, mais problemas com rios. Todo mundo quer tá ligado ao o rio e o rio serve pra poluir. A galera não quer saber de mata ciliar. Este homem local, ou que vem de fora, que não respeitar esta parte ambiental, também tá prejudicando o município. De vez em quando, a gente vê máquinas pesadas passando pro interior, rasgando, porque não fiscalizam de maneira forte, na verdade fiscalização no Brasil é raro, em qualquer nível, tem muita máquina pesada rasgando mata de tudo quanto é jeito, e transformando muita coisa, isto é uma problemática também. O local tá dentro de

estudo, a pessoa que tá aqui, que nasceu aqui, que viveu aqui, tá aqui a bastante tempo que conhece este passado turístico, ele não tá sendo muito assistido. Até 10, 15 anos atrás você vinha na cidade e conhecia todo mundo e agora não conhece mais. O balonismo, o turismo de aventura tá muito forte. O balonismo é um tipo de turismo de aventura, de alto nível em termo financeiro, é muito comercial, é muita grana envolvida, eles não querem saber de quase nada somente, grana, grana, grana eles não tem um projeto social, eles mostram aquele instagram, aquele site, aqueles vídeos, aquelas fotos, mas não se vê um trabalho ambiental, não se preocupam em trazer um curso para sociedade, não se vê isto, tão ali pra grana, todo mundo que grana, grana, grana... Foi construída uma empresa de reparo de balão e construção de balão aqui na Praia Grande, agora imagina esta loucura. O quadriciclo pra baixo e pra cima também é um trabalho caro, quem tem estas oportunidades são só os grandes empresários. O local não consegue se achar, tá bem perdido, o local hoje tá mais tonto que barata, tá pra lá e pra cá.

**Entrevistador: Você falou que é neto de tropeiro?**

**Entrevistado:** Sim sou. Realmente o troperismo no Brasil é muito simbólico, de ponta a ponta aqui na serra geral, até o Paraná, esse troperismo semelhante ao nosso aqui, mar/serra é muito simbólico. O troperismo aquele do século XVII, XVIII, XIX, ali de Viamão a São Paulo, de Santa Maria, Bagé, da Região das Missões, lá pra Minas, troperismo do gado, troperismo do comércio forte que ajudou a desenvolver o Brasil, o auge parece que foi século XVIII. Depois com toda imigração que teve no Brasil, meados século XIX, até início do século XX, vem trazer esta força do troperismo através da implantação das cidades de principalmente do nordeste Rio Grande do Sul, cidades como Caxias do Sul. Praia Grande tem muito a ver com isto, Santa Catarina, principalmente nós do Extremo Sul, temos muito a ver também com a parte de lá de cima. Assim como São João do Sul ou Araranguá tem muito a haver com Florianópolis, Laguna, nós também temos a ver com as cidades catarinenses, mas a percepção aqui é com Rio Grande do Sul, tanto é que a cidade de Praia Grande até 1940, não sabia, os moradores daqui, não sabia se Praia Grande pertencia a Santa Catarina ou Rio Grande do Sul. Isto eu coloquei na minha dissertação, e tem este documento na Secretaria da Fazenda aqui do Estado de Santa Catarina, falando sobre isto, que são terras devolutas. Santa Catarina tinha 3, 4 terras devolutas, ou seja, terra de extrema com Rio Grande do Sul ou com Paraná, que não se sabia, tava pra ser decidida, a qual estado pertenceria. Para quem morava aqui, a maioria dos Praiagrandes na

época, 1940, 1935, achava que estava no Rio Grande do Sul, a gente tem um laço muito forte com Rio Grande do Sul. E os gaúchos que passavam por aqui, iam pra Torres, Morrinhos, Pirataba, também achavam que estavam em Rio Grande do Sul, só saiam do Rio Grande do Sul quando iam pra Santa Rosa, Sombrio. Este trecho de terra devoluta pega boa parte do município de São João do Sul também. Tenho até um livro aqui casa que fala sobre estas terras. Nesta época que o tropeirismo foi muito forte, falando de Praia Grande, nós temos aqui várias serrinhas de poteiros, serra do gado, onde o pessoal desciam e subiam, por exemplo, lá no remanescente quilombola São Roque, tem uma lá forte pra caramba, uma trilha dos tropeiros, trilha de gado que vai pra Aratinga, que vai pra São Francisco de Paula, tenho uma lá que é carreiro fundo, carreiro de 5 metros de profundidade, só que ela é uma das mais difíceis pra chegar, mais quem queria ir pra São Francisco, Aratinga tinha que margear o Rio Mampituba, naqueles carreiros intermináveis, subia aquela serra toda, era a maior dificuldade. Ali na comunidade da Mãe dos homens, tem a Serra do Cavalinho, que é muito legal também, ficou muito famosa, assim na época. Dizem até que tem uns relatos históricos, que Anita Garibaldi e Giuseppe Garibaldi, na retira de Laguna, não podendo atravessar o rio Mampituba, lá em Torres, margearam o Mampituba e subiram pela Serra do Cavalinho para ir pra Caxias do Sul e ir embora, para depois desce pro sul do Rio Grande do Sul. Aqui na Praia Grande ainda tem a Serra do Platô da Vaca Morta que eles chamam, que é aqui na comunidade de Fortaleza, só que eles chamam de Serra Trilha dos Porcos, porque os tropeiros não desciam porque era muito perigoso, só desciam um pouco de gado, descia porcos, era perfeita pra descer porcos. Aqui no município, na comunidade do Rio do Boi, também tem a Serrinha dos Burros, ali no Rio do Boi nos dois lados tinha muitos engenhos de açúcar, produziam muito melado, muita cachaça, muita coisa levavam pra serra através da trilha dos burros, é uma trilha bem forte, é um zigzague enorme, quase uma Serra do Rio do Rastro da época. Vamos ter uma serra perfeita, a Serrinha dos tropeiros, ou Serrinha da Vila Rosa, Serra do Gado, Serra das tropas, os relatos que se ouviu é que ela é perfeita, ela é reta, basicamente reta, ela vai, desde a base do antigo Molha Coco, onde é a pracinha, ela vai numa reta subindo lentamente, vai indo, vai indo, até o topo, lá no topo tem só umas curvinhas lá e já chega na serra, e no meio do caminho ainda tem um descampado, tipo um platô, onde o gado descansava, onde a tropa descansava, a galera podia apertar os arreios, cuida da tropa, ver como é que tava. Então é uma serra com uma subida suave, contínua, propícia. Ela ficou muito famosa,

que hoje basicamente, é a Serra do Faxinal, a parte da Morada dos Canyons pra cima, é a Serra do Faxinal. Mas antes ela descia na direção da Vila Rosa suavemente, então o pessoal gostava muito disto. Vila Rosa tem uns 2 trabalhos científicos bem interessante, de duas moças elas publicaram umas obras de TCC, em oitenta e poucos, onde constata a Vila Rosa como um porto seco, o pessoal gostava muito. Na década 20, 30, 40 Vila Rosa tinha mais de 16 comércios fortes sabe, onde a galera vinha de São João do Sul, Sombrio, Santa Rosa com carretas de bois, trazendo polvilho, trazendo farinha, nestes armazéns aqui, era quase que uma cooperativa que o pessoal tinha na década de 20 e eles armazenavam estes produtos ali. Também estes comerciantes da época, meu avô fazia parte, meu tio avô, também eram sócios destes outros, eles acabaram meio que enriquecendo na época, criando um status, porque eles foram muito espertos, compraram bastante terras, era tudo mata, eles desmataram, criaram poteiros enormes, onde os tropeiros da serra desciam com o gado, tinha onde deixar o gado ali, uma noite ou duas, tinha galpões para descansar, tinha abrigo. Então eles construíram na década de 20, 30, 40 uma harmonia comercial, de troca de mercadorias, de escambo, muita rica. Tanto é, que chegaram a ter até galpões de 20 m, cheio de caixas enormes pra guardar mercadoria, balanças, material sofisticado em termos de livros de contas, cheguei até a ver estes livros antigamente, hoje meio que se perderam. Então, o troperismo foi forte antes de formar o município, e meu avô por exemplo, tava nesta tocada, já com base no que tava acontecendo. Ele ia até Caxias do Sul, levava 8, 10 dias pra ir e voltar, subia a Serra do Gado aqui, a Serra das Tropas, conheci desde pequeno como serrinha, e tem trecho desta serrinha que está preservada, um trecho de 2 km, mais ou menos, que vai de 150 m a 350 m, que é original, daí pra cima tá perdida na mata fechada, e daí pra baixo de 150 m passa por trás da pousada Flor de Lotus, a qual não tem mais passagem também, mas tem um trecho que tá valorizado, porque até uma tropeiro seu Odiles, morou ali neste 1350 m a nível do mar, ele utilizou durante muito tempo esta serrinha, então acabou preservando, um dos últimos tropeiros dali. Então meu avô subia, pra serra, por que ali no Itambezinho também não era parque. Meus tios tinham terra ali também, a galera tinha terra ao redor do Itambezinho. No Itambezinho também tinha serrarias, curtume, era uma vila né, chamada de vila Itaimbé e tinha várias comunidades fortes ali em Cambará do Sul, quer dizer, não precisava ir até Caxias do sul pra vender, no próprio município de Cambará do Sul se vendia. Aonde tinha fazenda, tinha uma vilazinha, com muitas casas e era certa a venda, onde tinha serrarias também tinha

uma vila e também eram certas as vendas. Então os tropeiros aqui de baixo se esbaldavam, vendiam os produtos pra cima e a galera descia pra comprar aqui também, então era um momento de farturas, tanto pelo escambio, quanto pela venda mesmo ainda nos tempos dos réis lá. Tu sabes que Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná também bateu recordes de vendas do pinheiro brasileiro, principalmente depois da primeira guerra mundial, isso foi ficando muito forte pra a reconstrução da Europa e foi muito desmatamento de pinheiro, foi cruel. Foi muito pinheiro desmatado nas serras, então tinha muitas serrarias e os tropeiros levavam mercadoria para essa galera toda. Até porque nessa época e até bem pouco tempo, essa questão ambiental de derrubar madeira se achava que iria durar pra sempre. Foi pela década de 90 que foi amenizando um pouco, né, mas na década de 80 até os próprios bancos financiavam a derrubada. Bom mas nessa época dos tropeiros ali, tem muita cultura envolvida, e ainda tem muita coisa a ser estudada, essa simbologia envolvida com o turismo ainda é uma fonte de muitos estudos, há muita coisa a ser revelada, a ser descoberta e esse é o lado bom do turismo atual, e o lado bom do geoparque, é o lado bom do fortalecimento do turismo sustentável, é o lado bom da valorização do local. Porque essa força tropeirística que existiu aqui vai ser estudada por muito tempo. Então a Vila Rosa teve esse momento antigo, onde ela era o molha coco, e o tropeirismo ele trouxe muito desenvolvimento, trouxe muita cultura gaúcha pra cá, quanto levou a cultura catarinense pra serra, e ele exigiu muita mão de obra, porque pra lidar com as tropas tinha o cara do curtume, tem o cara das construções dos cestos, das encilhas, de tudo que compõe uma tropa ali, todos os artigos, todos os instrumentos, toda a mão de obra qualificada. Algo interessante é que o dono da tropa ia junto, ele ia num cavalo bom na frente, pelo menos meu avô funcionava assim, ia mais ou menos umas dez mulas, mais uns dois cavalos ali, e uns dois ou três peões a pé acompanhando, e assim eles iam até chegar no destino. Mais ou menos funcionava assim a ida e a vinda, a tropa em si não era uma coisa muito fácil porque o cavalo poderia se machucar, a mão de obra tinha que ser ali a que entendia de ferrar os cavalos, de cuidar das mulas, de tratar do animal, também tinha a questão do tempo se era inverno ou se era verão, o horário, a questão das chuvas, a questão de pousar na serra com frio e com chuva, esperar o momento certo de descer, se estava enxuto pra descer, se estava enxuto pra subir, como é que estava o nível do rio, se o animal era arisco ou manso, como cuidar e proceder com um animal doente. Também tinha o fato das tropas que precisavam passar uma pela outra, onde tinha um cara

que ia lá na frente gritar para a outra tropa esperar, tinham os ladrões de cargas, então não era somente pegar e levar uma tropa de gado numa fazenda em Cambará, tinha todo um desafio, era uma odisseia, cada vez que saia uma tropa com dez mulas, três cavalos e mais quatro ou cinco homens pra levar as mercadorias era uma missão, um desafio. E nesta perspectiva que eu também olho o tropeirismo, eu olha para essa narrativa épica né, para essa narrativa heroica, nesse movimento econômico como um ato de bravura, tinha que ser homem forte, tinha que ser corajoso, enfrentar os ladrões. O pessoal conta muito que tinha muitos ladrões no campo, era os caras boca brava sabe, que roubavam as tropas, matavam as pessoas, tinham bandidões onde você tinha que passar a noite com um olho fechado e outro aberto, era até parecido com o velho oeste, quando a gente ve aqueles filmes né, então não é uma historinha bonitinha, não, o tropeirismo eu vejo como um ato de bravura. É bem justa a homenagem que fizeram na rótula, na entrada da estrada que vai para Vila Rosa, na rota dos tropeiros, aquele monumento que tem ali, porque o psicológico dessa galera tinha que ser um psicológico bem forte para suportar tudo o que eles passavam. Eles fizeram história e é merecida essa história.

**Entrevistador: Muito obrigado, vamos finalizar por aqui e eu gostaria de lhe agradecer pela sua atenção, dedicação e interesse em estar colaborando com a minha pesquisa.**

**APÊNDICE J – Entrevista Narrativa – E10 (via Google Meet)**

A Senhora R. C. C. possui 43 anos, é Guia de Turismo (CADASTUR há 18 anos), Técnica em Turismo e Graduada em História, divorciada, mora no município de Praia Grande/SC há 34 anos, no centro da cidade.

**Entrevistador:** Me chamo Maicol de Oliveira Brognoli, sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Gostaria, por gentileza, que você me contasse sobre sua vida aqui em Praia Grande, sua história, como você vê a cidade e município, como vê o turismo e o lugar mais significativo para você.

**Entrevistada:** Meu nome é R. C. C., tenho 43 anos, sou guia de turismo CADASTUR há 18 anos, guia regional, né, atuo na região dos parques Aparados da Serra e Serra Geral há 18 anos, me afastei um pouco para estudar e depois retornei novamente. É, sou técnica em turismo, e formada em História. Tenho especialização em história e cultura afro-brasileira e estou terminando a especialização técnica em atrativos culturais e naturais. Estou a esse tempo todo, quase há vinte anos trabalhando com pesquisa de relevância histórica na região.

**Entrevistador:** Para você, qual a relação do povo praiagrandense com o turismo?

**Entrevistada:** Pra mim, é, já somos privilegiados porque estamos entorno dos *canyons*, né, isso antes da criação dos parques nacionais, né, mas eu vou falar brevemente o histórico do parque. O parque nacional preocupado, né, ou melhor, o Rio Grande do Sul preocupado com a situação da preservação dos campos de cima da serra, em 1957 cria o parque estadual, mas tem um porém, a principal atração que era o *canyon* do itaimbezinho não pertencia ao parque. Era só até a borda do *canyon*. Daí em 1959, embasados naquela teoria da criação dos parques nacionais, o parque nacional de *Yellowstone*, e a criação dos parques e a preservação ambiental, começam a despertar no Brasil e em 1959 é criado então o parque nacional de Aparados da Serra. Mas, o *canyon*, se não me engano, ele não pertencia a área do parque. Daí depois vai ser alterado a área do parque que passa então a englobar as terras catarinenses, isso em 1992. Daí vai ter um detalhe, que a área do parque não envolvia as nascentes dos outros *canyons*, era só o *canyon* do itaimbezinho e a parede esquerda do faxinalzinho. Aí tinha o arroio camisas e terras de São Francisco

de Paula, mais afastadas. Daí na época da Eco-92, eles decidem, opa, vamos mudar um pouco proteger as nascentes destes outros *canyons*, o malacara, o fortaleza, o josafaz, o Faxinalzinho, e assim alterar a área do parque, mas ia ser burocrático demais, então seria mais fácil criar outro parque nacional. A ideia principal era o parque nacional Aparados da Serra englobar as terras até São Joaquim, mas era burocrático demais, então criam um outro parque. E, a, tinha o problema como iam englobar o Serra Geral, porque é tudo região dos Aparados, né, então eles criam o parque nacional da serra geral e tem o parque nacional de São Joaquim. São dois parques mas é a mesma área, a continuação. Aí passa a englobar a parte direita do Faxinalzinho e os outros *canyons* que a gente conhece hoje, né. Então, em 1998 antes ali na área do itaimbezinho era permitido acampar, tinha um hotel no local que fica a sede hoje do ICMBio, né, quando eu era criança já era um hotel abandonado, tinha muita história de escoteiro que vinha se aventurar para atravessar o *canyon*, aí não conhecia e ficava ilhado, porque vinham no verão que tem as famosas trombas d'água e a região sempre foi um atrativo pra isso. Daí em 1998, com aquela reforma da questão dos parques que desperta o sentimento do ecoturismo, o parque ficou fechado de 1995 até 98, aí o Ibama na época faz o treinamento de alguns condutores locais e abre com essa infraestrutura que a gente conhece hoje. Com centro de visitantes, também tinha uma casinha que tinha uma escala com condutores, eles incentivam os municípios entornos, Cambará do Sul, Praia Grande, Jacinto Machado, a aperfeiçoar as pessoas pra trabalhar e atender esses turistas, levar essas pessoas para conhecer interior de *canyon*, fazem os cursos de formação de condutores, vínculos com a universidade URGs, muito Rio Grande do Sul, o projeto curicaca que era um projeto muito bacana que tinha, acho que de Porto Alegre e São Francisco de Paula, um projeto que trabalhava a valorização, o sentimento de identidade, os princípios da sustentabilidade do ecoturismo. Daí a partir disso, pra fazer a trilha mais longa do cotovelo, que entrava até as três horas pagava-se três reais por pessoa. O condutor ia com no máximo dez pessoas, e fazia a trilha. Aí tinha uma escala que era dividida entre Cambará do Sul e Praia grande, e esse dinheirinho ficava ali para os condutores locais. Ali também saia trilhas para o malacara superior na época, até 2004 por aí era permitido fazer o malacara superior, saia também as trilhas para o Rio do Boi que aí tinha que ter os credenciamentos, tinha que fazer estágios, número x de horas, tinha os relatórios de trilha, a gente tinha que acompanhar os condutores de Cambará do Sul e os condutores da Praia Grande, Jacinto Machado acho que já ficava

um pouco mais afastado, não tinha tanto isso, quando eles vinham para cá eles tinham que contratar alguém de Cambará ou da Praia Grande. Aí foi onde começou o despertar para o ecoturismo, depois disso tiveram diversas mudanças, foi mudando ali os diretores do Ibama, mudou para ICMBio, Chico Mendes, aquela questão política toda ali dentro e vai sendo feito algumas alterações. Nesse meio tempo alguns foram se aperfeiçoar, no caso eu trabalhando de condutora local fiquei seis meses e aproveitei que abriu o curso de técnico em turismo com uma cadeira para guia de turismo regional na região, na época foi em 2000, mas tivemos greve e o curso terminou em 2003. Então veio essa turma, eu sou da primeira turma de guias e na região aqui tínhamos três pessoas que atuavam na condução, hoje só estou eu dessa primeira turma, os outros seguiram outras carreiras e depois também saiu uma outra turma, mas acho que só duas pessoas atuam, não sei como está esta questão do credenciamento, porque é muita gente fez no começo, mas para gente renovar essa carteirinha a gente tinha que pagar aí a Embratur quebrou e tiveram algumas mudanças.

**Entrevistador: Você acha que os praiagrandenses estão preparados para as mudanças que vem ocorrendo com o turismo envolvendo a cidade e o município?**

**Entrevistada:** Sinceramente, não! A maior parte não entende que o turismo que a gente tem aqui não é um turismo de massa, aquele que vem com os ônibus, desce todo mundo e percorrem por todo o lugar, o nosso público é para o ecoturismo, tem tudo para trabalhar essa questão do desenvolvimento sustentável com as comunidades tradicionais, as comunidades entorno, né, gerar aquela renda, trabalhar com essa população, treinar esse pessoal, e esse pessoal também tem que estar aberto para conhecer o novo, não é aquele ah sei tudo já! É preciso uma troca de experiência pra trabalhar com isso. Praia grande tem muito potencial, mas é diferente do turismo de Gramado e Canela, Ah mais estão ganhando muito dinheiro, mas gente é uma outra estrutura, então vá até Gramado e Canela conheça as coisas boas de lá e tente trazer para cá, aplica aqui por que também tem coisas boas lá, e é bom essa troca de experiência. A gente aqui ainda tem muita carência por exemplo na questão ética, vamos começar pelos condutores. Como é bonito se organizar para receber, onde em qualquer lugar que a pessoa for o passeio vai ser aquele valor, assim incentivar o condutor para se aperfeiçoar, estar sempre estudando, e prestar um bom atendimento. Porém, a questão é que tem aqueles que dizem eu faço mais barato que

fulano, essa pirataria, isso tudo influencia ali no meio. A hospedagem agora com essa coisa do Airbnb, tá dando dinheiro só vamos por pessoas, mas não é só ter uma casa ali, não deve ser qualquer casa, a coisa tem que ser adequada, ser uma estrutura boa, não pode ser qualquer roupa de cama por exemplo, tem que ser um lugar limpinho, mais bonitinho, porque a gente recebe todos os tipos de públicos e é preciso ter essa noção. Nós somos muito carentes ainda na questão de alimentação, e uma coisa que pega muito é: Qual é o nosso prato típico? Eu digo por mim, na época que eu fazia minhas cavalgadas, que o diferencial aqui é o que, a rosca de polvilho, mas eu não posso servir só a rosca de polvilho. Sabe, não tem assim um culinária, ah um almoço tradicional daqui, não, a gente tem o churrasco! Mas tem lugar para comer um bom churrasco quando vem gente de fora? Ou assim, o fulano não tem condições para oferecer café colonial, café rural, e pode ter um restaurante, mas seria interessante que ele comprasse da dona fulaninha coisas da colônia, a geleia da dona francisquinha, o queijo da dona maria, a bolacha, pega o leite do seu fulano, trabalha com a comunidade entorno onde todo mundo vai ganhar. Uns fazem lembrancinhas, outros trabalhos manuais e todos saem beneficiados.

**Entrevistador: Então você acha que Praia grande deveria se organizar melhor para essas demandas?**

**Entrevistada:** Sim, algo que eu notei essa semana preparando o meu trabalho de finalização da especialização é sobre a questão da acessibilidade. Nenhum passeio aqui oferece acessibilidade, por exemplo um cadeirante fica difícil para chegar até a beira do rio, né, que tem o balneário, o recanto, a gente sabe que tem os problemas das enchentes que carregam tudo, mas seria ideal pensar em uma forma, um caminho suspendo de acesso seguro. Também as pessoas que tem deficiência visual necessitam de uma conduta mais humana e sensível do guia ou condutor por exemplo em uma caminhada pela beira do rio, nas caminhadas na mata podemos pensar no jardim das sensações, eu até sugeri isso em uma atividade lá na Pedra Branca pra trabalhar toda essa questão, mas aqui em toda nossa área você pode trabalhar o jardim das sensações, você consegue trabalhar a questão da formação geológica com os diversos tipos de rocha que se tem, você pode pegar um pedaço ali do arenito, aí você vai explicar a questão da separação dos continentes, isso também vai muito da sensibilidade de quem está conduzindo o grupo, né. As plantas você precisa ter pelo menos um conhecimento básico e vai descrever todas aquelas imagens para essas pessoas. Outra coisa que é muito carente é a questão voltada para os deficientes

auditivos, não existem pessoas totalmente preparadas para auxiliá-las. Então, é preciso pensar em acessibilidade, e nestas pessoas com deficiências porque todos necessitam ter direitos e tudo isso contempla aquela questão ali do geoparque, entra tudo isso que é acessibilidade para todos. Porque todos tem direito de conhecer, de passear, de ir numa trilha no interior do *canyon*, o governo federal doou este ano para os parques nacionais aquelas cadeiras para deficientes, mas eu não sei se temos aqui, teria que ter lá em cima no parque, aqui em baixo no malacara, no fortaleza, no rio do boi e até na pedra branca, porque a pessoa não precisa ir até lá no interior do *canyon*, pode ir ali num trecho do rio e a pessoa está por exemplo na trilha do rio do boi, isso trabalha a questão da acessibilidade, temos também as trilhas alternativas que facilitam. Temos também a questão das escalas, tem segundas-feiras que tem restaurantes que não abrem aqui, mas eles avisam e o outro abre, porém vai chegar num ponto que não vai mais poder fechar por causa desse boom que está tendo de turistas, vai ter que ser aberto todos os dias.

**Entrevistador: O que você conhece sobre os povos tradicionais envolvidos com a região de Praia Grande?**

**Entrevistada:** Sobre as populações indígenas é difícil a gente falar porque a gente não tem mais nenhum sobrevivente, né, as vezes a gente encontra algum descendente que fala que sua avó foi pega a cachorro, aí são os termos que você começa a achar na bibliografia pesquisando que tem alguma coisa. Daí recentemente foi encontrado no interior do *canyon* malacara o que se acredita ser um grafismo rupestre, em uma das rochas que representa o encontro dos índios Kaingang, que moravam lá no planalto, com os Xokleng que habitavam aqui a encosta da serra, porque eles circulavam para lá e para cá, na época do pinhão e da caça ali, tem os buracos dos bugres, até tem próximo ali do itaimbezinho, e aqui em baixo os outros que tinham as furnas que são as paleotocas que as populações pré-coloniais elas habitavam e se abrigavam ali. Então a gente tem esses resquícios, estas populações, esse grafismo no malacara, que a gente não sabe a fundo o que aquilo representa, são figuras geométricas que é identificado na cascata do avental em Urubici, que talvez pode ser a mesma população, e os Kaingang faziam um desenho semelhante a esses na pele, nos rituais deles. É uma riqueza cultural o que a gente tem aqui, também em São João do Sul se acham os indícios dos índios guarani, foram encontradas urnas funerárias próximo do Piritú. Nestas encostas também as pessoas, principalmente as crianças em um trabalho de educação patrimonial na comunidade

de Cachoeira dizem: Ah lá em casa meu pai achou essa ponta de flecha! E é legal ver o sentimento deles, a identidade o ideia de preservação que eles tem é diferente das crianças da praça, isso me chamou muito a atenção, a valorização daquilo ali, do diferente, porque eles dizem: eu guardei aquilo ali porque meu pai achou, meu vô achou, de vez em quando meu pai está arando a terra e acha alguma coisa. Já das populações negras o que se percebia é que no começo até 1988, eu vim morar pra cá eu tinha nove anos, e as populações negras a gente não encontrava aqui no centro da cidade, era só lá na encosta da serra. E no começo a gente não sabia que era comunidade quilombola, os descendentes dos escravos, né, aí depois foram surgindo pesquisas e os pesquisadores foram mostrando tudo, e a gente conheceu um pouquinho mais da história, tem documentação do Incra, tudo, se não me engano se tem documentos desde 1924 ou 28 que consta a presença de escravos ali. Daí o interessante é que no local onde esses descendentes moram, eram os locais dos antigos proprietários dos escravos, porque lá em cima eram as estâncias e aqui em baixo as roças, por isso roça da estância, os escravos cuidavam do gado lá e na época da plantação, do milho, da cana de açúcar porque se tinha uns poucos engenhos de açúcar e alambiques, poucos né, não como na situação de São Paulo, na Bahia, Rio de Janeiro, a gente tinha aqui mas eram menores, as nossas escravarias eram bem menores. Daí lá em cima nessa época alguns vinham pra cá, cuidavam das roças e depois levavam os alimentos lá pra cima. Um detalhe interessante é que eles utilizavam os caminhos dos índios, esses escravos circulavam pelos caminhos dos índios, e depois os tropeiros utilizaram esses caminhos também. E esses escravos, muitas vezes, eles eram maltratados lá em cima, então eles tinham uma noção de geografia muito boa, porque os donos pediam para eles lá em cima construir as taipas pra não pensar em fugir, para se ocupar, e tinha sempre um capitão do mato ali cuidando, só que quando eles sofriam muitos maus tratos, muitas vezes eles fugiam por trás da pedra branca mesmo, que se dá esse nome, e se estabeleciam ali em baixo, se escondiam naquelas grotas. Daí e como se hoje, se você se perder por ali é difícil, se você não conhece é difícil sair, e assim eles começaram a formar suas famílias e se estabelecer ali. Aí a gente também teve o problema da Revolução Federalista que muita gente fugiu e se escondeu ali pra não ir pra batalha, na Revolução Farroupilha também foi cruzado por aqui para pegar os atalhos, na Revolução de 1930 também, na Revolução da Degola também teve os episódios aqui muito forte, a gente tem muitos acontecimentos da história do Brasil. E até a questão

do caminho das tropas, em 1728 quando o rei autoriza a abertura do caminho, que é o dos conventos, o primeiro caminho era o da praia, aí eles aperfeiçoam porque tem os problemas dos rios, e eles abrem esse caminho em 1730 e ele é inaugurado nos conventos, e aí o que que acontece muita gente passava por aqui para cortar caminho para não pagar imposto, por que tinha o imposto de fiscalização ali em Torres que era na Itapeva, e em Araranguá o fiscal ficava circulando com mula ou cavalo, mas mais certo era com mula por causa do casco em função do nosso solo, é tanto que a Independência foi proclamada em cima de uma mula, isso tudo porque nossos terrenos aqui eram mais pedregosos e o casco do cavalo é mais sensível e o da mula é mais resistente, e também a mula suporta mais peso. Eu estava vendo que existiam documentos que por volta ali de 1804, em pesquisas que foram oferecidas para o Dom João, onde o Domingos José Marques de Fernandes entregou uma pesquisa pro Dom João falando a respeito da fertilidade das terras do rio mampituba. Então naquela época, e isso tudo tem no instituto histórico e geográfico do Rio Grande do Sul, eles já sabiam das terras e sua fertilidade no rio mambituba que provável mente era por aqui, não menciona se era do lado de cá (Santa Catarina) ou do lado de lá (Rio Grande do Sul), mas já tinham conhecimento disso. Isso é pra ter uma noção de como agente está envolvido na história do Brasil, não é a cidadezinha lá e também não é a cidade das duas mentiras.

**Entrevistador: Por que não é a cidade das duas mentiras?**

**Entrevistada:** Bom a praia não é só a de mar tem a praia de rio, né, o nome Praia Grande acredita-se que tenha recebido esse nome devido ao fenômeno das grandes enchentes, que a gente está na região ali que pega dos canyons e os seixos rolados são blocos de basalto do paredão que soltam e com a força das águas vem girando, girando, girando, e aqui embaixo chegam redondinhas, esculpidas ali pela água. Então devido ao fenômeno dessas grandes enchentes formava-se aqui enormes despraiados de seixos rolados, a enorme praia que os tropeiros avistavam quando desciam ou subiam a serra. Podemos falar de alguns trechos da serrinha da Vila Rosa viraram a Serra do Faxinal, que eles vinha lá de Cambará do sul, chegavam em algum trecho, desciam para molha coco, atualmente conhecida como Vila Rosa, ou seguia para a serrinha do Rio do Boi que pega ali no fim do canyon do itaimbezinho, perto do ICMS que pegando ali a direita tem-se a serrinha do rio do Boi. Aí você desce vai sair lá na casinha do seu Alziro no Rio do Boi, atravessa o rio e pega um trecho da trilha que a gente acompanha levando os turistas, ela não é dentro do canyon, mas ela

margeia muitos pontos do canyon ali. E sai aqui embaixo, onde você pode ir para o Passo Fundo, pra Mãe dos Homens, Pedra Branca ou seguia pra molha coco por aqui porque tinham casas de comércio ali também. Eles podiam pegar a serra do cavalinho, que foi por onde o Bento Gonçalves passou pra se livrar de uma emboscada que armaram pra ele ali perto de Osório, né, daí por aqui ele saiu lá em cima. Também tem a serrinha do Faxinalzinho, tem a serrinha da Pedra Branca e tem a serra do Josafaz, né. Então tem muitos carreiros, e tem a trilha dos porcos ali entre o churriado e o fortaleza que só descia ali com tropas de porcos mesmo, e era a pé conduzindo a tropa.

**Entrevistador: Como você vê o simbolismo do tropeiro para Praia Grande?**

**Entrevistada:** Bem os tropeiros eram na época os caminhoneiros, vou começar falando assim, quando não tinha caminhão as pessoas precisavam comer e aquela mercadoria precisava ser transportada de algum lugar pro outro. O nosso tropeirismo na Praia Grande não é o do século XVIII do auge da mineração, porque o tropeirismo teve mais de um ciclo, mais de um caminho, e as mercadorias foram outras. Teve uma época que o couro valia mais do que o boi, a gente teve o tropeirismo das mulas que não foi nosso caso, o tropeirismo de gado vacum que ia pros frigoríficos pra alimentar as pessoas, teve uma época que o sebo valia mais, teve a região das charqueadas, do charque, teve as de mercadoria de subsistência, e o nosso é o tropeirismo regional das mercadorias de subsistência, as mulas eram utilizadas para levar as mercadorias da serra e do litoral. Alguns as vezes seguiam, como se tem relatos, pra Araranguá, pra Laguna, até em Timbé do Sul teve um senhor que foi pra São Paulo levar o gado. Só pra você ter uma ideia tem mercadorias muito interessantes, a tropa de peru que ia a pé daqui até Porto Alegre, demorava sete dias bem na época de natal, é muito legal as crianças adoram as histórias de tropa de peru. Ia um na frente debulhando o milho e jogando e os perus iam seguindo, e tem um detalhe o peru ele dorme muito cedo, e quando para tem que montar o pouso ali no lugar e ficar o cusco cuidando e os que estavam conduzindo a tropa, porque o peru é danado quando começa a amanhecer o bicho sai e fica difícil de controlar. Então tinha que dormir com um olho aberto e outro fechado. Mas voltando, o tropeiro ele podia ser o dono da tropa ou aquele que conduzia, ele não transportava só mercadoria, ele transportava muitas ideias e culturas, ele também era o carteiro levando as correspondências de um lado pro outro, também as notícias porque não se tinha televisão, celular, nem rádio, então era ele que levava as notícias de um lado para o outro. E claro demorava para chegar

as notícias, bastante, e eles tiveram uma vida muito sofrida, não são só os heróis, mas foram os homens que ajudaram muito no desenvolvimento e na criação de muitas cidades. Eles passavam climas rigorosos, o frio, a chuva, muitas vezes tinham que esperar por dias o nível do rio baixar para seguir com a tropa, também tinha a geada que eles relatam que era pior do que o frio da neve. E enquanto os tropeiros estavam trabalhando, na lida levando as mercadorias para lá, ajudando as pessoas tinham as feras do caminho, tinham os assaltos, que era uma profissão na época o tropeiro sendo inspiração para muitos meninos que diziam que quando crescer queriam ser tropeiro. Eu acho que vale também o destaque das mulheres, porque enquanto eles estavam na lida, viajando para lá e pra cá, quem tocava o trabalho em casa, e nas roças e nas fazendas se fossem maiores, ou ali fazendo as negociações porque as vezes o homem ia viajar, mas passavam outras pessoas que queriam comprar alguma coisa, as mulheres tinham que conduzir esse trabalho, numa época que nós mulheres não tínhamos voz, e devíamos obediências pros homens, e eu falo isso porque a gente teve muitas tropeiras também, tivemos mulheres que também precisaram conduzir pequenos percursos, mas conduziram porque tiveram pais que só tiveram filhas mulheres e algumas nunca casaram. E as que não casaram tiveram que ajudar na lida como se fossem homens diante do trabalho masculino, só as famílias mais abastadas é que as filhas iam estudar e tinham um tratamento diferenciado. Os tropeiros mais ricos que tinham, os que conduziam as tropas, os camaradas, o cozinheiro porque em algumas tropas ia uma pessoa que ia só para fazer a comida, em outras só os camaradas, que conduziam a tropa a pé junto levando até o destino. Muitas vezes o menininho ia na frente já aprendendo o ofício do tropeiro e também porque se tivesse algum fiscal vindo a cavalo ele gritava e dava tempo dos tropeiros jogarem a mercadoria e esconder para quando eles chegassem perto não serem pegos. Daí não pagaria imposto sobre aquilo, mas tinha ai um trabalho dobrado porque eles tinham que voltar e pra recolher tudo que tinham escondido. Então com tudo isso os tropeiros foram grandes condutores de mercadorias, mais de culturas, muitas ideias e foram pessoas que ajudaram no desenvolvimento e formação das cidades. Como foi o caso da Praia Grande, que a gente consegue ver que teve a influência do tropeirismo na sua formação. As cidades originárias do tropeirismo, elas começaram com as vilas que vão se desenvolvendo entorno do pouso e das casas de comércio. Porque é diferente quando chega os italianos, a vila, tem a igreja, tem a praça central e começa a se desenvolver, não, na Praia Grande foi diferente, tanto

que, o movimento maior até 1889 o movimento maior do tropeirismo era no Passo do Sertão, atualmente conhecida como São João do Sul, e tinha o problema que era a travessia do rio mampituba e do rio canoa. Daí tinham muitos comerciantes aí, daí o que que acontece, em 1820 começam a vir famílias para os Três Irmãos em Praia Grande, a encosta da serra tinha aquela movimentação, estamos bem afastados, e antes era apenas um carreirão, daí em 1889 tem um movimento migratório pra Timbopeba, que tinham muitas casas de comércio ali. O interessante é que continuavam os problemas, pois estavam longe da encosta da serra, e também continua os problemas da travessia do rio mampituba e do rio canoa. Então Camilo Inácio e outros comerciantes que tinham ali, nessa época o sinhozinho Abelô, os Esteves é que eram donos de quase todas as terras daqui como em cima da serra, nesse auge também a gente tinha que pensar que tinha todos estes canyons mas era cheio de madeiras também, as pessoas faziam as casas de madeira, isso era da cultura deles, derrubar e fazer as casas ali, tinham algumas que eram só de pedra de rio encaixadas, tinham algumas de barro, dependia do poder aquisitivo das pessoas. Daí acontece esse movimento migratório, eles vendem as casas de comércio ali, o seu Venceslau Coelho também tinha em Timbopeba eles vendem e compram em molha coco. Alguns próximos ao canyon ali na Vila Rosa, local que tem a igreja, foi o local que começou, mas a igreja é uma construção bem mais recente. A igreja católica na época ficava aqui na praça de Praia Grande no local aonde fica agora a pizzaria casarão, perto da beira do rio, foi a primeira igreja em 1917. Ela era toda de madeira, só que a gente sempre teve os problemas dos ventos muito fortes desde antigamente, então deu um vendaval e derrubou aquela igreja, destruiu boa parte ali e assim eles constroem uma outra igreja, mas constroem essa igreja ali na praça, no local aonde tem o laguinho, por ali, que era a metade de madeira e a outra metade de tijolos, só que enquanto isso a vida e o movimento bombava lá em molha coco, muita gente vinha de fora para se estabelecer ali. Casa de comércio, selaria, curtume, fábrica de garrote, os barris de cachaça, os engenhos de açúcar, plantava-se alfafa pra ser vendida lá pro Rio de Janeiro e pra São Paulo, era levado em lombo de mula, alguns trechos em carro de boi até a balsa do rio Araranguá, ali era colocado na balsa e tinha as pessoas que eram contratadas para colocar também no vagão do trem. Em 1925 já tinha a Tereza Cristina, a ferrovia e o trem, que era levado até laguna e de lá seguia no vapor pro restante do país. Então em 1917 tem esse movimento migratório, onde os comerciantes vem para cá e se tem o vilarejo de molha coco que tem esse nome

até o finalzinho da década de 1960. E depois passa a ser chamada de Vila Rosa, o Seu Inácio Rosa que era um grande comerciante, que no início trabalhava com os Esteves, no comércio do pai de Abel Esteves de Aguiar, que aquele fundão ali todo era deles, o canyon do itaimbezinho ali em cima também era dos Esteves, que eram grandes proprietários de terras, ali o itaimbezinho, o malacara, o churriado, um pedaço do rio do boi, ele trabalha um tempo com eles na casa de secos e molhados, daí eles vendem para ele uma das casas, e o Seu Inácio Rosa ali no finalzinho da década de 1960, ficava meio assim porque muitas pessoas riam, ah molha coco! Era motivo de chacota para o nome do lugar, e ele faz a proposta e doa as terras para a construção da igreja no local que é hoje e para a escolinha, e como forma de homenagear a família dele que ajudou a desenvolver ali, fazem a proposta de colocar o nome de Vila Rosa. O pessoal da localidade aceita, mas os mais antigos, os que tropeavam por ai, as pessoas que ajudavam nas casas de comércio conhecem como molha coco. Tem esse nome porque o passo do rio era mais fundo e quando os tropeiros iam atravessar o rio eles molhavam suas partes genitais (os cocos), e os animais também. Pra suavizar alguns falam que existiam muitos coqueiros ali na beira do rio e caíam cocos na água, e por isso molha coco. Mas esse caminho ele está bem conservado, tem os corredores que o gado passava, chegava a passar por ali até oitenta animais por vez, e teve relato que em uma Festa de São Sebastião estourou uma tropa de gado com trezentos animais que veio de molha coco, passando pela rua das tropas (a Rua Abel esteves), e chegando até a praça de Praia Grande que era só um grande potreiro, mas foi boi pra todo lado e as pessoas correndo.

**Entrevistador: Gostaria que você relatasse sobre o Projeto Geoparque e desenvolvimento para a região!**

**Entrevistada:** Primeiro grande parte das pessoas, os moradores daqui não sabem o que é um geoparque. Eles acham que o geoparque é só a questão ali, tem o *canyon* e só o turismo. Não, geoparque é uma coisa bem maior, bem mais ampla. O cenário que engloba o geoparque não é só a questão ali do turismo, do *canyon*, da paisagem geológica, né, é muito mais. É a questão ecológica, porque aqui na área dos parques nós estamos num corredor ecológico, várias espécies transitam do litoral pra serra neste sete municípios que englobam. Aqui a gente tem a mata atlântica, lá em cima mata com araucária, temos ainda o mangue na região do litoral, tem as dunas e várias espécies e habitats, e a gente está neste corredor ecológico. Porque o Aparados da Serra é um corredor ecológico. Tem a parte histórica que as pessoas desconhecem,

muitas vezes não se identificam com a história daquele lugar, além da nossa história de vida, temos os índios que são as populações pré-coloniais daqui, os negros e descendentes africanos, os primeiros moradores, a miscigenação das raças, os tropeiros, revolução federalista, revolução farroupilha, revolução de 1930, e fora a história do local, do crescimento e formação da cidade. Numa região tão ampla que vem de Torres até Timbé do Sul. E tem muitos municípios que não quiseram entrar nesse consórcio, que ficou aquela carência, porque se a gente for ver é tudo muito interligado. E a nossa localização é muito privilegiada, mas as vezes as pessoas não se identificam. Para você ver, pra receber o selo, pra ser um geoparque, que a gente só tem um no Brasil né, o de Araripe, o processo de geoparque tem os seus princípios para trabalhar uma alternativa de desenvolvimento sustentável, pra valorizar a cultura local e ele tem que começar de baixo para cima. Então toda comunidade entorno, toda comunidade local tem que estar envolvida. Da criança ao velhinho todo mundo tem que saber o que é o geoparque, todo mundo tem que conhecer os pontos turísticos. Ah por exemplo, eu moro lá no fundão, lá no buraco da Vicença, mas quem é essa Vicença? que lugar é esse? As pessoas não tem esse sentimento de identidade, as pessoas circulam pela praça e elas não sabem o que aconteceu ali. É preciso preservar a sua história, as vezes eu não conheço tudo mas tenho fotos que mostram como já foi aquela praça. Nas trilhas a gente consegue trabalhar um pouco de educação patrimonial e educação ambiental com nossos turistas, porque eles vem para cá para conhecer e levar um pouco de nossa cultura, dessa vivencia nossa. Ele não vai saber o que é o tropeirismo sem estar ali naquela trilha que era de tropeiro, ali ele vai ter uma vivencia do que foi aquele movimento. Ele vai ter uma noção e a imaginação dele vai viajar e fluir, pensando quanta gente já passou por aqui, quanto movimento já existiu, essa vilinha já foi um grande centro da época. Então no geoparque eu sinto muito essa carência, trabalhando com as crianças elas não conhecem a cidade, elas não se identificam com aquela história, elas não valorizam os mais velhos, parar para escutar os mais velhos, porque muitas coisas de nossa região não está nos livros, a gente não tem documentos, muita coisa a enchente de 1974 levou, muitas coisas também pessoas sem sensibilidade queimaram. Por isso escutar o meu vô, o meu tio, o meu vizinho é uma forma de aprender a nossa história, quando eu trabalhei com as crianças na rua das tropas falando sobre as casas e as pessoas que não existem mais elas ficavam admiradas. Foi tudo no imaginário mas elas se conectaram. Quando a gente falava que ali naquela casa torturaram pessoas,

que foi naquela vila que surgiu a primeira escola elas se admiravam, que existiram problemas políticos, preconceitos e brigas religiosas e que perduram até hoje. Sabe, as pessoas não conhecem a história, isso é o que dói, e no geoparque todo mundo tem que estar envolvido, conhecer sua história, pra passar pros turistas, nas trilhas a gente tenta trabalhar com o ecoturismo, mas com as crianças a gente tem que trabalhar a educação patrimonial. É um investimento que vale a pena porque ali vamos ensinar os valores, a preservação, a história, o geoturismo onde você precisa conhecer aquele lugar para poder contar, para poder dar informações. Às vezes, nós podemos trabalhar a educação patrimonial com fotografias de lugares, em ruínas acessando as memórias, você pode chamar pessoas que ainda estão vivas para contar histórias. Seria importante que estes conteúdos fizessem parte da escola, do currículo escolar, de projetos junto aos professores, outros profissionais e o envolvimento da comunidade que é muito importante. Também não só o pesquisador da universidade, mas valorizar o saber desses moradores locais, isso vai gerar um atrativo melhor e o sentimento de pertencimento vai ser muito bom.

**Entrevistador: Qual o lugar mais significativo de Praia Grande para você?**

**Entrevistada:** Eu comecei nas minhas pesquisas e tenho um sentimento muito especial pelo Rio do Boi. Ali tudo começou, um levantamento com a comunidade para começar a trabalhar com tropeirismo. Pra entender como eram as coisas, e ali tinha o canyon do itaimbezinho e seu interior como principal atrativo. Me chamava muito a atenção! Mais no decorrer da pesquisa e das coisas que a gente vai lendo e melhorando mais o trabalho ali de campo, eu tenho uma coisa muito forte ali com a questão do malacara e do molha coco, que na verdade ali era o forte, ali circulava muita coisa, muita gente, muita ideia e foram encontrados muitos anúncios de jornais, gente de Lages vinha comprar bota só pra se ter uma ideia de quanta gente circulava aqui. E o lugar mais marcante ali da Vila Rosa mesmo é o buraco da Vicença, não sei te explicar o porquê, mas aquela parte lá de cima, quando eu estou lá em cima olhando em baixo é muito especial. Lá em cima você consegue ver tudo e ficar imaginando como eram as pessoas que circulavam ali, como elas passavam, como elas se vestiam, o que elas conversavam, quantos casamentos aconteceram por ali, porque tinham os tropeiros, as filhas de donos de comércio, as amigas então tem muita história, muitos amores, muitos casamentos. E eu tive contato com algumas cartinhas dos namoros da década de 60, então envolve todo aquele povo, parece que se eu fecho os olhos consigo ver, as crianças brincando, todas aquelas famílias, os

brinquedos de madeira, de sabugo de milho, as bonecas de palha, as vestimentas das pessoas, aquela coisa simples, elas plantavam algodão, colhiam e teciam. Os valores parecem que eram outros, se dava valor as coisas da vida e o perau como eles chamavam era o local que eles brincavam, iam pra serra dentro dos cestos fazer piquenique lá em cima, saiam cinco horas da manhã para chegar por volta das dez horas da manhã no lombo da mula.

**Entrevistador: Muito obrigado, vamos finalizar por aqui. Fico grato pela sua atenção, dedicação e interesse em estar colaborando com a minha pesquisa.**

**ANEXO (S)**

## ANEXO A – Carta de Aceite



Estado de Santa Catarina  
 Prefeitura Municipal de Praia Grande

Capital  
 Catarinense  
 dos Canyons



Canyon Imbuizinho



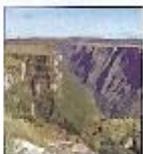
Canyon Indios Coroados



Canyon Malacena



Canyon Chumbeiro



Canyon Fortaleza

## CARTA DE ACEITE

Declaramos, para os devidos fins que se fizerem necessários, que concordamos em disponibilizar a **Secretaria Municipal de Esporte e Turismo** da Instituição **Prefeitura Municipal de Praia Grande – CNPJ: 82.913.211/0001-80**, localizada na Rua Irineu Bornhausen, nº 320 – Centro, Praia Grande/SC – CEP 88990-000, para o desenvolvimento da pesquisa intitulada **"A relação pessoa-ambiente nas narrativas dos moradores da cidade de Praia Grande/SC – experiências de uma cidade em transformação"** sob a responsabilidade da professora responsável **Dra.ª Teresinha Maria Gonçalves**, e o pesquisador **Maicol de Oliveira Brognoli**, celular (48)99145-5474 do Curso de **Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA, Mestrado em Ciências Ambientais** da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, pelo período de execução previsto no referido projeto. Solicita-se poder efetuar entrevistas narrativas com os moradores da Praia Grande/SC. O telefone para contato do **Laboratório de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano e Psicologia Ambiental** da UNESC é: (48) 3431-2588.

  
 Jorge Duarte Scandola Junior

Secretário Municipal de Esporte e Turismo.

## ANEXO B – Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE DO EXTREMO  
SUL CATARINENSE - UNESC

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE NAS NARRATIVAS DOS MORADORES DA CIDADE DE PRAIA GRANDE/SC- EXPERIÊNCIAS DE UMA CIDADE EM

**Pesquisador:** TERESINHA MARIA GONÇALVES

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 50948321.3.0000.0119

**Instituição Proponente:** Universidade do Extremo Sul Catarinense

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.935.777

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, com abordagem qualitativa. Um estudo de caso constituído por um grupo de moradores da cidade de Praia Grande (SC). O coletivo da pesquisa será composto 20 sujeitos, sendo 10 do grupo pró turismo sustentável e 10 sujeitos pró turismo comercial, com residentes há mais de 10 anos na cidade e município investigados e que se sentiram influenciados diretamente/indiretamente pelas mudanças ocorridas na região. O problema de pesquisa sugere que o município e a cidade podem estar sendo influenciados em duas direções: há um processo de turismo sustentável e em outra direção há um movimento que considera a natureza como um produto a ser vendido em nome de um desenvolvimento meramente econômico, todavia, produzindo uma narrativa de desenvolvimento sustentável. Valer-se-á, por meio das narrativas, do esforço em compreender as experiências e relações que os moradores de Praia Grande (SC) estabelecem com a cidade após a implementação de estratégias que visam fomentar o turismo na região.

**Objetivo da Pesquisa:**

O objetivo geral: Conhecer as percepções socioambientais que os moradores de Praia Grande (SC) têm de sua cidade.

Objetivos específicos: 1) identificar a percepção dos moradores quanto aos projetos turísticos que

**Endereço:** Avenida Universitária, 1.105

**Bairro:** Universitário

**UF:** SC

**Telefone:** (48)3431-2208

**Município:** CRICÍMA

**CEP:** 88.808-000

**E-mail:** cep@unesc.net

UNIVERSIDADE DO EXTREMO  
SUL CATARINENSE - UNESC



Contribuição do Projeto: 4.935.177

estão sendo implantados na cidade; 2) conhecer a trajetória de vida das comunidades tradicionais presentes no município de Praia Grande como quilombolas e agricultores familiares; 3) identificar as estratégias turísticas do grupo pró-turismo comercial; 4) identificar as resistências do grupo pró-turismo sustentável com valorização da cultura local; 5) identificar as percepções simbólicas em relação à natureza no imaginário dos entrevistados.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O projeto traz como riscos a perda da confiabilidade dos dados e promete que esse risco será amenizado pela privacidade mantida, não sendo divulgados os dados pessoais dos entrevistados. Cita também o risco de contaminação pelo vírus da COVID-19 e esclarece que esse risco será amenizado pelas medidas preventivas descritas no procedimento da pesquisa. Como benefícios, o projeto aponta a indicação de que a pesquisa traz para o campo das ciências ambientais e para a psicologia ambiental um questionamento sobre a relação sociedade-natureza, discutindo os conflitos que se estabelecem frente ao capital, nacional e internacional, que transforma a natureza em um produto comercial, indo na direção contrária do desenvolvimento sustentável. Ao mostrar essa contradição, a pesquisa pretende produzir elementos argumentativos para implantação de projetos turísticos com a participação das comunidades locais e tradicionais, trazendo benefícios à qualidade de vida da população local.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Como instrumento para coleta de dados será utilizado a entrevista narrativa que buscará a partir do reconhecimento e aprofundamento dos discursos individuais evidenciar questões pouco conhecidas pela sociedade. Assim, a entrevista seguirá um roteiro, apenas para direcionar o participante, que servirá como um guia para que os entrevistados possam contar suas histórias e narrativas de forma ampla e profunda. A pesquisa contará com 20 entrevistados.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O projeto tem o aval da Secretaria de Esporte e Turismo do município de Praia Grande (SC), bem como do coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Unesc. O TCLE está dentro dos padrões e exigências do Comitê de Ética na Pesquisa. O cronograma está em dia, estando as entrevistas para iniciar a partir do mês de setembro de 2021.

#### **Recomendações:**

Não há recomendações.

Endereço: Avenida Universitária, 1.105  
Bairro: Universitário CEP: 89.804-900  
UF: SC Município: CRICIUMA  
Telefone: (48)3631-7616 E-mail: catca@unesc.net

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO  
SUL CATARINENSE - UNESC**



Out. numeração do Parecer: 4.535.777

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMações BÁSICAS DO PROJETO 1800943.pdf	18/08/2021 17:08:07		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.docx	18/08/2021 17:07:48	TERESINHA MARIA GONÇALVES	Aceito
Folha do Rosto	FOLHA DE ROSTO.pdf	18/08/2021 17:05:41	TERESINHA MARIA GONÇALVES	Aceito
Outros	ROTEIRO_DA_ENTREVISTA.docx	29/07/2021 14:39:47	TERESINHA MARIA GONÇALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	29/07/2021 14:36:58	TERESINHA MARIA GONÇALVES	Aceito
Outros	Carta de aceite.pdf	29/07/2021 14:34:17	TERESINHA MARIA GONÇALVES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Aprovação da CONEP:**

Não

CRICIUMA, 27 de Agosto de 2021

Assinado por:  
**Marco Antônio da Silva**  
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Universitária, 1.100  
Bairro: Universitário  
UF: SC Município: CRICIUMA  
Telefone: (48) 3421-2600

CEP: 85.806-000

E-mail: colica@unesc.net

## ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

**Título da Pesquisa:** A RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE NAS NARRATIVAS DOS MORADORES DA CIDADE DE PRAIA GRANDE/SC - EXPERIÊNCIAS DE UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO.

**Objetivo:** Conhecer as percepções socioambientais que os moradores de Praia Grande/SC têm do turismo de sua cidade.

**Período da coleta de dados:** 02/09/2021 a 02/10/2021.

**Tempo estimado para cada coleta:** 30 minutos – 1 hora.

**Local da coleta:** Coleta será realizada de forma presencial ou online (via *Google Meet*) com moradores da cidade de Praia Grande/SC.

**Pesquisador/Orientador:** Dr.<sup>a</sup> Teresinha Maria Gonçalves      **Telefone:** (48) 99103-5180  
**Pesquisador/Acadêmico:** Maicol de Oliveira Brognoli      **Telefone:** (48) 99155-9815  
**2ª fase do Curso de Pós-Graduação em Ciências ambientais:** Mestrado em Ciências Ambientais – UNESC.

Como convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa acima intitulada e aceitando participar do estudo, declaro que:

Poderei desistir a qualquer momento, bastando informar minha decisão diretamente ao pesquisador responsável ou à pessoa que está efetuando a pesquisa.

Por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, não haverá nenhuma remuneração, bem como não terei despesas para com a mesma. No entanto, fui orientado(a) da garantia de ressarcimento de gastos relacionados ao estudo. Como prevê o item IV.3.g da Resolução CNS 466/2012, foi garantido a mim (participante de pesquisa) e ao meu acompanhante (quando necessário) o ressarcimento de despesas decorrentes da participação no estudo, tais como transporte, alimentação e hospedagem (quando necessário) nos dias em que for necessária minha presença para consultas ou exames.

Foi expresso de modo claro e afirmativo o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/ indiretos e imediatos/ tardios pelo tempo que for necessário a mim (participante da pesquisa), garantido pelo(a) pesquisador(a) responsável (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Estou ciente da garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa (Item IV.3.h, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Os dados referentes a mim serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 466/2012 do CNS - Conselho Nacional de Saúde - podendo eu solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

Para tanto, fui esclarecido(a) também sobre os procedimentos, riscos e benefícios, a saber:

#### DETALHES DOS PROCEDIMENTOS QUE SERAO UTILIZADOS NA PESQUISA

TCLE CEP/UNESC – versão 2018 | Página 1 de 3

Av. Universitária, 1.105 – Bairro Universitário – CEP: 88.806-000 – Criciúma / SC  
 Bloco Administrativo – Sala 31 | Fone (48) 3431 2606 | [cetica@unesc.net](mailto:cetica@unesc.net) | [www.unesc.net/cep](http://www.unesc.net/cep)  
 Horário de funcionamento do CEP: de segunda a sexta-feira, das 08h às 12h e das 13h às 17h.



## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

A pesquisa busca conhecer as percepções socioambientais que os moradores de Praia Grande/SC têm de sua cidade. Define-se por uma abordagem qualitativa, do tipo exploratória, descritiva e quantitativa explicativa. O estudo será realizado com os moradores da cidade de Praia Grande/SC, que tenham assistido as mudanças de incentivo ao turismo na região. Ainda, compõem o coletivo da pesquisa moradores da cidade que residam há mais tempo na região. O estudo de caso se dará pela entrevista narrativa, realizada na modalidade presencial e/ou online (*Google Meet*). Os estudos teóricos se darão por meio de bibliografia especializada e a análise das entrevistas será através da “Análise de conteúdo”, conforme aludida por Bardin (2016), categorizadas de acordo com as intercorrências de sentidos que aparecem com frequência nas falas dos entrevistados. Essas intercorrências serão identificadas conforme as narrativas que compõem as percepções psicológicas, as experiências e a relação pessoa-ambiente dos moradores de Praia Grande/ SC, como cidade em transformação.

### RISCOS

A perda da confiabilidade dos dados poderia se destacar como um fator de risco, entretanto este risco será erradicado pela privacidade mantida, não havendo divulgação dos dados pessoais do entrevistado.

### BENEFÍCIOS

Espera-se que este estudo possa relacionar-se à importância da pesquisa para o meio científico e sua implicação na melhora da qualidade de vida dos sujeitos, ou seja, que a pesquisa venha propiciar maior conhecimento sobre o tema abordado, visando promover futuras práticas e ações voltadas ao bem estar social e nas relações pessoa-ambiente.

Declaro ainda, que tive tempo adequado para poder refletir sobre minha participação na pesquisa, consultando, se necessário, meus familiares ou outras pessoas que possam me ajudar na tomada de decisão livre e esclarecida, conforme a resolução CNS 466/2012 item IV.1.C.

Diante de tudo o que até agora fora demonstrado, declaro que todos os procedimentos metodológicos e os possíveis riscos, detalhados acima, bem como as minhas dúvidas, foram devidamente esclarecidos, sendo que, para tanto, firmo ao final a presente declaração, em duas vias de igual teor e forma, ficando na posse de uma e outra sido entregue ao(à) pesquisador(a) responsável (o presente documento será obrigatoriamente assinado na última página e rubricado em todas as páginas pelo(a) pesquisador(a) responsável/pessoa por ele(a) delegada e pelo(a) participante/responsável legal).

TCLE CEP/UNESC – versão 2018 | Página 2 de 3

Av. Universitária, 1.105 – Bairro Universitário – CEP: 88.806-000 – Criciúma / SC  
 Bloco Administrativo – Sala 31 | Fone (48) 3431 2606 | [cetica@unesc.net](mailto:cetica@unesc.net) | [www.unesc.net/cep](http://www.unesc.net/cep)  
 Horário de funcionamento do CEP: de segunda a sexta-feira, das 08h às 12h e das 13h às 17h.



## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Em caso de dúvidas, sugestões e/ou emergências relacionadas à pesquisa, favor entrar em contato com o(a) pesquisador(a) Maicol de Oliveira Brognoli pelo telefone (48) 9 9155 9815 e/ou pelo e-mail maicolbrognoli@gmail.com.

Em caso de denúncias, favor entrar em contato com o Comitê de Ética – CEP/UNESC (endereço no rodapé da página).

O Comitê de Ética em Pesquisa em Humanos (CEP) da Unesc pronuncia-se, no aspecto ético, sobre todos os trabalhos de pesquisa realizados, envolvendo seres humanos. Para que a ética se faça presente, o CEP/UNESC revisa todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos. Cabe ao CEP/UNESC a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na Instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas. Tem também papel consultivo e educativo, de forma a fomentar a reflexão em torno da ética na ciência, bem como a atribuição de receber denúncias e requerer a sua apuração.

ASSINATURAS	
<b>Voluntário(a)/Participante</b>	<b>Pesquisador(a) Responsável</b>
_____ <b>Assinatura</b>	_____ <b>Assinatura</b>
Nome: _____	Nome: _____
CPF: _____._____._____-____	CPF: _____._____._____-____

Criciúma (SC), 02 de setembro de 2021.